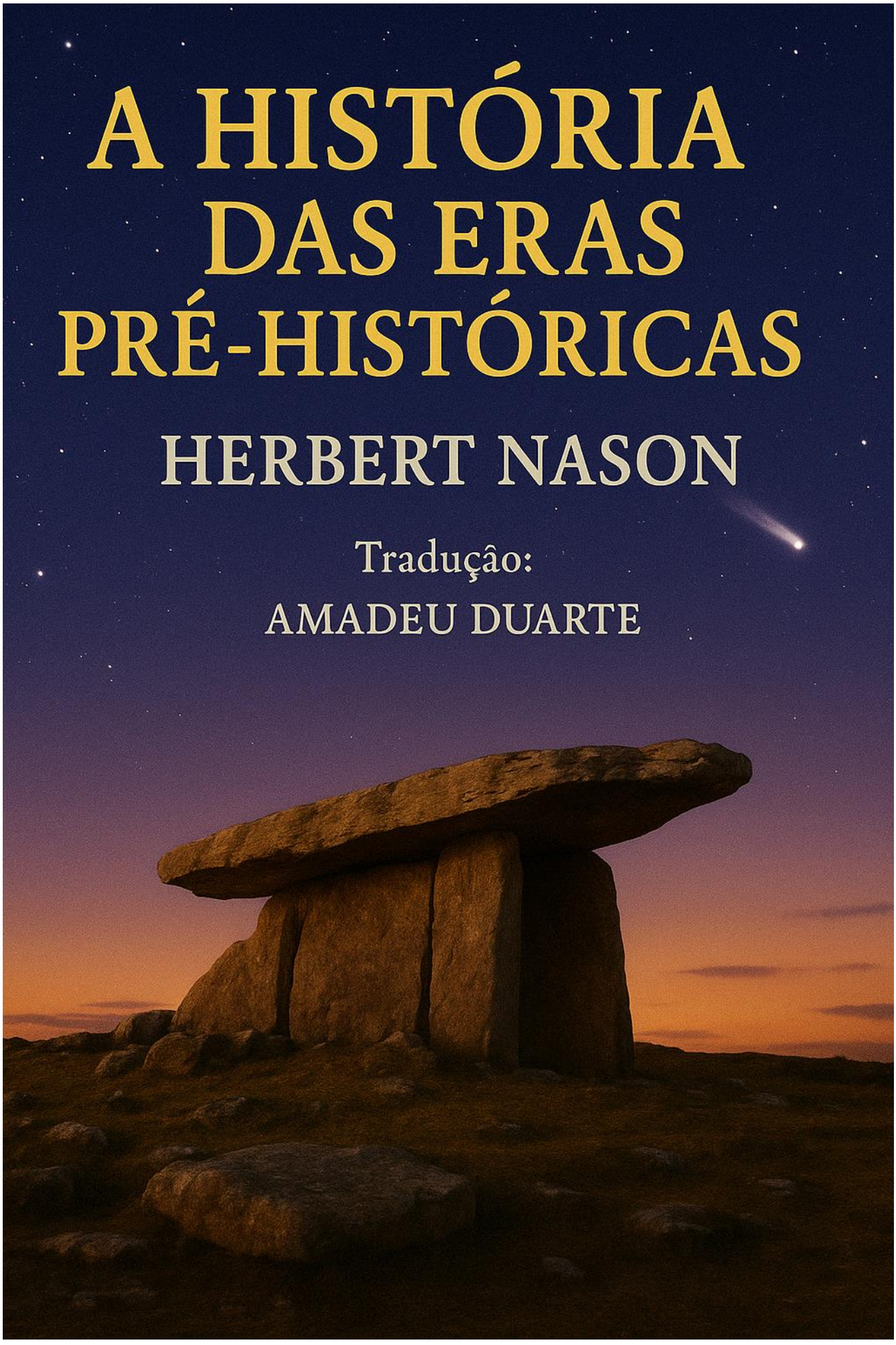
A HISTÓRIA DAS ERAS PRÉ-HISTÓRICAS

HERBERT NASON

Tradução:
AMADEU DUARTE



A HISTÓRIA DAS ERAS PRÉ-HISTÓRICAS

ESCRITA PELA ANTIGA IRMANDADE HISTÓRICA DE ESPÍRITOS

PELA MÃO DE LEONARD HERBERT NASON, DE CHICAGO, ILLINOIS,
E TRADUZIDA POR JAMES COOPER, M.D.
CHICAGO: C. E. SOUTHARD, IMPRESSORA, 175 MONROE STREET, 1880.

Depositado por Leonard Herbert Nason na repartição do Bibliotecário do Congresso, em Washington.

UMA HISTÓRIA DAS ERAS PRÉ-HISTÓRICAS, TRANSMITIDA ATRAVÉS DA MEDIUNIDADE DO DR. L. HERBERT NASON, PELA ANTIGA IRMANDADE HISTÓRICA.

BREVE PREFÁCIO

Agora que o Liberalismo e a Ciência têm realizado grandes avanços sobre a cosmogonia bíblica e a chamada conceção cristã da criação do homem e da duração da sua existência neste planeta (a Terra), consideramos ter chegado o momento oportuno para, sem prejuízo da causa da Verdade, oferecer à humanidade uma história do mundo tão remota que até aqui se supôs sepultada para sempre no esquecimento.

No que respeita às épocas referidas, a Geologia fornece esboços sobre tempos e períodos; porém, essa evidência baseia-se, na sua maioria, em restos fósseis de animais, que, na maioria dos casos, não passam de fragmentos e não esqueletos completos. Assim, há quase tanta especulação misturada com a verdade quanto verdade propriamente dita. Quem, então, poderá dissipar as névoas que envolvem a história do homem melhor do que os próprios protagonistas desses tempos?

Temos consciência de que muitos zombarão da ideia de que homens que atravessaram o véu da morte há milhares de anos possam visitar-vos, falar-vos e escrever inteligentemente sobre nações e povos que viveram, morreram e não deixaram senão ruínas cobertas de pó, por vezes nem sequer isso. Contudo, é precisamente essa a realidade, e o que aqui vos apresentamos é apenas um início, pois as vias de comunicação com o mundo espiritual estão a ser abertas com crescente rapidez, e os espíritos dos tempos passados encontram-se sempre prontos a aproveitar a oportunidade de se manifestarem.

Tradução de Escritos Antigos, transmitidos através do Dr. L. Herbert Nason, Chicago, Illinois

PARTE PRIMEIRA

EXPLICATIVA

Nós, a irmandade que controla diretamente o médium, desejamos oferecer àqueles que se interessam pelo passado e pela sua história uma explicação das nossas intenções, acreditando que a humanidade atingiu um grau de liberdade suficiente para ler e assimilar aquilo que, há poucos anos, teria sido ridicularizado como loucura, e os nossos médiuns tidos por insanos, quando não perseguidos ou encerrados em asilos. Nessa época, com poucas exceções, toda a dita civilização acreditava que o mundo havia sido criado, por decreto divino, há menos de seis mil anos, e que o homem fora formado poucos dias depois.

A verdade, no entanto, é que o mundo conta com inúmeros milhões de anos, e que o homem surgiu como habitante da Terra há mais de cento e cinquenta milhões de anos; não no estado avançado em que hoje se encontra, mas com traços muito próximos dos animais inferiores, vivendo de forma mais rudimentar do que o mais atrasado dos filhos da Terra vive atualmente. Contudo, possuindo faculdades racionais muito superiores às da besta, aprendeu, por necessidade, que poderia melhorar a sua condição e, assim, iniciou o seu progresso gradual.

Outro erro, tido como fundamental, sobretudo pelos religiosos, é o de que apenas um par — um homem e uma mulher — foi criado, e que deles descenderam todas as raças atualmente existentes no globo. Na verdade, houve cinco centros distintos onde a família humana teve origem e a partir dos quais se espalhou, como procuraremos demonstrar ao longo da nossa narrativa. Pretendemos apresentar as nossas comunicações ao mundo sob essa forma, tornando-as tão abrangentes quanto possível; mas, como nós, os atuais escritores, apenas vivemos há cerca de quarenta e seis mil anos, estaremos dependentes de espíritos mais antigos e avançados do que nós para obter informações sobre períodos que precedem a nossa existência.

Seis grupos espirituais, todos superiores ao nosso, foram constituídos e encontram-se ligados a nós. O grupo mais elevado comunicará com o imediatamente abaixo, este com o seguinte, e assim sucessivamente, até que as informações cheguem a nós, que as transmitiremos pela mão do nosso médium aos filhos da Terra.

A chamada Ciência muito tem contribuído para libertar as mentes humanas das superstições do passado; porém, continua longe da exatidão, encontrando-se, além disso, mais ou menos subordinada às diversas organizações religiosas. Por isso, vê-se frequentemente obrigada a adaptar-se, em maior ou menor grau, às suas conceções — em suma, não goza da liberdade de investigação nem de divulgação dos seus achados que deveria ter, pois os seus devotos são escassos e os seus defensores sinceros, geralmente desprovidos de recursos, não conseguem ocupar uma posição verdadeiramente independente perante o mundo. Tudo isto terá de mudar, e, se os nossos esforços para fornecer um esboço histórico de épocas que precedem em muitos milhares de anos o

período histórico conseguirem abrir os olhos de apenas alguns, eles formarão um pedestal sobre o qual a ciência poderá erguer uma grandiosa estátua — um alicerce sobre o qual poderá ser construído e consagrado à Verdade um belo templo.

A superstição e os seus defensores amaldiçoaram o mundo com guerras e atrocidades tão horríveis que nenhum humanitário consegue lê-las sem sentir horror, interrogando-se como é possível que, existindo um Deus, tal crueldade tenha sido cometida em seu nome. Esquecem, porém, que Deus é lei e a lei é Deus, e que esses fanáticos perseguidores receberam e receberão o seu justo castigo no mundo espiritual.

Esse espírito atroz de perseguição por divergência de opinião ainda vive e subsiste, latente, no coração de cada fanático vivo, necessitando apenas do suporte legal para ser reavivado; e, caso venham a conseguir o objetivo pelo qual batalham — inserir Deus na vossa constituição — o velho espírito ressurgirá entre vós. Espiritualistas, liberais, livres-pensadores e dissidentes em geral serão, primeiro, ostracizados, depois privados de direitos civis, e, por fim, despojados dos seus bens e encarcerados. Irão ainda mais longe, se julgarem que podem, pois estão dispostos a tudo.

Nós, que ocupamos a dimensão espiritual, estamos em posição mais adequada para julgar este espírito do que vós, que ainda ocupais o plano terreno. E afirmamos, com toda a sinceridade, que, a menos que permaneçais vigilantes e atentos a esses inimigos do liberalismo contemporâneo, eles vos roubarão, como ladrões na calada da noite, os vossos direitos e sujeitar-vos-ão a uma escravidão mental mais abjeta do que qualquer outra registada nas páginas da história, pois, no passado, o homem ainda não havia aprendido, como vós aprendestes, a valorizar em toda a sua plenitude a liberdade de pensamento.

PARTE SEGUNDA

INTRODUTÓRIA

Muitas transformações ocorreram na Terra desde o nosso tempo, e muitas outras antes dele. Onde hoje se encontram terras firmes, grandes cidades e comunidades ativas, outrora o oceano estendia-se como um vasto deserto de águas; e onde agora os oceanos cobrem a terra, existiram em tempos distantes os lares felizes de homens diligentes. O próprio berço do progresso humano, o lugar de nascimento das ciências — que, em estado rudimentar ou infantil, foram levadas a outros povos — jaz agora a muitas braças de profundidade sob o leito do oceano.

Onde outrora se erguiam magníficos templos, cujas torres serviam de observatório aos antigos astrólogos durante a noite e onde sacerdotes e sacerdotisas ofereciam sacrifícios durante o dia, hoje brincam os monstros do abismo ou perseguem as suas presas. O que foram antes planícies pastorais, com pastores e os seus rebanhos, são agora apenas areias movediças sob a imensidão azul das águas. Tudo, tudo desapareceu, restando apenas alguns picos isolados de montanhas, outrora coroados de neve e inacessíveis, que, após a grande

catástrofe, emergiram ligeiramente sobre a superfície das águas. Então, os incansáveis construtores marinhos iniciaram a sua obra, erguendo barreiras de coral à sua volta, sobre as quais se acumulou areia e solo — dando origem às ilhas que hoje conheceis.

Sobre essas vastas transformações teremos muito a relatar, e procuraremos provar, com base no que é hoje conhecido, que temos razão. Mas isto não é tudo quanto escreveremos. Tentaremos oferecer uma visão do alvorecer da vida no vosso mundo, e seguir a sua progressão até ao aparecimento do homem — o culminar de tudo quanto o precedeu — e traçar o seu caminho sinuoso até que o vejais tal como é no presente. Para além disso, procuraremos mostrar como nascem os mundos e como se tornam no que são; e, segundo aprendemos com entidades mais elevadas, tentaremos descrever o que um planeta como a Terra poderá um dia vir a ser.

As diversas conceções sobre Deus e os deuses, por parte de diferentes povos e indivíduos, bem como as suas crenças sobre espíritos benévolos e malévolos, a vida futura e o que dela esperavam, serão abordadas, juntamente com o desenvolvimento gradual de novas ideias. Mostraremos como os primeiros homens se viam como parte da própria terra, enquanto outros se julgavam descendentes diretos dos deuses.

Terminemos esta breve introdução com algumas palavras sobre nós próprios — o círculo mais próximo da Terra e que exerce o controlo direto sobre o nosso médium. Importa esclarecer que, enquanto indivíduos, não nos daremos a conhecer por nome, pois estamos unidos com o único propósito de trazer luz, de abrir os obscuros caminhos dos tempos idos, de oferecer informações que de outro modo seriam inalcançáveis, esperando, com isso, ensinar a presente era através das lições verídicas do passado.

Somos vinte e quatro os membros que compõem esta irmandade espiritual, representantes de épocas passadas, sendo o mais antigo de entre nós originário de há quarenta e seis mil anos, e o mais recente de há três mil. Assim, quando vos transmitirmos aquilo que recebemos dos círculos superiores, poderemos, enquanto indivíduos, oferecer conhecimento próprio acerca das transformações na configuração da terra, da ascensão e queda de nações e do seu avanço na civilização, nas artes, ciências, etc., até ao vosso período histórico — começando numa época da história da Índia em que Lanka (atual Ceilão) fazia parte do continente asiático, traçando passo a passo as mudanças da Terra até encontrarmos o Egipto no auge do seu esplendor — quando os areais do deserto da Sibéria ainda não haviam invadido em grande medida o fértil vale do Nilo.

Aqueles que ali viveram poderão relatar os maravilhosos templos escavados da Índia e as grandiosas cidades agora sepultadas tão profundamente sob os sedimentos do tempo que mal se encontra uma pedra saliente que assinale o lugar onde outrora se erguiam. Mas um habitante de uma dessas cidades, por assim dizer, ressurgirá e, sacudindo de seu manto o pó das eras, falará da sua riqueza, do seu esplendor e dos seus habitantes.

Ser-nos-á possível traçar as ideias religiosas desde o seu nascimento, e mostrar como, modificadas para se adequarem aos tempos, deram origem a muitos dos dogmas, rituais e cerimónias religiosas da atualidade, pois muito do que hoje se considera sagrado não passa de superstição ancestral vestida de novo.

Com estes breves contornos do trabalho que nos propomos realizar, encerramos esta introdução e assinamo-nos como:

A Antiga Irmandade Histórica

HISTÓRIA DAS ERAS PRÉ-HISTÓRICAS

PARTE PRIMEIRA
A CRIAÇÃO

A criação, conforme definida pelos teólogos, constitui um ato absoluto da Divindade, que, por decreto, traz à existência todas as coisas que existem — transmitindo, assim, à humanidade a ideia de que houve um tempo em que nada existia, salvo a própria Divindade. Tal conceção, porém, é errónea, pois a matéria de que tudo é composto — conforme aprendemos com espíritos superiores a nós — sempre existiu e continuará a existir, passando por mudanças infinitas, é certo, mas sem nunca aumentar ou diminuir em quantidade, pois leis de carácter infinito regem cada transformação, assim como regeram todas as mudanças já ocorridas.

Torna-se, portanto, necessário fazer o que estiver ao nosso alcance para oferecer à humanidade uma explicação clara das forças que estão constantemente em ação, a construir e a destruir, pois, ao fazê-lo, abriremos os olhos de todos os que não estejam deliberadamente cegos à verdade.

As diversas religiões que existiram — e que ainda existem — ao observarem as manifestações da Natureza em seu redor, ergueram os olhos aos céus e, vendo o sol durante o dia, as estrelas cintilantes e a lua prateada durante a noite, interrogaram-se sobre a origem desses corpos. Na tentativa de o descobrir, designaram certos indivíduos para observarem os seus movimentos. Assim nasceu primeiro a Astrologia e, posteriormente, a Astronomia.

Os planetas visíveis a olho nu, ao serem distinguidos das estrelas fixas, foram dotados de certos poderes e influências; iniciou-se, então, um sistema de cálculos que, de certo modo, perdura até hoje. E, se essas leis fossem melhor compreendidas, e se homens verdadeiramente científicos se debruçassem sobre o assunto, pais e mães poderiam tirar partido desse conhecimento para conceberem filhos em momentos apropriados, de modo a

que estes nascessem sob uma configuração planetária favorável que os preparasse para ocuparem, com mérito e utilidade, posições relevantes no mundo.

Contudo, a religião cristã não teve a sua origem em Jesus, que pregou verdades grandiosas e nobres, mas sim nos que o seguiram; sendo Paulo o verdadeiro pai daquilo que hoje constitui as várias denominações cristãs. Foi ele quem introduziu ideias completamente alheias ao que Jesus idealizava — ideias que não estavam em harmonia com a natureza amorosa do mais elevado dos antigos reformadores, muitos dos quais pertenciam ao círculo espiritual de Jesus ou eram espíritos ministrantes junto dele. Se a natureza serena e o carácter dócil de Jesus tivessem guiado plenamente os Apóstolos e seus seguidores, jamais uma única gota de sangue teria sido derramada em seu nome; jamais se teria recorrido à força para converter; o amor teria sido o elemento conquistador, e a bendita influência da comunhão espiritual teria beneficiado toda a humanidade.

Paulo, no entanto, educado aos pés do saduceu Gamaliel, viu a morte de Jesus na cruz como um sacrifício pelos pecados, equiparando esse ato aos sangrentos sacrifícios de animais praticados pelos judeus — como o bode expiatório que, com a cabeça ensanguentada, levava os pecados do povo judeu para o deserto. Mas, na realidade, Jesus morreu como mártir das sublimes verdades que proclamou.

Era necessário também introduzir um elemento de medo — sem ele, os sacerdotes não poderiam ter vivido vidas de ociosidade e luxo, acumulando grandes fortunas, erguendo imponentes igrejas e apropriando-se das riquezas das nações, empobrecendo os povos e assumindo o controlo dos governos ao amedrontar as massas com um diabo imaginário e um inferno que não existia senão na sua fantasia.

Mas o seu maior crime foi a destruição dos registos científicos e históricos acumulados ao longo das eras e guardados na cidade de Alexandria, no Egito. E a única justificação que apresentaram para esse ato monstruoso, que mergulhou o mundo numa ignorância profunda acerca do passado, foi a alegação de que os escritos daquela biblioteca não eram verdadeiros, por estarem em desacordo com a Bíblia — livro que eles proclamavam conter toda a história e toda a verdade de que a humanidade necessitava para adorar a Deus e alcançar o céu.

Todos os que estudaram a história sabem que, após esse ato, vieram os chamados séculos de trevas, durante os quais os sacerdotes detinham total domínio. Eram eles que faziam e desfaziam reis, que subvertiam governos, empobreciam ou enriqueciam Estados e indivíduos ao seu bel-prazer. E, não fosse a intervenção dos anjos em auxílio da humanidade, as igrejas teriam escravizado toda a raça civilizada, como fizeram com reis e príncipes, reduzindo-os a vassalos.

O que lhes conferiu tal poder? A afirmação de que um livro chamado Bíblia era a palavra de Deus, que procedia diretamente d'Ele e que cada palavra contida no mesmo era verdade divina. Alegavam que, sem esse livro, o homem nada saberia sobre a Divindade ou a sua

vontade, e que toda a humanidade estaria condenada a tormentos eternos caso não vivesse de acordo com os seus ensinamentos. No entanto, reservavam para si próprios o direito exclusivo de interpretar o seu conteúdo — algo que invariavelmente faziam em benefício dos seus próprios interesses, alegando terem sido especialmente chamados por Deus para esse fim. Para além disso, durante séculos, recusaram-se a permitir o acesso ao livro, exceto a uns poucos escolhidos, mantendo assim o mundo na ignorância quanto ao seu real conteúdo, até ao despontar da chamada Reforma. Então, homens esclarecidos, cujo pensamento não se deixara dominar pelo dogma, começaram a questionar a sua origem. E, entre os próprios cristãos, nasceu o ceticismo — e os espíritos rejubilaram, pois sabiam que o poder dos sacerdotes sem escrúpulos começaria a declinar e a razão — o verdadeiro oráculo do homem — passaria a prevalecer.

As faculdades racionais do ser humano são dádivas divinas, destinadas a serem utilizadas; por conseguinte, quando um homem abdica desse direito inato em favor de outrem — seja esse outro sacerdote ou prelado — comete um grande erro contra si próprio; torna-se uma simples máquina a ser operada por outrem, em benefício desse mesmo outrem. Pelo contrário, sendo filho de Deus, deveria erguer-se com toda a sua nobreza, independente das ordens dos assim chamados ministros ordenados. Não importa quão humilde seja a tua condição, ó homem: tens uma missão concedida por Deus, mesmo que seja lavrar a terra, trabalhar no ofício mecânico ou exercer uma profissão, legislar para um governo ou governar um Estado. Tudo quanto te couber fazer, faze-o bem, lembrando-te de que tudo o que te é exigido é viveres de acordo com a tua mais elevada conceção do que é o Bem — pois todos os deveres religiosos se resumem em duas simples palavras: Faz o Bem.

É, de facto, estranho que um livro repleto de tantas contradições como a Bíblia tenha conseguido alcançar a popularidade e a veneração de que goza. Não é apenas contraditório — é, em muitas das suas passagens, indecoroso e absurdo, especialmente nas suas secções históricas, como tem sido frequentemente apontado por estudiosos que o analisaram com cuidado e sentido crítico. Contém, é certo, muito que é grandioso e virtuoso, e as manifestações espirituais nele registadas são dignas de veneração; mas as narrativas obscenas e absurdas deviam ser separadas do que é bom e verdadeiro. Assim se obteria um livro digno de ser entregue a todos os estratos sociais, pois estaria expurgado de tudo o que faz de Deus um monstro.

A parte mais absurda, no entanto, é o relato da criação. E a nossa objeção a esse relato prende-se sobretudo com o facto de ele ter sido o maior obstáculo ao progresso da ciência. Foi essa narrativa que justificou a destruição de todos os trabalhos científicos e históricos que a antecederam. Lançou para segundo plano tudo quanto poderia ter feito o homem avançar no saber.

A Astronomia teve de ser reaprendida desde o seu princípio. Os seus discípulos foram encarcerados e alguns perseguidos até à morte. Mas Deus, agindo por intermédio dos seus anjos, auxiliou nessa reconstrução, pois acreditamos ser vontade do Infinito que o homem

estude e compreenda os seus mistérios. Sem um entendimento completo das leis divinas — em especial aquelas que atuam sobre o homem — este não pode alcançar a verdadeira felicidade, pois carecerá de saúde, será incapaz de aproveitar plenamente o seu meio envolvente ou de melhorar a sua condição de vida de forma significativa.

[Não será descabido profetizar que o tempo não está longe em que toda a humanidade beneficiará de descobertas que reduzirão o esforço laboral a tal ponto que o mais pobre dos trabalhadores poderá ganhar o sustento necessário para si e para a sua família em metade do tempo que hoje é exigido para o mesmo fim.]

Quão absurda é a ideia de que um Deus infinito tenha permanecido inativo por toda a eternidade passada, até há menos de seis mil anos, e só então tenha iniciado a criação do mundo — criando, como se tem proclamado, o universo e tudo o que nele existe a partir do nada. Que este pequeno planeta seria o ápice do seu poder; que o sol, a lua e as estrelas teriam sido criados depois — quatro dias mais tarde — apenas para iluminarem esta pequena Terra, que não passa de um entre milhões de planetas habitados, alguns por povos menos avançados do que vós, mas a maioria por civilizações muito mais progredidas.

Que Deus teria feito um firmamento para separar as águas de cima das águas de baixo, e que as janelas desse firmamento precisariam ser abertas para que a chuva caísse. Que o homem, ao ser criado, era inocente e isento de pecado, embora já adulto, e que o pecado entrou no mundo — e toda a raça humana foi amaldiçoada — por desobediência desse primeiro homem, recém-saído das mãos de Deus, que, por isso mesmo, deveria ter sido perfeito e permanecido assim, caso o Deus bíblico fosse realmente o que o vosso clero afirma que é.

Este livro, em vez de oferecer uma verdadeira conceção do Infinito, atribui-Lhe as características de um homem sanguinário e cruel, desprovido de todos os bons princípios que um pai terreno deveria possuir; apresenta-O como amante do derramamento de sangue, um ser mais pleno de ira do que de amor, cuja cólera só podia ser apaziguada com sangue — e sangue, ainda por cima, do seu próprio povo eleito — frequentemente castigando os inocentes em vez dos culpados.

É apresentado como um ser contraditório, que falava por intermédio de videntes e profetas, mas que ordenava a destruição e o saque de nações inteiras, para que uma raça semi-selvagem pudesse ocupar as suas cidades e apoderar-se das suas riquezas; cujas ordens eram tão desumanas que se torna difícil compreender como é que, nos dias de hoje, povos esclarecidos ainda O possam venerar, ou confundi-Lo com o Deus que Jesus anunciou — pois entre ambos existe uma diferença tão vasta como a que separa a luz da escuridão.

O Deus que Jesus ensinou à humanidade a adorar era um Deus de amor, Pai de toda a humanidade, e não apenas o Deus dos judeus obstinados e rebeldes, mas sim um Pai cuja natureza era feita de compaixão pelos seus filhos sofredores. O erro dos Apóstolos e dos primeiros cristãos foi o de confundirem o Deus de Moisés com o Deus de Jesus — fundindo

dois seres distintos num só, quando na verdade eram indivíduos separados e diferentes, como qualquer pessoa poderá constatar se analisar os registos antigos por si mesma.

Essa confusão resulta da ignorância da humanidade relativamente à influência espiritual. Se tivessem conhecimento dela, compreenderiam que, em nenhum dos casos, era o Infinito que guiava esses indivíduos, mas sim agrupamentos de espíritos — no caso de Moisés, espíritos pouco mais avançados do que ele próprio; no de Jesus, espíritos elevados — anjos — que durante séculos prepararam o seu advento. Estiveram presentes na conceção e no nascimento de seu pai e de sua mãe, bem como no seu, preparando-o assim para a missão sublime que tão grandemente cumpriu. E hoje, esse mesmo espírito amoroso e nobre preside e orienta o movimento espiritualista, que constitui o seu segundo advento, conforme profetizado.

Contudo, ele veio aos seus — como as igrejas se autodenominam — e eles não o acolheram, repetindo o mesmo que os judeus haviam feito. Foi, em grande parte, recebido pelos pobres e ignorantes, depois por descrentes e escarnecedores da religião, que se converteram à crença na imortalidade da alma — algo que os ensinamentos das igrejas não conseguiram realizar. E, mesmo diante dessa evidência, muitos continuam tão obstinados que ou negam os factos ou exclamam "é obra do diabo", no caso de admitirem que as manifestações têm, de facto, origem sobrenatural.

Apesar de todos os seus esforços, os invisíveis têm invadido os seus templos, e muitos ministros e leigos veem passar-lhes pelo espírito pensamentos liberais — sugestões que os espíritos imprimem na mente — e tornam-se, assim, mais abertos. O resultado disso é que as suas pregações têm menos do terror da lei, os fogos do inferno teológico ardem cada vez mais fracos, salvo em casos excecionais, e mais amor, e menos medo de Deus, começa a prevalecer nas igrejas.

Este processo continuará até que os dogmas sem sentido e os rituais vazios que hoje constituem o culto religioso sejam, um a um, abandonados — sendo, provavelmente, os dois últimos a cair a doutrina da trindade e a da expiação, ambas consideradas por nós monstruosas, em especial a da expiação, pois, quando analisada corretamente, não passa de uma licença para pecar. Tem causado grande mal, especialmente entre os desonestos, que acreditam poder passar a vida a acumular riqueza à custa dos pobres e da injustiça e, no derradeiro instante, invocar Jesus e ser salvos.

Outros, de índole mais perversa, crendo nesta doutrina, cometeram crimes hediondos e ainda assim esperam que Jesus os salve do castigo — esquecendo que homem não pode salvar homem, e que Jesus foi um irmão humano com uma missão que cumpriu integralmente, entregando a vida como mártir dos seus princípios, os quais estavam muito além da compreensão da sua época. Mas, perguntareis: não foi ele um Salvador? Em certo sentido, sim. Aqueles que seguem o seu exemplo, vivendo vidas de pureza e abnegação, para benefício dos outros, serão poupados a muito sofrimento na vida futura e estarão preparados para ascender as colinas verdes e floridas do progresso no além. O seu avanço

será mais rápido e a sua felicidade aumentada por investigarem o espiritualismo e procurarem, tanto quanto possível, compreender as leis que regem a vida espiritual.

O leitor poderá perguntar: foi Jesus o único mortal preparado para uma missão reformadora semelhante? Respondemos com ênfase: **não!** Cada época de transição, anterior à sua, teve um indivíduo inspirado por anjos, e todos eles ensinaram ideias à frente do seu tempo — embora poucos tenham sofrido o martírio como ele.

Por vezes, dois ou mais desses homens surgiram quase simultaneamente, em diferentes nações, como foi o caso de Confúcio e Pitágoras — nomes bem conhecidos dos estudiosos da história antiga — bem como de Jesus e Apolónio de Tiana, este último tendo realizado feitos maravilhosos semelhantes aos de Jesus.

Muitos séculos antes do vosso período histórico, surgiram indivíduos semelhantes em continentes que hoje apenas existem em parte — nomeadamente na Índia e numa vasta massa continental a oeste dela. Este continente afundou-se sob as águas do oceano há cerca de vinte mil anos, e foram os povos do oriente e do ocidente dessa região os primeiros a receber o conhecimento das ciências e o impulso inicial da sua civilização. Era a **Atlântida**, e será tratada em pormenor no local apropriado destes escritos.

No que toca aos **Avatares** ou reformadores da Índia, mencionaremos brevemente Gautama Buda como o mais conhecido; porém, **Brahma** terá sido ainda maior. Mas, como não pretendemos nesta fase fazer mais do que aludir brevemente a estas figuras proeminentes — observações feitas com o intuito de treinar a mente do nosso médium — passaremos agora ao nosso verdadeiro tema: a Criação — ou, mais corretamente, Formação — pois o primeiro termo implica trazer algo à existência, enquanto o segundo refere-se à construção de novas formas a partir do que já existe. Defendemos que a matéria jamais foi criada, e que a ideia de um Deus pessoal é errada e absurda.

Deus é Lei e Lei é Deus, segundo o nosso entendimento, pois é apenas através das Suas leis — ou da atuação delas — que podemos compreendê-Lo. E os mais elevados anjos dizem exatamente o mesmo.

CRIAÇÃO, OU FORMAÇÃO

No princípio — não do universo, mas da parte que constitui o vosso sistema — ocorreu um grande cataclismo num sol muitas vezes maior do que o vosso. Durante esse cataclismo, um dos seus numerosos planetas (o mais exterior) foi arrancado do seu corpo-mãe e lançado no espaço à procura de um novo lugar. [Ao falarmos de espaço, não pretendemos transmitir a ideia comum de vazio, pois tal não corresponde à verdade. A matéria existe em toda a parte e está em constante movimento.] Esse planeta levava consigo os seus satélites, ou luas. Tornou-se um sol, fixando-se, por assim dizer, no centro do novo local; as suas luas tornaram-se planetas, que, obedecendo à lei, passaram a girar em seu redor.

Este acontecimento teve lugar há um número tão incalculável de eras que não nos é possível sequer aproximar uma estimativa do tempo. Esse planeta — ou melhor, esse novo sol — ainda existe, situado tão a norte da vossa Terra que a engenhosidade humana, mesmo com o auxílio dos espíritos, jamais conseguirá construir um instrumento capaz de o tornar visível. No entanto, caro leitor, podeis satisfazer-vos quanto à sua existência observando a constelação conhecida como a Ursa Maior (ou "O Carro"), que parece girar em torno da Estrela Polar. Trata-se apenas de uma aparência, pois o sol central ao qual essa constelação obedece é precisamente o sol longínquo de que falamos.

Neste sol, ocorreu mais tarde um cataclismo semelhante, e o planeta mais exterior tornou-se independente, procurando uma nova habitação no céu, onde estabeleceu o seu próprio governo, com os seus satélites — agora planetas — como súbditos.

Chegamos agora à região do conhecimento humano, pois esse último planeta que se tornou um sol é conhecido pelos astrónomos como **Alcíone**, localizado no aglomerado de estrelas chamado Plêiades, que se encontra na constelação do Touro. É a estrela mais brilhante do grupo e pode ser facilmente reconhecida.

O vosso sol foi outrora um satélite, ou lua, de Alcíone, até se libertar e adquirir independência relativa, levando consigo os seus satélites — agora os planetas do vosso sistema — até à posição que atualmente ocupa, se é que se pode falar em "posição" quando se compreende que:

1. A Terra gira em torno do Sol;
2. O Sol, com a sua família de planetas, gira em torno de Alcíone;
3. Alcíone, juntamente com o vosso Sol, os seus planetas e outros sistemas a ele associados, gira em torno do distante e invisível Sol já referido;
4. Esse Sol invisível, com todos os seus sóis e planetas, gira por sua vez em torno de um astro ainda maior e mais longínquo — e assim sucessivamente, até ao Infinito, se tal for possível.

Da nossa parte, confessamos que além deste Sol invisível nada mais sabemos. Sabemos, no entanto, que tudo quanto aqui descrevemos representa apenas uma ínfima fração do vasto universo governado pelo Deus que veneramos.

Estas são verdades que, ao menos em parte, os cientistas da Terra confirmarão num futuro próximo — assim o garantimos aos nossos leitores.

O Sol, bem como todos os planetas, está permeado de magnetismo e eletricidade — o primeiro positivo e a segunda negativa — e estes podem ser considerados os princípios vitais de todas as coisas, pois sem eles não haveria vida. Mas além deles está o espírito — **o espírito do Infinito** — que existe tanto no mineral mais bruto como no mais refinado, em todas as formas vegetais e animais, em tudo o que é ou foi, e que nunca deixará de existir, ainda que passe por incontáveis milhões de transformações de forma.

Magnetismo e eletricidade não são espírito, embora o contenham. São os agentes usados pelos espíritos para realizar as suas obras e, por meio deles, o Infinito constrói e destrói mundos — transforma desertos estéreis em florestas grandiosas de árvores imponentes, cobre planícies com ervas e flores, e prepara regiões outrora áridas para a habitação do homem.

Passaremos agora a descrever o processo de formação de um mundo, tal como foi observado por espíritos que se dedicaram ao estudo desta matéria. Antes, contudo, importa referir que um astrónomo, enquanto em vida na Terra e agora residente do nosso plano, foi inspirado a oferecer à humanidade uma ideia quase correta deste processo.

Magnetismo e eletricidade, sendo os princípios vitais de um planeta, estão constantemente em ação, moldando e remodelando, formando e reformando. Durante essa atividade, toda a matéria exaurida ou que perdeu a sua utilidade é expelida, tal como o corpo humano elimina o suor de forma impercetível. No homem, essa matéria é absorvida pela atmosfera e utilizada repetidamente pelas plantas; estas são consumidas por animais, cujo corpo concentra essa energia em carne, que pode, eventualmente, voltar a ser consumida pelo homem — um ciclo que se repete vezes sem conta.

Chega, porém, o momento em que tal matéria se encontra esgotada, incapaz de sustentar a vida. Então, desloca-se até à orla da atmosfera terrestre, onde se vai acumulando, os diferentes átomos mantendo-se unidos pela lei da afinidade.

O mesmo processo ocorre com os minerais que compõem a crosta terrestre: as porções exauridas migram continuamente para a superfície, misturando-se com matéria magnética e elétrica saudável que é refinada nas profundezas da Terra para ser utilizada à superfície. O que está esgotado junta-se à matéria já em suspensão.

Com o tempo — podendo, em muitos casos, levar milhões de anos — essas acumulações tomam a forma de círculos ou anéis, devido à rotação do planeta. Quando esses anéis se tornam densos e volumosos o suficiente, a rotação rápida do planeta provoca a sua rutura; a maior parte atrai a menor, e com uma rapidez quase inconcebível, essa massa enrola-se, inflamando-se por fricção, e, impulsionada pelo planeta-mãe, é projetada no espaço, deixando atrás de si um rasto de fogo.

Nesse estado, é designada **cometa**; mas é, simultaneamente, o núcleo de um novo mundo que há de nascer.

Os astrónomos de outrora julgavam errático o percurso de um cometa, mas tal não é verdade — as leis que o regem são tão harmoniosas e precisas quanto as que governam os planetas estabelecidos. Os cometas nunca saem do sistema a que pertencem, embora só entrem na órbita que lhes está destinada quando arrefecem o suficiente para não interferirem com o planeta-mãe.

Os astrónomos do vosso mundo — ou, pelo menos, alguns entre eles — julgam que a matéria incandescente que constitui a cauda de um cometa é composta por gases provenientes do próprio corpo do cometa. Isto é apenas parcialmente verdadeiro. O cometa — ou, mais adequadamente, o mundo infante — perde, sim, uma parte do seu material gasoso durante a sua trajetória, mas a maior parte daquilo que forma a sua cauda resulta da matéria com que entra em contacto durante a sua viagem pelos céus. Além disso, atrai para si tanto ou mais do que perde, pois encontra-se quase constantemente a colidir e a agregar matéria com a qual tem afinidade.

[Importa esclarecer que, ao falarmos de "sistema", neste contexto, não nos referimos ao conceito astronómico usual — o Sol, os seus planetas e respetivos satélites — mas sim a um grande sistema de sóis e planetas ao qual pertenceis. O vosso Sol e seus companheiros constituem apenas uma família — hoje relativamente harmoniosa, mas que, em eras passadas, era profundamente conturbada, como testemunham as cicatrizes sob a forma de asteroides e marcas na própria Terra. Mais adiante, voltaremos a este ponto.]

O SOL

Vamos agora deixar o cometa — o mundo infante — a prosseguir o seu percurso, e deter-nos por um momento para corrigir algumas ideias erróneas, ainda hoje sustentadas por alguns dos mais sábios entre vós. Afirma-se que o Sol é uma esfera de fogo, cuja temperatura é tão elevada que irradia calor vital até ao planeta mais distante do vosso sistema — atualmente considerado como sendo Neptuno. Contudo, existe ainda outro planeta além de Neptuno, que não foi descoberto e não o será até que os vossos telescópios sejam significativamente aperfeiçoados.

Ora, o calor — ou fogo — está sujeito às leis da natureza tanto quanto qualquer outro elemento. Assim, o estudante que analise o calor de forma científica poderá provar, por simples cálculo, que um corpo da dimensão do Sol não poderia estar suficientemente aquecido para emitir sequer um vestígio de calor percetível até Saturno ou Úrano, quanto mais Neptuno ou o planeta ainda além.

Perguntar-se-á então: "Se o Sol não é uma bola de fogo, o que produz o calor?" Respondemos: o calor não é uma causa, é um efeito. A causa é o movimento — ou melhor, a fricção. É a fricção dos átomos que compõem a luz com os átomos da vossa atmosfera que gera o calor à superfície da Terra.

Vós tendes duas teorias da luz: a atómica e a ondulatória — ambas corretas. A luz é constituída por matéria muito subtil e desloca-se em ondas. A vossa atmosfera também é composta, em larga medida, por átomos. Assim, quando essas ondas de luz chocam com a atmosfera, dá-se a fricção — e, consequentemente, o calor. Se a atmosfera se encontra em repouso relativo, o calor é mais intenso, porque a resistência é maior. Quando o ar se encontra agitado por ventos fortes, as ondas de luz são em parte desviadas, reduzindo o calor sentido.

O Sol é altamente elétrico e magnético, possuindo uma atmosfera luminosa com milhares de quilómetros de espessura, como bem sabem os vossos astrónomos. Mas, mais do que isso, é um globo habitável, povoado por seres humanos tão evoluídos em relação aos da Terra que nos abstemos de qualquer comparação. Basta dizer que aquilo que hoje é o Sol, um dia será também a Terra.

Mais ainda: se o Sol fosse de facto o corpo intensamente quente que os vossos cientistas proclamam, já teria sido consumido e extinto há milhões de anos — facto reconhecido por alguns que tentam compensar essa impossibilidade afirmando que cometas e meteoros estão constantemente a cair no Sol, alimentando-lhe o fogo. Pois sabem que, sem um milagre — no sentido teológico do termo — o Sol não poderia subsistir por muito tempo.

Mas os cometas não caem no Sol — essa não é a sua missão. Os meteoros ocasionalmente colidem com o Sol, tal como com a Terra, mas não pelos motivos que se supõe. Sobre os meteoros teremos mais a dizer mais adiante.

É de conhecimento comum que, quanto mais próximo se está de um corpo quente, mais intensamente se sente o calor. Esta é uma lei universal, da qual não há exceção. Ora, se o Sol fosse uma esfera de fogo, essa lei deveria aplicar-se também a ele. No entanto, o contrário é que se verifica: os aeronautas, ao subir três mil metros num dia quente, sentem frio; e ao atingirem cinco mil metros, correm o risco de congelar.

O alpinista que, saindo de vales soalheiros cobertos de flores, sobe para altitudes de doze mil pés, encontra neve e gelo. Um pouco mais acima, reina o inverno perpétuo — mesmo nos trópicos — o que não poderia acontecer se o Sol fosse um forno cósmico, a menos que o seu calor obedecesse a leis diferentes das que se observam em todos os outros corpos aquecidos.

Quando considerais a velocidade com que a luz viaja (cerca de 300.000 km por segundo), podeis imaginar a fricção gerada quando os seus átomos colidem com os da vossa atmosfera, que tem uma espessura de cerca de 160 quilómetros, tornando-se cada vez menos densa com a altitude.

Quanto mais rarefeita for a atmosfera, menor resistência oferece às ondas de luz — o que explica o frio extremo sentido nas grandes altitudes.

Além disso, se o homem pudesse ultrapassar os limites da atmosfera terrestre, veria nada: nem sol, nem lua, nem estrelas — apenas a escuridão total. E porquê? Porque os átomos das ondas de luz, sendo altamente magnéticos e elétricos, só produzem luz quando encontram resistência.

Deixamos, assim, ao estudante da natureza estas ilustrações e proposições simples, para que pondere e tente reconciliar a ideia de que o Sol é uma fornalha que irradia calor em

todas as direções por bilhões de quilómetros. Que use as suas faculdades de razão — e veja se elas não se revoltam contra tal ideia.

Os cientistas terão de tomar um novo rumo, abandonando teorias antigas e gastas, pois só então descobrirão a Verdade.

OS PLANETAS

Antes de prosseguirmos com a história do cometa que deixámos a viajar pelo espaço, falaremos brevemente sobre os planetas. Em futuras ocasiões, esperamos poder transmitir ao mundo algo sobre os habitantes desses planetas e o seu grau de progresso comparado ao do povo da Terra — mas esse não será o objetivo desta obra.

Quando o Sol se tornou suficientemente antigo para assumir o papel de progenitor, lançou um satélite ou cometa, que se transformou num *solilito*, ao qual chamaremos Alfa, uma vez que é desconhecido dos filhos da Terra e, consequentemente, não possui nome. Este corpo celeste ocupava a posição relativa ao seu progenitor que atualmente é ocupada por Vulcano, o planeta recentemente descoberto, e manteve essa posição durante milhões de anos, até que o Sol voltou a acumular matéria residual suficiente para formar outro planeta, momento em que Alfa foi lançado para mais longe, a fim de dar lugar ao novo mundo que estava prestes a surgir.

Este novo planeta, envolto por um novo firmamento, foi Neptuno, que os vossos astrónomos consideram ser o planeta mais exterior do vosso denominado sistema.

Alfa e Neptuno foram empurrados para fora das suas órbitas para dar lugar a Úrano; e estes, por sua vez, cederam espaço a Saturno, cujos anéis têm intrigado, assim como despertado a admiração, dos vossos homens de ciência. Estes anéis, ao atingirem densidade suficiente, desintegrar-se-ão, primeiro um, depois o outro, tornando-se cometas que, ao arrefecerem o suficiente, se transformarão em satélites ou luas, acrescentando mais dois aos oito que Saturno já possui.

O planeta seguinte a ser expelido foi Júpiter. As condições existentes aquando do seu nascimento eram muito favoráveis, razão pela qual ele é o maior, mais belo e também o mais harmonioso membro da família solar. O seu desenvolvimento não foi atrasado por grandes convulsões, e, tendo já ultrapassado a idade em que tais eventos são prováveis, os seus numerosos e harmoniosos habitantes, altamente evoluídos, têm pela frente um futuro promissor.

Muitos milhares de anos após o nascimento de Júpiter, o vosso Sol libertou-se das amarras gravitacionais do seu progenitor, Alcíone, e aventurou-se no espaço em busca de uma nova localização. Tendo encontrado o local que atualmente ocupa, com os seus cinco filhos, fixou-se para cumprir a sua missão de povoar o universo.

Passaram-se muitos milhares, quiçá milhões de anos, que foram recolhidos no ventre do tempo, até que o Sol, já na sua condição independente de astro central, deu à luz outro filho, o qual mal havia alcançado o estágio de desenvolvimento que permite o aparecimento das formas de vida mais elementares, quando, por um defeito na sua organização, ocorreu uma poderosa convulsão que o despedaçou em mais de duzentos fragmentos, que se individualizaram como pequenos planetas, denominados pelos vossos cientistas como asteroides.

Se este planeta tivesse conservado a sua integridade e vitalidade, teria um tamanho aproximadamente um terço inferior ao de Júpiter e ocuparia o espaço entre este e Marte. Tal como está, mais de uma centena de asteroides já foram descobertos nessa região do céu, que será, sem dúvida, um campo fértil para futuras explorações.

Marte foi o próximo filho a nascer do Sol, mas o seu nascimento deu-se em meio a discórdias e conflitos, devido a condições desarmoniosas, tendo-lhe calhado um destino difícil. Quando atingiu a era azoica — o período imediatamente anterior à manifestação da vida à sua superfície — os gases internos, ao não encontrarem escape, dilaceraram-no, lançando quase metade da sua massa para o espaço entre ele e Júpiter. Esta porção dividiu-se em quatro fragmentos, os primeiros asteroides descobertos pelos astrónomos, que os batizaram de Juno, Palas, Ceres e Vesta. São os únicos asteroides que albergam formas de vida animal, embora ainda não tenham atingido o grau de evolução humana, apesar de espíritos avançados afirmarem que o farão.

Foi devido a esta catástrofe que Marte não conseguiu gerar satélites plenamente formados, como teria feito — dois, tão desenvolvidos como aquele que pertence à Terra — sendo que os recentemente descobertos pelos vossos astrónomos são apenas formas abortivas, de tamanho insignificante. Com o tempo, Marte dará à luz um filho que o honrará, sendo crença dos cientistas da nossa dimensão que esse novo astro atrairá e incorporará em si esses pequenos corpos, servindo-se deles na formação de um novo mundo.

Marte é habitado por todas as espécies animais existentes na Terra, com exceção de alguns predadores, que já desapareceram, e por duas raças humanas.

A Terra foi o planeta seguinte a nascer, sob condições algo mais harmoniosas do que Marte, embora por pouco não tenha sofrido uma catástrofe semelhante, como se pode inferir pelas cadeias montanhosas existentes nos seus quatro quadrantes — mas não é esta a ocasião apropriada para tratar desse episódio.

Depois surgiu Vénus, em circunstâncias razoavelmente favoráveis, tendo seguido o seu percurso, desenvolvendo-se gradualmente até alcançar uma situação próspera de vida vegetal e animal. Se tiver a fortuna de evitar conflitos internos significativos e as convulsões daí resultantes, o seu progresso será célere.

Mercúrio foi o filho seguinte que o Sol deu à luz e, com exceção de Júpiter, foi aquele cujo nascimento decorreu com menos perturbações. Consequentemente, teve uma existência pacífica, sem registo de sismos ou convulsões de grande relevância, e não se prevê que venha a sofrer grandemente com tais fenómenos. A flora e fauna de Mercúrio ainda não atingiram o grau de desenvolvimento da Terra ou de Vénus, mas progridem tão rapidamente quanto as condições o permitem.

O último filho do Sol, Vulcano, surgiu numa época relativamente recente, sob condições bastante harmoniosas, mas ainda se encontra num estado semi-gaseificado, permanecendo assim por muitos milhares de anos, até alcançar o grau de condensação necessário à formação das formas de vida mais elementares.

Assim, era após era, ou período após período, o Sol foi cumprindo a sua tarefa de povoar esta parte do universo com planetas, sendo que cada novo nascimento empurrava os anteriores cada vez mais para longe do progenitor, até que Alfa, o mais antigo, (hoje quase pronto para uma existência independente,) será em breve libertado do controlo parental e, levando consigo os seus satélites, avançará rumo à região do universo que o Infinito lhe destinou como seu novo centro solar.

Os vossos cientistas têm frequentemente debatido a possibilidade de as chamas do Sol se extinguir ao ponto de a Terra se tornar demasiado fria para sustentar vida; porém, estão enganados. Tal evento jamais ocorrerá.

É certo que a Terra, bem como todos os planetas — ou, pelo menos, partes deles — já atravessaram períodos glaciais no passado, e uma parte do vosso hemisfério sul sofrerá deste fenómeno no futuro. No entanto, tal ocorrência será limitada e de curta duração.

Este tema será abordado com maior profundidade quando tratarmos da história específica do vosso globo. Por agora, procuraremos dissipar os vossos receios quanto a uma eventual falência do Sol em fornecer o calor necessário para manter a vida e continuar o progresso da Terra e dos seus habitantes rumo ao estado de harmonia que todos os mundos devem atingir.

Como já dissemos, o Sol não é uma bola de fogo, mas sim um globo muito semelhante ao vosso, embora muitíssimo maior, cujas forças magnéticas e elétricas são suficientemente poderosas para dar vida ao mineral, vegetal e animal no membro mais distante da sua família, e continuará a fazê-lo até que o último filho corte o seu cordão magnético e se lance no universo para fundar a sua própria colónia.

Existem atualmente três planetas mais jovens do que a Terra, os quais terão de atravessar as mesmas fases de desenvolvimento pelas quais o vosso planeta já passou, uma vez que as mesmas leis os regem. Estes três mundos, tendo surgido sob circunstâncias, se é que há alguma diferença, ainda mais harmoniosas do que as que presidiram ao nascimento da Terra, seriam naturalmente, presume-se, conduzidos na sua marcha progressiva rumo à

perfeição — se é que tal ponto pode alguma vez ser plenamente alcançado. Por conseguinte, seria um insulto à inteligência do Infinito supor que as suas leis não seriam suficientes para levar a cabo aquilo que foram concebidas para realizar, sobretudo no caso de planetas nascidos em harmonia.

Para que estes últimos planetas atinjam o grau de desenvolvimento atual da Terra, serão necessários milhares de milhões de anos e, como a vitalidade do Sol está longe de se encontrar esgotada, outros planetas continuarão a nascer; assim, a Terra e os seus companheiros mais jovens estarão plenamente providos de luz e calor por um período tão vasto que não ousaremos sequer tentar calculá-lo, mesmo que nos julgássemos capazes de o fazer.

Mas ao considerar que é destino de todos os planetas tornarem-se, eles próprios, sóis — centros de famílias planetárias — e que, ao longo desse tempo, irão progredindo em harmonia e crescendo em beleza, não há razão para receios quanto à possibilidade de se tornarem, em termos globais, demasiado frios para serem habitáveis, nem de serem consumidos por uma grande conflagração, como ensinam alguns teólogos. Ambas as hipóteses são impossíveis, pois contrariam a própria natureza das leis universais, como julgamos poder demonstrar de forma satisfatória.

Poderá o leitor cientificamente formado objetar que não é plausível que globos que tiveram um princípio não tenham também um fim, e nós não afirmamos o contrário; pelo contrário, sustentamos que terão efetivamente um fim, como procuraremos explicar. No entanto, afirmamos que, enquanto os raios magnéticos e elétricos do Sol forem necessários à Terra e aos restantes membros da sua família, estes continuarão a recebê-los. Mas quando, por exemplo, Alfa atingir um ponto em que as suas próprias forças magnéticas e elétricas sejam suficientemente intensas para tornar a sua atmosfera luminosa, ao ponto de já não depender do Sol para obter luz, tornar-se-á, ela mesma, um sol, possuindo luz suficiente para fornecer aos seus satélites tudo o que necessitam para o seu desenvolvimento.

Tal será também o caso de todos os outros planetas, em ordem regular, até Vulcano e os mundos ainda por nascer. Segundo nos é dito por anjos que ocupam posições elevadas nas esferas científicas muito acima das nossas, haverá provavelmente duas eras ainda por vir, sendo que a era em que o último planeta nascer está tão distante que seria impossível traduzi-la em anos (segundo os vossos métodos de medição temporal) com qualquer grau de exatidão que não fosse meramente especulativo.

Contudo, afirma-se com convicção, tanto por teólogos como por alguns cientistas, que o mundo será, em determinado momento, consumido pelo fogo, havendo mesmo quem se atreva a prever que tal ocorrerá num futuro próximo. Como já referimos, esta é uma ideia errónea, pelo menos enquanto a Terra, ou qualquer outro planeta, não tiver cumprido a sua missão de se tornar um sol central.

Chegará o tempo, na história do vosso Sol — como também na de cada um dos planetas — em que as suas forças magnéticas e elétricas se esgotarão; então, a atmosfera entrará em combustão, e tudo o que for combustível será consumido, restando apenas o que se poderá chamar de um corpo morto — e sê-lo-á, no que respeita à vida orgânica, muito antes de tal acontecimento.

Contudo, isto jamais acontecerá enquanto o Sol for necessário à manutenção do equilíbrio no sistema ao qual pertence.

É quase desnecessário afirmar que o que se aplica ao Sol, neste aspeto, é igualmente válido para todos os sóis e planetas de que temos conhecimento — e presumivelmente para milhões incontáveis de mundos que existiram no passado e desapareceram para dar lugar a membros mais jovens da grande família de Deus, se nos for permitido utilizar termo tão comum para designar os inumeráveis mundos que compõem o imenso universo.

O Sol (e aqui raciocinamos por analogia), ao atingir essa idade mencionada, e após terem sido consumidos os seus gases e restantes matérias combustíveis, deixará de ser capaz de emitir ou refletir luz, tornando-se, por assim dizer, um sol negro, mantendo a sua posição, mas sofrendo um processo lento de desintegração, a sua matéria tendo perdido a capacidade de dar origem a novas formas de vida ou de sustentar as antigas.

Este processo prosseguirá lentamente, com a degradação e desagregação das camadas exteriores, que se reduzirão a um pó fino. Dado que o poder de atração ou coesão terá sido grandemente enfraquecido, esse pó dispersar-se-á gradualmente durante as revoluções do astro, sendo atraído por outros globos da sua família, onde será revivificado e contribuirá para a sua edificação.

Este processo continuará ao longo de eras incontáveis, até que o último vestígio do vosso grandioso Sol tenha desaparecido por completo, sendo a sua matéria manipulada no grande laboratório da natureza, transformando-se em outras formas, talvez mais belas, pois o progresso é a lei — ou as leis — e atua tanto na matéria como no homem, avançando sempre para diante e para cima.

Assim, passo a passo, prosseguirá esta obra até que o último membro da vossa família, bem como os ainda por nascer, tenha passado do plano da existência, e os céus que outrora os conheceram já não os conheçam, pois terão sido substituídos pelos seus próprios satélites, que repetirão a mesma história e viverão experiências idênticas.

O facto de que os sóis se apagam e desaparecem dos céus é bem conhecido dos astrónomos da nossa esfera, pois este processo tem sido observado e amplamente registado. É sabido, mesmo entre os astrónomos da Terra, que estrelas desapareceram de determinadas regiões celestes durante o vosso período histórico, e que uma ou mais foram vistas a brilhar intensamente e, em seguida, extinguir-se num curtíssimo espaço de tempo, o que, em certa medida, corrobora o que aqui expusemos.

Importa acrescentar que este processo de extinção pode, em certos casos, ocorrer em meros instantes, enquanto noutros bastam poucas horas para que se complete, pois os gases remanescentes na atmosfera do planeta, sendo combustíveis, ardem de forma rápida.

O sol negro que se encontra para além da vossa Estrela Polar, já antes mencionado, em torno do qual gira a bela e brilhante galáxia de estrelas que enfeita o vosso firmamento, extinguiu-se — no que respeita aos seus gases e restantes matérias combustíveis — há eras incontáveis; mas continua a ser o centro axial desta parte do universo e assim permanecerá por muitas idades ainda. No entanto, está gradualmente a perder a sua influência sobre os seus filhos e descendentes, pois o processo de desintegração continua, e cada membro da sua família vai ganhando força a partir dos detritos que ele expele, preparando-se para transferir o centro gravitacional, no que diz respeito ao vosso Sol e à sua família planetária, para Alcíone.

O leitor poderá perguntar: "Essa mudança de centro não provocará ruturas, terramotos ou outros distúrbios na Terra e noutros planetas?" Respondemos que poderão ocorrer, e seguramente ocorrerão, algumas perturbações ligeiras, mas não serão desastrosas nem de longa duração, pois a mudança não será súbita e pode ser comparada a uma criança a aprender a andar — algumas quedas, resultando em ligeiros arranhões que rapidamente saram; depois, passos trémulos e instáveis, seguidos de confiança crescente na sua capacidade de caminhar sozinha.

As leis do Infinito são suficientes para preservar os mundos do Seu universo de todas as catástrofes que não sejam necessárias ao seu desenvolvimento, uma vez que o homem tenha surgido neles; pois, como já dissemos, nenhum mundo que tenha alcançado o estágio de desenvolvimento em que o homem imortal se manifesta foi alguma vez destruído ou retirado da existência antes de cumprir a sua missão — a de elevar os seus habitantes humanos até um estado apenas um grau abaixo dos anjos.

Os nossos astrónomos, que visitaram inúmeros mundos noutros sistemas, bem como a maioria dos pertencentes a este, não têm conhecimento, nem ouviram de outros espíritos, de qualquer caso desse género. As suas observações e informações abrangem mundos em todas as fases do desenvolvimento — desde o cometa recém-formado até ao sol envelhecido, lentamente desintegrando-se em poeira.

Ao entrarem numa floresta, entre as folhas caídas sob um carvalho gigante, encontram bolotas acabadas de cair. Perto dali, verão uma pequena haste, com apenas duas folhas, nascida de uma bolota do ano anterior. Mais adiante, um carvalho jovem com dois anos de crescimento. E assim, pode-se seguir a história e o desenvolvimento da árvore até que se transforme num gigante cujos ramos abrigam ninhos de aves e servem de refúgio a animais arborícolas.

Observando mais adiante, encontram o velho carvalho, que durante séculos resistiu às tempestades, agora tombado no solo, onde se decompõe gradualmente, misturando a sua matéria com a terra e enriquecendo o solo com elementos que virão a ser úteis ao homem.

Do mesmo modo que se pode seguir o ciclo de vida do carvalho, observando-o em todos os seus estágios, assim traçamos nós a história de um mundo — desde o cometa até ao sol que esgotou as suas energias ao dar origem a novos mundos e, por fim, extinguindo-se e desintegrando-se em pó, entrega aos seus filhos as suas cinzas para que estas possam ser aproveitadas.

Houve cometas que jamais ultrapassaram o estado gasoso, por terem surgido prematuramente para se tornarem moradas aptas para o homem — a matéria gasosa de que eram compostos dissipou-se, ou melhor, espalhou-se ao longo da sua trajetória, sendo posteriormente recolhida pelos planetas que por ali passaram. Como já mencionámos, um dos planetas da vossa família explodiu em fragmentos devido à força dos gases internos que não encontraram escape. Mas estes são casos de exceção, e, se pudéssemos compreender plenamente as leis que regem tais aparentes falhas, descobriríamos, sem dúvida, que também elas obedecem à harmonia universal.

Procuraremos agora transmitir uma ideia da mudança que será operada na vossa Terra quando ocorrer a alteração do centro gravitacional. Haverá numerosos abalos sísmicos ligeiros, provocados pela alteração da posição dos polos. O polo norte recuará alguns graus, enquanto o polo sul avançará na mesma proporção. Esta mudança modificará o clima, diminuindo o calor nos trópicos e atenuando o frio nas regiões ártica e antártica, proporcionando à maior parte da Terra um clima ameno, que aliviará consideravelmente a população de epidemias e outras doenças fatais que hoje ceifam milhares de vidas.

Contudo, será no seio da humanidade que se verificará a transformação mais profunda. Após esses distúrbios ligeiros, surgirá um grau mais elevado de harmonia; a mente humana expandir-se-á de tal modo que se assistirão a rápidos progressos nas ciências. Serão inventadas forças motrizes hoje impensáveis, e substâncias atualmente consideradas resíduos inúteis passarão a ser aproveitadas para fins agrícolas e mecânicos. O trabalho será tão aliviado que poucas horas bastarão para produzir aquilo que hoje exige dias de esforço exaustivo.

Tal mudança permitirá à classe trabalhadora dedicar-se amplamente ao cultivo da mente, sendo auxiliada por formas de governo muito mais liberais do que as atuais — ao ponto de as gerações futuras se admirarem, ao lerem sobre os sistemas de outrora, de como o povo não se levantou em massa para os derrubar por completo.

O homem navegará então pelos céus com mais confiança e menor risco do que hoje o faz pelos mares, pois conseguirá aproveitar as correntes de ar constantes, que fluem a determinadas altitudes e em direções definidas. Será igualmente capaz de evitar tempestades, dado que a meteorologia dessa época será tão avançada que se saberá, com

vários dias de antecedência, quando e onde uma tempestade ocorrerá, bem como a sua extensão.

As guerras, tal como as contendas individuais, tornar-se-ão raríssimas, pois o egoísmo e as pequenas invejas terão, em grande medida, desaparecido, e as diferentes nações, bem como as diversas raças humanas, terão aprendido que, na realidade, são irmãos e deverão conviver em harmonia, como membros de uma verdadeira fraternidade.

A mulher será então reconhecida como possuidora de direitos iguais aos do homem, partilhando de igual forma o controlo dos assuntos governamentais e municipais. Ser-lhe-á confiado, devido à sua superioridade espiritual, o domínio exclusivo das questões religiosas e, em grande parte, das educacionais — com exceção das científicas, onde, ainda assim, não ficará muito aquém do homem.

As tarefas domésticas que atualmente a sobrecarregam, tornando-se quase uma forma de escravidão, serão tão simplificadas e auxiliadas por invenções mecânicas que, sem descurar o essencial para manter um lar feliz, ela disporá de tempo amplo para a cultura intelectual, condição necessária para assumir os cargos de responsabilidade que lhe serão atribuídos.

Nessa época, o casamento será puro, isento das desarmonias que hoje perturbam tantos lares. Casamentos por conveniência, por riqueza, posição social ou simples satisfação dos desejos carnais serão desconhecidos. Esse estigma sobre a virtude e a pureza da mulher — o chamado "amor livre", ou melhor, "libertinagem livre" — será uma relíquia do passado, tida como indigna de menção. O amor buscará o amor, e o matrimónio entre um homem e uma mulher será, em quase todos os casos, uma união verdadeira no plano moral, espiritual e físico, nada deixando a desejar. Tais uniões não se limitarão a esta vida, mas prolongar-se-ão pelas esferas espirituais, onde os cônjuges desfrutarão de uma felicidade hoje raramente alcançada.

As crianças então nascidas serão em menor número, mas, surgindo sob tais condições, possuirão naturezas harmoniosas, organismos físicos perfeitos e serão, por conseguinte, praticamente imunes à doença. Terão cérebros moldados para o papel social que os pais desejem que venham a desempenhar, pois as leis que regem a gestação serão então tão bem compreendidas que a mãe poderá dar ao mundo um filósofo, um cientista, um poeta, um mestre ou um artífice, conforme escolher. E como o egoísmo e a ambição terão perdido quase toda a influência, o seu único objetivo será oferecer à pátria e à sociedade um cidadão bom e útil.

O ser humano possui uma disposição natural para a religiosidade; por isso, longe de desaparecer, a religião existirá, na época de que falamos, em todos os corações e em todas as mentes. No entanto, assumirá uma forma muito distinta da que hoje conheceis. Todas as formas insensatas, os dogmas e os rituais terão desaparecido, sendo substituídos por um culto puro e racional do Infinito. Nada de carácter sombrio, nem que vise despertar o medo

nos fiéis, será incluído nos ensinamentos, pois estes provirão, em grande parte, de uma classe de espíritos mais elevados do que aqueles que hoje conseguem aproximar-se da Terra, sendo mulheres boas e puras os instrumentos mediúnicos quando os espíritos não puderem, em formas materializadas, dirigir-se diretamente aos auditórios.

A comunicação espiritual será a base dessa nova religião, tal como foi o ponto de partida da maioria das religiões existentes ou que existiram. Contudo, nessa época, as condições serão tão harmoniosas que todos possuirão mediunidade, e os que abandonaram a carne e envergaram o espírito caminharão e conversarão livremente com os seus amigos e entes queridos.

O que aqui expomos é apenas um esboço ténue do "tempo bom que há de vir", sobre o qual falaram videntes, profetas e sábios, e que os religiosos aguardam como o milénio. Mas esse tempo não será introduzido de forma súbita, nem surgirá através de uma destruição do mundo ou da condenação dos ímpios, como algumas doutrinas ensinam. A vinda do chamado Espiritismo, ou das manifestações e ensinamentos dos espíritos, é, na verdade, o início desta nova era; no entanto, segundo os sábios do nosso plano, ela não atingirá a sua plena perfeição antes de ocorrer a mencionada mudança do centro gravitacional, pois os habitantes de um mundo não podem, salvo raras exceções, progredir mais rapidamente do que o planeta em que habitam.

Com estas considerações — tão concisas quanto possível e que constituem meras sugestões — sobre aquilo que os filhos da Terra experimentarão no futuro, passamos agora à explicação de uma parte do nosso tema que exige especial atenção.

Afirmámos que os planetas, ao aproximarem-se da sua independência relativamente ao sol progenitor, tornam-se luminosos em si mesmos, e procuraremos agora explicar o processo de forma compreensível.

Para tal, é necessário falar, em particular, sobre a luz — ou melhor, sobre o que a produz, independentemente do tipo de fricção provocada pelas ondas provenientes do sol. Como já dissemos, um planeta emite constantemente emanações magnéticas e elétricas para a sua atmosfera, carregando-a com essas forças. Ora, a luz, quando não resulta de combustão ou fogo, é composta exclusivamente dessas forças; e quando estas se encontram puras — isto é, livres de combinações desarmoniosas — geram luz. Se predominar a eletricidade, a luz será branca; se predominar o magnetismo, será vermelha. E a proporção relativa de cada força determinará as diferentes tonalidades de luz.

No caso da Terra, tal como nos demais planetas que brilham por luz refletida, estas duas forças encontram-se amplamente carregadas de matéria gasosa, o que impede a ação harmoniosa das referidas energias. A luz, embora latente na vossa atmosfera — como nas dos outros planetas da vossa família — não pode ser gerada senão sob o efeito dos raios, ou ondas, que emanam do sol progenitor. Estas ondas harmonizam os elementos em conflito, e a luz é então produzida.

Se a luz não estivesse latente na vossa atmosfera, as forças elétricas e magnéticas provenientes do sol, ao incidirem sobre ela, não gerariam nem luz nem calor. Mas, estando latente, ela manifesta-se imediatamente quando os raios solares sobre ela incidem, pois encontram os elementos necessários à sua geração.

As belas auroras que por vezes aparecem no vosso céu boreal são prova da veracidade do que afirmamos, e procuraremos explicar esse fenómeno. Existe um fluxo constante de magnetismo quente do sul para o norte, e um fluxo correspondente de eletricidade fria do norte para o sul. Quando estes fluxos têm volumes equivalentes, não ocorrem auroras; mas quando o fluxo magnético transporta um excedente de dióxido de carbono e oxigénio impuro desde os trópicos até ao norte frio, dá-se um distúrbio entre as duas forças, manifestando-se em auroras vermelhas que, em momentos de forte intensidade, se estendem por todo o céu, do norte ao zénite. Se a perturbação for fraca, a força elétrica manifesta-se através de jatos brancos e brilhantes, que surgem e desaparecem com maior ou menor intensidade, consoante o grau do fenómeno.

As auroras — ou luzes do norte, como corretamente se designam — raramente ocorrem no verão, pelo menos nas latitudes temperadas, o que se explica pelo predomínio do magnetismo nessa estação, em grau tal que praticamente anula a ação da eletricidade. No entanto, no outono, quando há uma transição na atmosfera do domínio magnético para o elétrico, surgem as mais belas manifestações deste fenómeno natural.

É também conhecido dos vossos cientistas que as montanhas mais altas estão, gradualmente, a desintegrar-se, adicionando os seus detritos ao solo dos vales e preenchendo-os. As geadas do inverno fragmentam os cristais das rochas mais duras; os ventos quentes do sul e a luz solar derretem a neve e o gelo, convertendo-os em água, que, sob a forma de torrentes de montanha, transporta as partículas soltas para as planícies, moendo simultaneamente os fragmentos arrancados no seu percurso impetuoso.

Os glaciares, entre outros agentes, contribuem significativamente para esse processo de desagregação, todos trabalhando conjuntamente para restabelecer uma harmonia nas condições naturais, beneficiando assim a humanidade e permitindo-lhe progredir rumo a um estado muito mais avançado do que o atual.

Sendo o magnetismo e a eletricidade os agentes geradores da luz, basta que um planeta atinja um determinado grau de desenvolvimento para que as suas forças magnética e elétrica se refinem até alcançar uma tal harmonia que tornem a sua atmosfera luminosa, como a do sol. E a Terra caminha com passo firme para esse glorioso futuro em que cumprirá plenamente a sua missão como luminar central, rodeada pela sua família de planetas — ainda que, por agora, tenha apenas um filho.

Já dissemos que chegará um tempo na história de todos os planetas em que estes se esgotarão e deixarão de ser capazes de sustentar a vida; também dissemos que tudo o que for combustível neles será consumido.

Os espiritualistas, que sabem que cada globo habitado possui o seu mundo espiritual — ou esferas — para onde os seus habitantes se dirigem após a chamada morte, poderão questionar: "O que sucede então a essas esferas e aos seus habitantes?" Respondemos que todos os espíritos, a seu tempo, evoluem para além das esferas da Terra, dirigindo-se para o que um dos vossos mais sábios videntes denominou por Paraíso (*Summer Land*).

Poderá levantar-se a objeção de que as esferas mais próximas da Terra estão sempre densamente povoadas, e que os espíritos aí residentes não estariam preparados para essa transição. A tal objeção respondemos que, muitos milénios antes da grande transformação de um planeta, os seus habitantes já terão progredido até tal ponto de pureza que as segunda e terceira esferas estarão vazias, pois os que passam pelo processo da morte física ascenderão diretamente ao Paraíso.

Reafirmamos, com o intuito de tornar clara a nossa intenção, que, quando um planeta já não for capaz de dar origem a novos mundos, a luz não deixará de brilhar na sua atmosfera durante muitas eras. Contudo, perderá gradualmente a sua tonalidade avermelhada, tornando-se cada vez mais branca com o passar dos tempos. No momento em que cessarem os seus poderes geradores, os seus habitantes — puros e quase angélicos — deixarão também de propagar a espécie, embora vivam por períodos muito mais longos do que os atualmente atribuídos ao ser humano. E à medida que o planeta se torne incapaz de produzir os recursos necessários para sustentar a vida humana, os seus habitantes passarão para a Terra do Verão (*Summer Land*), deixando para trás a matéria que haviam tomado emprestada ao planeta para revestir-se de forma mortal.

Poderá ser perguntado: "O que causa o esgotamento de um planeta?" É sabido, ou pelo menos geralmente aceite, que o centro de um globo é ígneo — ou seja, composto de fogo. Tal é verdade para todos os planetas até determinada idade. No caso da vossa Terra, uma mera crosta de matéria sólida envolve a massa fundida de que é composta. Esta crosta tem, em média, menos de vinte e cinco milhas de espessura, mas como os fogos interiores estão a extinguir-se lentamente, essa crosta vai-se tornando cada vez mais espessa, embora partes dela possam, por vezes, tornar-se temporariamente mais finas, devido ao desprendimento de grandes massas rochosas que caem no forno subterrâneo.

Quando isso ocorre, dá-se um terramoto, de maior ou menor magnitude, na região situada acima do ponto da queda. A massa que desaba perturba os gases constantemente gerados pelo intenso calor, os quais são então forçados contra a crosta e procuram abrir passagem.

Se a crosta for suficientemente resistente para suportar a pressão imensa exercida sobre ela, o que se manifesta à superfície é apenas um estrondo, tremores e um movimento ondulante do solo. Porém, se a crosta não conseguir suportar essa força, será então erguida, formando-se um cone vulcânico por onde escapam os gases e a matéria líquida, ou, em alternativa, ocorrerão fendas e ruturas através das quais os gases se libertarão.

Houve momentos, na história de todos os planetas, em que os fogos internos, corroendo as rochas cristalinas envolventes, provocaram a queda de massas tão vastas que um continente inteiro submergiu, levando consigo todos os seus habitantes. Mas tais catástrofes são raras. Cidades, aldeias e partes de países foram frequentemente destruídas ou tornadas inabitáveis, temporariamente, por estas forças destruidoras; contudo, felizmente para a vossa Terra, ela já atravessou o pior dessas ocorrências, ainda que, durante algumas eras vindouras, não possa reivindicar imunidade total.

O Infinito, por meio das Suas leis, instituiu válvulas de segurança — sob a forma de vulcões — nas porções mais frágeis da crosta terrestre, pois sem elas os terramotos seriam muito mais devastadores.

Ora, os elementos essenciais para enriquecer o solo e torná-lo produtivo provêm das profundezas ígneas da Terra sob a forma de magnetismo e eletricidade; e sem esses elementos não germinaria planta alguma, nem flor floresceria; não haveria árvore nem arbusto que amenizasse o declive rochoso da montanha ou embelezasse os vales e planícies. Tudo seria um deserto estéril. Nenhum ser vivo poderia subsistir à superfície, pois até o próprio ar seria venenoso à respiração.

Mas essas forças penetram até mesmo os estratos rochosos mais duros e espessos, alcançando a superfície, onde enriquecem o solo, o tornam fértil e conferem vida à vegetação, antes de ascenderem à atmosfera para a purificarem, convertendo gases nocivos em oxigénio.

Muitos solos são improdutivos por serem de tal natureza que essas forças passam através deles rumo à atmosfera de forma demasiado rápida, privando o solo da sua ação vital. Tais solos podem, contudo, ser facilmente recuperados — tornados produtivos se forem cobertos, durante o Inverno, com palha. A palha, sendo um mau condutor, intercepta uma grande parte do magnetismo e da eletricidade, confinando-os ao solo, o que lhe restitui a vitalidade. Campos antigos e exauridos podem ser regenerados assim; e quanto mais pobre for o solo, mais espessa deve ser a camada de palha.

Nos planetas mais antigos, se este processo não tivesse sido compreendido e aplicado, a fome ter-se-ia repetidamente imposto, ceifando milhares de vidas. Porém, quando a palha escasseia, pode ser substituída por folhas secas, ervas grosseiras ou ervas daninhas, com resultados igualmente positivos.

O agricultor das zonas temperadas espera que, se o Inverno trouxer neves profundas que não desapareçam abruptamente, o solo se apresente fofo e fértil para as colheitas da Primavera. No entanto, não se apercebe de que a neve, atuando como isolante, intercepta parcialmente as forças magnéticas e elétricas e impede a sua fuga prematura. Deveria aprender com isto — tomar nota do que aqui deixamos — e cobrir os seus cereais em crescimento durante o Inverno, sobretudo nas zonas mais expostas, com uma leve camada de palha, sendo os resultados seguramente gratificantes.

O seguinte preceito, com mais de cinquenta mil anos, era considerado de tal importância que foi inscrito em todos os templos:

"A Terra é a tua mãe, do seio da qual obténs o teu alimento; quando debulhares o teu grão, cobre o seu seio desnudo com a palha e ela te agradecerá."

Recomendamos este ensinamento como tão válido hoje quanto foi outrora.

O leitor poderá perguntar-se porque nos desviamos do nosso tema para abordar tais assuntos. Respondemos que não escrevemos para obter distinções literárias, mas para beneficiar os nossos irmãos que ainda vivem em corpos mortais e dependem da sua boa mãe Terra para a sua subsistência. Sempre que possamos dar um conselho ou sugestão útil, assim o faremos.

Mas ainda não respondemos plenamente à questão: "O que esgota a força de um planeta?" Quando um planeta é jovem e a crosta que envolve o seu núcleo ígneo é delgada, os terramotos são relativamente frequentes. À medida que envelhece e a crosta se espessa, essas perturbações tornam-se menos comuns, e quando ocorrem, os seus efeitos são menos destrutivos. Os fogos internos de todos os planetas hão de extinguir-se eventualmente; no entanto, o processo de arrefecimento é extremamente lento — tão lento, de facto, que são necessários mais de mil anos para que se observe uma mudança apreciável.

Durante este processo de arrefecimento, o planeta e os seus habitantes tornam-se cada vez mais harmoniosos, o que se deve ao carácter mais equilibrado das forças magnéticas e elétricas que continuam a ser geradas no interior, pois o conteúdo ígneo da crosta terrestre funciona como um laboratório químico, um imenso alambique ou cadinho onde o Infinito, por meio das Suas leis, está continuamente a fabricar os elementos necessários para sustentar a vida.

Há de chegar, no entanto, um momento em que este fogo se extinguirá por falta de combustível e, quando tal suceder, o planeta não poderá sustentar vida de qualquer espécie. Durante este processo de arrefecimento, ocorrerão constantes mudanças benéficas à superfície do planeta, pois até que a crosta atinja uma espessura de centenas de milhas, haverá poucas alterações climáticas e estas serão, em geral, favoráveis.

As grandes transformações ocorrerão no progresso intelectual e moral da espécie humana, bem como no aplanamento e harmonização da superfície do planeta, através da degradação das montanhas e do preenchimento dos vales estreitos por processos anteriormente mencionados, até que o planeta se torne quase uma esfera perfeita, pontuada apenas por suaves colinas e belos vales, cuja elevação será apenas a necessária para escoar as águas e deleitar o olhar.

Nesse tempo, ciclones, tornados e furacões deixarão de existir, pois os mais destrutivos destes fenómenos têm origem nas elevadas cadeias montanhosas, de onde se propagam pelos ares até atingirem zonas, em terra ou no mar, cujas condições atmosféricas sejam propícias à sua descida e à subsequente devastação; destruição essa que, por mais terrível que pareça — e muitas vezes é —, é tão necessária ao planeta como qualquer outro agente que nele opere para seu benefício, uma vez que agitam e purificam uma atmosfera estagnada, conferindo-lhe um vigor salutar que o observador atento não poderá deixar de notar.

É certo que muitos bens são destruídos e numerosas vidas humanas se perdem; que habitações são arrasadas e navios naufragam; que as inundações varrem os frutos do labor humano. Contudo, se o espírito humano pudesse contemplar os benefícios que resultam destas perturbações atmosféricas, prontamente reconheceria que o preço pago por tais efeitos é, na verdade, ínfimo.

O esgotamento do núcleo ígneo da Terra — ou do planeta — trará benefícios aos seus habitantes durante incontáveis milhões de anos; porém, chegará o momento em que esse fogo se tornará demasiado débil para gerar os elementos necessários à sustentação da vida. Muito antes desse tempo, contudo, a humanidade já terá começado a afastar-se do planeta, perdendo a capacidade de se reproduzir, como já anteriormente se referiu.

O hidrogénio será, na época referida, o primeiro elemento a diminuir significativamente; as secas afetarão profundamente a vegetação, destruindo-a por completo em diversos locais. Seguir-se-á o azoto, deixando o oxigénio e o carbono em excesso, os quais, ao serem quimicamente ativados por magnetismo e eletricidade, tornarão o planeta luminoso durante eras, mesmo após a retirada do homem e a completa extinção da vida vegetal.

Serão necessários milhares de milhões de anos para que o restante fogo se extinga por completo, mas quando tal finalmente acontecer, os gases e qualquer matéria de natureza combustível presente na superfície entrarão em combustão súbita, sendo consumidos, e o planeta, embora mantendo a sua posição nos céus, tornar-se-á incapaz de emitir ou refletir luz — será um sol obscuro, semelhante àquele nas regiões setentrionais do firmamento, anteriormente mencionado e sobre o qual alguns dos vossos astrónomos já teorizaram.

Tal é, em síntese, o processo pelo qual um planeta — ou um sol, pois, convém reiterar, todos os planetas que atingem a idade humana tornam-se sóis — se extingue e acaba por se desintegrar lentamente em pó. Esse pó é então recolhido pelos seus "filhos", para ser purificado, vivificado e transformado em novas formas de vida e beleza — um processo constante, tal como o foi no passado e continuará a sê-lo no futuro.

O PERÍODO DE ARREFECIMENTO

Deixámos o cometa a viajar pelo espaço, iluminando regiões do firmamento anteriormente privadas de corpos celestes, salvo pelas estrelas cintilantes que brilham como diamantes incrustados num céu azul; pois, como anteriormente referido, a órbita de um cometa é muito maior no início da sua viagem desde o sol progenitor, mas vai diminuindo à medida que arrefece gradualmente e o seu núcleo se torna mais denso, como inevitavelmente acontece.

Visto da Terra, um cometa com uma cauda longa é um corpo jovem — quanto mais longa a cauda, mais jovem o cometa; ao passo que um cometa de cauda curta é mais antigo, e assim sucessivamente. Contudo, um cometa não está preparado para ocupar a órbita exata para a qual gravita senão muitos séculos após ter perdido todo o vestígio da sua cauda, pois ainda não arrefeceu o suficiente.

Em todas as épocas, os cometas foram motivo de temor para os supersticiosos e ignorantes. Homens sábios de tempos idos, por não compreenderem a sua natureza, julgavam que a sua aparição nos céus prenunciava guerras, pestes e fomes, quando, na realidade, os cometas não exercem qualquer influência percetível sobre o vosso planeta. Quando tais calamidades surgem após a passagem de um cometa, trata-se apenas de coincidências, sem relação causal com o seu aparecimento.

Mesmo entre os eruditos, houve receios de que certos cometas colidissem com a Terra e a destruíssem, chegando alguns astrónomos a calcular datas para tais eventos, incutindo temor nos mais receosos e causando consideráveis prejuízos. Contudo, não há motivo para receio de tal catástrofe, pois o cometa está sujeito às leis naturais tanto quanto a Terra.

É possível que a Terra volte a atravessar porções da matéria expelida por um cometa e transportada pela sua cauda, como já aconteceu muitas vezes no passado; porém, nenhum mal resultou dessas passagens anteriormente, e nenhum mal advirá no futuro.

Prosseguiremos agora com a descrição da Terra após ter perdido a sua cauda e caído na sua órbita — ou, mais precisamente, na órbita que hoje é ocupada por Vulcano; pois deve recordar-se que a Terra ocupou essa órbita até o Sol estar pronto para expelir Vénus, momento em que foi forçada a ocupar a atual órbita de Mercúrio, sendo Marte, então, o ocupante da órbita agora pertencente a Vénus. A Terra não alcançou a sua atual posição nos céus senão após o nascimento de Vulcano, há mais de mil milhões de anos.

Quando caiu na sua órbita, próxima do sol progenitor, a Terra possuía cerca de setenta mil milhas de diâmetro, sendo a maior parte dessa massa composta por gases em constante agitação, devido ao calor intenso gerado pelo núcleo central, que se encontrava em estado de fusão e que, continuamente, aumentava o seu volume pela condensação e solidificação dos gases circundantes.

Naquela época, a Terra apresentava, para os habitantes de outros planetas suficientemente próximos para a poderem observar, o aspeto de uma estrela de grandes dimensões, com uma tonalidade vermelho-acastanhada e baça, a qual se alterava constantemente à medida que os gases em condensação alimentavam os fogos internos.

Com o passar das eras, a matéria gasosa foi-se condensando, solidificando-se em fogo, à exceção dos elementos necessários à constituição da atmosfera, e encontramos então o mundo como uma esfera de fogo líquido envolta numa névoa escura, que por vezes a ocultava parcialmente da vista.

Sob essa névoa, existia um mar fervilhante e borbulhante de fogo, cujas ondas se perseguiam umas às outras à superfície, colidindo frequentemente e projetando milhares de centelhas cintilantes que, ao caírem de volta parcialmente arrefecidas, acabavam por formar películas finas de matéria acastanhada e acinzentada. Essa matéria, lentamente agregando a si materiais oriundos da massa incandescente, deu origem a pequenas ilhas de minerais solidificados que flutuavam nesse mar ígneo — um oceano de fogo líquido.

Estas ilhas, inicialmente pequenas e frequentemente destruídas ou absorvidas pelo mar em ebulição, foram aumentando gradualmente de tamanho. Sendo numerosas, os ventos e as ondas aproximavam-nas umas das outras, fazendo com que se unissem para formar ilhas maiores, que por sua vez integravam as mais pequenas, aumentando assim a sua área. Este processo, embora rápido se o observarmos numa escala cósmica, seria considerado lento do ponto de vista humano.

Ventos impetuosos rugiam em torno e sobre estas ilhas, e a atmosfera encontrava-se em constante combustão elétrica. Trovoadas ribombavam sem cessar, mas nenhuma chuva caía, pois, mesmo que fosse possível a condensação de vapor numa atmosfera tão quente quanto a de então, esta evaporar-se-ia muito antes de atingir o mar de fogo.

Este processo continuou até que o mar lodoso se viu quase totalmente coberto por ilhas, à exceção de canais aqui e ali, por onde fluía a matéria fundida de que os mundos são feitos — pois tudo quanto existiu ou existirá na Terra encontrava-se contido nesse mar e nas ilhas que nele flutuavam, com exceção do Espírito que concede a vida individual e organiza os seres. Fora isso, toda a matéria-prima estava ali presente.

Ora, caro leitor, ao considerar que essa matéria já havia sido utilizada no vosso Sol, e que, após ter sido trabalhada ao longo de milhões de anos, foi lançada fora como resíduo — matéria já inapta para a criação de formas belas ou úteis —, e ao vê-la aqui a passar por um novo processo de purificação pelo fogo, sendo preparada para uso novamente, poderá por um momento duvidar da existência de vida após a morte?

Se a matéria não pode ser destruída e nunca morre, será razoável supor que o homem, coroado pela razão e dotado de faculdades quase infinitas, tenha apenas os breves anos de

vida terrena que lhe são concedidos, para depois desaparecer do universo para sempre — ser, em suma, aniquilado?

Não. Muito longe da vossa Terra, o homem encontrará um lar — ou antes, múltiplos lares — perfeitamente adaptados às suas necessidades, onde terá tempo mais do que suficiente para desenvolver plenamente os dons divinos de que está imbuído, e gozará de uma felicidade tal que compensará plenamente tudo quanto tiver sofrido na sua jornada terrestre. Descobrirá também que toda aspiração digna que tenha nutrido em vida encontrará plena realização na existência espiritual; e poderá, através de um meio adequado, inspirar alguém a concretizar os ideais e a resolver os enigmas que, enquanto habitante do corpo, não conseguiu decifrar.

Com o tempo, encontramos o globo coberto por uma crosta de coloração acastanhada, da qual brotavam fontes de fogo em vez de água — mineral fundido, que denominaremos lava, segundo o entendimento comum do termo. Por vezes, partes desta crosta agitavam-se como as ondas do mar, abrindo-se em grandes fendas por onde a lava fervia e borbulhava, transbordando pelas margens dessas fendas e, ao arrefecer, formava cristas que contribuíam para o fortalecimento da crosta.

Frequentemente, jatos de fogo de grande intensidade irrompiam pela crosta, elevando-se centenas de pés na atmosfera e espalhando-se em gotas incandescentes por vastas áreas; estas, ao arrefecerem parcialmente, acrescentavam-se ao lento processo de espessamento da crosta.

Durante esse período, a atmosfera em torno do globo era densa e de tonalidade lúgubre, devido ao intenso calor irradiado pela superfície recém-congelada, que ainda se encontrava extremamente quente — apenas a alguns graus abaixo do ponto de fusão. No entanto, arrefecia dia após dia, auxiliada por ventos outrora tão quentes quanto o próprio fogo, agora já mais frescos e a contribuírem substancialmente para o processo em curso.

Eras passaram-se sem alterações externas percetíveis, mas a crosta cristalina foi aumentando em espessura e resistência, adquirindo assim a capacidade de suportar a imensa pressão interna; cada rutura da crosta acrescentava-lhe uma nova capacidade de resistência, ao mesmo tempo que, expondo os fogos internos, contribuía lentamente para o arrefecimento da superfície ainda intensamente quente.

Avançamos, então, até ao período em que a crosta, tendo aumentado suficientemente em espessura, começa a contrair-se de forma percetível, devido ao seu arrefecimento parcial. A superfície encontrava-se então repleta de fendas, ou antes, de fendas de diferentes larguras — algumas com apenas um pé de largura, outras com vários metros. Na maioria delas, a lava subia até à superfície; noutras, transbordava e espalhava-se, formando cordilheiras de colinas baixas quando a parte central da fenda arrefecia. Assim se formaram as primeiras colinas. Mais tarde, quando a crosta se tornara mais espessa, colinas maiores surgiram em resultado de lava a irromper por um único ponto — em vez de fendas

— formando um cone, com fluxo contínuo durante anos, o que aumentava a sua altura, ao mesmo tempo que escorria pelos lados, engrossando-os.

Em épocas posteriores, cadeias montanhosas baixas foram formadas desse modo, enquanto montanhas isoladas surgiram por processos vulcânicos. Deve-se compreender que, nessa era, os vulcões eram numerosos à superfície do globo — poucas eram as regiões isentas deles. Eram, então, a norma, enquanto hoje constituem exceções.

Naquele tempo, a crosta tremia e agitava-se constantemente — e, se o homem ali estivesse, teria ouvido um trovejar terrestre quase ininterrupto —, enquanto os céus carregados se iluminavam a cada momento com relâmpagos vívidos, ora alastrando por todo o firmamento, ora desenhando linhas em ziguezague que dançavam sobre as nuvens, impregnando o ar de vapores sulfurosos.

Estes fenómenos foram diminuindo com o passar do tempo, embora tenham ocorrido numerosos e terríveis terramotos em diversos pontos, que engoliram grandes porções da crosta, deixando expostos mares de lava que se recobriam lentamente, originando novos oceanos de fogo noutros locais. Era necessário que existissem várias dessas "caldeiras", para permitir o escape das poderosas forças interiores que operavam incessantemente; sem tais válvulas de escape, o risco de destruição total da crosta teria sido elevado.

Contudo, o globo avançava lenta mas seguramente para uma nova etapa do seu desenvolvimento, marcada pelo aparecimento do hidrogénio na atmosfera. Este gás era, até então, aparentemente uma quantidade desconhecida entre os constituintes do planeta, pois o calor intenso impedia qualquer manifestação das suas propriedades. Agora, porém, com os mares e lagos ígneos cobertos por crostas e com colónias de vulcões de baixa elevação ocupando os seus lugares, a crosta tornara-se menos quente, já que os ventos que sopravam dos polos para os trópicos arrefeciam progressivamente com o passar do tempo, contribuindo de forma significativa para a moderação do calor.

O hidrogénio, então, combinando-se com o oxigénio, começou a formar vapor na atmosfera aquecida. Os ventos frios condensavam esse vapor, e a chuva começou a cair. Inicialmente, porém, esta não chegava à crosta, dado que o calor era tão intenso que a convertia imediatamente em vapor, que voltava à atmosfera para ser novamente condensado em chuva, reiniciando o ciclo. Este processo contribuiu imensamente para o arrefecimento da atmosfera; todavia, seriam necessários anos até que as rochas ígneas arrefecessem o suficiente para permitir que a água da chuva atingisse efetivamente a superfície.

Durante este período, a chuva caía incessantemente, apenas para ser transformada em vapor antes de tocar o solo, regressando ao céu sem cumprir ainda o seu propósito. Contudo, este processo preparava o ambiente para um avanço crucial no desenvolvimento da jovem Terra, pois a água é uma das grandes forças operativas do Infinito. É um poderoso solvente, um fertilizante prodigioso, desgasta com fricção as rochas mais duras, nivela

colinas e montanhas, e é também uma força civilizadora, pois transporta nos seus seios os navios das nações civilizadas até terras menos desenvolvidas, fomentando o comércio — que, por si só, é um agente de civilização.

Chegou, por fim, o momento em que a chuva alcançou a superfície incandescente do planeta — não sob a forma de chuviscos suaves, como os que hoje conheceis, mas como uma queda contínua de água, que, ao atingir a rocha quente, sibilava e estalava como descargas de armas de fogo ao longe. Era, no entanto, de imediato transformada em vapor, o qual envolvia o globo como uma nuvem densa e branca.

Durante anos, esta chuva persistiu, produzindo efeitos cada vez mais significativos, até que começou a estalar e a fraturar a rocha aquecida em múltiplos locais, provocando grandes comoções no interior do planeta; pois o rápido arrefecimento da crosta causava a sua contração, o que, atuando sobre os fogos interiores, gerava intensos distúrbios e convulsões, frequentemente acompanhados pela expulsão de lava.

Estas convulsões provocaram numerosas alterações. Cordilheiras de colinas desapareceram, enquanto novas, de maior altitude, emergiram noutras zonas. Vulcões outrora pequenos tornaram-se imensos. Fendas há muito encerradas reabriram-se, e toda a superfície passou por uma transformação radical num período de tempo relativamente breve.

Mas a chuva não cessava. Nuvens negras obscureciam de tal modo os céus que, durante anos, a luz solar não atingia a Terra; a única luminosidade provinha dos relâmpagos incessantes e dos vulcões em erupção, que expeliam labaredas e lava incandescente.

Esta condição perdurou por longos anos, até que a crosta se tornasse suficientemente fria para que a água permanecesse à superfície após cair — ainda que estivesse à temperatura de ebulição por todo o planeta. Cada depressão e zona mais baixa convertia-se numa espécie de caldeirão, onde a água fervilhava com um rugido surdo, gerando vapor que mantinha o ciclo de precipitação ao fornecer continuamente à atmosfera o vapor necessário.

Durante este período de chuvas, a crosta engrossou consideravelmente, e assistimos a uma transformação significativa da superfície. As colinas e montanhas, que até então se apresentavam como cadeias bem definidas, tornaram-se mais elevadas, e os seus cumes fraturaram-se em picos rochosos que se erguiam como lanças gigantescas empunhadas por um exército de homens colossais. Os vulcões, em geral, aumentaram de dimensão e reduziram-se em número, distribuindo-se de forma a proporcionar um alívio equilibrado às pressões internas do planeta.

As chuvas torrenciais e os ventos intensos, atuando sobre estes picos, desgastaram e suavizaram as rochas, transportando os detritos para reservatórios de água, onde as leis da agregação e segregação entraram em ação, atraindo partículas com afinidades entre si e

repelindo as demais, lançando assim os alicerces das diversas camadas de rocha — e dos muitos minerais que hoje existem no vosso planeta.

A água, estando quente, acelerava o processo, e da rocha ígnea emergiam todos os elementos necessários para a formação dos restantes tipos de rocha, desde o mármore mais fino até ao granito mais rude — sendo este último o primeiro a formar-se, salvo em alguns locais específicos onde se depositaram camadas calcárias metamórficas em quantidade limitada, preparando, assim, o material de que, a seu tempo, os moluscos poderiam servir-se para formar as suas conchas.

A água, nesse período, possuía uma maior densidade específica — era mais pesada do que atualmente, dado que diversos metais, desde o ferro até ao ouro, existiam suspensos na atmosfera sob forma gasosa e, sendo absorvidos pela água, aumentavam significativamente a sua densidade. Esta propriedade permitia-lhe desgastar as rochas com maior eficácia do que a água comum.

Os diversos metais formam-se, quimicamente, nas entranhas ígneas da Terra, gravitando para a superfície em forma gasosa através das camadas de rocha fraturadas por sismos, escapando para o ar se as fendas forem demasiado amplas para que os gases se possam condensar em forma metálica. Em regiões vulcânicas, onde a rocha permanece aberta, os gases metálicos ascendem continuamente à superfície, de tal modo que, em algumas minas profundas, os metais continuam a formar-se; e, não raro, minas outrora esgotadas tornam-se, após anos de abandono, novamente rentáveis — fenómeno que os ignorantes interpretam como se o metal "crescesse".

Foram necessários vários séculos até que a crosta arrefecesse o bastante para permitir a acumulação de grandes massas de água; mas esse tempo chegou, e surgiram então poderosos oceanos de águas quase em ebulição — oceanos cobertos de vapor espesso como um nevoeiro cerrado. As tempestades de vento que sobre eles se abatiam agitavam-nos furiosamente, lançando ondas contra as escarpadas margens, que lentamente iam sendo erodidas para fornecer o material necessário à formação de estratos sucessivos no fundo do oceano. Esses estratos aumentavam a espessura da crosta e contribuíam para o gradual arrefecimento das águas.

Quando um oceano completava o seu papel numa determinada região, o seu leito era soerguido e as suas águas escoavam-se para uma depressão correspondente, criada para esse fim por uma lei infinita; e assim, todas as regiões do globo foram alternadamente submersas e elevadas inúmeras vezes. Algumas das porções mais antigas poderão ainda vir a ser submersas no futuro, especialmente se se encontrarem exauridas e necessitarem de repouso e renovação das suas forças. Quando isso ocorrer — como é provável que venha a acontecer —, é muito possível que o leito oceânico que se elevar revele vestígios do trabalho e da antiguidade do homem, provas essas que não poderão ser refutadas.

Chegámos agora a uma época em que a superfície da Terra, bem como as suas águas, haviam arrefecido — não ao ponto de se tornarem frias, mas suficientemente para marcar uma transição. A guerra dos elementos continuava, mas de forma mais branda. A chuva deixara de ser incessante e, por vezes, aberturas nas nuvens permitiam ao sol banhar os oceanos com luz, ou iluminar com dourado esplendor as rochas nuas, áridas e marcadas pelo fogo. Ainda não havia vida. O oceano não albergava peixes, nem a terra apresentava planta ou animal algum; contudo, a matéria-prima para tudo isso estava presente, e os agentes necessários à sua criação apenas aguardavam o sopro do Espírito sobre as águas, para dar início a uma obra que não cessaria até que o homem, coroado de sabedoria, pudesse chamar irmão a um anjo.

A AURORA DA VIDA

Antes de prosseguirmos com o relato da Aurora da Vida, importa comunicar ao leitor um facto até agora não mencionado: todo cometa destinado a cumprir a sua missão de se tornar um mundo habitado é acompanhado por três legiões de espíritos, cuja função, sob a direção de UM SER ANGÉLICO, é regular as forças do planeta e, por meio de sábia supervisão, conduzi-lo através de todas as etapas do seu desenvolvimento.

A primeira dessas legiões dedica-se ao domínio mineral. A segunda inicia as suas tarefas quando os elementos começam a trabalhar na transformação da rocha ígnea em lodo, dando início à estratificação das camadas geológicas, preparando o caminho para a introdução do princípio vital em forma organizada. A terceira, por sua vez, insufla nos organismos — dos mais simples aos mais complexos — o sopro da vida, e protege-os desde então.

O espírito angélico que supervisiona o trabalho destas legiões pode ser chamado, com propriedade, o Deus do planeta, pois o seu cuidado paternal estende-se sobre ele ao longo de todas as eras da sua existência — nunca sendo retirado até que o último átomo de que é composto seja apropriado pelos seus "filhos", os planetas da mesma família cósmica.

Compreenderá o leitor que, de forma geral, os religiosos veneram e adoram este Deus planetário como se fosse o Infinito, quando, na realidade, ele é apenas um operário no vasto atelier do Supremo Governante do universo, sujeito às leis como qualquer outro ser, embora dotado de poderes semelhantes aos divinos.

Na época de que tratamos, a crosta terrestre havia arrefecido, e os oceanos e lagos — corpos de água grandes e pequenos — realizavam o seu trabalho de dissolução da rocha ígnea ou cristalina, depositando o material assim preparado sob forma de lodo nos seus leitos, e preparando-o para a estratificação. Esta fase era essencial, pois a vida não poderia ser sustentada antes de uma porção significativa da rocha primitiva ser dissolvida — os primeiros organismos necessitavam de alimento, e este teria de provir da matéria mineral em dissolução.

Entretanto, os céus estavam geralmente desobstruídos por nuvens, salvo em tempo de tempestade, o que permitia ao Sol lançar a sua luz vivificadora sobre as águas térmicas e as rochas nuas, purificando a atmosfera até certo ponto e conferindo-lhe uma influência magnética que os espíritos operários sabiam aproveitar nas suas manipulações.

Se o homem ali estivesse, teria observado a formação de películas escumosas na superfície das águas calmas das enseadas e remoinhos junto à costa. Esta escuma, de natureza gelatinosa e quase branca como pérola, nunca se reunia em grandes massas — as maiores não excediam o tamanho de um grão de arroz, enquanto as menores eram apenas manchas impercetíveis. A ciência atual denomina essa substância de protoplasma, atribuindo-lhe a capacidade de gerar vida ou de produzir organização. No entanto, tal conceção é errada, pois o protoplasma é apenas o veículo onde a vida é enxertada, como procuraremos demonstrar.

A VIDA SURGE NA TERRA

A terceira legião de espíritos sopra, com um sopro magnético, sobre o protoplasma, e infunde-lhe o ESPÍRITO DE VIDA. E eis que a substância se anima com vida microscópica, pois os primeiros seres eram tão minúsculos que só poderiam ser observados com recurso a um microscópio. Eram o que hoje se chamaria animálculos, e foram trazidos à existência para servir de alimento às formas seguintes; pois, importa saber, em todas as fases do desenvolvimento planetário, até que o homem se torne inteiramente espiritual, os mais fortes alimentam-se dos mais fracos.

Estes animálculos multiplicaram-se com tal rapidez que, em pouco tempo, mares e lagos estavam repletos deles; mas a sua existência individual era breve. Viviam curtas vidas e cediam lugar à sua descendência, que repetia o mesmo ciclo. Os seus corpos mortos afundavam-se, acrescentando uma pequena proporção de matéria animal ao sedimento mineral, dando assim um passo preparatório na formação do princípio animal — elemento essencial para o que, mais tarde, se tornaria solo fértil.

Pouco depois, o protoplasma surgiu em massas maiores, embora em número muito reduzido. Algumas tinham cerca de uma polegada de diâmetro, outras metade disso. Novamente os espíritos sopraram sobre elas, e a vida manifestou-se nos seus centros, que começaram de imediato a emitir filamentos em forma de fios, cumprindo simultaneamente funções semelhantes às de um sistema nervoso e de vasos circulatórios.

Estes novos organismos, de composição glutinosa, retinham os animálculos com os quais contactavam ao flutuar, absorvendo-os lentamente como alimento, o que lhes permitia sustentar a própria vida e multiplicar-se, lançando grandes quantidades de pequenas células, que rapidamente cresciam, propagavam-se da mesma forma e, esgotando a sua capacidade reprodutiva, tal como os animálculos, afundavam-se e tornavam-se parte da formação em curso nos sedimentos.

Estes organismos não deram lugar a outros mais elevados de imediato; mas, com o tempo, a sua natureza foi-se transformando. Começaram lentamente a atrair para si matéria viva dissolvida nas águas quentes e formaram carapaças para se protegerem das adversidades — nomeadamente, de serem arrojados à costa e perecerem por falta de humidade.

Este período prolongou-se sem grandes alterações até que o fundo dos oceanos e lagos se viu revestido de conchas; mas, sendo estas frágeis, a agitação das águas depressa as reduziu a sedimentos, que, dissolvidos nas águas, as prepararam para o advento da primeira forma de vida vegetal. A vida vegetal não pode existir sem matéria fosfática; por isso, foi necessário que os moluscos agregassem a si o calcário bruto e o transformassem em matéria refinada — fosfato — para uso das formas vegetais que estavam prestes a surgir.

Os organismos maiores de que falámos eram os Radiados, que, antes de atingirem o grau em que agregavam matéria calcária, flutuavam nas águas, raramente submergindo ou fixando-se ao fundo ou às rochas junto à costa. Os seus sucessores, munidos de conchas, fixavam-se às rochas submersas ou ao fundo das águas pouco profundas, podendo, porém, libertar-se e flutuar para zonas mais propícias sempre que as condições se tornassem desfavoráveis soltando a sua fixação, os primeiros organismos com conchas podiam flutuar para locais mais adequados às suas necessidades.

Logo após surgiram os Pólipos, como são designados pelos vossos geólogos. Estes não evoluíram diretamente dos Radiados, mas originaram-se a partir de um germe próprio e distinto. Eram formas muito mais simples do que os pólipos atuais. Geralmente fixavam-se ao fundo de águas pouco profundas e constituíam a ligação entre o reino animal e o vegetal. Os seus corpos eram carnudos, arredondados e em forma de saco; a extremidade superior, quando aberta e com os tentáculos estendidos, assemelhava-se a uma planta. Deveriam, com rigor, ser classificados como Radiados, pois pertencem a essa família, mas, pela sua aparência vegetal, são conhecidos como Zoófitos*.

Como não estamos a redigir uma obra estritamente geológica e, para evitar a utilização de terminologia técnica confusa, referir-nos-emos apenas às diferentes famílias conforme estas surgirem, oferecendo descrições breves e claras, deixando os pormenores a cargo daqueles cientistas que se dedicam a esta área com entusiasmo — muitos dos quais são, na verdade, inspirados por espíritos possuidores do conhecimento necessário para os orientar e corrigir quando necessário.

Após os Zoófitos — que formavam uma família numerosa — surgiu uma alga marinha simples (Fucus), com apenas alguns centímetros de comprimento. Apresentava um único caule, sem folhas ou ramos, e crescia nas águas rasas junto à costa. Foram necessárias eras até se tornar abundante, mas, ao decompor-se, contribuía com a sua parte para o sedimento em formação no fundo das águas.

Pouco depois do aparecimento da alga marinha, uma camada de bolor esverdeado surgiu sobre as rochas, húmidas pelo salpico das ondas impulsionadas pelo vento. Este bolor foi a primeira forma de vida vegetal a manifestar-se na Terra, independente de oceanos ou lagos — o primogénito da terra firme. Era um musgo (líquen), de tamanho diminuto, que persistia e se alastrava gradualmente, cobrindo por completo as rochas que se encontravam em condições favoráveis. Não se limitava a uma única região, mas proliferava em qualquer local com presença de rochas e água, em toda a superfície do planeta.

Este período ficou marcado pelo crescimento rápido dos Zoófitos, que, à semelhança dos atuais construtores de recifes de coral, iniciaram o seu trabalho nos fundos dos mares e lagos, onde a profundidade da água era moderada. Utilizando a matéria calcária dissolvida na água e misturada com o lodo, construíram para si estruturas que, embora temporárias, cumpriam o propósito dos espíritos operários, pois a decomposição dessas formações coralinas enriquecia as novas camadas com carbonato de cálcio.

As algas marinhas e os musgos também se multiplicaram rapidamente — não em diversidade, mas em quantidade — até ocuparem todas as zonas propícias. Através da ação da água quente, as algas começaram a produzir soda, enquanto os musgos, ao decompor-se, forneciam potássio em pequenas quantidades. A partir das fibras vegetais destas formas de vida, começou a formar-se o primeiro grafite (erroneamente chamado "chumbo negro").

Até então, as águas estavam isentas de salinidade. Contudo, com a formação de soda, o gás cloro, presente na atmosfera, uniu-se a ela em proporções adequadas, originando o sal, e os grandes oceanos tornaram-se fracamente salinos, enquanto os menores variavam conforme o teor de soda presente. Assim surgiu um dos agentes sem os quais nem homem nem animal poderiam sobreviver por muito tempo, pois o sal é um elemento essencial do organismo animal — tão vital como o oxigénio — embora haja quem defenda, erradamente, que é prejudicial.

Procurámos oferecer um relato sucinto da origem da vida animal e vegetal durante o período de formação das rochas graníticas inferiores, ou laurentianas, dizendo pouco sobre as forças gasosas geradas continuamente pelos fogos internos. Estas forças, porém, não estavam inativas. Atuavam de modo eficaz à superfície, provocando alterações que mudaram significativamente o aspeto geral da Terra. Corpos de água desapareceram ou mudaram de localização, expondo os seus fundos lodosos ao ar e à luz solar. As rochas pontiagudas e irregulares que coroavam colinas e montanhas desapareceram em grande parte, dissolvidas pela chuva, desgastadas pelo vento ou fragmentadas por descargas elétricas sob a forma de relâmpagos.

Terramotos abriram fendas na crosta terrestre, permitindo a injeção de rocha ígnea — granito fundido e quartzo — nas fissuras, onde arrefeceram e, em muitos casos, permanecem até hoje. Isto é particularmente visível no norte do continente americano, que sofreu menos alterações locais do que qualquer outra parte do globo, sendo, na forma atual, a terra firme mais antiga.

O sistema laurentiano, como os geólogos o denominam, chegou ao fim através de uma série de mudanças rápidas. A maioria dos organismos anteriormente mencionados desapareceu — foram destruídos após cumprirem o seu papel na preparação da Terra para um novo avanço. O período cambriano iniciou-se com violentos sismos, grandes elevações e depressões, e intensa atividade vulcânica. A crosta terrestre, devido à atividade interna, aqueceu de tal forma que grande parte da água — especialmente a dos corpos menores — evaporou, transformando-se em vapor que foi libertado para a atmosfera e mais tarde devolvido sob a forma de chuva quase contínua durante meses.

Estas chuvas arrefeceram tanto a atmosfera como a crosta aquecida, mas quase todos os vestígios de vida anterior desapareceram; os fósseis embutidos nas rochas foram também destruídos, com raríssimas exceções — que, com o tempo, serão descobertas, confirmando o que aqui se escreve.

A enorme quantidade de água que caiu sobre as rochas aquecidas fê-las estilhaçar e fragmentar. Estas, levadas pelas torrentes através das encostas, foram desgastadas até se tornarem sedimento fino, originando os xistos característicos deste período. Contudo, a vida reacendeu-se: a matéria protoplasmática voltou a formar-se, os espíritos sopram sobre ela, e uma nova ordem de animais surgiu.

Apareceram trilobites de vários tamanhos, que se multiplicaram em grande número. Surgiram também alguns lagostins de água doce (Phyllopoda), de pequenas dimensões mas perfeitamente organizados; no entanto, não prosperaram como os trilobites.

Os Phyllopoda mediam cerca de uma polegada e meia de comprimento, sendo um terço desse comprimento o corpo principal, protegido por uma carapaça fina; os dois terços restantes consistiam numa cauda articulada e vermiforme, terminando em pequenas espinhas. Os trilobites dispensam descrição detalhada, pois entramos agora no domínio do conhecido — qualquer obra de geologia fornece ilustrações destes animais, que variavam entre menos de meia polegada e mais de trinta centímetros de comprimento. Foram os primeiros crustáceos, bem como os primeiros animais articulados ou segmentados, a habitar a Terra.

Os moluscos, em grande variedade e número, surgiram em força nesta fase da história da vida e continuaram a existir no período seguinte, o Siluriano propriamente dito, sendo que muitos geólogos incluem o Câmbrico na parte inferior do Siluriano. No entanto, um estudo rigoroso dos fósseis de cada um destes períodos revela diferenças suficientes para justificar a sua separação. Quanto a esta questão, limitamo-nos a enunciá-la, cabendo a cada leitor formar a sua própria opinião.

Os peixes verdadeiros (placóides) surgem pela primeira vez neste período, assim como os vermes (anelídeos), cujos corpos eram compostos por pequenos anéis articulados. Estes eram numerosos e serviam de alimento principal a muitas outras espécies. Contudo, os

moluscos continuavam a ser os mais abundantes, com várias centenas de espécies que aumentariam para mais de duas mil no Siluriano.

Corais de estrutura avançada também surgem nesta fase, iniciando, juntamente com os moluscos, o processo de assimilação do calcário bruto e a sua purificação para uso por outros tipos de organismos que viriam a aparecer num futuro próximo, pois até então ainda não existiam animais com ossos verdadeiros, sendo os peixes dotados apenas de cartilagem.

Já na parte final deste sistema, aparecem os peixes com escamas brilhantes (ganoides), que, embora tenham sofrido alterações ao longo do tempo, mantiveram a sua presença desde então. Estes peixes tinham colunas vertebrais e eram prenúncio do surgimento dos mamíferos. Embora os cientistas talvez ainda não tenham descoberto fósseis de ganoides tão antigos, é muito provável que o venham a fazer, pois há fortes indícios de que já existiam nesta fase precoce da história da Terra.

Os placóides (peixes cobertos por placas como uma armadura), já referidos como tendo aparecido neste período, não eram numerosos nem de grandes dimensões, mas tiveram um papel importante na preparação do caminho para formas superiores de vida, ao contribuírem com matéria assimilada para as formações em desenvolvimento no fundo dos mares após cumprirem o seu ciclo de vida.

Os musgos e as algas marinhas aumentaram significativamente em número e apresentaram algumas alterações nas suas características. Um tipo de musgo deste período apresentava um caule em ziguezague, com folhas em forma de leque, segmentadas, que cresciam a partir de cada ângulo do caule prostrado; um pequeno pedúnculo ereto, por vezes com uma única folha, elevava-se a partir do caule principal. Este organismo vegetal estava confinado a zonas restritas, onde pequenas massas de água, com subidas e descidas alternadas, mantinham a humidade necessária à sua sobrevivência.

Os anelídeos perfuravam o lodo e formações parcialmente endurecidas, raramente atacando rochas muito duras. As perfurações deixadas por estes vermes são frequentemente encontradas nas rochas deste período e são objeto de estudo por parte dos interessados na história da Terra.

A transição do período Laurentiano para o Siluriano não foi marcada por convulsões significativas ou alterações abruptas da superfície terrestre. Elevações e depressões ocorriam de forma constante, mas agora de modo mais gradual, com partes da crosta a submergirem lentamente, enquanto outras emergiam com igual lentidão. A água das regiões em elevação fluía gradualmente para as áreas em afundamento, transportando consigo grande parte da vida aí existente, o que acabou por fundir, de certo modo, as duas formações, ao ponto de alguns cientistas não reconhecerem o Laurentiano como uma era independente.

O sistema Siluriano desenvolveu vastamente as famílias de moluscos, com especial destaque para os cefalópodes, que atingiram o auge do seu desenvolvimento nesta fase. Muitos dos exemplares retos mediam mais de três metros de comprimento, com uma base de cerca de trinta centímetros de diâmetro, afilando progressivamente até à extremidade. Alguns eram curvos, outros torcidos ou espiralados, e todos possuíam quatro brânquias.

Os corais e os crinóides, pertencentes à família dos radiados, aumentaram consideravelmente em número, embora só mais tarde tenham atingido plena maturidade. Os crustáceos eram numerosos, com algumas espécies muito semelhantes às atuais. Talvez nenhum outro período tenha armazenado tantos fósseis, ou tão belos, como este; as conchas, por si só, bastam para maravilhar os curiosos e inspirar os cientistas, pois dos estratos silurianos podem ser recolhidos moluscos de quase infinita variedade, como frutos colhidos no outono.

As algas marinhas e os musgos continuaram a desenvolver-se durante a era Siluriana, mas, por serem frágeis e facilmente decompostos, poucos fósseis foram preservados. No entanto, outros serão seguramente descobertos à medida que a investigação avance em regiões ainda inexploradas, dado que os dados aqui apresentados não dizem respeito a um único local, mas sim aos cinco centros geográficos de onde flora e fauna se irradiaram. Falaremos destes cinco centros em pormenor mais adiante, quando abordarmos o período em que surgem os animais superiores, incluindo o ser humano. Até lá, a sua localização seria prematura e apenas contribuiria para confundir, além de expandir esta narrativa para além do seu propósito.

No Siluriano, em suma, encontramos os radiados, largamente representados por corais e crinóides, estes últimos os pólipos semelhantes a lírios anteriormente mencionados; os moluscos, com as suas diversas variedades de conchas; os articulados, na forma de vermes segmentados, trilobites e alguns caranguejos; os vertebrados, peixes placóides e ganoides; e, já no final deste período, o surgimento de um pequeno batráquio (animal semelhante a uma rã), não evoluído de nenhuma das formas então existentes, mas gerado a partir de protoplasma, onde o seu germe individual se encontrava incrustado, e ao qual a terceira ordem de espíritos insuflou o sopro da vida, dando-lhe existência, pois a matéria, por si só, é incapaz de gerar um ser vivo, por mais humilde que seja, sem a incorporação do espírito – argumentos materialistas em contrário não passam de perda de tempo.

Durante o Siluriano, apesar de os céus estarem muitas vezes encobertos por densas nuvens e chuvas intensas, frequentemente acompanhadas de fenómenos elétricos grandiosos, a jovem Terra e as suas formas de vida não sofreram por falta de luz solar. Pelo contrário, os mares foram, durante grande parte do tempo, banhados pelos raios solares e as rochas aquecidas pela sua luz. O facto de os mares estarem repletos de seres vivos, muitos deles com olhos – órgãos inúteis numa escuridão permanente – é prova bastante da veracidade desta afirmação.

A formação conhecida como o Velho Arenito Vermelho apresenta uma continuação das formas típicas do sistema Siluriano, embora os trilobites sejam menos numerosos. Outros crustáceos, alguns deles caranguejos de grande porte, fazem a sua aparição, havendo duas espécies que ultrapassavam os dois metros de comprimento. Alguns trilobites de grande dimensão também existiram neste tempo. Os peixes multiplicaram-se, sendo um traço distintivo desta era. Começam também a multiplicar-se as plantas terrestres, em preparação para a era Carbonífera que se seguiria. É neste período que surge pela primeira vez a verdadeira erva terrestre, começando com uma única espécie na parte inferior da formação e aumentando para várias espécies com o decorrer do tempo.

As algas marinhas e os musgos, até então, com uma ou duas exceções, não floresciam nem produziam sementes; contudo, surgem agora plantas com flores que, amadurecendo as suas sementes, propagavam a sua espécie tal como acontece nos dias de hoje, aumentando assim rapidamente a sua disseminação e área de influência.

Grande parte desta formação, pelo menos em locais extensos, foi depositada em águas doces de pouca profundidade; porém, a crosta terrestre afundava-se gradualmente à medida que a areia se acumulava, conferindo grande espessura à formação em certos pontos. Outras porções foram formadas no fundo de mares cujas águas eram salinas. O estudante de geologia não encontrará grandes dificuldades em distinguir estas formações pelos fósseis presentes, que diferem amplamente na sua natureza.

Os oceanos deste período estavam repletos de vida. Peixes, muitos deles com mais de seis metros de comprimento, percorriam as águas em perseguição de presas ou, de estômago cheio, aqueciam-se ao sol nos baixios ou junto à superfície. Os peixes de menor dimensão alimentavam-se de outros ainda mais pequenos, numa cadeia que se prolongava até aos mais diminutos, que subsistiam alimentando-se de animálculos — pois todos, sem exceção, tinham inimigos naturais.

Uma das particularidades desta época foi o surgimento de pequenas árvores, formando pequenos bosques. Onde os leitos de oceanos e lagos se haviam exposto devido a elevações graduais e consequente recuo das águas, formara-se solo fértil onde a vegetação podia enraizar-se. Estando as condições propícias, os espíritos sopram sobre os germes latentes no solo recém-preparado, e uma ordem superior de vegetação surge então.

Simultaneamente, apareceram insetos de várias espécies, enchendo os bosques de sons: os de maior dimensão emitiam notas semelhantes às do grilo e da cigarra dos tempos atuais; os mais pequenos enchiam o ar com um zumbido rítmico, não muito diferente do que se ouve hoje em dia nos bosques durante o verão.

O batráquio anteriormente mencionado, que surgira no final do Siluriano, continua presente nesta fase, sendo agora acompanhado por outro membro da mesma família, de maior dimensão. O primeiro media cerca de trinta centímetros, com cabeça semelhante à de uma rã, corpo de aparência reptiliana coberto de pequenas escamas e membros

anteriores bem formados, enquanto os posteriores estavam ainda pouco desenvolvidos. O segundo atingia cerca de sessenta centímetros, com corpo mais robusto, membros bem desenvolvidos e cauda mais curta. Eram anfíbios e preferiam como habitat os estuários pouco profundos onde confluíam águas doces e onde a vegetação era abundante, pois as plantas aquáticas haviam evoluído de uma única espécie de alga para junco e duas ou três gramíneas aquáticas, sendo aí que estes batráquios costumavam viver.

Os caracóis terrestres e marinhos (gasterópodes) surgiram e multiplicaram-se rapidamente, formando grandes acumulações de conchas. No entanto, a fragilidade das mesmas impediu a preservação significativa dos seus fósseis, embora, em condições favoráveis, muitos possam ainda ser encontrados.

Por volta da metade deste período, a vegetação começa a crescer de forma exuberante e muitas novas formas surgem. Entre elas destacam-se as fetas (ou samambaias) e pequenas coníferas, de duas espécies, que prosperaram consideravelmente. Outras espécies desenvolveram-se em todos os locais propícios. Entre estas novas formas encontra-se a primeira palmeira — a *Sigillaria*, assim nomeada pelos geólogos atuais — que atingia cerca de nove metros de altura, com um tronco cilíndrico, liso e sem ramos, mas com uma coroa de folhas plumosas no topo, semelhante a algumas palmeiras modernas. As marcas deixadas pelas folhas ao caírem, à medida que a planta envelhecia e crescia, ficaram bem visíveis, levando à suposição de que se tratava de um feto. Na era Carbonífera, a *Sigillaria* atingiria alturas bem superiores.

O ferro — o metal mais útil ao homem — começa a evidenciar-se neste período. A cor avermelhada predominante da rocha deve-se à sua presença. Encontrava-se em solução nas águas sob as quais os estratos de arenito foram depositados e impregnava a areia a tal ponto que, ao endurecer em rocha, esta adquiria a sua tonalidade característica.

Muitos estuários e baías costeiras, bem como massas de água menores, estavam tão saturados de ferro que a vida animal mal podia aí subsistir, o que explica a escassez de fósseis em largas porções desta formação.

O clima, durante este período, foi na sua maioria ameno e agradável em grande parte da Terra. As águas, salvo raras exceções e em reduzido volume, haviam-se tornado bastante mais frescas, devido ao progressivo espessamento da crosta terrestre e à diminuição das erupções de matéria fundida do seu interior. As alterações geológicas prosseguiam, mas os movimentos sísmicos tornaram-se mais ordenados e limitados a certas regiões.

Se assim não fosse, a existência das muitas novas — e antigas — formas de vida animal, bem como o crescimento da flora, teria sido posta em causa. Estas formas vegetais surgiram em preparação para o impressionante desenvolvimento da vida vegetal que ocorreria com a transição da formação de arenito para a era carbonífera.

Já no final desta era, a vida vegetal havia-se expandido de tal forma que, em algumas regiões isoladas, formaram-se finos estratos carboníferos, premonitórios do tempo em que o Infinito, pela ação das suas leis e com a colaboração dos espíritos que as administravam, prepararia e armazenaria para o uso do homem uma fonte praticamente inesgotável de combustível — ou, se não inesgotável, pelo menos suficiente para satisfazer as suas necessidades até ao momento em que a natureza e a ciência proporcionassem uma alternativa. Pois, afirmemos com clareza: nenhuma necessidade real e legítima da humanidade deixa de ser suprida, como amplamente demonstrado pela história do passado.

O homem, fisicamente, é filho da Terra; espiritualmente, é filho de Deus, e todas as suas necessidades racionais serão satisfeitas, aqui e no além, pelo seu Pai Infinito, cujos espíritos tutelares preenchem todos os abismos e aliviam todos os fardos que nos cabe suportar — transformando cada provação num elemento de força, fazendo com que o sol da felicidade rasgue as nuvens mais escuras da tristeza, e flores desabrochem ao longo do caminho antes coberto de espinhos. Toma, pois, ânimo, ó homem, pois esta peregrinação de poucos — e por vezes dolorosos — anos de provações não é tudo o que a vida tem para oferecer.

Quando a formação do Velho Arenito Vermelho foi concluída, estavam reunidas todas as condições para mais um avanço no desenvolvimento da Terra; contudo, antes que o processo pudesse prosseguir de forma contínua, era necessário operar diversas transformações à superfície do planeta. Onde outrora os oceanos dominavam, era necessário fazer surgir terra firme e fazer desaparecer montanhas; e onde, durante eras, a terra permanecera exposta aos elementos que desgastavam a rocha e forneciam a matéria siliciosa para a formação recém-terminada, as ondas do oceano estavam destinadas a rugir durante novas eras, depositando sucessivamente novas formações, camada sobre camada.

A realização destas transformações exigiu longos períodos de tempo, pois não se tratou de elevações ou subsidências bruscas da crosta terrestre. Tal como os leitos oceânicos haviam afundado lentamente enquanto o arenito se acumulava em espessura, assim também se elevaram, de forma gradual, uma vez terminado esse processo, permitindo à vegetação invadir progressivamente as zonas húmidas e enraizar-se no lodo macio, onde podia estabelecer-se firmemente e proteger o lodo viscoso dos raios solares, que de outro modo o secariam prematuramente.

Passam-se eras, e onde grandes massas de água haviam coberto a crosta, encontramos agora vastos pântanos repletos de plantas aquáticas e semi-aquáticas; nas margens, que outrora delimitavam os corpos de água e agora formavam os limites dos pântanos, cresciam plantas terrestres e pequenas árvores, muitas das quais coníferas pertencentes à família dos pinheiros. As flores desabrochavam e as sementes amadureciam. Existiam já numerosas plantas decíduas, embora ainda fossem escassas as árvores de folha caduca.

As plantas que completavam rapidamente o seu ciclo de vida e tombavam no solo enriqueciam-no, preparando-o para ordens superiores de vegetação que viriam a suceder-

lhes, quando se iniciasse a era Carbonífera — sendo este o período de transição entre o Velho Arenito Vermelho e o Carbonífero, já anteriormente referido, quando, em alguns locais, se começou a formar um fino depósito carbonífero nas fases finais da formação arenítica.

Durante este período de transição, os insetos multiplicaram-se significativamente. Borboletas esvoaçavam de flor em flor, e o ar vibrava com a presença de pequenos insetos alados. Vermes proliferavam no solo lamacento, enquanto outros se alimentavam da vegetação. A vida animal também aumentou, surgindo muitas novas espécies, cada uma desempenhando o seu papel no grande drama da Natureza; porém, não nos deteremos na sua descrição, uma vez que os fósseis deste período são abundantes e bem preservados, permitindo ao estudioso investigá-los e tirar as suas próprias conclusões.

Foi também durante este período que se formou a maior parte do Calcário de Montanha, em preparação para o uso futuro pelo homem. É verdade que já na era Siluriana se haviam formado grandes depósitos de calcário, igualmente úteis, mas esse calcário é geralmente de textura grosseira, contendo frequentemente uma elevada percentagem de areia, o que, ao ser calcinado, resulta numa coloração demasiado escura para muitas aplicações. Já o Calcário de Montanha, isento em grande medida desses defeitos, revela-se consideravelmente mais útil à espécie humana.

Uma outra função importante deste calcário, no contexto da edificação do mundo, reside na sua suavidade quando em contacto com águas correntes — desgasta-se facilmente, é dissolvido e transportado pelas correntes até pontos carentes de matéria calcária, sendo aí depositado, em forma de sedimento, quando as águas transbordam os seus leitos, suprindo assim uma necessidade que dificilmente poderia ser satisfeita de outra forma.

Quando rico em fósseis, como frequentemente acontece, este calcário, uma vez enterrado, torna-se um excelente fertilizante para solos demasiado ácidos — algo que o calcário siluriano, como os ensaios demonstram, não consegue fazer. Além disso, quando dissolvido na água usada para cozinhar e beber, o calcário entra no organismo, passa pelo processo digestivo e, ao alcançar os intestinos, é absorvido pelos vasos quilíferos, integrando-se no sangue e contribuindo para o fortalecimento e a formação dos ossos. Outras utilizações deste material ocorrerão certamente ao leitor atento.

Nada dissemos até aqui sobre a duração necessária para completar cada um destes períodos criativos, pois, em termos de anos, tal como hoje os calculais, o tempo seria demasiado extenso para ser aceite como verosímil. Além disso, é preferível deixar essa estimativa aos cientistas durante mais alguns anos. Bastará afirmar que o tempo necessário para depositar e completar a série de rochas do Velho Arenito Vermelho foi superior ao que o mais generoso dos geólogos atribuiria à totalidade das rochas que compõem a crosta terrestre.

O clima, neste período de transição, era maioritariamente quente e chovia com abundância, mantendo a vegetação saudável e exuberante; contudo, a atmosfera estava fortemente saturada de ácido carbónico, boa parte do qual foi absorvida pelo calcário formado durante o intervalo entre o final da era do Velho Arenito Vermelho e o início da era Carbonífera propriamente dita.

Além dos dois batráquios já referidos como pertencentes ao Velho Arenito Vermelho, surgiu, no final deste período de transição, um outro, de maiores dimensões. Media cerca de um metro e vinte de comprimento, possuía quatro membros bem desenvolvidos e sentia-se quase tão à vontade em terra como na água. Apresentava algumas características saurianas, embora fosse verdadeiramente um batráquio. Era, contudo, uma antevisão do Sauriano que em breve surgiria.

Devido às intensas chuvas e à consequente subida dos cursos de água — pois já então existiam sistemas fluviais regulares, tal como hoje — depositaram-se camadas de argila em locais baixos onde as águas turvas se acumulavam. Existiam numerosos lagos pouco profundos, de várias dimensões, que dependiam da chuva para manter o seu nível.

E agora, prosseguimos para a próxima etapa...

CARBONÍFERA

Uma vista da superfície da Terra nesta época não revelaria grandes cordilheiras montanhosas. Vulcões de altura moderada encontravam-se distribuídos pela superfície do planeta, a maioria expelindo chamas e fumo; mas, durante um longo período, não ocorreram grandes erupções de lava, pois os lentos movimentos de soerguimento e abatimento impediram que a crosta terrestre pressionasse o material incandescente do interior ao ponto de provocar uma pressão violenta dos gases contra a rocha envolvente. Os vulcões, funcionando como válvulas de escape, permitiam que os gases se libertassem para a atmosfera, onde já não podiam causar danos.

Havia diversas cadeias de colinas, na sua maioria de pouca elevação, sobre as quais se havia acumulado alguma quantidade de solo, permitindo o crescimento de ervas, arbustos, árvores e plantas. As árvores eram, em grande parte, coníferas anãs (pinheiros), com ocasional presença de Sigillarias de pequena dimensão, nenhuma ultrapassando os seis metros de altura. As ervas eram rústicas, mas floriam e produziam sementes. Os arbustos pertenciam às mesmas famílias das árvores, sendo apenas variedades menores destas. Algumas plantas com flores exibiam as suas cores entre as ervas, e borboletas esvoaçavam alegremente entre elas. Um grande grilo e várias espécies de gafanhotos cantavam entre as ervas ou voavam na atmosfera enevoada, pois o grilo, tal como o gafanhoto, possuía asas.

A visão mais grandiosa, contudo, era oferecida pelos pântanos e terrenos planos, onde a vegetação florescia com exuberância.

Mais de cinquenta variedades de Sigillaria erguiam os seus troncos cilíndricos no ar, cujas copas emplumadas ondulavam graciosamente ao vento. Algumas destas árvores atingiam vinte e cinco metros de altura, enquanto outras variedades ou membros da mesma família apresentavam uma altura entre quatro e vinte e um metros.

Junças gigantescas cresciam como árvores, enquanto fetos de quase infinita variedade estendiam as suas frondes em direção à luz que, filtrada pelas copas das Sigillarias, os banhava em tons de dourado avermelhado. Alguns fetos desta era alcançavam doze metros de comprimento, outros apenas alguns centímetros, enquanto outros ainda lançavam para o ar um caule escamoso de quatro ou cinco metros, coberto no topo por folhas e assumindo o porte de pequenas árvores.

Muitas plantas com flor cresciam nos solos pantanosos, quase todas de tons vermelhos, variando do rosa-pálido ao púrpura, libertando perfumes no ar — fragrâncias que apenas os insetos e borboletas podiam apreciar, pois o ser humano ainda não havia pisado a Terra que, entretanto, se preparava para o acolher.

Nas águas rasas, cresciam juncos e ervas aquáticas rudes, juntamente com algumas plantas de aspeto liliáceo, todas a cumprir a sua função preparatória, ocupando cada centímetro de espaço disponível com raízes e vegetação luxuriante. Alguns batráquios arrastavam-se até às margens lamacentas para se aquecerem ao tímido sol filtrado, antes de voltarem à água em busca de alimento.

Isto é apenas uma descrição parcial do que poderia ter sido visto, naquela época, em várias regiões espalhadas pela superfície do globo. Alguns destes pântanos eram de vastas dimensões, enquanto outros ocupavam apenas pequenas bacias de poucos quilómetros quadrados. Todos, no entanto, correspondem às camadas mais profundas de carvão tal como hoje as encontramos.

Com o passar das eras, esta vegetação prolífica continuava a crescer até à maturidade, envelhecer e, por fim, morrer e cair no solo, onde se tornava útil para as gerações seguintes ao enriquecer o solo e facilitar o seu crescimento — até que chegava o momento da mudança. Então, os espíritos supervisores punham a crosta em movimento. Lentamente, os pântanos e a vegetação afundavam-se, sendo cobertos por águas pouco profundas, deixando as árvores e grande parte da vegetação ainda expostas.

A atmosfera, carregada de ácido carbónico, era perturbada por atividade elétrica: nuvens negras cobriam o céu, relâmpagos cintilavam sem cessar e os trovões ribombavam, fazendo a terra tremer. A eletricidade terrestre encontrava-se com a celestial junto à superfície; o ar tornava-se tão ozonizado que a atmosfera sobre os pântanos, rica em gases, inflamava-se, e as chamas consumiam rapidamente a vegetação. No entanto, antes de se reduzir a cinzas, o ozono — oxigénio puro — esgotava-se, e as plantas carbonizadas, caindo nas águas rasas, eram levadas para camadas mais fundas, onde ficariam soterradas

por outros sedimentos. Agora carbonizadas, a pressão das camadas que se formariam sobre elas acabaria por transformá-las em carvão, tal como hoje é utilizado pelo ser humano.

Nos estuários dos rios dessa época, durante as cheias, o material vegetal ali depositado acumulava-se e, após um certo tempo, transformava-se em linhite — madeira parcialmente carbonizada, também chamada por alguns cientistas de carvão mineral. No entanto, a menos que houvesse atividade vulcânica próxima, capaz de fornecer o calor necessário, a linhite permaneceria sempre nesse estado. Além disso, considerando os vastos depósitos de carvão existentes na Terra, a teoria proposta pelos geólogos torna-se insustentável, pois o sistema fluvial da Era Carbonífera não era tão extenso quanto o atual. Havia muitos pequenos cursos de água, mas poucos rios de grande porte, pois para manter rios volumosos como os que hoje conhecemos são necessárias cadeias montanhosas elevadas, e estas não existiam nessa era.

Adicionalmente, embora já tenham sido explorados vastos depósitos de carvão, outros ainda mais extensos serão encontrados em regiões ainda inexploradas nesse sentido. Foi armazenada uma quantidade suficiente deste valioso recurso para satisfazer todas as necessidades humanas até que o ser humano atinja um nível de desenvolvimento tal que lhe permita exigir — por necessidade — um substituto superior ao carvão. E essa exigência será atendida, disso o leitor pode estar certo.

Poderíamos perguntar aos vossos cientistas: "Se o calor que, segundo afirmam, carbonizou as plantas e árvores que deram origem ao carvão veio de baixo, por que motivo as raízes das Sigillarias (erradamente chamadas de Stigmarias), encontradas na argila sob as camadas de carvão, raramente se encontram transformadas em carvão e nem sequer se apresentam achatadas pela pressão?" A resposta é clara. A vossa teoria não passa de uma especulação sem base factual, pois o calor não poderia ter realizado esse processo a menos que tivesse vindo das profundezas da Terra — e, nesse caso, as Stigmarias, sendo as primeiras a ser atingidas, deveriam ter sido transformadas em carvão antes de tudo o resto, o que manifestamente não aconteceu.

"Mas", perguntareis, "como foram então formados os diferentes tipos de carvão, se o fogo foi o primeiro a carbonizar a vegetação?" Respondemos que o carvão duro, ou antracite, foi formado do mesmo modo que o betuminoso, mas as florestas que lhe deram origem cresceram em terrenos mais elevados e, portanto, mais secos. O calor do incêndio foi mais intenso e, quando o oxigénio ou o ozono se esgotou, a atmosfera densa e o ácido carbónico abafaram as chamas, agindo como a cobertura de terra num forno de carvão, permitindo que o processo de carbonização prosseguisse até que a matéria betuminosa fosse quase totalmente eliminada. Desta forma, formaram-se todos os diferentes tipos de carvão que hoje existem, com possíveis exceções ocasionais em que a linhite foi afetada pelo calor interno da Terra.

Tendo já exposto o modo como o carvão se formou, não acompanharemos aqui as diferentes formações à medida que foram sendo depositadas, mas chamamos a atenção

para o facto de que a teoria defendida por alguns químicos — segundo a qual "a madeira enterrada na terra, exposta à humidade e privada de ar, se decompõe lentamente e liberta gás carbónico, perdendo assim parte do seu oxigénio, o que a converte gradualmente em linhite; que uma decomposição continuada transforma a linhite em carvão betuminoso comum pela libertação de gás hidrogénio carbonado; e que uma decomposição ainda mais prolongada a transforma em antracite, etc." — é errónea, com a exceção de que, de facto, uma linhite de qualidade muito inferior pode por vezes formar-se deste modo, mas apenas de forma muito limitada, e essa decomposição raramente, ou nunca, prossegue ao ponto de gerar carvão verdadeiro.

Neste contexto, e sem nos aprofundarmos mais sobre a flora e fauna do período Carbonífero, abordaremos o tema do óleo mineral ou óleo de carbono (comumente chamado "óleo de carvão"), pois este produto da Terra é frequentemente tratado de forma superficial pelos geólogos, havendo diversas opiniões sobre a sua origem. Alguns defendem que se trata exclusivamente de uma substância de origem animal, enquanto outros consideram que resulta de uma origem mista — vegetal e animal.

Entre as árvores e plantas da era Carbonífera existiam muitas espécies produtoras de óleo, especialmente as coníferas (pinheiros). As sigillarias também possuíam, até certo ponto, propriedades oleaginosas, tal como a maioria dos fetos, lírios e muitas pequenas plantas semelhantes às atuais mentas. De facto, as plantas não oleaginosas eram a exceção e não a regra, pois o desígnio era armazenar uma quantidade suficiente de óleo para suprir as necessidades dos filhos do Infinito, quando os restantes recursos se encontrassem esgotados total ou parcialmente.

Assim, quando a vegetação foi carbonizada pelo fogo, conforme já relatado, apenas uma pequena parte do óleo foi consumida, tendo sido o restante apenas vaporizado, para depois se condensar na atmosfera e voltar a cair sobre a matéria vegetal carbonizada após o arrefecimento dos incêndios. Este óleo, juntamente com aquele que não fora volatilizado e com grandes quantidades produzidas pela decomposição da vegetação ao longo de eras, saturou completamente a madeira carbonizada, que o absorveu facilmente.

Com o passar do tempo, o peso imenso das camadas superiores pressionou o óleo para fora, levando-o a infiltrar-se em fissuras e cavidades das rochas, que se tornaram reservatórios naturais para a sua preservação. Alguns destes reservatórios, situados em pontos elevados de colinas ou montanhas, encheram-se a ponto de transbordar; o óleo então escapou, surgindo em níveis mais baixos sob a forma de nascentes ou, onde permaneceu em zonas deprimidas da superfície durante longos períodos, formou lagos de betume, cujas partes mais fluidas se evaporaram.

A nossa explicação é corroborada pela química, que comprova que todos os produtos do óleo de carbono podem ser obtidos por destilação destrutiva do carvão betuminoso. A parafina, produto ceroso do óleo de carbono, é praticamente idêntica à parafina obtida pela

destilação e manipulação química das resinas extraídas das coníferas (pinheiros) que hoje crescem na Terra.

Além disso, as cores anilinas obtidas a partir do óleo de carbono também são extraídas pela manipulação química do carvão, o que confirma outra posição que defendemos: nada é verdadeiramente destruído ou perdido. Essas cores anilinas são, na verdade, as cores das flores que floresceram naquele longínquo período.

Embora tenham desaparecido aparentemente destruídas pelo fogo e pela decomposição, haviam absorvido do sol os raios necessários à formação das suas cores, concentrando-os. E mesmo após desaparecerem da vista, ficaram encerradas durante eras nas camadas escuras do carvão. Quando o químico aplica o seu saber sobre essas substâncias, liberta-as; o tintureiro utiliza-as e a humanidade embeleza-se vestindo roupas tingidas com essas mesmas cores.

Mais ainda, acreditamos que o próprio perfume que essas flores maravilhosas do período Carbonífero exalavam pode ser, e efetivamente é, extraído do óleo de carbono e do carvão, sendo usado isoladamente ou misturado com os perfumes das flores atuais. Então, materialista, se algo tão delicado como o perfume de uma flor não pode ser destruído, será plausível acreditar que o ser humano — filho do Infinito, dotado de razão e capacidade de evolução —, ao deixar o seu corpo frágil, desapareça para sempre? A nossa resposta é: NÃO, enfaticamente NÃO.

Mas há mais. A luz do sol que atravessava a atmosfera enevoada daquele período fascinante da história da Terra foi absorvida e concentrada pelas folhas das árvores e plantas, pelas agulhas dos pinheiros e pelas frondes dos fetos, sendo armazenada sob a forma de carbono. Hoje, o ser humano ilumina as suas casas, fábricas e cidades à noite com essa mesma luz que brilhou apenas durante o dia, milhões de anos antes de o primeiro homem pisar o solo terrestre.

Alguns cientistas poderão objetar que, por vezes, se encontra matéria animal no óleo de carbono, segundo análises químicas; que o óleo pode ser visto a pingar de antigos recifes de coral em certas regiões; ou que é encontrado em rochas do período Siluriano, presumivelmente de origem animal. A nossa resposta é que seria, de facto, estranho se o óleo proveniente de níveis superiores não acabasse por infiltrar-se através das camadas intermédias até alcançar as rochas Silurianas, saturando-as e, ao contactar com óleos de origem animal, misturando-se com eles. Quando se encontra fibrina animal no óleo de carbono, foi por este processo que passou a fazer parte da sua composição.

Afirmamos ainda que o óleo que se encontra a pingar de recifes de coral e a encher antigas cavidades de coral chegou até esses recifes a partir do carvão, e que fenómenos desta natureza nunca serão observados longe de depósitos de carvão betuminoso. Também, que rochas Silurianas examinadas a grandes distâncias de depósitos de carvão ou regiões

petrolíferas — salvo se houver folhelhos carboníferos nas proximidades — estarão completamente isentas de vestígios de óleo de carbono.

Durante este período, os insetos aumentaram em número e variedade, surgindo também novos batráquios, bem como os primeiros ofídios (serpentes), tanto terrestres como aquáticos. Estes primeiros répteis não eram grandes, medindo entre sessenta e noventa centímetros de comprimento. A ornitologia teve aqui o seu primeiro representante terrestre na forma de uma pequena ave limícola, que os vossos naturalistas classificariam entre os Grallae. Estas aves tinham cerca de trinta centímetros de comprimento, desde o bico longo e afiado até à cauda curta e quadrada, e surgiram aproximadamente a meio do período.

Já perto do fim do Carbonífero, nas chamadas camadas superiores de carvão, surgiu o primeiro verdadeiro sauriano. Com cerca de um metro e meio de comprimento, assemelhava-se muito aos atuais, habitando pântanos atravessados por cursos de água, onde construía ninhos com juncos e outros materiais vegetais. Alimentava-se de peixes, insetos e, sempre que possível, serpentes.

O maior animal de carácter anfíbio que existia nesta época era um batráquio com cerca de um metro e oitenta de comprimento, excluindo a cauda, que media cerca de noventa centímetros e era bastante forte. O corpo, largo (com aproximadamente setenta e cinco centímetros de largura), tinha uma forma semelhante à de um sapo, mas era coberto por escamas como um sauriano, apresentando protuberâncias grandes na cauda e outras menores até meio das costas. Sentia-se igualmente à vontade em terra ou na água, e possuía quatro dedos nas patas dianteiras e cinco nas traseiras.

Os oceanos, nos quais se depositaram os calcários deste período, estavam repletos de peixes, muitos dos quais pertenciam a novas variedades. Os moluscos tornaram-se também muito mais numerosos, com o aparecimento de muitas espécies novas. Os anelídeos proliferavam, assim como escaravelhos, um membro da família dos escorpiões, e três espécies de formigas, sendo que uma delas possuía asas. Caracóis — tanto terrestres como aquáticos — embora em menor número, também faziam parte da diversidade de vida.

Havia pequenos lagartos em terra, uma variedade dos quais vivia quase exclusivamente nas árvores, alimentando-se de insetos. Lagartos aquáticos eram raros nos grandes pântanos, mas abundavam nos pequenos riachos de águas correntes. Muitas libélulas (Neuroptera), algumas de grande dimensão, esvoaçavam sobre a água e entre a vegetação. Contudo, como investigações futuras confirmarão tudo o que aqui referimos sobre as diferentes formas de vida do período Carbonífero, passaremos agora ao sistema seguinte, não sem antes mencionar o clima e as transformações ocorridas nessa época.

O clima do período Carbonífero era geralmente quente e húmido, embora tenha começado a arrefecer perto do final. De facto, o gelo já se estava a formar nos polos — fenómeno que teve início aproximadamente na altura em que se depositou a primeira

camada de carvão — e foi aumentando gradualmente, avançando em direção à zona temperada, como hoje a conhecemos. O gelo acumulava-se mais rapidamente no hemisfério norte do que no sul, mas só teve um impacto significativo no clima pouco antes de o Carbonífero chegar ao fim.

Com todas as condições preparadas para garantir ao futuro ser humano uma abundância de combustível, carbono e óleo, começaram a ocorrer movimentos geológicos peculiares. As florestas carbonizadas e os pântanos fétidos, com toda a vegetação que continham, começaram a afundar-se, enquanto os leitos oceânicos começaram a elevar-se. Estes movimentos ocorreram sem convulsões ou terramotos, pois tal teria causado grande destruição da vida animal — o que não era desejado.

À medida que a terra se afundava e os fundos marinhos emergiam, as águas salinas invadiam lentamente algumas zonas e, noutras, avançavam com violência, arrastando tudo consigo e soterrando, a muitos metros de profundidade, terras que durante eras haviam recebido a luz do sol e sustentado uma vegetação tão exuberante quanto a que hoje se encontra nas regiões tropicais mais férteis. Foi então proferido o decreto:

"Mais uma fase do nosso trabalho está concluída — preparemo-nos para a nova tarefa escondendo sob as águas o que foi feito, antes de recomeçarmos." Assim disseram os espíritos operários, e o Ser Angélico deu o seu assentimento, emitindo a ordem. E assim foi: cada mudança ocorreu de forma silenciosa e harmoniosa.

A Terra apresentava então um aspeto desolador. A maior parte da sua vegetação tinha desaparecido, e em seu lugar viam-se vastas áreas de lodo macio, muitas vezes repleto de conchas, expostas ao ar e ao sol. Aqui e ali, um peixe grande e muitos pequenos lutavam pela vida em depressões onde restava alguma água, prestes, no entanto, a evaporar-se.

Nos locais onde as ondas antes se sucediam como leviatãs em brincadeira, haviam surgido cadeias de colinas rochosas, de cujas encostas brotavam nascentes de água doce, formando ribeiros límpidos que escavavam canais no solo lamacento à medida que se dirigiam ao oceano distante. Os batráquios, mais afortunados do que os peixes por conseguirem viver temporariamente sem água, encontraram o caminho até esses ribeiros e adaptaram-se a eles — tal como fizeram muitas outras criaturas destinadas a continuar a sua existência no período seguinte.

A desolação, no entanto, não pôde reinar por muito tempo sobre a Terra. Sementes de várias espécies de árvores e plantas haviam sido arrastadas para os oceanos por inúmeros cursos de água, sendo amplamente espalhadas pelos fundos marinhos. Quando o ar, a luz solar e as chuvas refrescantes atuaram sobre elas, germinaram, criaram raízes e rapidamente uma paisagem encantadora surgiu: o lodo inestético ficou coberto por vegetação viva, verde e por flores de múltiplas tonalidades. Surgia assim a aurora do Novo Arenito Vermelho, ou Era Pérmica, com as muitas novas formas de vida que gerou — das quais falaremos apenas brevemente, pois urge avançarmos rumo ao nascimento do ser

humano, deixando aos geólogos e naturalistas a tarefa de, com os abundantes fósseis deste período, reconstruírem os animais que habitaram a terra e os mares, descreverem a vegetação que sucedeu à do Carbonífero e instruírem os seus semelhantes sobre tudo isso.

Os calcários do Novo Arenito Vermelho constituem um avanço em relação aos anteriormente depositados. O gesso foi agora, pela primeira vez na história do planeta, depositado para que, no futuro, pudesse ser utilizado pelo homem na agricultura e nas artes. Calcários magnesianos também ocupam o seu lugar, suprindo uma necessidade que as rochas mais grosseiras não podiam satisfazer.

Na vegetação, as plantas endógenas (cujas estruturas crescem de dentro para fora) cederam lugar às exógenas (crescente de fora para dentro), que passaram a predominar amplamente, sendo as coníferas as mais abundantes. As sigillarias, tendo cumprido o seu papel, embora ainda presentes neste período, eram já escassas e limitadas a regiões restritas, desaparecendo pouco depois. Os fetos continuaram a existir, com muitas espécies, incluindo fetos-arbóreos, embora nenhum atingisse o tamanho dos maiores exemplares da era Carbonífera. As canas e juncos diminuíram de tamanho e alteraram-se em carácter, sendo substituídos por lírios-dos-pântanos em muitos lugares. A vegetação de menor porte pouco mudou — e, onde mudou, foi para melhor: as gramíneas tornaram-se mais finas e gradualmente mais nutritivas.

As formas de vida animal que transitaram do Carbonífero foram aumentadas por outras novas. Os batráquios estavam representados por várias ordens ou espécies de grande tamanho. O único sauriano anteriormente existente deu agora lugar a exemplares de maiores dimensões e formas peculiares — mas, dado que os seus fósseis são acessíveis e bem documentados, não os descreveremos aqui. Duas espécies de répteis voadores, conhecidos pelos vossos cientistas como Pterodáctilos, surgiram também; viviam tanto no ar como na água, mas eram desajeitados em terra, onde apenas se aventuravam junto à água.

Nos oceanos, surgiram os primeiros mamíferos, na forma do golfinho e de uma espécie de marsuíno (ou toninha). Em terra, apareceram dois marsupiais, já perto do final do período. O maior desses mamíferos com bolsa tinha aproximadamente o tamanho de um canguru atual. O menor, de porte semelhante a um rato adulto, vivia perto da água e entrava nela com frequência à procura de pequenos crustáceos, de que era muito apreciador. O maior alimentava-se exclusivamente de vegetais.

Várias aves, para além da limícola do Carbonífero, também surgiram, enriquecendo a diversidade animal. A maior delas tinha cerca de dois metros de altura, membros fortes, pés robustos e um corpo pesado. As suas asas não eram apropriadas ao voo, mas ajudavam-na a correr. Assemelhava-se à família das avestruzes, embora com um corpo proporcionalmente mais volumoso. Frequentava as margens arenosas de baías e rios, alimentando-se de crustáceos, peixes, répteis, e de matéria animal e vegetal em geral. Os

seus rastos ficaram marcados na areia, e prevemos que investigações futuras trarão à luz alguns dos seus restos fósseis.

Nesta formação geológica encontram-se também depósitos de sal-gema, ou seja, de sal comum, a maior parte dos quais resultou da evaporação de águas salgadas. Quando os fundos oceânicos se elevaram no fim da era Carbonífera, permaneceram muitas depressões cheias de água, mesmo após os grandes volumes terem sido drenados para os novos leitos formados sobre a matéria vegetal carbonizada. Algumas dessas depressões eram grandes e profundas. Expandidas sob os raios solares, num clima então muito quente, a água evaporava, deixando o sal.

Algumas encontravam-se perto da costa, separadas apenas por bancos baixos, permitindo que as marés mais altas, causadas por tempestades, as enchessem repetidamente — o processo de evaporação continuava e formavam-se grandes depósitos. Como tudo na Terra, ou no seu interior, foram feitos para uso humano, e ainda hoje o homem colhe os seus benefícios. Esses depósitos encontram-se, sob a forma de sal sólido ou água salgada, em locais onde outras fontes de sal não estão facilmente disponíveis — pelo menos não o estavam antes das atuais facilidades de transporte. Um pouco de reflexão basta para convencer o leitor deste facto.

O clima no final deste período era algo mais quente do que no início. A atividade vulcânica no Pólo Norte derreteu grande parte do gelo, que flutuava para sul e se fundia em latitudes mais quentes. Uma nova transformação estava prestes a ocorrer: as forças interiores, até então silenciosas salvo em regiões vulcânicas, preparavam-se para mostrar que a sua energia não estava esgotada.

Os espíritos da criação preparavam-se para remodelar a superfície terrestre uma vez mais, antes de dar origem a ordens superiores de vida, tanto animal como vegetal. Para isso, seriam necessárias grandes cadeias montanhosas, concebidas como divisores de águas para alimentar inúmeros rios, os quais transportariam matéria aluvial para os vales e iniciariam o seu enchimento em preparação para a chegada do ser humano.

Antes de abordarmos essas novas mudanças, importa esclarecer que, ao referir os mamíferos marinhos que apareceram neste período, não consideramos o golfinho e o marsuíno como sendo o mesmo, embora ambos sejam vulgarmente chamados porpoises (toninhas). O marsuíno pertence ao género *Phocoena*, enquanto os golfinhos pertencem ao género *Delphinus*, distinguindo-se pelo bico e por terem um número maior de dentes. É certo que pertencem à mesma família, mas são espécies distintas.

À medida que este período chegava ao fim, violentos terramotos abalaram a crosta terrestre, fazendo-a ondular e estremecer em várias regiões como as vagas do mar. Abriram-se grandes fendas por onde lava e rocha fundida, provenientes de diferentes camadas do subsolo, se precipitaram à superfície, formando novos tipos de rochas por combinação química. A atmosfera mantinha-se em constante agitação, assolada por

tempestades elétricas, durante as quais chuvas torrenciais caíam sem cessar. Os leitos oceânicos foram soerguidos, dando origem, em muitos casos, a cadeias montanhosas que ainda hoje existem, embora modificadas — as rochas azoicas e graníticas foram forçadas a atravessar as camadas superiores, alcançando a superfície e erguendo-se aos céus, onde ainda podem ser estudadas pelos geólogos.

Foi nesta fase que se formaram os maiores depósitos metálicos. Os gases, ao tentarem alcançar a superfície, eram capturados em fendas e ali se condensavam: a prata formava-se sobretudo como cloretos e sulfuretos, raramente em estado metálico; o ouro, muitas vezes em forma metálica, tal como o cobre em algumas regiões. Ouro e prata, tendo grande afinidade com o quartzo, encontram-se geralmente associados a este mineral. Onde o ouro é encontrado no solo ou em depósitos de cascalho, trata-se de material libertado pela decomposição do quartzo, posteriormente arrastado para onde hoje é recolhido. Todos os metais surgiram por este processo — e ainda continuam a formar-se —, pois as necessidades da humanidade serão sempre satisfeitas por uma oferta abundante e generosa.

As tempestades elétricas prolongaram-se durante muitos anos. Os relâmpagos dançavam em redor e sobre os picos das novas montanhas com brilho intenso, muitas vezes lançando raios contra as rochas, fragmentando-as em estilhaços, que as chuvas recolhiam e arrastavam em torrentes pelas encostas. As pedras maiores eram arredondadas, transformando-se em blocos rolados, enquanto outras eram desgastadas e levadas em solução até às zonas planas, onde se depositavam como sedimentos.

Se o homem já habitasse a Terra nessa altura, ter-se-ia por vezes convencido de que a atmosfera estava em chamas, tal era a intensidade e continuidade dos relâmpagos — necessários para purificar o ar dos gases mefíticos gerados pelas convulsões ocorridas. A atmosfera estava a ser preparada para animais respiradores de ar mais evoluídos do que qualquer um dos até então existentes. Estas tempestades elétricas, longe de serem destrutivas por acaso, eram expressão da sabedoria das forças criadoras, a cumprir os desígnios do Infinito.

Seguindo-se ao Novo Arenito Vermelho, e depositado sobre ele, encontramos o sistema geológico do Liásico ou Oolítico.

Grande parte das formas animais e vegetais da era anterior transitaram para esta, embora algumas tenham desaparecido, dando lugar a outras. Répteis tornaram-se mais numerosos e diversificados, alguns atingindo mais de 15 metros de comprimento, possuindo nadadeiras em vez de patas e peles nuas; outros estavam cobertos por escamas, como os atuais crocodilos e jacarés, aos quais estavam estreitamente ligados. Os lacertídeos (lagartos), que apareceram no Carbonífero e persistiram no Novo Arenito Vermelho, tornaram-se um elemento importante desta era, tanto em número como em variedade, dispensando aqui descrição.

Os pterodáctilos, outrora representados por apenas duas espécies, aumentaram agora para sete ou oito. O primeiro quelónio (tartaruga) surgiu neste período e foi sendo levemente modificado até chegar aos nossos dias.

Os oceanos, lagos e rios estavam repletos de peixes, e os moluscos surgiam em todas as suas classes, muitos deles de formas estranhas e conchas belamente coloridas — algumas das quais ainda hoje são encontradas em estado fóssil. Já perto do fim deste período, apareceram as primeiras aves aquáticas, pertencentes à família dos Anserídeos (gansos e patos), que se divertiam nas águas, onde eram frequentemente caçadas pelos pterodáctilos.

A vegetação era abundante: florestas, principalmente de coníferas, cobriam extensas áreas, e as mudanças na topografia tinham criado numerosas zonas baixas e pantanosas onde rapidamente voltou a brotar vegetação. Isso levou à formação de camadas de carvão, embora menos extensas do que as do Carbonífero. Nos pântanos, as aves aquáticas e outras começaram a multiplicar-se, e nas florestas surgiram representantes análogos às aves atuais, quebrando o silêncio antigo das florestas com seus chilreios e cantos.

Entre as aves aquáticas desse tempo havia uma grande espécie de asas atrofiadas, o primeiro tipo do que viria a ser o Dodó, que sobreviveu até tempos históricos mas hoje se encontra extinto, ou quase. A principal diferença entre este antecessor e o Dodó moderno era a extensão das vértebras até à cauda, onde as penas se fixavam — formando um elo entre as aves verdadeiras (Avis) dos nossos dias e os répteis voadores.

O Fim do Sistema Liásico e a Transição para o Terciário

Os marsupiais, com uma única adição de porte intermédio, continuam a existir ao longo deste sistema como os únicos mamíferos terrestres até perto do seu final, altura em que surgem os primeiros mamíferos verdadeiros da ordem dos paquidermes (de pele espessa), que persistem durante todo o Terciário. O maior destes paquidermes media cerca de 1,20 metros de altura, com corpo pesado, membros curtos e robustos, orelhas e olhos pequenos e uma tromba semelhante à do anta. O mais pequeno não ultrapassava os 60 cm de altura, tinha forma semelhante, mas a tromba era menos desenvolvida.

A característica mais notável desta época foi o imenso número de moluscos com concha desenvolvidos nos oceanos, muitos tão minúsculos que apenas podem ser identificados ao microscópio. Mas havia intenção no seu surgimento: sem eles, não teria sido possível formar a camada cretácea, e o homem ficaria sem giz, tão necessário nas artes, na medicina e noutras aplicações que o tempo revelaria.

O sistema cretáceo, ou formação do giz, está representado em muitas regiões do planeta, onde aflora livremente, permitindo frequente e exaustivo estudo, que comprovou inequivocamente que é composto quase inteiramente por conchas desses organismos microscópicos.

O giz foi a principal rocha depositada neste período, embora também se encontrem calcários, arenitos e areias verdes como parte integrante. Em algumas zonas oceânicas, especialmente em baías e margens, a água apresentava um aspeto leitoso, devido à destruição desses organismos e à fragmentação das suas conchas minúsculas pelas ondas ao chocarem com a costa ou rochedos.

A vegetação não prosperou tanto como no período anterior — muitas formas antigas desapareceram, dando lugar a novas variedades. A vida animal, por sua vez, floresceu, com muitas novas formas de aspeto peculiar. Os tubarões continuavam a sua ação predadora nos mares, onde surgiram agora os cetáceos verdadeiros (baleias de grande porte). Os peixes mais antigos iam desaparecendo, tendo já cumprido o seu papel preparatório, enquanto novos peixes, mais próximos dos atuais, começaram a afirmar-se.

Os répteis, embora ainda numerosos e de grandes dimensões, modificaram-se em forma, aproximando-se dos atuais representantes do grupo. Estavam, contudo, destinados a desaparecer no final deste período, tendo cumprido o seu papel no processo vital. A matéria que assimilaram e transformaram em vida continua a alimentar formas belas de vida animal e vegetal nos dias de hoje — e assim será no futuro —, pois esses grandes seres desempenharam um papel essencial na economia natural, purificando e preparando substâncias elementares para usos mais elevados.

Entre as novas formas vegetais surgem o carvalho (família *Quercus*), bordo (*Acer*), nogueira e pequenos salgueiros. O feto-arbóreo desaparece, substituído pela palmeira, embora de pequeno porte, mal suficiente para ser classificada como árvore. Os equisetos diminuíram bastante de tamanho, e as plantas com flor alteraram-se, assumindo características que lhes permitiram persistir até à atualidade. Surgem novas gramíneas, incluindo o Triticum e o Secale — o primeiro refere-se ao trigo, cevada e aveia (os "pães" da humanidade), o segundo ao centeio, embora nessa altura estas plantas fossem irreconhecíveis para o agricultor moderno. O arroz (Oryza) só apareceria mais tarde, já bem dentro do Terciário.

Os sismos tornaram-se menos frequentes e destrutivos do que no período anterior, mas os vulcões permaneceram ativos em várias regiões. As lavas, ao serem decompostas pela água e pelos elementos, contribuíram grandemente para a formação de solos férteis. O clima já não favorecia tanto a vegetação em latitudes extremas, pois o frio polar aumentava; no entanto, nas zonas tropicais e temperadas, o clima era salubre, com chuvas abundantes.

SISTEMA TERCIÁRIO

A transição do sistema Oolítico para o Terciário não ocorreu através de cataclismos, mas sim por uma mudança climática gradual. O gelo há muito se acumulava nos polos, e os ventos frios, soprando das latitudes elevadas, traziam consigo chuva e granizo, o que levou à extinção dos grandes répteis adaptados a climas quentes. A vegetação tropical, que antes prosperava até em zonas frias, foi em grande parte destruída — sendo, porém, substituída por espécies mais resistentes, muitas das quais ainda florescem hoje.

A atividade vulcânica era frequente — quase contínua em algumas regiões — como demonstram os registos geológicos deste período, onde se observam lavas e rochas fundidas misturadas com calcários, arenitos e gesso. A configuração da crosta terrestre alterou-se com afundamentos e elevações, mas de modo lento e sem grandes perturbações. As cordilheiras montanhosas continuaram a elevar-se, ainda que de forma gradual e discreta, sem impactos violentos na superfície terrestre — pelo menos durante a primeira fase do sistema.

Os cientistas dividem o Terciário em três fases:

- Eocénico (do grego *eos*, "aurora", e *kainos*, "recente")
- Miocénico ("menos recente")
- Pliocénico ("mais recente")

Não entraremos aqui nos pormenores destas divisões, pois aproximamo-nos do período mais interessante da história da Terra — o surgimento do ser humano — e não queremos estender este relato para além dos seus limites naturais. Além disso, qualquer bom manual de geologia fornecerá ao leitor as informações necessárias para julgar entre a ciência convencional e o que aqui é apresentado, que — embora posicione algumas formas de vida em épocas anteriores às tradicionalmente aceites — não fez mais do que relatar a verdade, a qual será confirmada por futuras investigações e análises mais rigorosas dos estratos antigos.

A vegetação do Terciário era abundante e amplamente distribuída, ao ponto de originar novas jazidas de carvão, sobretudo em zonas pantanosas. Contudo, essas formações são geralmente pouco espessas e o carvão é, em muitos casos, de qualidade inferior. Pode-se argumentar contra a explicação que aqui demos para a formação do carvão, com base nestes depósitos mais recentes.

Mas afirmamos que também estes se formaram da mesma forma: as diversas espécies de pinheiros, altamente resinados e, portanto, muito inflamáveis, foram frequentemente atingidas por relâmpagos durante tempestades elétricas — fenómeno bem conhecido ainda hoje. Não será então improvável imaginar que florestas inteiras, sobretudo em zonas pantanosas, tenham sido incendiadas por relâmpagos, especialmente considerando que um

desígnio infinito, regido por leis infalíveis, guiava a construção da Terra para uso dos seus futuros habitantes.

A vegetação encontrava-se em estado avançado, muitas das suas formas prenunciando as atuais, e algumas sendo já idênticas às presentes. Parte dessa flora já produzia frutos, destinados a alimentar as novas aves e animais que começavam a habitar a Terra. Os insetos eram abundantes, assim como os predadores naturais — aves e animais que deles se alimentavam — embora ainda em número limitado.

Os paquidermes (animais de pele espessa) haviam-se multiplicado em número e espécie. Entre eles destacavam-se o Mamute e o Mastodonte, imensos elefantes cobertos de pelos, que percorriam florestas e planícies tanto antes como depois da Era Glacial (ou período do "Drift").

Havia também inúmeros paquidermes menores, incluindo o cavalo, o rinoceronte e duas espécies de elefantes menores que o Mamute e o Mastodonte, indígenas da América, circulando principalmente nas regiões situadas entre as Montanhas Rochosas e a cordilheira de Nevada, separadas então por um mar interior. O Mamute e o Mastodonte, porém, eram comuns também no norte da Ásia e da Europa, onde os seus fósseis são encontrados — embora tenham desaparecido mais cedo nesses continentes, vitimados por uma grande inundação seguida de frio intenso.

Outros quadrúpedes, como ursos, tigres, lobos e cães, bem como todas as famílias caninas e felinas, surgiram neste período. As hienas, hoje restritas a África, habitavam grande parte da Europa, sendo comuns na Grã-Bretanha, que à época ainda estava ligada ao continente, sem o canal que hoje as separa.

A família bovina, assim como os veados, alces, renas, carneiros e cabras, além de todos os quadrúpedes hoje conhecidos desde os tempos históricos, teve origem antes da era glacial, embora algumas dessas espécies tenham diminuído em tamanho, como o boi (Bos), o urso e o alce.

Nas regiões tropicais, os Primatas (Quadrumana, Simia) surgem pouco depois dos quadrúpedes. E então, finalmente, surge o Homem. Pouco antes do período do Drift, na América do Norte, ele tem o seu nascimento. Sendo este o continente mais antigo da Terra, estava primeiro em condições de nutrir e sustentar a obra-prima do poder criador e evolutivo.

É verdade que a maioria acredita que o homem só surgiu após o aluvium, iniciado imediatamente após o Drift. Contudo, deve-se ter em conta que as investigações geológicas até hoje foram superficiais, e mais ainda, que o receio de ridículo e perseguição por parte dos teólogos refreou os investigadores — impedindo-os de divulgar provas que consideravam válidas quanto à antiguidade do homem.

Dois cientistas verdadeiramente inspirados, hoje já no plano espiritual — Charles Lyell e Louis Agassiz —, tornaram-se convictos de que o homem já habitava a Terra antes da era glacial, mas, com receio de perderem a reputação arduamente conquistada e de enfrentarem o escárnio do clero, optaram pelo silêncio. Hoje, do outro lado da existência, reconhecem esse erro. Se pudessem reviver a sua vida terrena com o conhecimento atual, proclamariam essa verdade com firmeza, apesar das críticas e zombarias.

As cadeias montanhosas haviam já atingido alturas suficientes para alimentar grandes sistemas fluviais, cuja função seria servir os múltiplos propósitos humanos. Estavam prontos todos os produtos vegetais e animais necessários ao sustento humano, o ar era puro, o clima era favorável. Então, o Ser Angélico, que coordenava os espíritos trabalhadores, disse:

"Chegou o momento. Estamos preparados. Que venha o homem."

E nesse instante, os ventos cessaram, as nuvens dissiparam-se como névoa ao sol nascente; as ondas deixaram de rebentar furiosas, passando a beijar suavemente as areias e rochedos; os pássaros predadores silenciaram-se, pousando em galhos e rochas; a brisa soprou levemente, murmurando entre as árvores; o sol brilhava com esplendor dourado por entre a névoa quente, e toda a natureza sorria, como se reconhecesse que o grande trabalho da criação estava prestes a ser coroado com o advento de um ser dotado de razão e mente progressiva.

Os inúmeros tormentos e convulsões que a jovem Terra havia atravessado haviam cessado por um momento. Terra, ar, água e céu pareciam reconhecer que o designo grandioso estava prestes a realizar-se.

O HOMEM SURGE

Na costa oriental da península de Iucatão, quase diretamente a sul da foz do rio Mississippi, existia uma pequena baía abrigada, na qual desembocava um riacho de águas cristalinas, tornando a baía apenas parcialmente salgada. Foi aqui, num canto tranquilo, onde a maré subia e descia suavemente, que o Ser Angélico reuniu os seus trabalhadores.

O protoplasma, que há muito vinha sendo depurado, foi então dividido em seis porções. Um germe de ordem superior, mais elevado que qualquer outro usado até então, foi atraído magneticamente do seio da Mãe Terra e inserido em cada uma dessas porções de matéria protoplasmática. O Anjo soprou sobre a matéria e os germes — e a vida, sob a forma de uma fermentação lenta, começou. Os espíritos assistentes observavam o processo com profunda atenção.

As massas de protoplasma, em forma de pequenas esferas, flutuavam na água junto à margem, sendo protegidas por espíritos contra peixes, aves e quaisquer distúrbios. Quando o sol aquecia demasiado, eram movidas para a sombra da luxuriante vegetação tropical que

pendia sobre a água. Quando chovia, as grandes folhas das plantas aquáticas à entrada do riacho serviam de abrigo. Cresciam rapidamente, sendo-lhes acrescentado protoplasma nutritivo à medida que necessário.

Essas esferas de protoplasma eram matrizes — úteros artificiais — onde os germes passavam por todas as fases de gestação que normalmente teriam dentro do ventre materno. Placentas verdadeiras foram formadas, e um cordão umbilical pulsante fornecia ao feto o sangue nutritivo extraído da terra, do ar e da água.

Logo após o início do processo de animação, as matrizes de protoplasma começaram a dividir-se em pares — antes mantinham-se todas juntas, mas agora um tipo de inteligência inata (afinidade, e não ação dos espíritos) começou a operar. Cada par afastava-se das outras e permanecia próximo, mas sem contacto direto, até que a gestação se completasse e os filhos do novo mundo estivessem prontos para nascer.

Pouco antes do nascimento desses primeiros seres humanos, uma grande assembleia de espíritos vindos do sol-pai reuniu-se na baía, prontos para acolher e cuidar dos pequenos seres que estavam prestes a abrir os olhos para o mundo — mundo esse que havia sido longamente preparado para os receber.

Enfim, o dia chegou. O sol nasceu em esplendor, tingindo o céu oriental com tons rosados e dourados. O mar brilhava como prata, e as montanhas e árvores pareciam vestidas em trajes festivos. Aves de plumagem brilhante voavam como raios de luz, ou poisavam nos ramos próximos. Os macacos pulavam nas árvores, enquanto borboletas coloridas esvoaçavam de flor em flor. Toda a natureza, viva e inanimada, parecia pronta para saudar aquelas criaturas que, sendo apenas um pouco inferiores aos anjos, estavam prestes a nascer.

No momento propício, os úteros protoplasmáticos, agora muito próximos da margem, foram tomados por convulsões à medida que as crianças lutavam para nascer. Subitamente, romperam-se, e os espíritos maternais, materializados pelo poder angélico, acolheram os bebés nos braços — e assim, da água e do espírito, o Homem nasceu. Homem e mulher, simultaneamente. O Ser Angélico soprou neles o fôlego da vida, e neles foram infundidas almas imortais no momento em que o ar entrou pela primeira vez nos seus pulmões.

Esses espíritos maternais não podiam amamentar os recém-nascidos, mas tinham o poder de atrair e guiar animais como cabras e antílopes, de modo que, sempre que necessário, havia fêmeas lactantes por perto para fornecer leite aos bebés.

Vieram ao mundo três homens e três mulheres, cada homem com a sua companheira, já que cada par havia-se aproximado durante o processo de vivificação, quando ainda flutuavam nas águas da baía.

Durante a infância, foram cuidados constantemente pelos espíritos, que os alimentavam de acordo com as suas necessidades e os instruíam conforme a sua capacidade. No entanto, não eram perfeitos: fisicamente eram seres humanos completos, mas limitados no desenvolvimento cerebral. As zonas inferiores do cérebro, ligadas ao instinto e força bruta, estavam bem desenvolvidas, assim como a perceção; mas as faculdades morais e reflexivas eram reduzidas.

As testas eram baixas e inclinadas para trás, os maxilares proeminentes, e os corpos fortes e resistentes, com grande capacidade de assimilação de alimentos, sejam vegetais ou animais. Cresciam rapidamente e, desde cedo, estavam aptos para iniciar a luta pela sobrevivência.

Durante esse tempo, viviam ao ar livre, mas quando o clima se tornava hostil, refugiavam-se numa gruta próxima do local de nascimento. Os espíritos apenas se materializavam quando necessário; de resto, instruíam-nos por meio de impressões — tal como acontece, ainda hoje, entre certas raças indígenas.

Aprendiam também através de sonhos e visões, o que criou neles uma crença profunda nestes fenómenos — uma crença que ainda hoje perdura entre os povos nativos da América, como bem sabem os que com eles convivem de perto.

Foi-lhes ensinada uma linguagem rudimentar, de poucas palavras e com sons guturais, como base para o desenvolvimento de uma língua própria. Os espíritos sabiam que tudo o que é conquistado por esforço pessoal é mais valorizado, e além disso, estes primeiros seres eram ainda demasiado limitados para receber uma educação tal como hoje é dada às crianças.

Ao atingir a juventude, homens e mulheres foram educados sobre os deveres conjugais. As mulheres foram instruídas quanto à maternidade, às dores do parto e aos cuidados a ter com os filhos, sempre sob a orientação das espíritas femininas que as haviam protegido desde a infância.

Os homens aprenderam a fazer arcos com ramos flexíveis, cordas com tendões de animais, e pontas de flechas queimadas levemente e polidas com pedra. Foram ensinados a fazer fogo por fricção, esfregando dois pedaços de madeira seca.

Receberam vestuário adequado enquanto aprendiam a produzir o seu próprio — os homens, com peles de animais pequenos; as mulheres, aprendendo a entrelaçar fibras vegetais e cascas de árvores para criar um tecido rudimentar.

Quando tudo estava pronto, numa bela manhã, o Ser Angélico reuniu os seis e falou-lhes sobre a missão que os aguardava. Disse-lhes que deveriam dominar os animais, não pela força bruta, mas pelo poder da mente. Anunciou que, em sonhos e visões, lhes seria revelado como criar ferramentas melhores e como cultivar a terra para produzir alimento.

Dirigindo-se ao mais alto e forte dos irmãos, apontou para nordeste e disse:

"Volta o teu rosto naquela direção, e com a tua esposa caminha até chegares a um grande rio, onde farás a tua morada. Muitos sóis se porão antes de lá chegares, mas os espíritos invisíveis proteger-te-ão ao longo do caminho.

Lembra-te de que a tua esposa é tua igual em tudo, exceto na força física, e que é teu dever protegê-la e ajudá-la, partilhando o trabalho sempre que possível. O Grande Espírito deu-ta como companheira — sê bondoso para com ela."

E colocando a mão sobre a cabeça de ambos, abençoou-os, dizendo:

"Sereis os pais de um grande povo. Sede honestos e verdadeiros, e os vossos dias serão muitos na terra que vos é destinada."

Depois de abençoar o primeiro casal, o Ser Angélico despediu-se deles, e estes apertaram as mãos dos seus irmãos e irmãs antes de iniciarem a longa jornada. O homem seguia à frente, com arco e flechas; a esposa vinha logo atrás, carregando os dois pedaços de madeira seca para fazer fogo. Partiram do seu Éden com apenas as roupas do corpo, rumo a uma floresta sem trilhos ou recursos — sustentados apenas pela sua dignidade humana e força de espírito.

O segundo casal foi então chamado. Foram instruídos a seguir para sul, até alcançarem uma vasta planície ladeada por montanhas altas. Um rio corria por esse vale, oferecendo água pura e abundância de caça. As instruções e promessas foram, em todos os outros aspetos, iguais às dadas ao primeiro casal.

Depois da bênção, o Ser Angélico disse-lhes que seriam mais abençoados do que o primeiro casal, mas que deviam merecer essas bênçãos através de boa conduta e fé firme no Pai Espiritual. Também eles apertaram as mãos dos irmãos e partiram, conscientes de que a viagem seria longa, difícil e cheia de perigos, mas com a promessa de que superariam todos os obstáculos com ajuda invisível.

Voltando-se para o terceiro casal, o Ser Angélico disse:

"As minhas instruções para vós são as mesmas que para os vossos irmãos. No entanto, sendo mais mansos e generosos, permanecereis na vossa terra natal até que os vossos filhos cresçam o suficiente para necessitarem de novos lares. Nesse momento, o Espírito do Sonho os guiará."

Abençoando-os, completou:

"Estamos prestes a deixar-vos entregues a vós mesmos. Mas ainda que desapareçamos para sempre da vossa vista, se nos chamardes com sinceridade, a ajuda virá, mesmo sem saberem de onde."

E assim, o Ser Angélico e os seus assistentes desapareceram, deixando aquele casal como os únicos habitantes daquela região da América, que no futuro seria palco de uma civilização mais elevada do que o mundo até então conhecia.

As estaturas dos primeiros humanos eram notáveis:

- O primeiro par media dois metros e 1,83 m.
- O segundo, pouco menos, com diferença inferior a 5 cm.
- O terceiro par media 1,83 m e 1,68 m.

Quanto à cor de pele:

- O primeiro casal (nordeste) era o mais escuro.
- O segundo (sul) era um pouco mais claro.
- O terceiro casal, que permaneceu, era o mais claro de todos.

No temperamento:

- O primeiro era arbitrário, agressivo e egoísta.
- O segundo, semelhantes, mas em grau menor.
- O terceiro era bondoso, generoso, pacífico e altruísta, quase afável no trato com os outros.

Agora, deixamos esses pioneiros a trilhar os seus destinos e seguimos com o Ser Angélico para outro local do globo — um novo palco, onde outra raça humana haveria de nascer. Voltaremos mais tarde para retomar a história do povo vermelho da América.

O NASCIMENTO DA RAÇA NEGRA — ÁFRICA

Naquele tempo, a África tinha quase a mesma forma que hoje, mas o oceano cobria toda a região do Saara, então uma baía interior ou mar fechado, cuja entrada, a leste do continente, era estreita. Perto do extremo ocidental dessa baía, na margem sul, havia uma pequena enseada tranquila, onde desaguava um ribeiro de águas límpidas. A vegetação era exuberante.

Foi aí que o Ser Angélico e os seus trabalhadores se reuniram para dar origem a mais três pares humanos. O processo foi idêntico ao usado na criação da raça vermelha, mas — eis a surpresa — quando as crianças nasceram, eram negras.

O nascimento deu-se ao meio-dia, sob o calor intenso e brilhante do sol a pino, pois esta nova raça teria de viver em clima escaldante, e era necessário que desde o nascimento os corpos se adaptassem.

Os bebés foram acolhidos com o mesmo carinho pelos espíritos maternais e cuidadosamente nutridos — pois eram também filhos do Infinito, iguais em essência aos seus irmãos vermelhos.

Ao atingirem a maturidade, foram preparados e instruídos para iniciar a jornada da vida. Tinham, no entanto, uma vantagem única: foram os primeiros a trabalhar com ferro, utilizando-o para pontas de flechas, lanças, entre outros. Foi-lhes dito que, embora outros povos mais enérgicos os superassem futuramente nesse domínio, toda a humanidade lhes deveria essa sabedoria inicial.

As três linhagens africanas:

1. Primeiro casal:

Altos, bem formados, nariz proeminente, pele castanho-escura, cabelo espesso.

Foram enviados para sul, tornando-se os progenitores dos Cafres (Kaffirs).

2. Segundo casal:

Pele mais escura, nariz menos proeminente, lábios grossos, cabelo quase lanoso.

Caminharam para oeste e norte, povoando o Sudão, Abissínia, Etiópia e a região dos Grandes Lagos, incluindo o Alto Nilo.

3. Terceiro casal:

Permaneceram no Éden africano, espalhando-se para sul e leste.

Eram menos simétricos, com narizes achatados, lábios muito grossos, cabelo muito encarapinhado, e membros e pés de forma menos graciosa.

Quanto ao carácter:

O primeiro grupo era de temperamento difícil, ciumento e briguento, mas honesto, verdadeiro e generoso quando não provocados.

O segundo grupo era mais calmo e bem-disposto, com menos tendência para a disputa, embora com menor sentido moral, mais ganancioso e com menos respeito pela propriedade.

Um terço deles tinha uma disposição alegre, cheios de humor, não inclinados à discórdia, com pouca avidez por posses, quase nenhum respeito pelos direitos de propriedade ou pela verdade, estando perfeitamente satisfeitos se tivessem o suficiente para comer e beber e um lugar quente e ensolarado onde se deitar. Todos tinham bem desenvolvidas as partes do

cérebro ligadas ao instinto animal, à combatividade e à destrutividade, mas a região moral estava latente neste último grupo.

O Ser Angélico, depois de abençoar o último par e dar-lhes instruções finais, disse-lhes que tinha chegado o momento da sua partida, juntamente com os seus auxiliares, para nunca mais voltarem em forma tangível. "Mas tereis," disse ele, "assistentes invisíveis para vos ajudar em caso de necessidade, pois nenhum dos filhos do Infinito é negligenciado.

Os vossos maiores inimigos, porém, sereis vós próprios, se falharem em desenvolver os princípios de amor e verdade implantados nas vossas naturezas." Após estas palavras, o céu cobriu-se de densas nuvens negras, por entre as quais lampejos de relâmpago cruzavam o firmamento; os trovões, antes murmurados, transformaram-se em estrondos pesados, e, nesse ambiente, os espíritos desapareceram, deixando os filhos de África na posse incontestada da terra que lhes fora preparada.

A RAÇA AMARELA

O Ser Angélico e os seus colaboradores aparecem de seguida num continente que há muito se afundara sob as ondas, tendo cumprido a sua missão, completado o seu trabalho e elevado os seus habitantes à sua mais alta capacidade.

Este continente, apenas conhecido hoje pelos eruditos através de lendas, era bem conhecido pelos antigos habitantes da Ásia e de parte de África. Situava-se a oeste da América e a leste da Ásia, no oceano Pacífico, e era chamado pelos seus habitantes de Atlântida, o que, na sua língua, significava "Terra de Deus". Estendia-se de norte a sul por mais de dois mil quilómetros e era completamente rodeado de água.

Na sua costa ocidental havia uma grande reentrância que formava uma baía espaçosa, protegida de ventos fortes de todos os lados exceto o oeste. Um grande rio desaguava na parte sul desta baía, formando um delta pequeno em tamanho, mas densamente coberto de juncos e erva, com aqui e ali uma jovem árvore a tentar firmar-se no solo pantanoso.

A pouca distância, outro rio desembocava nesse, formando entre os dois um planalto elevado cerca de trinta metros, criando um terraço plano de considerável extensão, coberto de erva verde e flores de várias cores. Laranjeiras, limoeiros e coqueiros cresciam como se tivessem sido plantados pelo homem, dispostos a intervalos regulares. No centro desta planície brotava uma nascente de água termal, ricamente mineralizada, que, ao correr, formava um altar natural de pureza alabastrina, refletindo a luz do sol com brilho cintilante.

A maré subia e descia no rio principal e nos seus afluentes com tamanha suavidade que a superfície da água mal se ondulava.

No ponto de confluência dos rios, onde lírios cresciam e floresciam, a água tinha a temperatura adequada e continha a quantidade necessária de salinidade para auxiliar o processo. Foi aí que o Ser Angélico ordenou aos seus assistentes que recolhessem o protoplasma, o que foi feito. Depois, invocou a mãe terra para fornecer os germes, que foram então inseridos nas seis agregações de matéria protoplásmica; o Ser Angélico soprou sobre elas e a gestação teve início.

Como antes, os globos foram observados e cuidadosamente cuidados durante o processo de gestação, e, quando o período se completou, os espíritos maternais estavam prontos para receber e cuidar dos recém-nascidos. Estes foram lavados no rio, vestidos com roupas apropriadas e levados para o planalto acima, onde cabras estavam preparadas para fornecer o leite necessário à sua nutrição; ali, rodeados de uma paisagem deslumbrante e num clima quase perfeito, foram criados até à idade adulta, recebendo durante esse tempo as instruções dos espíritos — instruções estas que iam muito além das que haviam sido dadas às raças Vermelha ou Negra, pois estas crianças estavam destinadas a um propósito mais elevado.

Desde cedo foram ensinados a domesticar a cabra e a ovelha, o gado e o cavalo, bem como o elefante, pois todos esses animais eram nativos da Atlântida. Esta era a tarefa dos rapazes. As raparigas aprendiam a fiar a lã das ovelhas e a aproveitar os flocos brancos de algodão, que crescia abundantemente de forma selvagem, para o mesmo fim. Grandes áreas de terra estavam cobertas de linho, cujas flores azuis chamaram primeiro a sua atenção. Aprenderam a separar a fibra da parte lenhosa do caule e a cortá-la em filamentos finos, que teciam em pano, branqueado ao sol sobre a erva e transformado em vestuário. Não eram necessárias agulhas, pois um pedaço de tecido de vários metros servia como vestido e cobertura para a cabeça, sendo elegantemente enrolado à volta do corpo e lançado sobre a cabeça da mulher, enquanto os homens o moldavam em turbante.

O trigo, o arroz e o milho também eram nativos desta terra abençoada, e os jovens foram ensinados a cultivá-los e prepará-los como alimento, que as raparigas aprendiam a cozinhar. Também receberam instruções sobre todas as frutas e vegetais comestíveis, bem como o seu cultivo, pois a intenção do Ser Angélico era desenvolver altamente as capacidades desta nova raça; por isso, a alimentação de origem animal seria quase totalmente negada, embora o consumo de peixe não fosse proibido.

Como o seu país era completamente cercado de água, e sendo desígnio que esta raça se tornasse mestra de outras, através da migração e do comércio, os jovens foram ensinados primeiro a fabricar ferramentas de cobre, com as quais construíram pequenas embarcações para navegar os rios e o mar costeiro, com o objetivo de, no futuro, construir navios maiores que lhes permitissem realizar viagens a terras distantes.

Aprenderam a construir casas de madeira, pois, ao contrário das outras raças, os atlantes não deveriam ser trogloditas ou habitantes de cavernas, como o foram inicialmente os Vermelhos e os Negros. Tornaram-se artesãos em ouro e prata e

aprenderam a fabricar os seus utensílios domésticos com esses metais. Receberam ainda instruções em pintura, escultura em madeira e pedra, bem como na arte de talhar pedra, sendo-lhes dito que isso seria necessário, pois chegaria o tempo em que construiriam habitações e edifícios públicos quase exclusivamente com esse material. Mas não entraremos em mais detalhes por agora, passando ao final da obra do Ser Angélico com esta raça em pessoa.

Quando chegou o momento de unir os jovens e as jovens, o Ser Angélico e os seus auxiliares apareceram e chamaram os atlantes do seu trabalho, dizendo-lhes que ele e o seu grupo se despediriam para desaparecer para sempre da sua presença, no que tocava à forma física. Tomando a mão de um homem e de uma mulher, uniu-as, dizendo-lhes que eram marido e mulher. Isso foi feito com os três casais, cada um sendo abençoado por sua vez com a imposição das mãos. Disse então:

Duas raças de homens foram criadas antes de vós, e outras duas ainda nascerão; mas vós sois os mais favorecidos de todas, pois a vós foi concedido o conhecimento da agricultura, das artes, da manufatura e, mais tarde, alcançareis a ciência, à qual devereis ascender sobretudo pelos vossos próprios esforços, ainda que com o auxílio de espíritos invisíveis, que estarão sempre convosco para vos guiar, orientar e encorajar nas vossas investigações.

As estrelas do céu tornar-se-ão para vós um livro aberto, e fareis delas o vosso guia sobre as águas sem caminho, pois estais destinados, como povo, a colonizar outras terras, levando convosco o vosso conhecimento e sabedoria, para que os possais transmitir aos filhos menos favorecidos do Pai Infinito de todos.

Levantai os olhos ao céu e vereis o sol prestes a mergulhar nas águas do oceano — assim vos parece — mas pela manhã ele voltará a erguer-se, mais brilhante, como se tivesse tomado um banho. Isto é apenas aparência. O vosso mundo é redondo, como este coco que aqui vedes, e o sol e as estrelas parecem marchar em procissão à sua volta, o que compreendereis com o tempo.

O sol é o pai do vosso mundo, e foi dele que viemos, delegados para supervisionar o seu desenvolvimento e semear a vida. O nosso trabalho está quase concluído neste sentido, mas não estará completo até que o homem se torne puro e bom o suficiente para não mais necessitar da nossa ajuda. Embora eu deva regressar ao sol para prestar contas da minha missão ao governante desse astro, voltarei à Terra em momentos determinados para iniciar movimentos novos e progressivos, à medida que forem necessários; portanto, os vossos descendentes poderão esperar por mim.

Que o sol seja então símbolo de bondade amorosa, um emblema do Infinito, e onde quer que forem, que o contemplem, para que vós e os vossos descendentes nunca esqueçais a origem de onde viestes. Depois, tomando a mão de um dos homens, apontou para cima do rio, em direção a uma garganta nas montanhas, e disse: "Tu és menos inclinado ao trabalho

do que os teus irmãos; leva a tua esposa, as vossas armas, ferramentas e utensílios, e os vossos animais, e atravessa essa abertura nas montanhas. Além dela encontrarás um belo vale, repleto de frutas, cereais e animais. Um lago fornecer-te-á peixe, e além de outra cadeia de montanhas encontrarás o mar. Nele poderás construir navios, e os teus descendentes fundarão, numa terra distante, um governo que será motivo de admiração entre as nações da Terra."

Quando o Ser Angélico terminou de falar, o homem e a sua esposa, ajudados pelos irmãos e irmãs, colocaram os seus pertences nas costas dos cavalos e despediram-se com tristeza, apertando as mãos e beijando os que deixavam para trás. O Ser Angélico voltou então a falar:

"Antes de partirem, meus filhos, desejo lembrar-vos que esta despedida não é final. A cadeia de montanhas será a linha divisória entre as vossas posses, e é nosso desejo que não invadam os domínios uns dos outros; tampouco queremos que deixem de se ver. Pelo contrário, queremos que todos vós, com os vossos filhos, vos reunais neste Éden (lar de paz), ou Jardim de Deus, uma vez por ano, durante três dias de alegre convivência. Os vossos irmãos e irmãs, como vós, deverão deixar este lugar, e aqui não deve ser construída nenhuma habitação, nem o homem deve viver nas suas proximidades, pois este lugar deve ser sagrado para os espíritos que vos criaram desde a infância e fizeram de vós o que sois. Agora, recebei a minha bênção e parti."

Quando a caravana se afastou, ele voltou-se para os outros e disse: "Vós não sereis separados, pois estais destinados a fundar o primeiro governo de caráter nacional. Enquanto os vossos irmãos noutras partes do mundo viverão em estado tribal, vós construireis cidades e estabelecereis um governo tão justo que garantirá igualdade e justiça a cada indivíduo. Através das mulheres da vossa raça é-vos concedido o privilégio de manter comunhão com o mundo espiritual, e as vossas mulheres serão as vossas instrutoras religiosas, enquanto os homens governarão.

Agora levai os vossos animais e pertences para além do rio e viajai dois dias para norte, até encontrardes um pequeno rio. Segui esse rio até à baía, e lá, numa bela extensão ondulante de terra, estabelecei a vossa morada, construí as vossas casas, começai a cultivar a terra, e o vosso labor será abençoado com grande abundância. Recebei agora a minha bênção, e ensinai aos vossos filhos a serem verdadeiros, honestos e trabalhadores, a não derramarem sangue humano ou animal, nem a destruírem, sem necessidade, a vida de nenhuma das criaturas de Deus." Após esta última bênção, despediram-se com lágrimas nos olhos, prostrando-se a seus pés e beijando a bainha da sua túnica branca como a neve.

Os espíritos maternais abraçaram-nos ternamente, acrescentando a sua bênção, e depois desapareceram com o Ser Angélico, deixando os Atlantes a remover do jardim todos os vestígios das suas felizes moradas antes de se voltarem para norte.

"E havia gigantes naqueles dias." Estes Atlantes mediam entre dois metros e dois metros e quarenta de altura, de formas e feições bem desenvolvidas, com cabelo negro ondulado (exceto o primeiro casal, cujo cabelo era liso), olhos pretos e tez amarela-azeitona. Tinham olhos alongados ou amendoados, maçãs do rosto moderadamente salientes e narizes retos e bem formados.

Eram todos de disposição meiga, natureza afetuosa e, com exceção do primeiro casal, trabalhadores. Possuíam cabeças bem formadas, com regiões morais e reflexivas do cérebro desenvolvidas, enquanto a destrutividade era pouco pronunciada e a combatividade reduzida. Mas devemos deixá-los por agora e seguir o Ser Angélico e os seus colaboradores até um novo campo de trabalho, informando primeiro o leitor de que estes homens amarelos foram os antepassados da raça Mongol.

A RAÇA CASTANHA

A Ásia, na época remota de que falamos, tinha uma forma bastante diferente, tendo sofrido muitas alterações desde o nascimento do homem. Lanea, ou Ceilão (atual Sri Lanka), fazia então parte do continente. Sumatra estava ligada ao cabo sul, Romania, e apenas um estreito braço de mar separava Romea do continente. A baía de Bengala era muito menor, e o Ganges desaguava nela aproximadamente ao décimo oitavo grau de latitude norte.

Na foz do Ganges foi escolhido um local favorável pelo Ser Angélico, cujos assistentes recolheram o protoplasma. Os germes foram inseridos e o Ser Angélico soprou sobre eles como antes, momento em que a vida logo se manifestou nos germes em forma de ovo, e o processo de gestação teve início, passando pelo seu período natural, tal como ocorrera com as outras raças, recebendo os mesmos cuidados nas "matrizes artificiais" que foram dados anteriormente, sendo o número o mesmo.

Quando os nove meses se completaram e os bebés estavam aptos a respirar o ar, nasceram, sendo recebidos, lavados e vestidos pelos espíritos maternais. Não havia cabras nem ovelhas por perto; mas como a família Bos, ou bovina, era indígena da Ásia, as vacas foram domesticadas e forneceram leite aos recém-nascidos — razão pela qual a vaca é tida como sagrada pelos habitantes da Índia até aos dias de hoje.

Os arredores eram belíssimos. A relva, as flores e as árvores ostentavam as cores mais vivas, predominando os vários tons de verde. A atmosfera era pura e revigorante, e o clima, naquela altura, perfeitamente adaptado às crianças, que cresceram rapidamente sob os cuidados das enfermeiras espirituais.

Frutas e frutos secos cresciam espontaneamente, e estes, juntamente com o arroz, que então crescia de forma selvagem, constituíam o seu alimento. Tomava-se o cuidado de evitar que desenvolvessem gosto por carne, pois era intenção do Ser Angélico colocar esta raça em pé de igualdade, em certos aspetos, com os atlantes.

Quando atingiram a puberdade e chegou o momento de unir os rapazes e as raparigas, ele reuniu-os e, unindo as mãos dos casais, abençoou-os e deu-lhes instruções sobre o trato mútuo, que ainda não lhes tinham sido transmitidas pelos espíritos acompanhantes. Depois, tomando pela mão o mais alto e simétrico dos homens e a sua companheira, falou da seguinte forma:

"A tua disposição (dirigindo-se ao homem) é autoritária, egoísta e até cruel; por isso, deves ser separado dos teus irmãos e irmãs e encontrar um lar longe deles. Viajarás, portanto, naquela direção" (apontando para sul e leste) "até chegares ao mar, onde estabelecerás a tua morada por agora. Mas os teus descendentes povoarão as ilhas do mar, e suas mãos estarão contra todos, e as mãos de todos estarão contra eles por muitas gerações. Serão como feras de caça à espreita da destruição; mas, eventualmente, serão subjugados e tornar-se-ão tributários de uma raça dominante, que os escravizará e tratará com crueldade durante muitos anos, mas que, devido à sua própria iluminação, acabará por lhes fazer justiça. Agora dou-te a minha bênção e partirás."

Sem demonstrar emoção, pegou no arco e na lança que aprendera a fabricar e, tomando a esposa pela mão (ela, que entretanto reunira o pano que tecera com algodão selvagem e ervas, queria despedir-se dos irmãos e irmãs), arrastou-a consigo, e logo desapareceram entre as árvores.

Tomando o segundo par pela mão, disse: "Vós também sois autoritários, egoístas e inclinados à crueldade, embora menos do que o vosso irmão; portanto, seguireis o curso deste rio até chegardes a um lugar onde belos vales penetram as montanhas. Aí fareis o vosso lar, encontrando tudo o que for necessário às vossas necessidades. Sê bondoso para com a tua esposa e ajuda-a em tudo o que puderes, pois a sua vida não será fácil.

Os vossos descendentes povoarão o lado destas montanhas e também as ultrapassarão, mas nunca formarão uma grande nação, pois dividir-se-ão em tribos e não possuirão um país em comum. Recebei a minha bênção e parti." Então, colocando a mão sobre a cabeça de cada um, abençoou-os. Diferente do seu irmão, este agradeceu ao Ser Angélico e aos espíritos acompanhantes; depois levou a sua esposa até ao casal restante e, abraçando-os e beijando-os com afeto, seguiram para norte, desaparecendo na floresta.

Tomando o último par pela mão, o Ser Angélico disse: "Vós sois de disposição mansa e gentil; o egoísmo não se manifestou nas vossas naturezas, e desejais ser honestos e verdadeiros; por isso, não vos enviarei para longe da única casa que conhecestes. Aqui, nas margens deste rio, vos concederei uma herança, e aqui os vossos descendentes tornar-se-ão um povo poderoso, construirão cidades e viverão vidas pacíficas e felizes durante muitos séculos.

Cultivarão a terra e sobressairão em muitas áreas, mas chegará o tempo em que uma raça estrangeira conquistará o poder entre eles e lhes tomará o governo. Serão obrigados a pagar tributo e servir esses estrangeiros; mas a justiça vos será feita — os vossos

opressores serão vencidos e, com o conhecimento que obtiverdes deles, construireis, com o auxílio de outros povos amigos, um governo muito superior ao que os estrangeiros derrubaram. Então sereis um povo unido e próspero, em contacto com as nações mais esclarecidas da Terra.

"Não matarás sequer a mais baixa das criaturas de Deus, pois todas foram criadas com um propósito sábio e bom, e quando o seu trabalho for concluído, desaparecerão gradualmente. As feras que destruam os vossos rebanhos ou sejam perigosas para os seres humanos não estão incluídas neste mandamento. Cultivai a caridade e não rejeiteis o necessitado ou o forasteiro, pois também eles são filhos do Infinito, tal como vós, e a caridade trará bênçãos maiores do que qualquer outra virtude.

"Agora, tendo chegado o momento da nossa partida, dou-vos a minha bênção final, a última que recebereis de mim como ser pessoal, pois estamos prestes a desaparecer de entre vós para sempre. Mas quando as provações e dificuldades vos sobrevierem, chamai por mim com sinceridade, e o auxílio virá de uma fonte invisível." O Ser Angélico colocou então uma mão sobre a cabeça de cada um, ergueu os olhos ao céu, mas nenhuma palavra lhe saiu dos lábios.

O homem e a mulher tentaram agradecer-lhe, mas estavam banhados em lágrimas, e os soluços impediam-lhes a fala. Caíram a seus pés, abraçaram-lhe os joelhos e beijaram-lhe as vestes. Ele ergueu-os com ternura, apontou para os seus assistentes e desapareceu.

Os asiáticos abraçaram-se e foram beijados pelos espíritos maternais; os trabalhadores apertaram-lhes as mãos, e todos desapareceram, deixando o casal ali, de pé, em silêncio, sob as árvores.

A estatura destes asiáticos não ultrapassava os 1,80 metros; tinham formas elegantes e pele castanha escura com tonalidade azeitonada. Homens e mulheres possuíam cabeças bem formadas e traços harmoniosos, com nariz reto — exceto no segundo casal, em que o nariz era ligeiramente arqueado e proeminente. Todos tinham olhos negros, redondos, e cabelo preto: liso e espesso no primeiro par, ligeiramente ondulado no segundo e levemente encaracolado no terceiro.

Diferiam pouco quanto à forma da cabeça, todos apresentando testas desenvolvidas; no primeiro casal, a região animal do cérebro era saliente, tal como a combatividade e a destrutividade; no segundo, essas características estavam presentes, mas de forma menos acentuada; no terceiro, essas regiões eram reduzidas, com o topo da cabeça cheio e os órgãos reflexivos bem desenvolvidos.

Os descendentes do primeiro par ainda podem ser encontrados quase em estado puro na região da Península Malaia e nas ilhas adjacentes; os do segundo entre os árabes e tribos nómadas da Arábia. Os judeus também descendem deste grupo. O terceiro grupo encontra-se hoje muito misturado com hindus e outras raças, embora muitos indivíduos de linhagem

pura ainda existam. Mas devemos agora deixar a Índia e acompanhar o Ser Angélico até ao seu último campo de trabalho, pois ainda há uma raça a ser criada.

A Raça Branca

Quando o Ser Angélico e os seus colaboradores chegaram à Europa, esta apresentava já uma forma muito semelhante à atual. A ilha da Sicília fazia então parte da península, e foi na costa oriental, perto da extremidade sul, onde um pequeno riacho de águas claras e puras desaguava numa baía, que os espíritos se reuniram. Ali recolheram a quantidade necessária de protoplasma e invocaram a mãe Terra para fornecer os germes. Estes foram implantados nas seis porções de matéria protoplásmica, o Ser Angélico soprou sobre elas, e a vida, sob a forma de fermentação, teve início.

Foi-lhes dispensado o mesmo cuidado atento dado às outras raças, e os mesmos fenómenos ocorreram: quando começou o "despertar" (ou quickening), os globos — verdadeiros úteros, ainda que independentes de uma mãe — separaram-se em pares e mantiveram-se próximos até ao nascimento das crianças. Então, os espíritos maternais receberam-nas nos braços, lavaram-nas, vestiram-nas e prepararam-lhes um local em terra firme.

Durante os nove meses de gestação, ventos quentes vindos do sul de África mantiveram a atmosfera à temperatura ideal, e, quando foi necessário leite para alimentar os bebés, as cabras — indígenas daquela terra — forneceram-no, até que estes puderam passar a uma alimentação mais sólida; os frutos tomaram o lugar do leite, até que os rapazes fossem suficientemente crescidos para caçar pequenos animais, cuja carne lhes era permitida comer.

Desde cedo aprenderam a fabricar arcos e flechas, a manejar porretes e a lançar pedras, usando estas, rudemente talhadas, como facas, pontas de flechas e outras ferramentas. Aprenderam a curtir peles para roupa e a acender fogo ao percutir duas pedras adequadas entre si, embora comessem carne e peixe crus com prazer.

Foram mantidos sob controlo tanto quanto possível e instruídos em tudo o que lhes era necessário para o bem, até que se tornaram jovens adultos — a idade da puberdade, que, neste caso, ocorreu três anos mais tarde do que com os asiáticos.

Então, o Ser Angélico reuniu-os e uniu-os em casamento, depois de os machos e fêmeas terem sido previamente instruídos sobre essa relação, tal como havia acontecido com as outras raças.

Depois de formados os pares, o Ser Angélico dirigiu-lhes as seguintes palavras:

"Vós sois os últimos seres humanos criados, segundo a lei do Infinito, a partir dos germes primordiais. Daqui em diante, todos nascerão segundo a lei animal, pois o homem,

separado da alma imortal — que nunca morre —, é apenas um animal e veio à existência da mesma forma que os restantes animais. Mas recebeu o dom da razão e da imortalidade — dádivas que lhe permitirão tornar-se semelhante a Deus, se assim o desejar e trabalhar para isso; para tal, deverá submeter os seus impulsos animais às suas faculdades racionais.

No cérebro humano foram plantadas as sementes de possibilidades que permitirão ao homem atingir um grau de desenvolvimento tão elevado que chegará o dia em que controlará os elementos e os fará obedecer à sua vontade; mas antes que isso aconteça, terá de escalar alturas íngremes e enfrentar grandes dificuldades, pois, embora já tenha atingido a estatura da maturidade, ainda é um infante no conhecimento, e terá de desenvolver as suas capacidades por meio de experiências duras. Contudo, há compensação: cada obstáculo superado aumentará a sua força, e quanto mais amarga for a experiência, maior será o conhecimento adquirido.

A vós, individualmente, digo que, embora sejais a última criação, os vossos descendentes governarão toda a família humana, tanto moral como intelectualmente. Primeiro, porém, pela força das armas, pois estareis em dívida com outras raças pelas primeiras noções de ciência, que ireis aperfeiçoar e, através de investigação paciente, transformar a especulação em verdade.

Durante muitas eras estareis ainda em dívida com os vossos irmãos asiáticos pela vossa religião — uma religião de sangue, cujo caminho estará repleto de ossos das suas vítimas. A tocha flamejante e a espada ensanguentada serão os seus missionários, embora se afirme seguidora do Príncipe da Paz, tendo o Amor como lema e o cordeiro inocente como símbolo. Ainda que essa religião venha a dominar o mundo civilizado (se é que se pode chamar civilizado a tal época), as suas próprias atrocidades tornar-se-ão tão grandes que os vossos descendentes se levantarão contra ela, e começará então a sua decadência, que não cessará até que os seus altares fiquem sem adoradores e os seus sacerdotes sem apoio.

As religiões que tomarão o seu lugar pouco diferirão da primeira, pois aprenderão com as mais antigas que quanto mais ignorante e supersticioso for o povo, maior será o poder dos sacerdotes. Por isso, opor-se-ão a cada nova descoberta científica, lutando contra ela até que o mundo a aceite como verdade; e então apropriar-se-ão dela, tentando moldá-la para que se conforme à sua chamada "revelação divina".

Felizmente para a humanidade, essas novas formas de religião não durarão muito, pois uma forma mais nova e melhor surgirá e irá, gradualmente, penetrar nos corações e mentes das pessoas, tanto dentro como fora das igrejas, pois assentar-se-á sobre um alicerce de VERDADE ABSOLUTA, reunindo os seus princípios a partir dos anjos, que virão em pessoa ensinar. Nessa era, as portas da morte serão abertas, e aqueles que se supunha jazerem nos túmulos, reduzidos a pó, mostrarão os seus rostos radiantes e apertarão as mãos dos entes queridos deixados para trás. Essa religião será racional na sua essência, desconhecerá o fanatismo ou a exclusão, terá o Amor e a Caridade como lemas, com o bem

de toda a família humana como objetivo, e tornar-se-á universal, pois apelará tanto à mente como ao coração.

Os seus seguidores serão perseguidos, ostracizados, ridicularizados, mas suportarão tudo com paciência, pois terão o apoio de legiões de anjos invisíveis, cuja música ouvirão nas horas silenciosas da noite, e cuja luz resplandecente verão — primeiro em sonhos e visões, depois também durante o estado de vigília.

Estes anjos virão para secar as lágrimas do sofrimento e, com o magnetismo curativo das suas mãos, farão brotar rosas nas faces onde antes habitavam lírios, pois serão, ao mesmo tempo, consoladores e médicos, abolindo sistemas de medicina pouco melhores do que bárbaros.

Para concretizar os seus propósitos, utilizarão instrumentos humanos, muitos dos quais serão escolhidos entre os mais humildes, falando palavras de sabedoria que confundirão os sábios. Crianças inocentes serão as suas bocas, e muitas vezes os professores desta nova e pura religião serão retirados da bancada do artesão ou do cabo do arado, pois ela não fará distinção de pessoas.

A RAÇA BRANCA

Quando o Ser Angélico e os seus colaboradores chegaram à Europa, esta já apresentava uma forma bastante próxima da atual. A ilha da Sicília fazia então parte da península italiana, e foi na sua costa oriental, perto da extremidade sul, onde um pequeno riacho de águas límpidas desaguava numa baía tranquila, que os espíritos se reuniram. Ali recolheram a quantidade necessária de protoplasma, invocaram a Mãe Terra para os germes, e estes foram implantados nas seis porções de matéria protoplásmica. O Ser Angélico soprou sobre elas, e a vida iniciou-se sob a forma de fermentação.

Os cuidados dispensados foram os mesmos que nas raças anteriores, e os mesmos fenómenos ocorreram: quando a vida começou a manifestar-se, os globos — verdadeiros úteros artificiais — separaram-se em pares e permaneceram juntos até ao nascimento das crianças. Os espíritos maternais receberam-nas nos braços, lavaram-nas, vestiram-nas e prepararam-lhes um espaço em terra firme.

Durante os nove meses de gestação, os ventos mornos vindos do sul de África mantiveram a atmosfera à temperatura ideal. Quando foi necessário leite, as cabras — nativas daquela região — forneceram-no, até que os bebés puderam passar para uma alimentação mais sólida. A fruta substituiu o leite, até que os rapazes se tornaram suficientemente crescidos para caçar pequenos animais, cuja carne lhes foi permitida comer.

Desde cedo aprenderam a fabricar arcos e flechas, a usar porretes e lançar pedras, que moldavam rudemente como ferramentas e armas. Aprenderam a curtir peles para roupa e a

fazer fogo percutindo pedras apropriadas, embora também comessem carne e peixe crus com gosto.

Mantinham-se sob controlo e recebiam instrução adequada até atingirem a idade adulta — o que, no caso deles, ocorreu três anos mais tarde do que entre os asiáticos. Quando chegaram à puberdade, o Ser Angélico reuniu-os, uniu-os em matrimónio e dirigiu-lhes estas palavras:

"Vós sois os últimos seres humanos criados segundo a lei infinita, a partir de germes primordiais. A partir de agora, todos os seres humanos nascerão segundo a lei animal, pois o homem, separado da alma imortal — que nunca morre —, é um animal, tal como os outros. Contudo, foi-lhe concedido o dom da razão e da imortalidade — dons que o permitirão tornar-se semelhante a Deus, se fizer por isso. Mas para tal, terá de submeter os seus instintos animais às suas faculdades superiores.

No vosso cérebro residem os germes de possibilidades que vos permitirão alcançar um desenvolvimento tão elevado que chegará o dia em que dominareis os elementos e os fareis obedecer à vossa vontade. Mas esse tempo só chegará após ultrapassardes grandes dificuldades e sofrimentos. Cada obstáculo vencido fortalecer-vos-á, e quanto mais amarga a experiência, maior o conhecimento adquirido.

Embora sejais os últimos criados, os vossos descendentes governarão moral e intelectualmente toda a humanidade. No início, pela força das armas — pois herdareis as primeiras noções de ciência de outras raças —, que aperfeiçoareis com paciência até transformar a especulação em verdade.

Durante muitas eras, estareis em dívida para com os vossos irmãos asiáticos pela religião, mas será uma religião de sangue, que espalhará ossos no caminho da fé. A tocha flamejante e a espada ensanguentada serão os seus instrumentos de conversão, mesmo enquanto se diz seguidora do Príncipe da Paz, com o Amor por lema e o cordeiro inocente como símbolo. Esta religião, apesar de um dia dominar o mundo civilizado (se é que assim se poderá chamar), cometerá tantas atrocidades que os vossos próprios descendentes se revoltarão contra ela. A sua decadência começará então, e não cessará até que os seus altares fiquem vazios e os seus sacerdotes sem sustento.

As religiões que a substituirão não serão muito melhores, pois aprenderão com as mais antigas que quanto mais ignorante o povo, mais poder terão os sacerdotes. Combaterão cada descoberta científica até que seja aceite como verdade — e então tentarão apropriar-se dela, moldando-a à sua "revelação divina".

Mas felizmente, surgirá uma nova e melhor forma de fé, fundada na VERDADE ABSOLUTA, cujos princípios serão ensinados pelos próprios anjos. Nesse tempo, as portas da morte abrir-se-ão, e os que se julgavam enterrados surgirão radiantes para se reunirem aos seus entes queridos. Esta nova religião será racional, sem fanatismos nem exclusões, e

terá como lema o Amor e a Caridade, visando o bem de toda a humanidade. Tornar-se-á universal, pois apelará à mente tanto quanto ao coração.

Os seus seguidores serão perseguidos e ridicularizados, mas resistirão com paciência, pois ouvirão, nos silêncios da noite, a música das hostes angelicais, e verão os seus rostos brilhantes em sonhos e visões — e depois, em plena vigília.

Esses anjos virão para consolar os que sofrem, curar com as mãos magnéticas, e devolver a cor às faces pálidas, abolindo os sistemas médicos bárbaros que existiram. Utilizarão instrumentos humanos — muitos oriundos das classes humildes — e por sua boca falará a sabedoria. Crianças inocentes serão os seus mensageiros, e mestres sairão dos campos e das oficinas, pois esta fé não fará distinção de classes.

Vós, meus filhos, podereis comunicar connosco mesmo após desaparecermos da vossa vista, mas será por uma voz silenciosa que vos inspirará o pensamento. O nosso auxílio estará sempre presente, mas dependerá do vosso comportamento o quanto poderemos intervir. Pois, embora nos considereis deuses, somos apenas servidores do Pai Infinito, e o nosso poder é limitado pelas suas leis.

Estais destinados a viver como selvagens por gerações, habitando cavernas e o interior oco das árvores. Vivereis entre guerras, sangue e destruição, até que a vossa natureza supere os elementos animais da vossa constituição física. Mas Deus habitará em vós, e acabará por ser o princípio orientador das vossas almas. Lembrai-vos disso e ensinai-o aos vossos filhos, para que eles façam o mesmo com os seus."

"Agora que chegou o momento de vos enviar para o mundo, para o povoar e dominar, início a vossa jornada dizendo-vos que me foi permitido revelar-vos mais sobre o futuro do que aos vossos irmãos que vieram antes de vós. Fostes dotados de maior energia e perseverança, e, embora por eras sejais um flagelo, tornar-vos-eis uma bênção para as outras raças.

Fundareis grandes cidades e estabelecereis governos fortes, que, embora por vezes derrubados, renascerão mais fortes e melhores. Mas lembrai-vos sempre de que esta vida terrena não é o fim. Quando morrerdes — no campo de batalha, pela doença ou pela velhice —, o vosso espírito libertado encontrará um lar para lá das nuvens, e esse será feliz ou infeliz conforme a vossa conduta nesta vida."

Tomando então as mãos do casal de olhos azuis e cabelo loiro, disse:
"Seguireis naquela direção," apontando para o norte, "até cruzardes uma cordilheira coberta de neve no topo. Do outro lado encontrareis uma terra por onde corre um grande rio. Lá será o vosso lar." Abençoou-os e eles partiram.

Chamou em seguida o casal de olhos castanhos e cabelo ruivo, tomou-os pelas mãos e disse:

"Seguireis pela costa, mantendo o mar à esquerda, até que esta se incline na direção do poente. Nesse ponto, afastai-vos do mar, cruzai a montanha em direção ao noroeste, até encontrardes uma terra ao vosso agrado." Abençoou-os e eles partiram, agradecendo ao Ser Angélico e aos seus acompanhantes, sem se despedirem do último casal.

Por fim, tomou as mãos do casal restante e disse:

"Tendes mais inteligência do que os vossos irmãos, por isso enviar-vos-ei pelo lado direito do mar. Contornai a sua extremidade e descei pela outra margem, escolhendo a terra que mais vos agradar. Os vossos descendentes continuarão para leste até encontrarem uma bela região com um grande rio, onde se fixarão. Outra parte seguirá para sul e tornar-se-á sábia e poderosa, pois encontrará outras raças das quais muito aprenderá. Dou-vos agora a minha bênção e digo-vos adeus." O casal, embora não visivelmente emocionado, agradeceu ao Ser Angélico e aos espíritos, e partiu no momento em que estes desapareceram.

Estes homens e mulheres são os que hoje chamamos caucasianos. O primeiro casal tinha cabelo loiro e olhos azuis, pele clara e límpida, narizes proeminentes mas elegantes, cérebros bem equilibrados e formas harmoniosas, medindo cerca de 1,80 m e 1,65 m, respetivamente. Tinham regiões cerebrais animais bem desenvolvidas, com forte combatividade e destrutividade, mas com faculdades intelectuais que conferiam força de caráter.

O segundo casal tinha cabelo ruivo e olhos castanhos, pele clara com um tom rosado.

O terceiro apresentava cabelo castanho-escuro quase preto, olhos azul-escuro na mulher e cinzentos no homem. Foram os antepassados dos gregos, parte dos romanos, e povoaram grande parte do leste europeu e oeste asiático, mantendo contactos precoces com os povos da Ásia e de África.

Os primeiros foram os loiros puros, povoando a Europa Central e Ocidental até ao oceano, onde se misturaram com o segundo grupo, dando origem ao tipo de cabelo ruivo. Todos estes caucasianos tinham barba. Os americanos eram imberbes ou quase. Os africanos tinham pouca barba. O primeiro dos atlantes tinha pouca barba, os outros dois eram barbudos, um deles bastante. O primeiro asiático — pai da raça malaia — era de rosto liso; o segundo tinha barba, e o terceiro, que se estabeleceu no vale do Ganges, apenas uma leve penugem.

As cinco raças aqui descritas foram criadas para povoar o mundo — são os antepassados de toda a humanidade, um facto que os naturalistas acabarão por reconhecer.

Mas ainda resta falar de uma parte da Terra que tem sido objeto de muita especulação: a Austrália.

Na época da criação do homem, a Austrália era um vasto continente, incluindo a Tasmânia, a sudeste; a Nova Zelândia; a leste, as Novas Hébridas, a Nova Caledónia e a Ilha Norfolk; a norte até ao equador, incluindo a Nova Guiné e ilhas vizinhas; estendendo-se para noroeste até à Ásia, incorporando Bornéu, as Filipinas e outras ilhas. Estava separada da Ásia por um estreito que se podia atravessar a vau na maré baixa, sendo uma passagem fácil para homens e animais, especialmente quando o vento soprava do norte e oeste.

Nesta época, quase toda a região entre a Ásia e a atual Austrália estava salpicada de vulcões e sujeita a terramotos, tornando-se perigosa para a vida humana e animal — razão pela qual nunca foi densamente povoada, salvo em locais mais favoráveis. Além disso, era uma região baixa e vulnerável a inundações causadas por maremotos.

A fauna da parte principal do continente não evoluíra muito além dos marsupiais, até que uma súbita depressão submergiu parte do sudeste, destruindo os poucos animais de ordem superior aí existentes. Quando a terra emergiu novamente, as condições favoreciam as espécies inferiores, pois poucos homens — e de natureza rude — habitavam o território. Caso contrário, teriam quase exterminado a fauna, já que o homem é o maior destruidor da vida animal, muitas vezes matando por puro prazer.

Muitos séculos se passaram após a criação dos asiáticos até que os descendentes do pai malaio chegaram a esta terra remota. Eram poucos, na maioria indivíduos banidos das suas tribos por crimes cometidos. Isolados da linhagem principal, não tiveram oportunidades de progresso ou desenvolvimento como os seus irmãos, o que resultou numa degeneração parcial, agravada por casamentos entre parentes próximos.

A Raça Humana e o Erro do Evolucionismo

Os evolucionistas tentaram, em parte, provar que o homem nasceu de um animal do tipo quadrumano, baseando-se na semelhança entre ele e os grandes símios, e têm procurado em vão o "elo perdido" entre os dois. Argumentam ainda que, durante a formação embrionária, o ser humano assume sucessivamente as formas de ordens inferiores, até atingir a forma humana, concluindo que o homem deve, por isso, ter evoluído gradualmente do animal. Vamos procurar explicar por que razão isso acontece.

Primeiro: sendo o homem o mais elevado dos seres animais produzidos por qualquer planeta, é lógico que tenha sido o último a surgir, pois o seu corpo físico exige uma matéria mais pura e refinada, bem como uma atmosfera apropriada. Para que essa matéria esteja disponível, os animais inferiores devem assimilá-la na construção dos seus corpos e libertá-la já purificada. Assim, a matéria entra em contacto com o espírito animal e é gradualmente espiritualizada em cada etapa, até estar pronta para uso humano.

Segundo: todos os animais possuem espíritos individuais, mas, salvo raras exceções, esses espíritos não são imortais. No entanto, como nada se perde na economia da Natureza, os espíritos animais são utilizados na formação do corpo físico do homem, bem como na

construção do seu corpo espiritual, embora não tenham relação direta com a alma — apenas ajudam a construir a "casa" onde esta habita.

Terceiro: o ar está repleto dessas essências espirituais animais. Assim, quando ocorre a conceção — no momento em que o óvulo é fecundado —, a mãe fornece as essências espirituais necessárias ao desenvolvimento embrionário, absorvendo do ambiente aquelas que são exigidas pela etapa específica da gestação. Em certas condições anómalas, a mãe pode absorver quantidades excessivas de uma essência animal em particular, o que resulta em características físicas ou comportamentais semelhantes à desse animal no recém-nascido. Isso explica muitas das anomalias que têm causado espanto entre profissionais e leigos.

Perguntamos ao evolucionista e ao materialista: será mais irracional afirmar que o homem se origina de um germe próprio do que dizer que os outros animais vieram de germes independentes? Certamente que não. Tampouco é ilógico supor que os primeiros seres humanos tenham tido os cuidados de espíritos superiores, tal como os animais e até as plantas, que também foram protegidos até poderem cuidar de si próprios.

Não são apenas os animais que têm espírito; as plantas também possuem essências espirituais, e estas também são usadas na construção do corpo humano — prova disso é que algumas pessoas sentem uma afeição intensa por determinadas flores. Nestes casos, a essência espiritual dessa flor está presente na composição do seu corpo espiritual. Por outro lado, algumas pessoas reagem negativamente ao perfume de certas flores — como a rosa — ao ponto de desmaiar ou ter convulsões. Isso indica que não possuem essa essência na sua constituição, e, por isso, ela lhes é repulsiva.

O mesmo se aplica aos animais. Há pessoas que têm uma ligação natural com cavalos — o espírito do cavalo está presente nelas, e o animal reconhece isso. Outras, com cães. Algumas não suportam sequer a presença de um gato, conseguindo senti-lo mesmo sem o ver; outras só se sentem completas com um ou mais gatos por perto. No primeiro caso, a pessoa não possui essência felina na sua natureza; no segundo, sim.

Contudo, à medida que o homem evolui, deixará de necessitar dessas essências animais, sendo estas substituídas pelas das flores, árvores e outras formas vegetais elevadas — mas isso só acontecerá quando deixar de consumir carne.

O leitor poderá então perguntar: "O que acontecerá às essências espirituais animais?" Serão recolhidas e enviadas para planetas como Vulcano, a Lua ou outros onde essas formas de vida estejam a surgir. Lá, serão novamente individualizadas num novo mundo, pois a matéria e o espírito nunca estão em repouso — trabalham constantemente para cumprir os desígnios do Infinito.

A FAMÍLIA HUMANA

Na história da humanidade — desde os primeiros pares humanos até épocas mais recentes — há tanta repetição e semelhança entre os diversos grupos que não se torna necessário entrar em grandes detalhes. Por isso, faremos apenas uma breve menção antes de abordarmos um tema já anteriormente aludido: o período glacial, cuja causa ainda não foi explicada.

Os primeiros seres humanos criados não receberam quaisquer nomes além de Homem e Mulher, ou macho e fêmea, conforme lhes chamou o Ser Angélico. Aliás, os nomes "Adão" e "Eva", que aparecem na Bíblia, significavam originalmente apenas "homem" e "mulher". Assim, os primeiros nomes usados pelos pares eram simplesmente Homem e Mulher. Com o nascimento dos filhos, tornou-se necessário distinguir uns dos outros, e começaram a ser dados nomes — geralmente baseados numa característica física ou de personalidade. Por exemplo, no caso bíblico dos filhos de Noé, Sem significava "vermelho", Cam, "negro", e Jafé, "branco". Usamos este exemplo apenas para ilustrar, sem validar o relato bíblico sobre Noé.

A ORIGEM DAS TRIBOS

Já explicámos como os diferentes pares humanos foram enviados para povoar a Terra. Agora procuraremos explicar como se formaram as tribos a partir das linhagens originais.

Após a criação de uma família, com filhos já crescidos, era inevitável que os irmãos tivessem de casar com as irmãs, sob pena de não haver com quem formar novos lares. Acontecia, por vezes, que dois irmãos se interessavam pela mesma irmã. Surgia então o conflito — e, não raro, um matava o outro, a menos que se afastasse de casa, levando a irmã consigo para formar uma nova família no coração da floresta, onde viveriam livres de interferência do irmão rejeitado. Na verdade, este era o conselho dos pais: deixavam sempre que a filha escolhesse o irmão com quem queria partilhar a vida.

Foi assim que, a partir dos pares originais, surgiram novas famílias que se afastavam do núcleo inicial, levando consigo as suas características e formando tribos distintas. Estas divisões, motivadas tanto por conflitos quanto por amor e necessidade de sobrevivência, estiveram na origem da diversidade humana e da multiplicação das culturas primitivas.

O DESENVOLVIMENTO DAS TRIBOS E CIVILIZAÇÕES HUMANAS

Num período posterior, quando a família humana já tinha aumentado consideravelmente em número, passou a ser considerado um ato corajoso e digno de admiração quando um jovem realizava uma longa viagem até à terra de outra tribo e ali permanecia escondido, à espera de uma donzela que lhe agradasse e que, ao afastar-se suficientemente da casa dos pais, pudesse ser capturada. Pela força, ele levava-a consigo, e ela tornava-se sua esposa.

Entre muitas tribos, era costume perseguir a jovem raptada apenas durante um dia de caminho. Se o raptor não fosse alcançado nesse período, nenhum esforço adicional era feito para recuperar a rapariga. De facto, se o homem o desejasse, podia até regressar com a esposa à casa dos pais dela, sendo recebido com honra e podendo escolher ali viver, se assim quisesse.

Outro motivo frequente para a divisão em tribos, uma vez que as famílias se tornavam numerosas, era a ambição dos jovens em governar. Tal desejo causava muitas vezes disputas, levando à cisão da família. Um dos irmãos, com os seus seguidores, abandonava o lar e fundava um novo assentamento, enquanto o outro permanecia na posse tranquila do local original.

Com o tempo, essas famílias ou pequenas tribos multiplicaram-se. Ocasionalmente, surgiam guerras entre elas, e era comum que aliciassem outras tribos para se juntarem à causa, resultando por vezes em batalhas envolvendo um grande número de combatentes. Quando uma parte saía vitoriosa, os grupos aliados permaneciam próximos, fixando-se em regiões vizinhas para proteção mútua. Cada tribo mantinha o seu chefe, mas elegia-se um chefe supremo, escolhido pela sua sabedoria ou bravura. Assim se formavam alianças, e as pequenas tribos consolidavam-se em tribos maiores.

O Sistema Patriarcal na Ásia surgiu de modo semelhante, mas com uma diferença significativa: o pai mantinha-se como autoridade durante toda a sua vida, mantendo a família unida e raramente permitindo que os filhos se afastassem. Naquela região, existia um respeito maior pela figura paternal do que entre as raças branca, vermelha e negra — algo confirmado pela história tal como é conhecida.

Os Atlantes, por outro lado, nunca se dividiram em pequenas tribos, como aconteceu com outras raças. O primeiro par enviado fundou um assentamento e permaneceu unido, encontrando-se anualmente com os seus irmãos. Nestes encontros, por duas ou três gerações, ocorriam casamentos entre os filhos das diferentes famílias, até que dissensões os impediram — ainda que as reuniões continuassem.

Os descendentes do primeiro irmão tornaram-se predominantemente pastores, e os homens assumiam sempre precedência sobre as mulheres. Já os descendentes do segundo irmão davam total liberdade às mulheres na esfera religiosa, permitindo-lhes escolher livremente os maridos. Quando uma jovem atingia a idade apropriada, indicava o homem que desejava, e os pais iniciavam de imediato as negociações para o casamento. Se o rapaz não estivesse de acordo, dava-se-lhe tempo para conhecer melhor a jovem, mas, em geral, o pedido acabava por ser aceite.

Entre os atlantes não existia comércio de esposas, nem raptos, como ocorria (e ainda ocorre) entre os homens vermelhos da América, os castanhos da Ásia, os negros de África — e até entre os brancos de hoje. Pois o que são as fugas amorosas senão raptos consentidos? E quantas jovens são vendidas a homens ricos e de idade avançada, tendo a

sua juventude sacrificada, e os princípios de amor e vida violados? De todos os crimes dos pais, este é, aos olhos do mundo espiritual, um dos mais graves.

Os dois irmãos atlantes que permaneceram juntos lançaram as bases de uma grande cidade. Cultivaram a terra em redor e ensinaram aos filhos os primeiros passos nas artes manuais e industriais. Desenvolveram uma linguagem escrita, fundaram escolas, construíram torres para observação das estrelas e deram os primeiros passos no campo da astronomia. As mulheres mantinham contacto com os espíritos em templos — rudes no início, mas que se tornaram grandiosos com o tempo —, estabelecendo o culto a um só Deus.

Os artesãos construíram pequenos navios com os quais navegavam até ilhas vizinhas. No entanto, passaram-se séculos até que se atrevessem a realizar uma travessia até à costa da Ásia, onde os espíritos lhes haviam dito que encontrariam outras raças humanas dispostas a recebê-los de bom grado.

O casal asiático que se estabeleceu no vale do Ganges viveu em paz e harmonia. Ao contrário dos seus irmãos, que se dividiram em pequenas tribos, fundaram um assentamento próspero, dedicado à agricultura e à vida pastoral, onde começaram a surgir também atividades mecânicas rudimentares.

Entretanto, o pai da raça malaia, que se havia fixado na costa marítima e nas ilhas vizinhas, viu os seus descendentes fragmentarem-se em numerosas comunidades pequenas, frequentemente envolvidas em conflitos. Não fizeram qualquer progresso em conhecimento além da construção de canoas e da fabricação de armas e instrumentos de caça. Tornaram-se peritos na arte de pescar e caçar, mas o desenvolvimento intelectual e cultural manteve-se praticamente estagnado devido às constantes rivalidades entre os seus grupos.

A Evolução das Primeiras Tribos Humanas e das Suas Crenças Religiosas

Com o passar do tempo, os descendentes do segundo homem da raça castanha atravessaram as montanhas, espalhando-se por regiões que hoje correspondem à China, Turquisstão, Pérsia, Arábia e Ásia Menor. Durante essa expansão, encontraram-se com representantes da raça branca e misturaram-se com eles por meio de casamentos, originando uma raça mista que, em tempos posteriores, daria origem à grande nação persa — assunto que será tratado mais adiante em maior detalhe.

A raça branca também havia aumentado em número. Os de cabelo louro — mais tarde chamados de saxões — dividiram-se em pequenas comunidades, instalando-se junto a rios e lagos, onde o peixe era abundante quando escasseavam outros recursos. Muitos eram nómadas, raramente permanecendo muito tempo no mesmo local, mudando-se conforme a oferta de caça.

Ocasionalmente, encontravam-se com os irmãos de cabelo ruivo e olhos castanhos, travando batalhas ferozes. Os vencidos perdiam a vida, mas as mulheres eram feitas

cativas e frequentemente transformadas em esposas. Havia entre estes povos primitivos uma forma rudimentar de cavalheirismo: após matar os homens, poupavam as mulheres e crianças, que geralmente eram bem tratadas, apesar de por vezes se tornarem escravas.

Este grupo ruivo e de olhos castanhos espalhou-se pelo que é hoje a França e as Ilhas Britânicas, organizando-se em numerosas pequenas tribos, estabelecidas em vales e entre montanhas. Construíam habitações simples e dedicavam-se à caça e pesca, quando não estavam em guerra — pois eram povos ferozes, guerreiros natos, que guerreavam entre si por motivos triviais.

O homem de cabelo escuro e olhos cinzentos, e a sua mulher de olhos azuis, passaram pelo mar Adriático e fixaram-se perto da base dos Alpes, no lado ocidental. Os seus descendentes espalharam-se, e parte deles cruzou as montanhas até ao rio Danúbio, seguindo-o até ao Mar Negro. Daí deslocaram-se para norte e leste até à Circássia e ao Cáucaso, onde se estabeleceram permanentemente. Povoaram gradualmente o norte e sul dessa cadeia montanhosa, dando origem aos georgianos e circassianos (muitos ainda de sangue puro). Os cossacos também descendem deste grupo, embora hoje sejam de sangue misto.

Outro ramo deslocou-se para o sul, seguindo a linha costeira, estabelecendo-se na Grécia e formando as diferentes tribos que dariam origem ao povo grego. Muitos deles também alcançaram a Ásia, tanto a partir do Cáucaso como da Grécia, e, ao encontrarem os asiáticos, estabeleceram laços de amizade e casamentos mistos, originando a nação assíria. Nesta altura, porém, todos eram ainda povos rudimentares, embora menos belicosos do que os seus irmãos ocidentais.

Quanto aos africanos, nesta época estavam também a aumentar em número e a espalhar-se pelas partes mais férteis do continente. Embora se dividissem em tribos, mantinham-se mais unidos e evitavam grandes dispersões, pois era necessário proteger-se dos animais selvagens, então muito numerosos. As tribos preferiam instalar-se próximas umas das outras e unir forças em caso de necessidade. Isso verificava-se tanto entre os grupos do norte como do sul de África. Os etíopes, por exemplo, uniram-se desde cedo, trabalhando o ferro e trocando com outras tribos por armas e outros bens.

Na América, os homens vermelhos desempenhavam igualmente o seu papel no povoamento do mundo. O primeiro par estabeleceu-se no vale do Mississippi, e os seus descendentes espalharam-se até aos Grandes Lagos e além. Outros atravessaram as montanhas em direção à costa atlântica, que nessa época se estendia mais para o leste do que hoje. Um outro grupo dirigiu-se para o sul, alcançando a costa da atual Flórida, e a partir daí espalharam-se pelas regiões costeiras e interiores. As tribos que se formaram geralmente aliavam-se entre si para fins defensivos. Durante a sua história inicial, não eram povos guerreadores, e os conflitos internos eram raros.

A parte sul do continente estava numa condição semelhante: dispersa, mas pacífica nas relações internas.

A família deixada na América Central enviou descendentes para o norte, até à atual Califórnia, e para leste, até ao México, onde fundaram povoações permanentes. O clima era favorável, e a caça abundante. Mesmo espalhados, reuniam-se anualmente no local de origem durante muitos séculos.

Esta família era de disposição dócil e gentil, raramente se desentendia, mesmo estando organizada em tribos distintas. Superaram os seus irmãos no que diz respeito à capacidade de construção, fundando povoações estáveis e edificando casas — ainda que simples — adequadas às suas necessidades.

RELIGIÃO E A CONSCIÊNCIA DO DIVINO

Até aqui, acompanhámos brevemente a trajetória das famílias humanas durante os primeiros dez séculos da sua existência. Agora, uma breve reflexão sobre as suas ideias religiosas.

Apesar de muitos teólogos modernos afirmarem que é impossível ao ser humano conhecer Deus sem a Bíblia, a verdade é que todas as raças humanas, mesmo as mais primitivas, sempre demonstraram a consciência de uma força superior, um "algo mais" a que recorrem — seja com temor ou devoção — através de sacrifícios, oferendas ou rituais.

É certo que algumas ilhas isoladas abrigam povos que perderam ou esqueceram em parte as tradições sobre o Ser Infinito; e algumas tribos, profundamente degradadas pela privação e perseguição, parecem não reconhecer um Deus. Mas, no fundo do seu ser, acreditam em espíritos, e secretamente os reverenciam.

Muitos viajantes entre tribos desconhecidas erraram ao pensar que esses povos nada sabiam de Deus, simplesmente porque muitos deles consideram um sacrilégio falar da divindade fora do contexto do culto. Em algumas culturas antigas, a religião era totalmente secreta, revelada apenas aos iniciados através de juramentos de silêncio. O Santo dos Santos dos judeus tinha essa natureza — só os sacerdotes sabiam o que lá se passava.

Mais antiga ainda era a adoração secreta do Deus único entre os egípcios, realizada em templos subterrâneos e cavernas, por sacerdotes e iniciados. O povo comum, não tendo acesso, adorava imagens e símbolos — não como deuses, mas como representações do divino.

Finalizando esta reflexão, podemos afirmar que os espíritos maternais instruíram cuidadosamente os primeiros humanos acerca da existência de um Espírito Infinito, ou Deus. Esse conhecimento foi transmitido de pais para filhos e de mães para filhas,

mantendo-se vivo através das gerações — e ainda sobrevive entre povos que nunca ouviram falar da Bíblia ou de Jesus, o reformador.

IDEIAS RELIGIOSAS GERAIS

A raça vermelha conservou a ideia de um Grande Espírito, tal como lhe fora ensinada nos primórdios da sua existência, acreditando que esse Espírito era totalmente bondoso. No entanto, à medida que enfrentavam desastres — como tempestades, inundações, escassez de alimento e doenças — passaram a crer que o Grande Espírito se zangava com eles e permitia que um espírito maligno, com poder sobre os elementos, assumisse o controlo para os castigar.

Acreditavam ainda que esse espírito maligno invocava outros espíritos semelhantes que entravam nos corpos das pessoas, causando doenças. Daí surgiu a figura do "Homem-Medicina", que se julgava capaz de expulsar esses espíritos através de infusões de ervas e rituais acompanhados de gestos e fórmulas específicas. Traços desta antiga crença ainda hoje se encontram entre os povos indígenas do continente americano.

A raça negra pouco evoluiu em termos de ideias religiosas. Os grupos que se fixaram no norte e sul continuaram com as noções que haviam sido transmitidas aos seus antepassados, com o acréscimo de que estariam continuamente rodeados por espíritos malévolos, responsáveis por impedir a chuva quando mais necessária, causar infortúnios na caça e provocar doenças.

Esta crença deu origem a indivíduos que afirmavam possuir a capacidade de quebrar os feitiços dos espíritos e atrair a chuva através de cânticos e contra-encantamentos — os chamados "fazedores de chuva", grupo ainda hoje presente em algumas regiões africanas.

Entre os etíopes, as ideias religiosas tinham decaído em cultos fetichistas. Qualquer objeto semelhante a uma figura humana — uma pedra, uma árvore — podia ser escolhido como símbolo, mas o culto dirigia-se ao espírito que, segundo acreditavam, se manifestava nesse objeto em determinados momentos. Começava também a surgir o Obeísmo, uma forma inferior de magia usada tanto para se vingar de inimigos como para atrair sorte.

Os atlantes haviam alcançado um nível considerável de desenvolvimento espiritual. Construíram templos dedicados a um único Deus. Sobre os altares, colocavam um sol de ouro, símbolo da presença constante de Deus, que, tal como o sol, abençoava invisivelmente a humanidade. As mulheres atuavam como sacerdotisas e, sob a influência dos espíritos dos seus antepassados, mantinham viva a sabedoria transmitida aos primeiros pais, além de novos ensinamentos que o seu grau de evolução lhes permitia compreender.

Os descendentes dos que se estabeleceram a leste das montanhas estavam menos avançados, mas mantinham contacto comercial com os seus irmãos do oeste. A ligação por

casamentos cessou, pois os do leste adotaram a carne como alimento, ao passo que os do oeste se mantiveram vegetarianos, comendo apenas peixe.

A família asiática do Ganges fizera algum progresso espiritual, mantendo comunicação com o mundo dos espíritos. Adoravam um só Deus, não em templos, mas em bosques e lugares serenos, onde floresciam plantas e a relva permanecia sempre verde. No entanto, devido à crença de que haviam nascido da água e do espírito na foz do Ganges, divinizaram o rio, adorando-o como Mãe Sagrada, acreditando que o banho nas suas águas perdoava pecados e curava doenças.

Foi aí que se iniciou o conceito de sacerdócio organizado, embora mais detalhes sejam fornecidos mais à frente. Com o tempo, passou a ser costume lançar crianças doentes ou frágeis ao rio, não como sacrifício, mas com a crença de que, se Deus quisesse que a criança vivesse, ela flutuaria e seria salva. Se isso ocorresse, a criança e a mãe eram tidas como abençoadas.

Os malaios e os seus parentes que subiram os rios até às montanhas fizeram pouco ou nenhum progresso religioso digno de nota, tendo inclusive esquecido muito do que lhes fora originalmente ensinado.

A raça branca, no oeste e centro da Europa, conservava a crença num Deus único, mas a ele acrescentaram deuses menores — do mar, da tempestade, da floresta, do rio, da montanha. Todos estes elementos estavam sob autoridade de um deus maior, incompreensível ao ser humano. Este deus supremo era adorado sob árvores, ao nascer do sol, oferecendo-se inicialmente animais — e mais tarde, seres humanos, como prisioneiros de guerra. Com o tempo, os sacrificados passaram a ser jovens e belas raparigas, ou jovens varões. Este culto espalhou-se tanto entre os povos de cabelo louro como entre os de cabelo ruivo.

A raça de cabelos escuros e olhos cinzentos tinha ideias semelhantes, mas acreditava que cada elemento da natureza — árvore, flor, nascente, estação do ano, o amanhecer, o entardecer e a noite — possuía um espírito próprio. Não faziam sacrifícios humanos, oferecendo antes flores, frutos, ramos e alimentos. Para eles, sacrifícios de sangue eram inaceitáveis aos deuses. A sua espiritualidade assumiu formas poéticas e artísticas, tornando-os amantes do belo e do grandioso na natureza.

ENCERRAMENTO DO PRIMEIRO LIVRO

Com isto, encerramos o primeiro livro, que abrange os primeiros dez séculos da história humana e as suas ideias religiosas. Passaremos agora para uma nova fase da Terra:

PARTE II

O PERÍODO GLACIAL E SUA CAUSA

Durante os milhões de anos da existência da Terra, a matéria magnética e elétrica que constantemente era expelida do planeta foi-se acumulando na extremidade da sua atmosfera. Devido à rotação diária da Terra — que ocorria tal como hoje — essa matéria formou um anel à volta do planeta, situado quase diretamente sobre o equador, mas a muitos quilómetros acima da superfície…

Na altura a que nos referimos, essa massa de matéria tinha-se tornado suficientemente volumosa para se desprender do seu corpo-mãe e iniciar a sua trajetória como planeta individual; consequentemente, os espíritos controladores provocaram uma rutura num ponto, fazendo com que a matéria se enrolasse como um pergaminho, inflamando-se por fricção e, sendo propulsionada pela Terra de acordo com uma lei infalível, tornou-se num cometa, que acabaria por se transformar na Lua.

Quando tal ocorreu, a Terra foi violentamente abalada por terramotos; registou-se intensa atividade vulcânica, alterando a superfície terrestre em vários pontos, embora o continente americano e África tenham sofrido menos do que a Europa e a Ásia, sendo a Austrália a mais afetada.

A costa leste da América do Norte foi atingida ao longo da linha costeira, ficando submersa ou afundada em muitos locais durante milhas, embora não totalmente, pois algumas ilhas, outrora parte do continente, permaneceram acima da água. A cordilheira costeira do lado oeste foi parcialmente erguida, e o mar que existia entre as Montanhas Rochosas e o Nevada viu-se reduzido devido ao levantamento de ilhas rochosas e à elevação do seu leito até quase à superfície em vários pontos.

A América do Sul sofreu convulsões violentas, mas, exceto no seu extremo sul, registaram-se poucas alterações. Foi aí que a Terra do Fogo se separou e se tornou numa ilha. Ondas de maré invadiram o interior até à base das montanhas, causando grandes estragos na vegetação, mas destruindo poucos habitantes, já que quase ninguém vivia junto à costa.

Na Europa, as Ilhas Britânicas separaram-se do continente, e muitas vidas perderam-se. As alterações estenderam-se ao longo da costa até Gibraltar; o Golfo da Biscaia aumentou cerca de um terço e a linha costeira recuou ligeiramente até ao Mar Mediterrâneo, que também cresceu em dimensão. A Sicília separou-se do continente, tal como as ilhas gregas, causando considerável perda de vidas, pois o mar cobriu vastas áreas de terra durante vários dias, dando origem à lenda do dilúvio entre os povos daquela região do globo.

A Ásia sofreu mais com as ondas de maré do que com a perda de território, tendo a inundação recuado após algum tempo, deixando o continente quase inalterado, exceto na

atual Malásia, ou Península Malaia, que foi bastante reduzida em ambas as margens, separando-se dela Sumatra, onde muitos malaios pereceram.

A Austrália ficou quase totalmente submersa durante algum tempo, tendo-se, muitas das ilhas que hoje existem, separado dela nessa altura. Houve grande destruição da vida animal, mas como poucos seres humanos habitavam essa terra distante, a perda de vidas humanas foi reduzida.

A Atlântida foi das que menos sofreu. Sentiu os abalos e ondas de maré atingiram as suas costas, causando poucos danos, exceto em embarcações, e poucas vidas foram perdidas. O extremo norte do continente, então desabitado por humanos, foi o mais convulsionado, surgindo um grupo de ilhas rochosas visíveis a partir do continente.

África, embora sensivelmente abalada, não alterou a sua forma; contudo, a sua parte sul elevou-se vários metros acima do nível anterior, sendo que uma parte da costa leste desceu proporcionalmente. A perda de vidas foi pequena.

Ocorreram grandes alterações nos climas tanto das regiões norte como sul do globo, sendo a zona equatorial a menos afetada. A Terra oscilou sobre o seu eixo, alterando a posição relativa dos polos (ou melhor, das regiões norte e sul da Terra), com o norte a afundar-se vários graus e o sul a subir na mesma proporção. Esta mudança fez com que grandes volumes de água fluíssem do equador para o norte, submergindo principalmente terras baixas perto das costas.

Outro resultado desta alteração no plano terrestre foi o início imediato de um frio extremo, que congelou a água em espessas camadas de gelo. A Terra ficou coberta por nuvens, que inundaram os trópicos com chuva e cobriram as regiões norte e sul com neve e granizo, sendo o norte o mais afetado, o que contribuiu significativamente para o já vasto acúmulo de gelo no Polo Norte. Esta situação prolongou-se por vários séculos, durante os quais o gelo se foi acumulando, pois, devido à inclinação da Terra, o sol apenas conseguia lançar os seus raios de forma muito oblíqua sobre o norte, com pouca influência no clima.

Chegou, contudo, um momento em que a Terra começou a regressar à sua antiga posição. Nessa altura, todo o hemisfério norte, até ao quadragésimo grau de latitude, encontrava-se coberto por uma espessa camada de gelo, que avançava lentamente para sul, pelo próprio peso, triturando rochas em lama, areia, cascalho e calhaus. Esses vastos campos de gelo seguiam o seu percurso sem desvio, exceto quando enfrentavam montanhas altas demais para ultrapassar; ao chegarem ao mar, onde as costas eram elevadas, grandes blocos quebravam-se e flutuavam para sul, derretendo e depositando os seus sedimentos à medida que se dissolviam em climas mais quentes.

À medida que o polo norte se elevava, o movimento do gelo tornava-se mais rápido e o sol ganhava mais força, fazendo com que as geleiras recuassem gradualmente para norte, deixando grandes depósitos de materiais à medida que derretiam. Algumas regiões do

globo, se não todas, beneficiaram mais do que sofreram com a era glacial ou a ação do gelo; pois os terrenos, antes irregulares e ásperos, foram nivelados, as rochas expostas foram moídas em pó ou areia, preparando assim a terra para o arado do agricultor.

Os icebergs eram também muito mais numerosos nessa época do que são hoje e desempenharam um papel importante no alívio do norte da carga de gelo, transportando vastas quantidades de materiais de aluvião para sudeste e sul, distribuindo-os pelo fundo do oceano, que um dia poderá ser elevado acima da superfície das águas e utilizado pelo ser humano para aí construir lares felizes.

A Terra ainda não regressou ao plano que ocupava antes de passar pela agonia de dar à luz um "filho", mas está lentamente a mover-se nessa direção e atingirá a sua posição original em relação ao Sol no futuro; até lá, a vegetação e o calor avançarão, lenta mas seguramente, rumo ao norte, em direção ao polo, até que a flora que outrora aí crescia volte a florescer.

Na altura do nascimento da Lua, o Golfo do México estendia-se até ao ponto onde os rios Mississippi e Ohio unem as suas águas; mas, quando o plano da Terra se alterou, as águas moveram-se para norte, cobrindo grande parte dos vales do Ohio e do Mississippi, alcançando o Lago Erie e estendendo-se até ao Lago Michigan, a leste do Mississippi, assim como a algumas regiões a oeste desse rio. No entanto, não é necessário entrar em mais pormenores, pois o estudante poderá facilmente obter essa informação examinando os depósitos de aluvião nas várias localidades.

Até tão a sul como o Lago Erie, o gelo tinha uma espessura de mil pés (cerca de 300 metros), tornando-se gradualmente mais fino à medida que se avançava para sul e leste, pois o seu movimento, exceto onde era interrompido por terrenos elevados, seguia geralmente rumo ao sudeste, formando imensos rios gelados onde confinado por colinas ou montanhas, mas alastrando-se em lagos e mares onde o terreno era relativamente plano.

A raça vermelha (nativa americana) tinha-se estabelecido nos vales do Mississippi e do Ohio antes da época glacial e teria sofrido grandes perdas humanas, não fosse o facto de terem sido avisados, em sonhos e visões, para fugirem para as terras altas a sul do rio Ohio; obedecendo ao aviso, escaparam à destruição, embora alguns poucos teimosos e descrentes tenham ficado para trás e sido tragados pelas águas.

Quando a Terra começou a regressar ao seu antigo plano, o gelo recuou para o norte, deixando águas abertas desde o Lago Erie até ao Golfo do México, sobre as quais flutuavam campos de gelo soltos e pequenos icebergs ocasionais, pois a água era demasiado rasa para os maiores. Estes derretiam-se geralmente antes de ultrapassarem muito o quadragésimo grau de latitude. Outros encalhavam onde a água era pouco profunda e, ao derreterem, deixavam montes de blocos, cascalho e areia, que ainda hoje podem ser encontrados em muitos locais por quem se interesse pela ciência da geologia.

À medida que o gelo recuava para norte, as águas iam baixando gradualmente e a terra tornava-se seca, embora algumas partes do território ficassem marcadas por numerosos pequenos lagos espalhados como recordações do mar que outrora ali existiu. Muitos desses lagos ainda persistem; outros foram preenchidos por argila e aluvião, arrastados das zonas mais altas nas proximidades; enquanto outros foram invadidos por tanta matéria vegetal que acabaram cobertos por ela.

Essa vegetação, ao decompor-se com o passar das estações, formou uma crosta espessa e resistente o suficiente para que o gado pudesse comer a erva que ali cresceu em substituição das plantas aquáticas, sem romper a camada de húmus vegetal que cobre as águas do lago escondido, que ainda é, na verdade, um lago, embora oculto à vista pelas camadas acumuladas ao longo dos anos.

A duração da época glacial foi de pelo menos mil anos, contando desde o início do avanço do gelo até ao seu recuo para as proximidades do círculo polar ártico.

Falámos pouco dos seus efeitos noutras regiões do norte além da América, pois os estudiosos da ciência interessaram-se suficientemente para estudarem o assunto por si próprios; e, além disso, os efeitos produzidos pelo gelo foram, em todo o lado, semelhantes. Mas temos algo a dizer sobre os seres humanos que habitavam a Europa, nas regiões expostas ao avanço do gelo: sofreram muito com o frio, muitas vidas foram perdidas, e a maioria migrou para sul, onde foi bem acolhida pelos seus irmãos.

Antes deste período, a Europa Ocidental, até tão a norte como as Ilhas Shetland, então parte do que é hoje a Escócia, tinha um clima bastante quente, quase tropical (como comprovado pelos fósseis de flora e fauna), sendo por isso bem adaptada à habitação humana. Muitos ali se tinham instalado e muitos permaneceram, não temendo o frio extremo, pois havia várias zonas não invadidas pelo gelo e, como não dependiam da agricultura para obter alimento, não morreram de fome, já que o peixe e a caça abundavam.

Os Siluros, os Pictos, os Escotos e outras tribos de povos resistentes eram descendentes daqueles que viveram durante a época glacial nessa parte da Europa, e grande parte da sua coragem e resistência foi herdada de antepassados que sobreviveram aos rigores de um clima quase ártico.

A destruição da vida animal inferior foi enorme. Na América, no norte da Ásia e na Europa, os grandes animais de pele espessa foram drasticamente reduzidos em número. Na Europa, tigres, hienas e outros animais tropicais foram destruídos pelo frio ou obrigados a migrar para climas mais quentes. O grande alce, antes abundante, foi quase exterminado, tal como os rinocerontes, que outrora vagueavam pelas clareiras junto aos rios da Grã-Bretanha. De facto, houve uma transformação completa em quase todos os aspetos devido à súbita alteração do clima.

Na América, o mamute e o mastodonte sofreram perdas, mas não foram extintos imediatamente, pois havia caminho aberto para sul, e muitos aproveitaram-no, recuando à medida que o gelo avançava, até encontrarem, para lá da sua influência gélida, alimentos e climas mais adequados. Muitos animais morreram afogados com a súbita entrada das águas, mais até do que os que pereceram com o frio.

Antes de prosseguirmos com a história das raças, importa referir que a Lua, sendo de pequenas dimensões, arrefeceu rapidamente e, como consequência, caiu quase na órbita que atualmente ocupa por volta do fim da grande época glacial. Com esta observação referimo-nos especificamente ao período glacial de grande escala que afetou extensamente o hemisfério norte, pois ainda hoje existem glaciares nas cadeias montanhosas — e durante muitos séculos após o referido período, esses glaciares eram mais numerosos e de maiores dimensões.

A condição moral e religiosa das famílias humanas alterou-se ligeiramente durante o período glacial. A raça vermelha (nativos americanos) mantinha-se moralmente pura como no momento da sua criação, e os homens tinham apenas uma esposa. Eram honestos, verdadeiros, pouco dados a guerras ou disputas, e sempre dispostos a submeter os conflitos à mediação dos anciãos mais sábios da tribo. Em termos religiosos, não seguiam rituais nem cerimónias: cada indivíduo, quando desejava pedir favores ao Grande Espírito, retirava-se sozinho para a floresta, onde jejuava, por vezes durante vários dias, até receber uma resposta à sua prece, fosse em visão ou de outra forma.

Em tempos de escassez de alimentos, toda a tribo se reunia em silêncio até que alguém, sob inspiração, se levantasse para dar instruções sobre onde caçar ou que direção seguir para suprir as necessidades do grupo — necessidades essas muitas vezes urgentes, pois ainda não sabiam cultivar a terra. Os frutos silvestres eram abundantes nas respetivas épocas, e tinham aprendido a colhê-los e secá-los para uso futuro; mas quando as colheitas falhavam, o espírito despreocupado e não previdente da raça vermelha fazia-os sofrer bastante.

Os negros, a norte e sul de África, mantinham-se moralmente quase inalterados. Continuavam a praticar a monogamia, acreditando que era errado ter mais do que uma esposa; contudo, não eram particularmente inclinados à honestidade ou verdade a menos que isso lhes fosse conveniente. Em termos religiosos, acreditavam num Deus bom e num espírito maligno, temendo este último e procurando aplacá-lo com oferendas de frutos, legumes e, por vezes, com uma vaca ou boi, pois já tinham aprendido a domesticar gado, usando-o como animal de carga e para obtenção de leite. Também tinham aprendido a cultivar inhames, melões e outros legumes de fácil manutenção.

Os etíopes tinham feito progressos semelhantes na agricultura e na domesticação de animais, mas, moralmente, tinham regredido: a poligamia tinha-se enraizado entre eles e práticas como o fetichismo e o obeah ganhavam seguidores, ainda que com pouco impacto

entre as famílias do norte e sul. As três famílias (vermelha, negra e etíope) tinham feito progressos notáveis no trabalho do ferro, sendo os etíopes os mais hábeis nesse ofício.

Os atlantes do leste tinham começado a construir cidades e apresentavam progresso moral e intelectual. Mantinham a monogamia, considerando criminoso um homem ter mais do que uma esposa. Contudo, os homens tinham usurpado os direitos das mulheres nos assuntos civis e religiosos e, como povo, davam pouca importância à ciência, embora alguns indivíduos procurassem os seus irmãos do oeste para aprender com eles. P

or contraste, os descendentes dos dois irmãos que se estabeleceram na costa ocidental tinham feito avanços extraordinários, considerando a antiguidade da época. Já distinguiam os planetas das estrelas fixas, davam-lhes nomes e, com base num sistema matemático desenvolvido, calculavam com bastante precisão os tempos de nascimento e ocaso desses astros. Ficaram admirados com o aparecimento da Lua, mas não assustados, pois os seus médiuns, em estado de influência espiritual, já os tinham avisado de que Deus lhes providenciaria uma luz maior para a noite do que as estrelas.

Após a Lua se fixar na sua órbita, dividiram o ano em quatro estações, cada uma com três luas (ou meses), corrigindo o calendário com a adição de luas extras sempre que necessário — assim criaram os primeiros meses e anos, quase correspondentes ao sistema atual. Atribuíram também aos planetas poderes para o bem e o mal, dando origem à astrologia, que mais tarde se tornaria uma influência poderosa sobre a humanidade.

Tinham-se tornado peritos no trabalho do ouro, prata e cobre, dominavam o ferro, mas utilizavam-no apenas para ferramentas agrícolas ou pregos. Os utensílios de cozinha eram de cobre, forrados a prata ou ouro, assim como o mobiliário de mesa. As espadas, lanças e facas, bem como as ferramentas mecânicas, eram feitas de cobre endurecido ou bronze (uma mistura de cobre e estanho), devidamente temperado.

Tinham formado um governo civil e promulgado leis justas para todas as classes. As suas crenças religiosas estavam bastante desenvolvidas: tinham dias específicos para se reunirem nos templos e oferecerem flores e frutos a Deus e aos anjos. Muitas vezes também faziam oferendas aos espíritos dos seus antepassados, com quem mantinham comunicação em intervalos regulares.

A morte não era vista como uma maldição ou infortúnio, sobretudo no caso dos velhos e dos doentes — era entendida como uma libertação feliz do sofrimento, crendo que a alma liberta entraria num estado muito superior, numa terra mais bela do que a Terra, de onde podia regressar a seu bel-prazer. Procuravam viver bem nesta vida para se prepararem para a outra. Não praticavam mortificação da carne nem ascetismo; eram alegres, trabalhadores e sabiam desfrutar a vida sem a abusar por excessos.

A porção malaia da raça castanha tinha-se degenerado. Enveredaram pela poligamia, acreditavam que a força fazia o direito e roubavam os bens uns dos outros sempre que

podiam. Religiosamente, a maioria acreditava num deus bom e num deus mau, mas só faziam oferendas ao mau, não temendo o bom. Quando parte da Austrália, próxima da Ásia, submergiu, muitas famílias ficaram isoladas do grupo principal, permanecendo nas partes que permaneceram à tona — que se tornaram ilhas. Muitas dessas ilhas não foram visitadas durante gerações; mas os sobreviventes da catástrofe multiplicaram-se tanto que, por vezes, não havia comida suficiente para todos — e o resultado foi o canibalismo. No início, foram forçados a comer-se uns aos outros por necessidade; depois, desenvolveram gosto pela carne humana e continuaram o hábito, chegando, mais tarde, a devorar prisioneiros de guerra ou até companheiros mortos em combate, se a fome apertasse.

[Alguns naturalistas afirmam que todos os homens foram canibais nas eras mais antigas, mas isso não é verdade — salvo no sentido em que, por extrema necessidade, algumas pessoas de várias raças recorreram a essa prática horrível para prolongar a vida. No entanto, nunca foi uma prática generalizada.]

Aqueles que se estabeleceram nas margens do Ganges tinham feito progressos. Eram moralmente íntegros e não permitiam a poligamia, indo ao ponto de tornar ilegal que homem ou mulher voltassem a casar no caso de viuvez, pois acreditavam que o casamento era eterno — que continuava na vida celestial — e que aquele que contraísse segundas núpcias jamais seria admitido nas moradas felizes da outra vida, onde o cônjuge falecido o esperava. No entanto, o costume do *suttey* — a queima da esposa na pira funerária do marido — só seria instituído séculos mais tarde.

Ainda não tinham construído templos, continuando a praticar o culto em bosques sagrados, localizados sobretudo junto às margens do rio ou dos rios, pois a sua população crescera e, à medida que subiam o curso das águas, tinham tornado o ponto de confluência entre o Ganges e o Jumna um lugar sagrado, reunindo-se ali frequentemente para realizarem abluções rituais.

Instalaram-se ao longo de ambos os rios, com bosques sagrados situados a distâncias regulares e dias específicos de encontro. Certos indivíduos, assumindo pretensões religiosas, apresentavam-se como mestres espirituais e, fingindo viver em autonegação (pois na maioria dos casos era apenas fingimento), alegavam que os deuses (espíritos) os visitavam quando estavam a sós, dando-lhes instruções sobre o que seria melhor para o povo.

Alguns poucos eram verdadeiros ascetas, sinceros nas suas ações e desejosos de beneficiar os outros; mas a maioria era composta por preguiçosos, demasiado indolentes para trabalhar, mas ávidos de viver bem à custa alheia — e foi a partir deste grupo que surgiram muitos dos dogmas ridículos, formas e cerimónias que, ainda que modificadas, envergonham a vossa era.

Os que se tinham instalado a norte e a oeste subdividiram-se em várias tribos, algumas das quais viviam totalmente isoladas, em densas florestas e selvas, mais semelhantes a

feras do que a homens. Embora continuassem a acreditar numa força superior, ignoravam a religião formal, mantendo, no entanto, a monogamia. Homens viúvos podiam voltar a casar, mas as viúvas não tinham esse direito. Eram virtuosos e honestos, embora desconfiados de estranhos, tratavam-nos com hospitalidade.

Vestiam-se com peles de animais e viviam em cabanas rústicas, alimentando-se de carne e frutos silvestres. Caçavam com arco e lança, e capturavam os animais maiores em fossas armadilhadas com bambu, terra e folhas. Não domesticavam animais nem produziam bens manufaturados, exceto vasos de barro, arcos, flechas e lanças com pontas de pedra ou endurecidas ao fogo.

Os que se tinham estabelecido no atual Punjabe, ou "cinco vales", estavam mais avançados, visitando ocasionalmente os seus irmãos das margens dos rios e beneficiando com os conhecimentos partilhados. Eram morais, com a honestidade como traço marcante. A monogamia era regra, permitindo ao homem casar novamente, mas negando essa possibilidade à viúva, que perdia o seu estatuto quando o marido morria e era obrigada a tornar-se serva dos pais dele enquanto estes vivessem.

Religiosamente, assemelhavam-se aos seus irmãos mais desenvolvidos, possuindo bosques sagrados e considerando o gado como animal sagrado. Domesticaram ovelhas, usando a lã para tecer um tecido grosseiro e aproveitando as peles com lã para vestuário de inverno. Alimentavam-se de carne de ovelha e de animais selvagens, rejeitando o porco por considerá-lo impuro. Eram corajosos, mas não guerreiros, defendendo-se apenas de ataques (raros) dos seus irmãos mais selvagens, sem nunca os atacar.

Aqueles que tinham atravessado as montanhas e se espalhado pelas terras além viviam em cavernas ou em tendas feitas com peles de animais. Entre eles prevalecia o sistema patriarcal, sendo o pai o chefe supremo da família. Quase não conheciam o que era a imoralidade e eram extremamente hospitaleiros, oferecendo aos visitantes o melhor que tinham. Domesticaram ovelhas, gado e alguns filhotes de asno selvagem, apanhados em pequenos e domesticados para servirem de animais de carga, embora raramente os montassem. A sua religião consistia em oferecer um cordeiro ou bezerro a Deus duas vezes por ano, sempre num altar de pedras brutas erguido no cimo de colinas ou montanhas, pois acreditavam que Deus habitava esses lugares altos.

Nada sabiam sobre agricultura, pelo que a sua alimentação consistia em carne (selvagem e domesticada) e frutos silvestres. Não eram guerreiros, vivendo em paz com as famílias vizinhas. Não construíam cidades nem aldeias, movendo-se com as tendas à medida das necessidades de pasto ou água para os seus rebanhos. A monogamia era a norma e, por vezes, casavam com irmãs; mas era mais comum o pai comprar uma esposa para o filho, oferecendo uma vaca, um touro e algumas ovelhas a um patriarca vizinho em troca de uma das suas filhas.

Outra porção desta mesma família tinha avançado até aos confins da Ásia, junto à Europa, e, ao encontrarem os brancos, miscigenaram-se com eles, como já foi referido. Espalharam-se pela Ásia Menor, formando povoações sobretudo junto a rios e vales fluviais, construindo casas de pedras toscas ou vivendo em tendas. Eram resistentes, enérgicos e inclinados para disputas pessoais, que muitas vezes terminavam em derramamento de sangue.

Reuniam-se em grupos para proteção mútua, mas não tinham outras leis além dos costumes. Eram virtuosos, com um só cônjuge, embora a mulher fosse vista como inferior, valorizada apenas como mãe. Quanto mais filhos (sobretudo rapazes) ela tivesse, mais era respeitada — e um homem com muitos filhos era geralmente um chefe entre estes povos, que não deixavam de ser considerados selvagens.

Esta raça mista foi a primeira a construir cidades muradas, inicialmente para se protegerem de animais carnívoros que ameaçavam os rebanhos. Domesticaram o asno, a que se juntaria depois a cabra. O vestuário era feito de peles, mas começava-se a usar tecido de lã grosseira, sem costuras ou cortes, feito de uma só peça. Fabricavam cerâmica e usavam cornos de animais como copos. Ainda não cultivavam a terra, mas transplantavam árvores de fruto e videiras silvestres para junto das aldeias.

Mantinha-se uma forma de escambo entre estes povos e os seus irmãos patriarcais, sendo caracterizados por uma honestidade religiosa: orgulhavam-se da sua honra e puniam o roubo com a morte. Em termos religiosos, eram bastante ignorantes. Não tinham rituais nem cerimónias, tampouco locais de culto ou de oferendas. No entanto, acreditavam num Espírito supremo, sábio e bondoso, de quem dependiam para todas as coisas — inclusive a própria vida. Cada família, porém, possuía um deus doméstico, colocado em local de destaque na casa ou na tenda.

Esses deuses eram geralmente feitos de barro, secos ao sol, e com frequência representavam o corpo celeste solar mais do que qualquer outra coisa. Por vezes, uma pedra de forma invulgar, branca ou preta, era adotada como deus da família. Nunca era adorada de outra forma senão oferecendo-lhe uma porção de comida a cada refeição — comida essa que depois era consumida pela própria família, pois acreditavam que o deus, sendo espiritual, não podia alimentar-se da substância do alimento, sendo o aroma que dele emanava suficiente para o satisfazer.

Raramente se envolviam em guerras, apesar de estarem divididos em várias tribos. O território era vasto e os interesses raramente colidiam. O único motivo comum de discórdia era a disputa por pastagens, quando a estação era seca e os recursos escasseavam. Estas contendas, porém, raramente resultavam em sangue, pois uma das partes acabava por ceder, evitando a violência, já que os asiáticos consideravam um grande pecado derramar sangue humano — embora este fosse ocasionalmente derramado em disputas pessoais.

A raça branca do Oriente, com a qual alguns destes asiáticos se tinham miscigenado, e que se havia fixado no sul e leste da Europa, avançava lentamente para fora da barbárie. Tinham começado a construir em pedra, inspirando-se nas rochas estratificadas das escarpas. Não possuíam ferramentas para moldar os blocos, mas, com muita paciência e esforço, recolhiam e ajustavam as pedras como as encontravam, preenchendo os espaços com pedras menores e barro amassado com água. A maioria das habitações era, contudo, de madeira: cravavam estacas no solo e uniam-nas no topo, entrelaçando ramos flexíveis entre os postes, cobrindo a estrutura com peles de animais.

Tornaram-se navegadores rudimentares, construindo jangadas com madeira leve, atadas com correias de couro cru, com as quais se deslocavam de ilha em ilha ou até ao continente. Inicialmente, a propulsão da jangada era feita por vários nadadores fortes que, dentro de água, empurravam-na à frente. Mulheres, crianças e alguns pertences eram assim transportados por longas distâncias. O uso da vara para empurrar em águas baixas, assim como do remo e da pá, só surgiria mais tarde. A vela — inicialmente constituída por ramos de árvore frondosos — foi adotada numa fase ainda posterior.

Tinham obtido ovelhas e gado da raça mista asiática, aos quais juntaram a cabra, nativa dos Alpes e Apeninos, mas não se dedicavam tanto à pastorícia como os patriarcas. Eram morais e íntegros entre si, mas ciumentos de estranhos. Orgulhavam-se do seu sangue puro e não permitiam casamentos entre os seus filhos e membros de raças mistas ou estrangeiros. Permitiam um só cônjuge por pessoa, mas tanto viúvos como viúvas podiam voltar a casar.

Fabricavam cerâmica grosseira para cozinhar e usavam cornos de animais como copos. As suas armas continuavam a ser o arco e a lança, com pontas de pedra.

No plano religioso, pouco tinham progredido, exceto pelo costume de se reunirem na primavera para celebrar o florescimento das plantas, decorando um touro com grinaldas de flores e ramos verdes. O animal era conduzido por todos até um bosque onde havia um altar e uma fogueira acesa. Ali o touro era sacrificado, o sangue recolhido em vasos de barro e lançado ao fogo, enquanto o povo entoava louvores à Divindade invisível, mas sempre presente. O touro era depois assado e repartido, sendo dada uma pequena porção a cada pessoa.

Vestiam-se maioritariamente com peles, mas também fabricavam tecido de lã grosseiro e começavam a utilizar fibras de linho — planta silvestre da região — para produzir um pano grosseiro. Eram exímios caçadores e pescadores; o jogo e o peixe eram abundantes, e raramente passavam fome. Transplantavam videiras e árvores de fruto silvestres para perto das suas habitações, aprendendo a cultivá-las. A uva era seca ao sol e armazenada para o inverno. A produção de vinho surgiu em seguida, embora não o soubessem conservar por muito tempo — consumindo-o fresco, diretamente do fruto, chamando-lhe "sangue da videira".

Os membros desta família que se fixaram no Cáucaso pouco ou nada tinham evoluído religiosamente, embora conservassem a crença num Ser Infinito e numa vida além da morte. Não tinham rituais nem locais de culto: o chefe de família era responsável por ensinar os filhos, transmitindo-lhes as tradições sobre a criação, Deus e o além, tal como ele próprio as tinha aprendido. Acrescentaram ainda a crença em espíritos maliciosos ou traquinas, que os levavam a perder-se nas florestas ou montanhas, ou impediam o sucesso nas caçadas. Existiam entre eles homens que diziam ter poder sobre esses espíritos e que, em troca de uma pequena oferta — caça, uma ovelha ou cabra — entregavam um amuleto protetor.

Esses amuletos, mais tarde chamados talismãs, podiam ser pedras de formas estranhas, ossos de aves ou três raízes diferentes amarradas com cabelos de uma jovem que morrera virgem. O talismã devia ser usado sempre consigo e era considerado eficaz para toda a vida; por isso, o filho mais velho, ao morrer o pai, herdava o talismã, que assim permanecia na família por muitas gerações.

Eles possuíam ovelhas e cabras, mas ainda não tinham gado — o qual só viriam a adquirir mais tarde. Tentaram domesticar o lobo para o usarem na caça, mas sem sucesso. No entanto, uma espécie da família dos lobos encontrada mais a leste acabou por ser domesticada com êxito.

Um pequeno grupo destas pessoas partiu numa expedição de exploração para norte e leste, onde se depararam com cavalos em estado selvagem. Após grande esforço e tempo despendido, conseguiram conduzir um pequeno grupo desses cavalos até a uma garganta estreita na montanha, sem saída, onde os capturaram. Em poucos dias, conseguiram domá-los a ponto de os poderem montar e cavalgar.

Quando regressaram à tribo, montados nos seus cavalos, causaram grande espanto — e também temor —, pois à distância pensava-se que cavalo e cavaleiro eram um só ser, até que se aproximaram o suficiente para se perceber o que realmente eram. A partir daí, começaram a realizar expedições anuais às Estepes da Tartária (como hoje são conhecidas) para capturar cavalos selvagens — tarefa que se tornara mais fácil, pois já os montavam.

Não faziam qualquer tentativa de cultivar a terra, nem aprenderam a transplantar árvores ou vinhas até várias gerações depois, embora recebessem visitantes vindos do oeste que os alertavam para essa possibilidade. Este povo, como os demais, ainda vivia na Idade da Pedra, sem qualquer conhecimento sobre metais.

A raça de cabelos louros, que fora forçada a deslocar-se para sul pelas geleiras da era glacial, tinha-se relacionado com os irmãos de cabelos ruivos durante esse período; mas assim que o clima mudou e a vegetação voltou a florescer, iniciaram o regresso às suas terras ancestrais. Levaram consigo o conhecimento da construção de jangadas para navegarem rios e lagos, experiência adquirida junto ao mar. A viagem foi feita em etapas lentas, com longas paragens onde a caça e a pesca eram abundantes. Assim, passaram-se

vários anos desde a sua partida do sul da Gália até se fixarem no vale do Reno, onde estabeleceram povoações permanentes.

Usavam exclusivamente peles de animais como vestuário, e tinham poucos animais domesticados — apenas algumas cabras. As suas ferramentas de pedra, embora mais evoluídas na forma, mantinham-se essencialmente as mesmas. Onde não existiam cavernas, construíam habitações em madeira com varas e ramos entrelaçados, como anteriormente descrito; porém, por serem fracas contra os lobos e ursos, animais comuns na região, frequentemente rodeavam as casas com muros de pedra tosca, usando blocos de grande dimensão.

As suas ideias religiosas pouco se tinham alterado. Continuavam a acreditar em Deus e na vida após a morte, e reuniam-se — ainda que de forma irregular — sob as árvores ao nascer do sol para sacrificar um cabrito ou animal selvagem à divindade. Por volta da época que hoje se celebra como a Páscoa, realizavam uma festa, enfeitavam as jovens com flores, dançavam e cantavam, consagrando o dia ao sol que ressuscitava a vegetação morta do inverno.

Eram ainda um povo guerreiro e corajoso, mas tinham poucas oportunidades de demonstrar o seu valor, pois viviam afastados de outros povos. Embora divididos em pelo menos seis tribos, permaneceram em paz entre si durante várias gerações após regressarem às suas terras. Não tinham outro sistema político além do tribal: o chefe era escolhido geralmente pela bravura na guerra ou sucesso na caça, embora, quando um homem fundava uma nova povoação com a sua esposa, fosse ele o chefe durante a vida, passando a liderança ao filho mais velho — o que tornava o cargo hereditário em algumas tribos.

Apenas um casamento era permitido. Em caso de viuvez, o homem podia casar-se de novo, assim como a viúva, desde que não tivesse filhos. Se os tivesse, não lhe era permitido voltar a casar, sendo o sustento dela e dos filhos obrigação da família do falecido. Eram rigorosamente virtuosos e honestos entre si, mas consideravam os bens de estranhos como seus, se conseguissem obtê-los. Evitavam disputas internas, embora competições de força, corridas ou saltos por vezes levassem a confrontos. No entanto, a vida era sagrada: quem matasse alguém teria de ser morto pelo parente mais próximo da vítima.

A família de cabelos ruivos, já mencionada, tinha-se dividido: uma parte permaneceu no que mais tarde foi chamado Gália, e outra avançou para oeste e norte, estabelecendo-se na Britânia — que, após o nascimento da Lua, se tornara uma ilha. Como as diferenças entre os dois grupos eram mínimas, são geralmente tratados como uma unidade.

Não haviam mudado significativamente a nível moral ou religioso. O sistema tribal mantinha-se, com chefes hereditários ou escolhidos pela bravura ou sabedoria. As esposas eram, em geral, bem tratadas, e apenas uma era permitida por homem. Viúvos e viúvas podiam voltar a casar, mas, como nos grupos anteriores, apenas as viúvas sem filhos tinham

esse direito. Nenhum homem podia repudiar a esposa; em caso de adultério provado, era não só autorizado a matá-la, como tal ato era considerado uma obrigação.

As armas e utensílios continuavam semelhantes aos anteriores, mas já tinham desenvolvido alguma capacidade construtiva: construíam casas rústicas de pedra onde esta existisse em abundância e pudesse ser recolhida sem demasiado esforço, pois este povo não era inclinado ao trabalho. Não usavam argamassa; junto ao mar, utilizavam algas para preencher as fendas, mas preferiam musgo, que, ao crescer, cobria as estruturas. Muitos ainda viviam em cavernas, desalojando os animais selvagens que nelas habitavam anteriormente.

Na navegação, esse povo havia apenas desenvolvido a jangada, mas utilizavam-na para atravessar e voltar a atravessar o canal, visitando as ilhas em busca de aves, ovos e para expedições de pesca. Nada sabiam de agricultura, e o único animal domesticado que possuíam era a cabra — à qual se juntaram, pouco tempo depois, o gado bovino e as ovelhas, e, mais tarde, o cão.

Aqueles que visitaram os seus irmãos no arquipélago aprenderam a transplantar vinhas e árvores de fruto silvestres, e pouco tempo depois esta prática generalizou-se e foi rapidamente adotada pelo povo de cabelos louros que vivia junto ao Reno. É de referir que as vinhas se tornaram comuns no sul da Gália e ao longo do Reno numa fase muito antiga, muito antes de se iniciar o cultivo de legumes ou cereais.

Este povo continuava guerreiro e propenso a disputas, mas, tendo-se aproximado fraternalmente durante a era glacial, as guerras tornaram-se raras, e as querelas pessoais raramente levavam a derramamento de sangue. Entre si, eram honestos, mas considerava-se sinal de bravura roubar algum bem valioso de uma tribo vizinha. Na Britânia, algumas tribos tinham sofrido muito com o frio, a ponto de verem os seus números tão reduzidos que não conseguiam defender-se abertamente.

Foram forçadas a abandonar as suas terras e refugiar-se nas montanhas, recuperando lentamente a sua força através de novos nascimentos ou da adoção de forasteiros de outras tribos. Quando se sentiam fortes o suficiente, desciam das montanhas — geralmente à noite — e atacavam, queimando e destruindo, capturando mulheres e crianças, mas não mostrando qualquer piedade para com os homens ou rapazes já capazes de disparar um arco. As crianças eram integradas na tribo, e as mulheres tornavam-se escravas, a menos que algum dos homens optasse por casar com elas, passando então a ter o mesmo estatuto que as restantes mulheres.

LÍNGUA. A raiz de todas as línguas era comum. Os espíritos ensinaram todas as crianças a falar a mesma língua — simples e incompleta —, deixando aos homens a tarefa de a desenvolver conforme as suas necessidades. Os únicos que conservaram a língua original de forma relativamente pura foram os atlantes, que, mais tarde (como será explicado adiante), ensinaram essa língua — tanto falada como escrita — aos habitantes da Índia. Por

isso, o antigo sânscrito, hoje quase desaparecido, é o mais próximo da linguagem angélica ensinada ao homem recém-nascido.

Filólogos modernos traçam semelhanças entre palavras e nomes das línguas europeias e concluem que os antepassados dos povos europeus devem ter vindo da Índia ou de alguma região asiática. Mas estão enganados: essas palavras e nomes são apenas vestígios da língua universal inicialmente ensinada à humanidade. E mais: chegará o dia em que toda a família humana falará uma língua universal — embora não a original. Passarão muitas eras, e muitos passos terão ainda de ser dados pela humanidade até que isso se concretize, mas acontecerá.

MÚSICA. Os primeiros ensaios musicais fizeram-se com a voz humana. O canto surgiu entre os atlantes numa fase muito precoce; depois entre os caucasianos de cabelo louro; em seguida, entre os asiáticos do Ganges e, por fim, entre os africanos, embora de forma rudimentar e monótona. A raça vermelha e outros povos nunca desenvolveram harmonia vocal. Os primeiros instrumentos musicais foram o tambor rudimentar, seguido pelo chifre (feito com o corno de um animal), e depois a flauta de cana. Seguiu-se a guitarra de uma só corda, e, mais tarde, surgiram outros instrumentos, incluindo uma harpa primitiva com três cordas.

Até este momento, o que hoje chamamos de Egito — essa terra repleta de ruínas e monumentos do passado, tão fascinante para arqueólogos, etnólogos e viajantes — ainda não tinha um único habitante humano. É verdade que tribos africanas nómadas visitavam o Alto Egito e ocasionalmente ali se fixavam, mas o Egito abaixo das cataratas, apesar de ser um jardim de beleza, permanecia inabitado. Fora visitado por asiáticos e membros da raça mista, mas era tão perigoso que, se escapassem com vida, jamais regressavam.

A região era rica em florestas, destacando-se o tamarisco e a palmeira, entre outras árvores. O solo estava coberto de relva e flores, pois as areias do deserto da Líbia ainda não tinham invadido essa terra fértil. O deserto, aliás, existia apenas parcialmente — era mais baixo, e grande parte dele estava ainda submersa pelo mar, cujas brisas suaves contribuíam para a fertilidade da região.

Contudo, era um refúgio para animais selvagens: leões eram abundantes, assim como outras espécies felinas menores. Hipopótamos enchiam o rio, elefantes deslocavam-se em grupos pelo matagal, o rinoceronte habitava tranquilamente a região, e camelos selvagens — não nativos de África, mas oriundos da Ásia — tinham atravessado o istmo de Suez e fixado neste vale. Mas o maior receio do homem era dirigido aos inúmeros serpentes, de todos os tamanhos. O homem primitivo tinha um medo supersticioso da serpente, mais do que de qualquer outro ser, e o Egito parecia ser o paraíso desses répteis.

Os crocodilos eram quase tão numerosos quanto as serpentes, cobrindo as margens e ilhas lamacentas do rio quando o seu nível descia. Aves de plumagem exuberante voavam entre as árvores, e aves aquáticas enchiam as águas. Lírios prateados e lótus dourados

embelezavam a paisagem aquática — mas o homem ainda não estava presente para ver ou desfrutar. Nessa época, o Egito ainda não era a terra seca e árida que conhecemos hoje, com céus sempre límpidos e estrelas cintilantes refletidas nas águas. Era abençoado com chuva e assim permaneceu até que o fundo do mar, elevando-se lentamente, expulsou as águas e deixou o deserto líbio com toda a sua esterilidade.

Sobre isto ainda voltaremos a falar no momento oportuno, mas já aqui se pode acrescentar que, com engenharia adequada, ainda será possível deixar o mar voltar a inundar parte considerável desse deserto, alterando o clima e fazendo com que o Egito volte a ser quase tão fértil como já foi. Os homens que hoje defendem esta ideia são inspirados pelos sábios espíritos dos antigos egípcios, que continuam a interessar-se pela sua terra natal — e acredita-se que esses esforços serão bem-sucedidos.

Quanto à região da Ásia que hoje chamamos de China, então densamente povoada, nessa época ainda não tinha um único habitante humano. Os caucasianos tinham penetrado até à Tartária para capturar cavalos selvagens, mas não tinham ali feito qualquer povoação. Alguns malaios aventureiros costeavam os litorais com os seus *catamarãs* (jangadas) até ao Mar Amarelo, tentando estabelecer-se nas fozes dos principais rios; mas era uma época de tempestades, e a abundância de animais selvagens e serpentes era tal que, após perderem mais de metade do grupo, abandonaram a missão e regressaram às suas terras.

Levaram consigo a ideia de que aquela região era habitada por espíritos malignos, que tomavam a forma de criaturas monstruosas — parte homem, parte animal, parte ave — que se alimentavam de seres humanos. Os relatos que partilharam desmotivaram outros de visitar o local, que assim permaneceu inabitado por muitas gerações.

O Tibete, nas proximidades das nascentes do rio Yang-tsé, era ocasionalmente visitado por povos vindos do Ganges, que subiam pelo rio Jumna e atravessavam os Himalaias, alcançando aproximadamente a região onde hoje se encontra Lassa. No entanto, tratava-se apenas de expedições exploratórias, não se formando povoações permanentes até vários séculos depois, quando dissensões internas — provocadas pelos sacerdotes — forçaram um número considerável de pessoas a fugir das perseguições a que eram submetidas (algo que será abordado mais adiante).

As Ilhas Japonesas, por outro lado, acolhiam uma colónia de malaios isolada do grupo original. Dois homens e as suas famílias, ao tentarem passar das Filipinas para outras ilhas mais a sul, foram apanhados por uma tempestade que os arrastou para norte, passando pelas Lew Chews e chegando à ilha mais a sul do arquipélago japonês. Ali chegaram exaustos, mas vivos. Depois de descansarem e se reabastecerem, consertaram o seu catamarã e seguiram até Niphon, que se tornou o seu lar.

Lá prosperaram, e os seus descendentes foram encontrados muitos séculos depois, vivendo felizes. Foi este povo que, atravessando o estreito mar, se estabeleceu pela primeira vez na Coreia, embora isso tenha ocorrido já depois de aprenderem a construir

canoas, que substituíram gradualmente a jangada — esta última ainda usada em mares revoltos ou zonas de rebentação, tal como alguns povos continuam a fazer até hoje, em locais onde nem os melhores barcos conseguem resistir.

Naquela época, as ilhas que hoje chamamos Caraíbas, situadas na costa sul da América do Norte, formavam uma só grande ilha — quase um continente. Esta englobava as Bahamas a norte, o Haiti e todas as pequenas ilhas a leste e sudeste, estendendo-se até a poucos quilómetros da costa norte da América do Sul. Cuba, então a maior porção dessa grande massa terrestre que resistiu ao cataclismo que causou a fragmentação, estendia-se até próximo da península de Iucatão, sendo visível a partir dela. Esta ilha incluía ainda a Jamaica e estendia-se para norte e leste em direção ao oceano, aproximando-se da Europa.

Esta vasta ilha permaneceu desabitada até pouco depois do fim do período glacial, quando foi povoada quase simultaneamente por aventureiros provenientes da Flórida e de Iucatão. Ambos os grupos atravessaram o estreito golfo entre o continente e a ilha em jangadas, e, encontrando ali um território fértil e agradável, regressaram para buscar as famílias. Outros juntaram-se a eles e criaram-se povoações permanentes. No entanto, os dois grupos não sabiam da existência um do outro até várias gerações depois. Quando se encontraram, entraram em guerra; porém, o caráter brando, gentil e tolerante dos centro-americanos acabou por conquistar os irmãos mais bárbaros, que eram conhecidos por torturar e matar os prisioneiros.

Em contraste, os povos do Centro da América tratavam os prisioneiros com bondade durante alguns dias e depois libertavam-nos, carregados de presentes, para regressarem aos seus lares. Os indígenas, naturalmente honrados, não resistiram por muito tempo a inimigos tão humanos, cuja atitude os envergonhava. Assim, foi convocado um conselho e designada uma delegação para ir, desarmada, ao acampamento adversário propor um tratado de paz.

As condições foram rapidamente acordadas e eram muito simples: um rio foi escolhido como linha divisória, e nenhum dos lados poderia atravessá-lo com intenções hostis — porém, era permitida a travessia livre em tempos de paz. Este tratado manteve-se intacto durante muitas gerações, houve casamentos entre as tribos, e ambas acabaram por se fundir praticamente numa só.

A ilha tinha um clima delicioso, e frutas e caça abundavam, dispensando grande esforço para garantir a subsistência. No verão, quando o calor nas planícies era excessivo, bastava retirar-se para as montanhas, onde se podia encontrar qualquer temperatura desejada. Os rios eram ricos em peixes, e, como os habitantes nunca matavam animais de forma gratuita, a caça não era arisca nem difícil de alcançar. A alimentação era facilmente obtida, não havendo necessidade de cultivar a terra, pois a natureza supria todas as suas necessidades simples. Sem influências exteriores nocivas e abençoados pelo Grande Espírito — como acreditavam —, eram um povo feliz.

Os homens vermelhos, anteriormente forçados a recuar para sul pela ação glacial, começavam agora a mover-se novamente para norte, encontrando pradarias verdes onde antes existiam florestas densas. A relva crescia em abundância, mas as árvores, varridas pelo gelo, ainda não haviam reaparecido. Nos terrenos elevados, que escaparam ao avanço do gelo, as árvores começavam a recuperar-se, e jovens bosques surgiam nas encostas e desciam lentamente até aos vales.

O mamute e o mastodonte, naturais da zona temperada, precediam o homem vermelho, alimentando-se nas pradarias ou destruindo os jovens bosques em crescimento. Alimentavam-se principalmente de ervas grossas, mas também apreciavam ramos e rebentos tenros, especialmente no inverno. Os indígenas não os temiam particularmente, nem eram atacados por eles — exceto pelas fêmeas com crias, geralmente uma, embora não fosse raro terem gémeos. A fêmea permanecia afastada do macho e do grupo até que a cria estivesse apta a comer erva, escolhendo um local recatado perto da água, onde ficava até se sentir segura para se juntar aos outros. Estes animais não eram solitários nem viviam em pares, mas em pequenos grupos de quatro ou cinco, sendo um macho o líder de várias fêmeas.

Os índios só atacavam estas criaturas se as encontrassem atoladas em pântanos, incapazes de se libertar. Nesse caso, vários homens atacavam com lanças e flechas até provocarem a morte do animal, após o que cortavam a pele em pedaços apropriados para escudos e empilhavam lenha sobre o cadáver para assá-lo, reunindo toda a tribo para um banquete de carne assada. Na ausência da mãe, por vezes matavam a cria, considerada uma iguaria. Mas, se falhassem o golpe e o animal gritasse, chamando a mãe, esta reagia com fúria devastadora. Nessas ocasiões, os índios só se salvavam se subissem a árvores robustas, pois a fêmea enfurecida era capaz de arrancar árvores do solo — árvores que resistiriam à força de qualquer elefante moderno.

A sul do rio Ohio, as florestas não tinham sido afetadas pelo gelo, que mal atravessara aquele curso de água. Por isso, a caça era abundante e a região tornou-se um terreno comum de caça, onde várias tribos indígenas se encontravam e competiam pelo direito à terra. Como não era o lar exclusivo de nenhuma tribo, mas sim um espaço partilhado por todos os que não tinham sido obrigados a recuar muito para sul, o regresso das tribos ao norte originou disputas prolongadas ao longo dos séculos, entre os povos a norte do Ohio e aqueles que viviam para lá das montanhas.

Muitas e sangrentas foram as batalhas travadas entre as tribos, ora com vitória dos povos do norte, ora dos do sul, sendo que os derrotados apenas se retiravam para voltar à luta na estação de caça seguinte. A disputa tornou-se tão intensa — e os índios, tão supersticiosos — que, por consenso comum, nenhuma tribo se atrevia a estabelecer-se permanentemente naquela região. Acreditava-se que o solo era reclamado por espíritos malignos e que nenhuma tribo poderia ali permanecer mais de três luas (três meses) sem que grandes desgraças lhes sobreviessem. Chamaram a essa terra o TERRITÓRIO DO MAU ESPÍRITO, ou TERRA SOMBRIA E SANGRENTA (*Dark and Bloody Ground*).

Durante séculos, as vastas florestas dessa região foram lar do mastodonte e do mamute; grandes manadas de bisontes pastavam nas pradarias entre os rios Ohio e Mississippi durante o verão, retirando-se para as florestas ao sul do Ohio no outono, onde passavam o inverno. Veados e ursos também eram comuns, e como a floresta e a vegetação densa facilitavam a aproximação dos caçadores, os índios estavam dispostos a correr muitos riscos para manter o direito de caçar numa terra tão rica.

Uma tribo estabelecida junto ao rio Tennessee, que reivindicava o território até ao rio Cumberland, costumava enviar expedições de caça à Terra Sombria e Sangrenta para abater e secar carne de bisonte e veado para consumo no inverno. Ao ouvirem relatos favoráveis dessas expedições, realizaram um conselho tribal onde se decidiu enviar um grupo de caçadores experientes para explorar mais a fundo a região e avaliar a possibilidade de ali estabelecer uma aldeia permanente, visto que a caça estava a tornar-se escassa e difícil de obter nas suas próprias terras.

Os exploradores partiram na primavera e, depois de examinarem cuidadosamente a área — sem encontrarem outros seres humanos —, regressaram no final do verão descrevendo o país como um paraíso. Diziam que os animais de caça eram tão numerosos como as folhas das árvores e que não tinham visto ninguém, embora encontrassem vestígios de fogueiras e outros sinais de que caçadores frequentavam a região durante certas épocas.

Outro conselho foi convocado e decidiu-se preparar um grande grupo para penetrar mais profundamente no território, acampar durante a estação fria e recolher o máximo possível de carne. Também tinham a missão de escolher um local para uma aldeia permanente, a ser fundada na primavera seguinte.

Quando chegou o tempo de partir, duzentos guerreiros e caçadores selecionados embarcaram na expedição, guiados pelos exploradores. Chegaram ao ponto previsto sem problemas, montaram um acampamento, construíram cabanas rudimentares e iniciaram a caça. Durante uma lua (cerca de um mês), tudo correu bem — a caça era abundante, ninguém se magoava, e todos regressavam ao acampamento ao fim do dia carregados de carne.

Mas isso mudou. Uma noite, dois dos seus melhores caçadores não regressaram. A manhã chegou e continuavam desaparecidos. Organizou-se uma busca, vasculharam a região durante milhas, mas nunca mais foram encontrados. A preocupação instalou-se, mas a caça prosseguiu. Depois de uma semana, mais dois desapareceram. Dias depois, três sumiram. Até que, no fim, quase todos os dias um ou mais homens desapareciam misteriosamente. Sem sinais de combate ou inimigos visíveis, concluíram que estavam a ser levados por espíritos malignos. Temendo que o mesmo destino os aguardasse, desmontaram o acampamento e regressaram às suas terras, consternados.

O relato que trouxeram destruiu qualquer esperança de colonizar aquele lugar, pois acreditavam que inimigos invisíveis espreitavam por todos os lados. A região passou a ser evitada.

Na verdade, os caçadores desaparecidos tinham sido assassinados por um grupo de índios astutos, vindos de além das montanhas. Eram demasiado poucos para atacar frontalmente os recém-chegados, por isso matavam um por um, escondendo os corpos e deixando nenhum sinal da sua presença. Sabiam que, com o tempo, a superstição faria o restante grupo recuar — e assim foi. Depois da retirada, os assassinos ocuparam o acampamento abandonado.

Este grupo de assassinos era reduzido, não passando de cinquenta pessoas, incluindo mulheres e crianças. Contudo, um mês depois, foram atacados durante a noite por um grande grupo vindo do norte do rio Ohio e quase todos foram mortos. Apenas dois conseguiram escapar, feridos, para além das montanhas.

Estes episódios foram preservados na tradição oral pelos próprios intervenientes e servem para dar uma ideia do caráter indígena naquela época — e para explicar por que razão o território hoje chamado Kentucky foi evitado durante tanto tempo como local de habitação permanente pelos índios. Eles acreditavam — com razão, segundo a sua lógica — que os espíritos dos que ali tinham morrido de forma violenta permaneceriam naquele solo e procurariam vingar-se, não apenas dos seus assassinos, mas de qualquer um que ali vivesse e não pertencesse à sua tribo.

Kentucky tornou-se conhecido pela violência e derramamento de sangue. Haverá razão para isso? Os espíritos dos índios injustiçados e massacrados ali encontram, após a morte, condições propícias para influenciar pessoas suscetíveis a agir com violência — usando armas de fogo ou facas ao menor pretexto. E isso continuará até que a justiça seja feita pelo Governo dos Estados Unidos aos seus protegidos indígenas.

Eles pedem pouco — e mesmo esse pouco costuma ser-lhes negado. Quando por fim lhes é concedido, são frequentemente roubados por agentes corruptos, que lhes tiram a parte maior. Nem todos os agentes são ladrões, mas os honestos são tão raros que até os anjos teriam dificuldade em encontrá-los. Os líderes do Governo — à época desta escrita — tinham intenção de tratar bem os índios, mas a corrupção e podridão no sistema de administração indígena eram tão profundas que não haviam conseguido ainda pôr ordem em tudo.

Tendo apresentado a história da família humana até ao seu segundo milénio de existência, passamos agora por um longo intervalo de séculos, durante os quais a população aumentou consideravelmente. No entanto, com exceção dos atlantes e de uma parte da família asiática localizada no baixo Ganges, foram feitos poucos progressos significativos.

Os atlantes continuaram a avançar nas ciências e nas artes, assim como na agricultura e na navegação. Tinham mapeado os céus, dividido o percurso do Sol e da Lua nas doze constelações do zodíaco, atribuído nomes a esses signos, aos planetas e às principais estrelas. Observatórios foram construídos e ocupados por pessoas educadas especificamente para isso, cuja função era registar o nascer e o pôr dos astros celestes, e comparar os seus registos com os de anos anteriores — assim desenvolveram a astronomia até um ponto em que se podia confiar plenamente nos seus dados.

Na metalurgia, haviam feito rápidos progressos: conseguiam reduzir minérios refratários e extrair os metais. Fundiram fornos de fundição com chaminés altas, utilizando sistemas de fole manuais — mais tarde movidos por força animal — para gerar o calor necessário. Usavam como combustível madeira carbonizada (carvão vegetal). Extraíam e trabalhavam ouro, prata, cobre e estanho, mas utilizavam pouco ferro, já que ferramentas de cobre e bronze — de excelente qualidade — serviam perfeitamente às suas necessidades.

Na religião, poucas mudanças ocorreram, exceto uma maior devoção e generosidade no apoio aos templos e às mulheres que ali oficiavam. No entanto, acreditavam agora na existência de espíritos malignos ou traquinas, que já tinham vivido na Terra e que podiam influenciar os mortais a cometer más ações.

A observação da natureza ensinara-lhes que as serpentes pareciam ter a capacidade de magnetizar pássaros e pequenos animais, atraindo-os até à sua destruição. Por isso, supunham que os ofídios possuíam uma sabedoria superior à de outros animais, e que os espíritos malignos se manifestavam através deles, para saciar o desejo de destruição — tanto de animais como de seres humanos. Assim, a figura da serpente, esculpida em pedra ou moldada em metal, passou a fazer parte da simbologia religiosa. Não era adorada como um deus, mas usada como símbolo de alerta — para lembrar ao adorador que estava constantemente rodeado de forças que o podiam desviar do caminho correto.

Acreditavam também que, sendo a Terra e os corpos celestes esféricos, Deus era uma esfera perfeita; que a alma provinha de Deus e, após cumprir o seu tempo na Terra, a ele retornava — um ciclo que comparavam a um círculo. Como a serpente era capaz de formar-se em círculo, isso era interpretado como mais uma prova da sua ligação a espíritos. Dessa crença nasceu o costume de gravar o nome dos falecidos virtuosos dentro de um círculo — fosse em metal ou pedra — para indicar que aquele indivíduo completara o seu ciclo terreno e entrara na vida seguinte rumo ao regresso a Deus. Porém, sustentavam que apenas os mais puros e justos retornavam diretamente a Deus após a morte; os demais passavam por estágios intermediários, onde expiavam as suas falhas, se não tivessem vivido segundo os princípios divinos ou a sua melhor compreensão do que era certo.

Na navegação, tinham alcançado a construção de navios com capacidade superior a vinte toneladas e, com a orientação das estrelas, empreendiam viagens até ilhas distantes, em

direção à Ásia. Embora ainda não tivessem alcançado o continente asiático, tinham conhecimento da sua existência por meio de médiuns espirituais.

O que acima se descreve refere-se aos descendentes dos dois irmãos que se estabeleceram na costa da grande baía. Já os descendentes do primeiro casal enviado, que habitavam a costa oriental da Atlântida e o vasto e fértil vale atravessado pelo principal ramo do grande rio, não progrediram ao mesmo ritmo, exceto na navegação. Nesta arte, tinham grande orgulho: construíam navios maiores e mais robustos do que os seus irmãos e eram mais ousados nas explorações.

Ao longo dos anos, reinou paz entre estas duas nações atlantes — pois assim podiam ser chamadas. Uma delas dedicava-se ao aperfeiçoamento moral e religioso, às artes e ciências; a outra cultivava apenas o essencial desses elementos, considerando-os úteis apenas na medida em que garantissem o bem-estar geral. A adoração religiosa era realizada em templos pequenos, onde o sol dourado, e não a divindade suprema, era o objeto de culto, e onde o espírito do mal era simbolizado pela serpente.

Vários esforços foram feitos pelos irmãos mais devotos para conduzir os outros além do símbolo, até ao Deus verdadeiro, mas com pouco sucesso. Isso só começou a mudar após uma tempestade de rara intensidade, com relâmpagos e trovões devastadores, que destruiu colheitas, arrasou casas e naufragou navios, causando muitas mortes. A partir desse desastre, começaram a olhar além do sol para o Deus que este representava. Contudo, acreditavam que o espírito da tempestade era uma entidade maligna quase tão poderosa quanto o próprio Deus, e assim nasceu para eles a ideia de um "princípio do mal" personificado — o diabo.

Praticavam agricultura com sucesso: cultivavam trigo, milho, arroz em zonas baixas, cevada e um pouco de centeio nas regiões montanhosas. Criavam grandes manadas de gado bovino e ovino, muitos cavalos, algumas cabras e alguns elefantes — embora estes últimos não fossem tão valorizados como entre os seus irmãos, cujo território era mais plano.

Como povo, tinham abandonado os encontros anuais no Jardim de Deus, mas continuavam a ser representados por indivíduos que mantinham vivo o interesse pelas tradições dos antepassados. Muitos dos seus jovens frequentavam as escolas da cidade de Atlanta, onde eram bem acolhidos e instruídos; contudo, no seu próprio território, o ensino superior não era valorizado — os governantes consideravam o ensino básico suficiente para as necessidades práticas da nação.

Essa nação adotou o nome de Fohahtee, enquanto os seus irmãos continuaram a ser conhecidos por Atlântida — e é por estes nomes que os distinguiremos a partir de agora nesta narrativa.

Entre os Fohahtees havia muitos indivíduos aventureiros, desejosos de explorar terras distantes. Tendo aprendido, por tradição e através dos seus médiuns, que existia um vasto

território a ocidente, prepararam uma expedição composta por seis robustos navios, bem equipados e armados, e zarparam em direção ao pôr do sol. Os ventos foram favoráveis e não encontraram grandes tempestades durante os dois meses de viagem, tendo visitado várias pequenas ilhas até finalmente desembarcarem na China, ao norte da ilha que hoje chamamos Formosa (Taiwan).

Lá permaneceram alguns dias para descanso e reabastecimento, costeando depois rumo ao norte até ao Mar Amarelo, onde passaram algum tempo na foz do rio Hoang Ho e exploraram o interior do território. Subiram ainda pela costa até à região onde hoje se situa Pequim, mas não apreciaram o local e regressaram à foz do Yang-tse-Kiang, onde decidiram deixar dois navios com as suas tripulações para iniciar uma colónia. Os outros quatro navios voltaram para Atlântida com o objetivo de trazer as famílias, provisões e sementes. Esses foram os primeiros mongóis a pisar solo asiático.

O regresso foi dificultado por ventos contrários, prolongando-se por mais de três meses, mas os navios chegaram em segurança e foram recebidos com grande alegria. As descrições que deram da terra recém-descoberta despertaram imenso interesse, e foi decidido preparar uma nova expedição maior assim que passasse a estação das tempestades. Começaram a construir sete novos navios, ao mesmo tempo que reparavam os antigos e os adaptavam para transportar animais domésticos e as suas provisões.

Os Fohahtees, embora menos hábeis na metalurgia que os Atlantes, sabiam trabalhar a prata, ouro, cobre e estanho. Produziam as suas próprias armas e utensílios, mas não usavam metais preciosos para fins culinários ou domésticos. Ao invés, desenvolveram grande habilidade na produção de cerâmica. Haviam descoberto veios de argila semelhante à porcelana, e em mãos experientes fabricavam peças belas e de grande valor. O líder da nova expedição determinou, por isso, que alguns desses oleiros e suas famílias emigrassem também.

Após quase seis meses de tempestades, e com tudo preparado, os navios zarparam com cerca de quatrocentas pessoas a bordo, alguns bovinos, ovelhas, um cavalo e três éguas. A navegação foi tranquila e, guiando-se pelas estrelas, alcançaram Formosa sem incidentes, navegando depois rumo norte-noroeste até à costa, onde os tripulantes da primeira expedição reconheceram de imediato o local.

Chegaram à foz do rio durante a noite e avistaram as fogueiras mantidas acesas pelos que ali haviam ficado. Esperaram até ao amanhecer, e então foram avistados e recebidos com grandes aclamações de alegria. O reencontro entre maridos, esposas e filhos foi comovente. Haviam sofrido privações e doenças, mas todos estavam recuperados. Já existiam casas construídas, mas não em número suficiente para acolher todos os recém-chegados. A primeira ordem de Fohi, o comandante da expedição, foi a de preparar madeira e construir imediatamente as habitações necessárias, com todos a colaborar.

Algumas áreas já tinham sido desmatadas e um pouco de arroz havia sido plantado, com bons resultados. Temendo que o solo não fosse adequado a outros cereais, foi decidido enviar dois navios de volta a Atlântida para buscar mais arroz, com urgência, antes que chegasse a próxima estação de tempestades.

A viagem de regresso foi lenta e difícil, enfrentando muitos ventos contrários, mas foi realizada com segurança. Durante o trajeto de volta à China, não encontraram tempestades até se aproximarem do destino — então enfrentaram uma série de tormentas, perderam a rota devido ao céu constantemente nublado e acabaram por aportar em Niphon, a maior das ilhas japonesas.

Para surpresa dos tripulantes, a ilha estava habitada. Inicialmente, os locais fugiram à aproximação dos estranhos, mas regressaram ao perceber que os visitantes eram pacíficos. Em pouco tempo estabeleceram relações amigáveis, fornecendo comida e ajudando nos reparos dos navios, que muito os impressionaram — nunca tinham visto embarcações maiores que canoas.

Quando o tempo melhorou, os Fohahtees, guiando-se pelo Sol e pelas estrelas, seguiram viagem em direção ao sudoeste, após agradecerem aos malaios e oferecerem alguns presentes. Alcançaram a costa chinesa a poucos quilómetros do seu destino e foram guiados à foz do rio pelo fumo das fogueiras acesas para desmatar o terreno.

Tinham sido dados como perdidos, pois demoraram quase dois meses a mais do que o esperado. Por isso, o seu regresso foi celebrado com grande júbilo, como um sinal de terem sido especialmente protegidos pelo Pai Infinito. O trabalho parou por completo e o dia foi dedicado à adoração e louvor, seguido de um grande banquete festivo.

Durante muitos séculos manteve-se intercâmbio regular com a terra-mãe, e a China recebeu reforços anuais da população atlante, todos pertencentes à nação Fohahtee. Assim foram fundadas povoações na foz do Hoang Ho (onde hoje se situa Pequim) e noutros pontos, embora durante muitos anos não se formassem colónias no interior.

O cultivo de cereais, exceto o arroz, teve pouco sucesso. Gado e ovelhas adaptaram-se bem, mas os cavalos morreram rapidamente. Estabeleceu-se contacto com os malaios de Niphon, e muitas famílias Fohahtees, insatisfeitas com a vida na China, migraram para essas ilhas e vizinhas, casando-se com os malaios. Ensinavam-nos a cultivar a terra, transplantar árvores frutíferas e domar videiras e arbustos. Descobriram que em certas partes das ilhas o trigo podia ser cultivado, e introduziram-no.

Essa raça mista foi o tronco ancestral do povo japonês, sendo o sangue mongol — ou Fohahtee — o dominante.

O ramo da família asiática estabelecido nos vales do Ganges e do Jumna havia crescido consideravelmente em número, a tal ponto que essas regiões estavam densamente povoadas,

com povoações estabelecidas em áreas férteis afastadas dos rios principais. Apesar da dispersão, realizavam reuniões anuais, sobretudo no outono, embora também ocorressem encontros na primavera.

Preparava-se muito para essas ocasiões: reuniam-se grandes quantidades de alimentos para alimentar a multidão, e praticava-se o banho matinal e noturno — homens e mulheres juntos. Casamentos eram combinados e celebrados com danças, cantos e flores, sendo as noivas e outras jovens decoradas com grinaldas florais. Três ou mais anciãos serviam de testemunhas, e não havia outro ritual além do entrelaçar das mãos dos noivos e a bênção por parte dos mais velhos. Após isso, os familiares da noiva ofereciam-lhe utensílios de cerâmica para cozinhar, e ela seguia com o marido para o lar que este havia preparado.

Com o passar do tempo, surgiram homens que, alegando ter poder sobre espíritos malignos, assumiram o papel de sacerdotes. Apropriaram-se dos bosques sagrados, afirmando comunicar-se regularmente com espíritos bons e sábios, bem como com Bram (nome que davam a Deus), especialmente em ocasiões especiais. Ganhando influência entre os mais supersticiosos, esses homens tentaram dividir o povo em castas, mas enfrentaram forte oposição, sendo alguns até banidos temporariamente. Depois disso, tentaram substituir o simples governo tribal por uma teocracia, mas foram contidos pelos chefes tribais, que governavam com brandura e não exigiam tributos, exceto pequenas contribuições para as festas anuais — cada líder sustentava a sua família como os demais.

Apesar de divididos em várias tribos, com chefes próprios, estavam unidos como nação, elegendo entre os líderes um Rajá, ou governante supremo, que mantinha o cargo enquanto governasse com sabedoria e em benefício comum. Podia ser deposto por justa causa a qualquer momento, mas normalmente mantinha o título por toda a vida.

Este povo era amável e hospitaleiro com estrangeiros, ainda que raramente os deixasse dormir nas suas casas. Cada povoado possuía uma "choultry", ou casa para forasteiros, onde qualquer viajante podia ficar quanto quisesse, recebendo alimentação gratuitamente, por dever da comunidade. A guerra era desconhecida entre eles — as tribos mais selvagens raramente invadiam as suas terras, e, quando o faziam, eram apenas repelidas, sem serem perseguidas ou mortas.

Aumentaram muito os rebanhos de gado, utilizando o leite como alimento, mas nunca matando os animais para consumo de carne. As ovelhas não prosperavam tão bem como nas regiões montanhosas. Foi feita uma tentativa de domesticar o elefante, com algum sucesso, e cada chefe se empenhava em possuir um ou mais desses animais.

Em matéria religiosa, poucas mudanças ocorreram. Continuavam a acreditar num Deus único e na comunicação com os espíritos, reunindo-se para adorar nos bosques sagrados, como faziam desde os primórdios. Mas uma mudança estava prestes a ocorrer, promovida pelos sacerdotes oportunistas, que começaram a sacralizar o ato de se banhar.

O BATISMO PELA ÁGUA

Todos os primeiros seres humanos haviam sido ensinados pelo Ser Angélico e seus assistentes que a água era um agente de purificação: mantinha a pele limpa, purificava o sangue e prevenia ou curava doenças eruptivas. Essa prática era valorizada e amplamente seguida pelos seguidores de Brama — não como algo sagrado, mas como uma higiene natural.

Contudo, os sacerdotes declararam ter recebido uma revelação divina, segundo a qual todos os verdadeiros devotos de Brama deviam banhar-se ao menos uma vez por ano nas águas do Ganges, sob pena de não serem recebidos por Deus após a morte.

Como muitas povoações estavam distantes do rio, em terras férteis ou em oásis no deserto, os sacerdotes viram aí uma oportunidade de lucro: começaram a transportar a água do Ganges até esses locais e a vender a água sagrada a quem não podia fazer a peregrinação. Os idosos, doentes e fracos eram os principais alvos. Em troca da água, os sacerdotes aceitavam frutas, galinhas, ovelhas, bois, roupas — qualquer coisa de valor.

Naquela época ainda não se usava dinheiro, mas os sacerdotes aceitavam pérolas, diamantes e outras pedras preciosas, se possível. Mais tarde, com a introdução do dinheiro, criaram um sistema de transporte de água com licença paga. Os carregadores tinham de pagar por essa licença, e ainda partilhar os lucros com os sacerdotes. Um segundo sacerdote acompanhava cada ponto de distribuição para supervisionar o ritual de ablução, receber o pagamento e entregar apenas a parte restante ao carregador, que realizava todo o esforço físico.

A prática funcionava assim: dois jarros de água do Ganges eram suspensos numa vara apoiada no ombro do carregador, que percorria longas distâncias, muitas vezes em grupo. Ao chegar ao povoado, o sacerdote anunciava a chegada, lembrando que os pecados da comunidade eram muitos e que a água sagrada os purificaria.

O rico era obrigado a pagar por um banho de imersão completo.

O homem de poucos recursos comprava apenas um jarro, que o sacerdote derramava sobre sua cabeça, deixando a água escorrer pelo corpo.

O pobre, que só podia oferecer um punhado de frutas ou grãos, era colocado com os outros desfavorecidos em círculo em torno de uma plataforma. Nela, o sacerdote subia com um jarro de água e, após uma oração, aspergia todos com um ramo molhado.

Foi assim que surgiram as três formas de batismo ainda hoje em uso: imersão, derramamento e aspersão — todas derivadas desta prática transformada em ritual sagrado por artimanha sacerdotal.

Todas as raças humanas ditas "selvagens" usaram, ou ainda usam, a água como meio de purificação para "lavar o sangue original" de estranhos que desejam ser adotados nas suas

tribos. Esta prática remonta aos ensinamentos dados aos primeiros seres humanos pelo Ser Angélico, como já mencionado anteriormente, e serve como evidência da veracidade desses relatos. Muitos cristãos afirmam que João Batista foi o primeiro a batizar, e que ele — ou Jesus depois dele — tornou o batismo uma exigência essencial ao arrependimento; mas judeus, gentios, civilizados e selvagens já praticavam o batismo há incontáveis eras antes desse tempo — e continuarão a praticá-lo por todos os tempos vindouros, não para remissão de pecados, mas por questões de limpeza e pureza física, pois "a limpeza está próxima da santidade".

Foi por esse meio que os sacerdotes da Índia conquistaram, inicialmente, a sua influência sobre o povo, influência essa que mantiveram ao longo de todas as eras, apesar das tentativas ocasionais de reformadores que procuravam libertar o povo do seu domínio tirânico. Esses esforços, embora temporariamente bem-sucedidos, acabavam invariavelmente frustrados pela astúcia e manipulação dos sacerdotes.

Entre os reformadores destacou-se Brahma, um homem sábio e virtuoso que, hoje, é adorado como deus por centenas de milhares que o veneram como Criador. Poeta de nascença, em comunhão com os espíritos angélicos, Brahma acreditava ter sido enviado ao mundo para redimir o seu povo através da purificação da religião, retirando-lhe os erros introduzidos pelos sacerdotes. Estes tinham-se elevado à posição de casta superior, autoproclamando-se nobreza espiritual.

A vida de Brahma foi pura e dedicada, e a sua missão teve tal êxito que os sacerdotes ficaram alarmados e tentaram de todas as formas cooptá-lo para a sua causa. Fizeram-lhe propostas generosas — incluindo torná-lo o príncipe dos sacerdotes. Mas Brahma, fiel à inspiração dos anjos, recusou tudo, declarando que:

"Todos os homens são iguais aos olhos de Deus"
"A religião mais aceitável não reside em rituais ou cerimónias, mas na caridade — na verdadeira benevolência que não espera retorno"
"O pobre, honesto e verdadeiro, que partilha do pouco que tem com quem tem menos, entra de imediato na felicidade e é absorvido por Brama, enquanto os sacerdotes arrogantes e os religiosos hipócritas terão de passar por muitas transmigrações, renascendo várias vezes até poderem alcançar o mesmo grau de bem-aventurança."

A CRENÇA NA TRANSMIGRAÇÃO

A crença na transmigração da alma — ou seja, que a alma do homem ou mulher impuro reencarnaria no corpo de animais inferiores como punição após a morte — já fazia parte da religião hindu antes da vinda de Brahma. Embora provavelmente soubesse que tal doutrina era falsa, Brahma não a confrontou diretamente, percebendo que seria impossível erradicá-la de imediato. Assim, concentrou-se na reforma moral do povo, utilizando a sua voz

eloquente para atacar o sistema de castas instituído pelos sacerdotes — e, por um tempo, foi bem-sucedido.

Nos livros sagrados hindus, a origem de Brahma é pura mitologia. Conta-se que, após a destruição do mundo anterior por um dilúvio, Vishnu adormeceu sobre as espirais de uma serpente gigante que flutuava sobre as águas. Após milhões de anos de sono, uma flor de lótus cresceu do seu corpo e, dela, nasceu Brahma, que então criou o mundo novamente. Por isso, Brahma passou a ser chamado de Criador, Vishnu o Preservador e Shiva o Destruidor.

Na realidade, Brahma foi uma pessoa real, filho de pais humanos de origem humilde, não pertencentes à classe dominante. Como viveu muito antes de a sua gente possuir escrita, tudo o que se sabe dele é tradicional ou mítico. O mesmo não se pode dizer de Vishnu e Shiva, pois estes nunca existiram de facto, sendo personagens puramente míticos.

O NOME "HINDU"

Pode-se questionar o uso do nome "Hindu" para este povo, pois é amplamente aceite que tal designação só surgiu cerca de mil anos antes da era cristã, quando caucasianos selvagens invadiram a Índia, conquistaram os aborígenes e se tornaram senhores da terra. O nome original desse ramo da família asiática era "Indu", que foi corrompido para "Hindu" na época dessas invasões. Os conquistadores adotaram a religião local, mas modificaram-na, introduzindo sacrifícios sangrentos em vez de oferendas de frutas e flores. Casaram-se com o povo conquistado, absorvendo também o nome “Hindu”, na esperança de consolidar o seu domínio num território muito mais fértil do que as montanhas de onde provinham.

A tradição do mundo destruído por um dilúvio nasceu da memória ancestral do período glacial, quando ondas gigantes invadiram a terra e alteraram a linha costeira — como já abordado anteriormente.

O FIM DE BRAMA E O LEGADO

Brahma ensinou até cerca dos 45 anos, altura em que desapareceu subitamente. Os sacerdotes — que o haviam assassinado em segredo — anunciaram que ele havia sido levado para o céu por um exército de espíritos bons, legando a eles a continuidade da reforma que iniciara com tanto sucesso. Foi imediatamente deificado, e os lugares que visitou e onde se banhou foram declarados sagrados, passando a receber peregrinações.

As reformas de Brahma, embora superficialmente mantidas, foram gradualmente abandonadas, exceto as que não interferiam com os interesses dos sacerdotes.

Um dos efeitos duradouros dos seus ensinamentos foi a divisão do povo. Brahma proclamava que cada homem devia ser seu próprio sacerdote, e que Brama criara os homens para que todos trabalhassem, a menos que fossem fisicamente incapazes. O sacerdote que

vivia às custas dos outros era, segundo ele, um ladrão, pois usurpava o fruto do trabalho alheio.

Foi Brahma quem introduziu muitos dos mandamentos que mais tarde apareceram na Bíblia, tais como:

- "Não matarás" — incluindo não apenas humanos, mas todos os seres vivos
- "Não levantarás falso testemunho contra o teu próximo, nem contra o estrangeiro que habita contigo"
- "Não furtarás"
- "Não cometerás adultério"
- "Não cobiçarás os bens do teu próximo, antes oferece ao que nada tem"

Estes e outros princípios foram transmitidos por Brahma, afirmando que os recebera diretamente de Brama.

Um grande número de seguidores passou a obedecer literalmente a esses mandamentos, recusando-se inclusive a entrar nos bosques sagrados se houvesse ali um altar presidido por um sacerdote. A cisão que se seguiu foi séria, embora não sangrenta. Os seguidores verdadeiros de Brahma retiraram-se e fundaram uma nova povoação no local onde hoje se ergue Benares (Varanasi) — considerado o local onde Brahma foi visto pela última vez com vida. Ali foi lançada a fundação da primeira cidade do mundo, à exceção de Atlanta, na Atlântida.

Os alicerces desta cidade não foram lançados em pedra, pois os nativos da Índia ainda se encontravam na Idade da Pedra e não possuíam ferramentas adequadas para trabalhar esse material; as construções eram, portanto, cabanas de bambu; e durante séculos nenhum sacerdote foi autorizado a entrar nos recintos sagrados, apesar das muitas tentativas para aí se estabelecerem.

Quando a população ultrapassou o número que podia ser sustentado com os seus rebanhos, grupos emigraram para outras regiões do país, nomeadamente para o sul da Índia, onde foram bem recebidos pelos poucos malaios que ainda mantinham o controlo. Ali, sob os nomes de Shanars e Jains, viveram durante muito tempo vidas pacíficas e felizes, embora com o tempo a perseguição os tenha degradado significativamente.

Nenhum governo fora instituído para além da organização tribal, exceto onde os sacerdotes detinham o controlo. Estes eram os governantes e afirmavam possuir autoridade divina, que lhes conferia a posse do mundo e de tudo o que nele existia. Se um homem, que não fosse sacerdote, possuía algo que eles cobiçassem — mesmo que fosse a sua própria esposa — o sacerdote exigia-o, e ele era obrigado a ceder. Se se recusasse, era ameaçado com calamidades terríveis nesta vida e sofrimentos inimagináveis na próxima. Apesar de proclamarem uma vida de renúncia, esses homens, com raras exceções, usufruíam do melhor que o país tinha para oferecer, muitas vezes instalando-se em aldeias

distantes para espiarem a condição dos habitantes e, posteriormente, fazerem exigências que tinham de ser cumpridas sob pena de serem expulsos das suas casas e condenados à miséria eterna após a morte.

Pouco tempo após a morte de Brahma, registaram-se sismos frequentes e chuvas intensas durante vários dias, provocando cheias muito destrutivas. Os rios transbordaram os seus leitos e os vales ficaram submersos. A raça mista asiática e caucasiana que se tinha estabelecido no vale do Eufrates sofreu grandes perdas, tanto humanas como de gado.

As ilhas gregas, assim como o continente, foram inundadas pelas águas elevadas e por ondas de maré. Na Índia, os níveis da água subiram bastante, mas a perda de vidas não foi significativa. No entanto, o povo ficou muito alarmado, acreditando que o mundo estava prestes a ser novamente destruído pela água. Os sacerdotes, em particular, ficaram apavorados. Pensavam que o dilúvio que se abatera sobre eles era um castigo divino pela morte de Brahma, bem como pela sua hipocrisia. Muitos dos bosques sagrados foram inundados e os altares destruídos. Gado sagrado foi arrastado pelas águas e afogado, e as casas de bambu próximas dos rios sofreram o mesmo destino.

Na China, os Fohahtees foram forçados a refugiar-se em zonas mais altas, registando-se muitas perdas humanas e materiais. No Japão, como nas ilhas vizinhas, os abalos sísmicos foram quase contínuos durante vários dias e a precipitação foi intensa. Apesar disso, as perdas humanas foram poucas, embora os danos em habitações e culturas fossem significativos.

As ilhas do Oceano Índico foram sacudidas até aos seus alicerces pelos violentos sismos; ondas de maré varreram as mais baixas, destruindo toda a vida existente. Algumas das ilhas mais pequenas desapareceram, enquanto outras surgiram onde antes não havia terra. A Austrália ficou parcialmente submersa durante algum tempo e cordilheiras de colinas ergueram-se onde antes o terreno era plano.

Na Europa Ocidental, os rios transbordaram, inundando os vales; mas as perdas humanas foram escassas, pois os habitantes conseguiram refugiar-se em terrenos elevados. No entanto, na Grã-Bretanha, grande parte das zonas costeiras ficou submersa e muitas vidas foram perdidas.

África pouco sofreu com os sismos, mas todos os seus rios atingiram níveis muito altos, e os nativos que viviam nos vales foram arrastados ou forçados a refugiar-se em zonas mais elevadas, onde sofreram bastante com a escassez de alimentos e a exposição a tempestades violentas de chuva e vento que duraram quase quatro meses.

A América do Norte sofreu apenas com o aumento do nível das águas, sem grandes perdas humanas; já a América Central e do Sul foi quase diariamente atingida por sismos. Os vulcões, a maioria dos quais se encontrava inativa há muito, tornaram-se extremamente ativos, expelindo grandes quantidades de água quente, lama, cinzas, pedras e lava. A costa

ocidental foi sucessivamente elevada e rebaixada, com as águas do oceano invadindo até à base das montanhas e subindo pelos rios. Em algumas zonas, a natureza do solo e da paisagem foi profundamente alterada, e muitos habitantes foram engolidos pelas fendas que se abriram na crosta terrestre, enquanto outros foram arrastados pelas águas ou morreram sufocados pelos gases tóxicos que escapavam das profundezas.

A grande ilha a sul e sudeste da América do Norte foi agitada como um navio no mar pelos sismos e inundada pelas águas, mas como os habitantes tinham fugido a tempo para as colinas e montanhas, poucas vidas se perderam.

A Atlântida foi a que menos sofreu. Os abalos foram muitos e violentos, e dois dos cinco vulcões do continente tornaram-se ativos, expelindo fumo e cinzas; a precipitação foi intensa, fazendo transbordar todos os rios; contudo, não houve perdas significativas, exceto no setor agrícola e na morte de alguns animais domésticos.

Foi este período da história da Terra, e os desastres que o acompanharam, que deram origem às tradições do dilúvio, ou, como os cristãos lhe chamam, o Dilúvio de Noé. Esta tradição, apesar dos ensinamentos da ciência, é considerada como história verdadeira por um grande número de pessoas inteligentes, que saberiam mais se não fosse o facto de considerarem a Bíblia como de origem divina — a verdadeira palavra de Deus. Para benefício deste grupo, apresentaremos a origem da história de Noé e do seu dilúvio.

Na época das inundações referidas, uma pequena ilha no Arquipélago Grego estava densamente povoada, tendo em conta os padrões da época. Antes de se sentirem os sismos, choveu torrencialmente durante vários dias, mas nenhum dos habitantes, exceto um chamado Deucalião, temia qualquer desastre. Ele, no entanto, construiu uma jangada suficientemente grande para transportar a si próprio e à sua família, caso fosse necessário. Recolheu também provisões — carne seca, peixe e uvas — em quantidade suficiente para durarem algum tempo. Quando começaram os abalos sísmicos, ondas sucessivas invadiram a terra e Deucalião, com a sua família, embarcou na jangada. Durante a noite seguinte à partida, as águas cobriram toda a ilha, arrastando os habitantes e levando a jangada com os seus passageiros humanos para o mar.

Durante muitos dias, a jangada foi joguete dos ventos e das ondas, mas a chuva fornecia-lhes água potável e a comida que tinham levava-lhes. Por fim, a jangada foi arrastada até à costa asiática, a nordeste da ilha de Chipre. As zonas baixas da costa estavam inundadas e a jangada foi levada para o interior, onde encalhou, embora continuasse rodeada de água durante vários dias. Deucalião e a sua família acreditavam ser os únicos sobreviventes do dilúvio, que julgavam ter coberto toda a terra, pois durante a sua viagem atribulada não viram qualquer terra firme.

Quando as águas recuaram, partiram em busca de um local adequado para se fixarem e, viajando para sudeste, encontraram pastores e os seus rebanhos num dos ramos superiores do rio Eufrates. Foram bem recebidos e acolhidos com hospitalidade. Quando contaram a

sua história, dizendo que tinham desembarcado no topo de uma montanha alta (na realidade uma pequena colina, bastante distante do Monte Ararate), tornou-se fácil, com o passar dos anos, localizar ali o ponto de chegada, sendo essa a elevação mais alta daquela região.

As pessoas com quem Deucalião se cruzou eram de ascendência mista caucasiana e asiática, já anteriormente mencionada, e ele estabeleceu-se entre elas, tornando-se um patriarca, convencido de que fora inspirado por Deus para construir a sua jangada e protegido durante a tempestade.

Os únicos ocupantes da jangada eram Deucalião, a sua esposa e os seus três filhos, sendo o mais velho um rapaz com cerca de doze anos, e os outros duas raparigas. Nenhum animal os acompanhava, embora a história, transmitida por tradição, tenha sofrido ao longo do tempo várias embelezamentos, até que Abraão (uma figura real), tendo dela tomado conhecimento, a levou consigo ao sair da Caldeia. Transmitiu-a aos seus filhos com alterações de nomes, sendo fácil ao historiador judeu moldá-la de forma a glorificar o povo judeu, acreditando, sem dúvida, que se tratavam do povo eleito de Deus.

Deucalião foi uma figura real, e aquilo que relatámos da sua história é verdadeiro. Noé nunca existiu, e a história dos seus três filhos — um vermelho, um negro e um branco — foi inventada para justificar a existência das três raças conhecidas na época em que a história foi escrita: a caucasiana, a africana e a asiática.

As cheias e as tempestades de chuva e vento forte que destruíram as habitações rudimentares da raça caucasiana, ou branca, na Europa, forçaram muitos a procurar refúgio nas cavernas que outrora habitavam, mas que tinham abandonado em favor de habitações construídas pelas suas próprias mãos. Os ursos e os lobos tinham ocupado essas cavernas durante anos, o que deu origem a violentos confrontos com essas feras, antes de estas serem expulsas. Os homens, com a ajuda do fogo e das suas armas de pedra, acabavam por vencer, embora por vezes fossem mortos ou, mais frequentemente, gravemente feridos.

Como era costume entre eles matar todos os que ficassem demasiado feridos em combate ou em caçadas ao ponto de se tornarem inúteis, muitos que perdiam o uso de um membro ou da visão nestes confrontos com os animais selvagens eram deliberadamente mortos, muitas vezes pelos próprios familiares. Houve casos em que esposas dedicadas escondiam os maridos mutilados durante semanas ou meses, cuidando deles como se fossem bebés, saindo à caça com o arco e a lança dele para prover às necessidades da família. Se o marido recuperasse e voltasse a aparecer entre os seus, era considerado como alguém que ressuscitara dos mortos, e a esposa era vista como uma heroína.

O grande alce e o boi monstruoso ainda eram abundantes, tal como o urso das cavernas, juntamente com outras espécies menores de ursos. Os veados eram numerosos, e nas montanhas havia cabras-montesas e camurças em abundância. Os rios estavam cheios de peixe durante a época da desova e eram sempre generosos, pelo que esse povo rudimentar raramente passava fome.

Peixe e carne eram secos, assim como as uvas, que abundavam nas florestas e eram transplantadas para locais convenientes próximos das habitações. Mas ainda não se fazia cultivo agrícola em toda a Europa. Dependendo quase exclusivamente da caça para subsistência, as pessoas dispersavam-se pelo território quando chegava a primavera, em busca dos locais frequentados pelos animais, raramente regressando às suas aldeias antes de garantirem um bom abastecimento de carne seca para o inverno.

A caça também se praticava no inverno, mas por vezes os nevões eram tão intensos que mal conseguiam sair das cavernas ou casas, exceto para ir buscar água. Os seus recipientes para a água eram secções de pequenos troncos ocos, sobre cujas extremidades esticavam a pele de um animal. Usavam cornos como copos para beber e peles de animais para transportar água nas viagens. As suas roupas eram feitas exclusivamente de peles curtidas, e as agulhas utilizadas para cosê-las eram de osso, com linha feita de tendões de veado ou camurça.

Estando divididos em várias tribos, ocorriam frequentemente conflitos, quase sempre pela posse dos melhores terrenos de caça. Os vencedores mantinham o controlo durante a época, mas provavelmente teriam de lutar de novo no ano seguinte, e em todos os anos seguintes, até os adversários desistirem, sem esperanças de vitória.

As suas armas eram clavas de guerra, rudemente esculpidas, mas muito valorizadas. O filho mais velho herdava a clava do pai quando este morria, a menos que fosse desonrado por cobardia. Nesse caso, a clava passava ao segundo filho e, na sua ausência, ao parente mais próximo.

Lanças com hastes de cerca de dois metros ou mais, com pontas de sílex talhado, eram usadas tanto na guerra como na caça. Arcos e flechas — estas também com pontas de sílex — estavam amplamente disseminados. A funda, utilizada para lançar pedras, era comum entre algumas tribos, que desenvolveram grande perícia no seu uso, conseguindo lançar projéteis com grande precisão e força.

Nesta época, alguns indivíduos de várias tribos começaram a demonstrar talento artístico, pintando silhuetas de animais e figuras humanas com terras coloridas. Alguns poucos faziam gravações em lousas, ossos ou presas de animais com lascas afiadas de sílex, e outros esculpiam desenhos em clavas de guerra, que se tornaram muito procuradas pelos chefes e pelos líderes familiares.

Na Gália, houve tentativas de formação de um governo federativo entre as tribos, mas o ciúme feroz e as constantes disputas pela supremacia entre os chefes frustraram o movimento, dando origem a guerras nas quais algumas tribos mais fracas foram quase exterminadas. Os sobreviventes fugiram para as montanhas e, instalando-se em vales de difícil acesso, recuperaram forças e, com o tempo, vingaram-se com ataques noturnos aos seus antigos conquistadores, matando os homens e levando mulheres e crianças como cativas.

As cativas eram bem tratadas, pois era considerado desonroso e cobarde maltratar ou matar uma mulher ou uma criança. Continuava a fazer-se escravos dos prisioneiros adultos, mas as crianças eram adotadas pelas tribos e deixadas aos cuidados das mães durante a infância.

Na Grã-Bretanha, os habitantes mantinham-se numa condição semelhante, com pouco progresso desde o período glacial. É verdade que tinham aumentado em número, mas a sua índole guerreira permanecia inalterada. Alguns conflitos eram tão sangrentos que quase todos os homens aptos para combater numa tribo eram mortos. Nestes casos, as viúvas e as crianças eram divididas entre os vencedores, que se encarregavam do seu sustento.

Foi durante uma dessas guerras que uma tribo, fortemente pressionada pelos seus inimigos, fugiu em jangadas e desembarcou na Irlanda, fundando o primeiro povoamento no norte da ilha. Rapidamente foram acompanhados por elementos dispersos de outras tribos, formando um grupo forte o suficiente para resistir aos ataques dos vizinhos, que, atravessando o canal durante a noite, tentaram por várias vezes conquistá-los. Durante séculos, a Irlanda foi um refúgio para os perseguidos do outro lado do mar, sendo frequente que os filhos dos chefes — herdeiros legítimos — tivessem de fugir para lá após a morte dos pais, pois homens ambiciosos, muitas vezes parentes próximos, estavam prontos a eliminá-los para tomarem o poder.

No Cáucaso, o povo estava dividido em três tribos que viviam em paz, com povoamentos permanentes. Cada tribo tinha uma aldeia central, governada por um chefe, mas havia também um conselho de nove elementos que se reunia duas vezes por ano (primavera e outono) para tratar dos assuntos comuns. Este conselho ouvia queixas, resolvia disputas e julgava crimes. As decisões eram finais e obrigavam todos, incluindo os chefes.

Os membros do conselho eram eleitos por voto da maioria dos homens adultos da tribo a que pertenciam e serviam vitaliciamente ou enquanto se mantivessem com bom comportamento. O conselho podia expulsar membros por justa causa. As eleições decorriam de forma muito ordeira. Quando se ia eleger um novo conselheiro, mensageiros eram enviados para convocar todos os homens adultos à aldeia principal numa data específica, que coincidia com festas e jogos atléticos, assegurando a presença de praticamente todos.

Os candidatos sentavam-se lado a lado ao ar livre (ou na casa do conselho se o tempo não permitisse), e sorteavam a ordem dos discursos. Após falarem, sentavam-se no chão, cada um com uma jarra de barro à sua frente. O arauto anunciava então que os votos podiam ser lançados. Cada eleitor tinha uma noz ou seixo, que depositava na jarra do candidato da sua preferência.

A votação era ordenada, com os mais velhos à frente da fila. No fim, três anciãos contavam os votos, e o que tivesse mais era declarado eleito. O vencedor era coroado com ramos de sempre-verde e colocado num assento elevado, tornando-se juiz das competições atléticas que se seguiam.

Essas provas incluíam lutas, saltos, corridas, tiro ao alvo com arco e flecha, lançamento de lança e, por vezes, combates com clavas, embora estes fossem reservados para inimigos declarados, pois podiam causar ferimentos graves ou morte.

Este povo já tinha desenvolvido grande habilidade na domesticação e gestão de cavalos, possuindo manadas, rebanhos de ovelhas e cabras, e alguns burros, que eram usados apenas para transportar cargas que não punham nos cavalos. As mulheres tornaram-se hábeis a trabalhar a lã das ovelhas e o pêlo das cabras — nomeadamente da cabra de Caxemira, que tinham domesticado.

Tinham descoberto uma variedade de cevada selvagem, que cultivavam em pequena escala, assim como feijões que cresciam espontaneamente em algumas zonas. As uvas também eram cultivadas, embora as vinhas nunca fossem podadas.

Ainda faziam incursões ocasionais à Tartária para capturar cavalos selvagens, sendo essa uma forma dos jovens se destacarem. Até à visita mais recente, não haviam encontrado seres humanos naquele território. Mas, enquanto domavam alguns cavalos, avistaram ao longe um pequeno grupo de homens de tez escura, que se aproximaram com as mãos erguidas em sinal de paz.

Ao encontrarem-se, perceberam que a língua dos visitantes era estranha, havendo apenas algumas palavras em comum. Acamparam juntos e os visitantes mostraram grande interesse em aprender a capturar e domar cavalos, já que se deslocavam a pé, com burros a transportar os seus pertences.

Caucasianos e asiáticos conviveram durante vários dias. Os primeiros ajudaram os segundos a domar um cavalo cada, após o que se separaram amigavelmente. Os asiáticos disseram ter vindo do sudeste longínquo e expressaram o desejo de reencontrar os caucasianos na estação seguinte, no mesmo local, ao que estes prometeram comparecer, se possível.

Os asiáticos referidos tinham partido da Índia numa expedição de descoberta, seguindo o ramo ocidental do rio Indo até à nascente, nas montanhas. Depois, rumando a leste, encontraram grandes planícies onde pastavam manadas de cavalos selvagens. Ao verem fumo ao longe, dirigiram-se para lá e depararam-se com o acampamento dos caucasianos — os primeiros "homens brancos" que encontraram, embora já tivessem ouvido falar deles por viajantes que tinham passado pela Índia.

Conforme prometido, os caucasianos e os asiáticos reencontraram-se na Tartária na estação seguinte, cada grupo trazendo as suas famílias com a intenção de passarem juntos essa temporada. Contudo, a convivência correu de forma tão harmoniosa que decidiram fixar-se permanentemente na região. Foi a partir deste assentamento e dos casamentos mistos que naturalmente se seguiram que surgiu a origem da raça tártara; os tártaros

mongóis descendem da mistura dos Fohahtees — ou chineses, como hoje se designam — com os tártaros propriamente ditos.

O primeiro assentamento foi fundado próximo das nascentes do rio Oxus, e como se faziam viagens frequentes ao Cáucaso e à Índia para obter mantimentos, cada expedição trazia novos colonos, durante vários anos. Os chineses, no entanto, só chegariam àquela região muitos séculos depois.

Entretanto, as ilhas oceânicas desabitadas começaram lentamente a ser povoadas. As canoas dos malaios começaram a substituir as jangadas ou catamarãs, embora estes ainda fossem preferidos em mar revolto. Os malaios empreendiam por vezes longas viagens de descoberta nas suas canoas; um homem e a sua família, insatisfeitos, abasteciam a embarcação com víveres e partiam em busca de uma ilha que pudessem considerar sua. Muitos perdiam-se no mar, mas outros, após enfrentarem dificuldades quase inimagináveis, levados por ventos e correntes durante semanas, acabavam por chegar a alguma ilha soalheira onde a natureza parecia tê-los esperado. Ali estabeleciam-se com a família, tornando-se os antepassados das tribos que ainda hoje lá habitam.

Outros, empurrados acidentalmente para longe da costa por tempestades, flutuavam ao sabor do mar até alcançarem terra firme, onde encontravam, por vezes, outras famílias, que os acolhiam de bom grado. Contudo, mais frequentemente, especialmente nos primórdios da história da raça, encontravam-se como únicos ocupantes do local, muitas vezes sem ver outro ser humano, a menos que levassem a família consigo — o que era comum. Naquela época, os malaios não tinham residências fixas e não existia segurança para os bens, pelo que a canoa era tantas vezes a sua casa como a terra firme.

A mistura entre malaios e africanos deu-se através de incursões predatórias dos insulares à costa africana. Nessas incursões, matavam os homens e levavam as mulheres, transformando-as em esposas ou concubinas, já que a monogamia tinha pouco valor entre eles. As crianças raramente eram poupadas, a menos que fossem raparigas; os mais pequenos, tanto rapazes como raparigas, eram geralmente mortos se não conseguissem cuidar de si próprios.

Canibalismo — Alguns naturalistas sustentaram que todos os seres humanos foram, numa fase inicial, canibais. Contudo, isso não é verdade. Se assim fosse, a espécie humana teria estado então abaixo de qualquer outro animal na ordem da criação, pois, com raras exceções (como machos que matam crias da mesma espécie ou fêmeas que ocasionalmente comem os próprios filhos), nenhum animal se alimenta de indivíduos da sua espécie, exceto em casos extremos de necessidade.

Entre os humanos, o canibalismo era desconhecido até ser praticado como último recurso para a sobrevivência. É verdade que, com o tempo, algumas raças mais primitivas, como certos malaios e africanos — e ocasionalmente algumas tribos indígenas — desenvolveram gosto pela carne humana, mantendo o hábito de consumir prisioneiros de

guerra. Alguns acreditavam que, ao comer a carne — especialmente o coração e o cérebro — de um inimigo valente, herdavam a sua bravura. Foi desta forma, e não de outra, que o canibalismo se instalou entre os homens.

América — Neste continente, poucas mudanças ocorreram durante milhares de anos. Na região central, ou América Central, a população estava dividida em sete tribos, das quais se destacavam os toltecas, astecas e tlascas, cada uma com um chefe principal e vários chefes menores para os diferentes clãs. Essas três tribos formaram uma confederação que viveu em paz durante muitas gerações.

Esta união foi obra de um chefe sábio chamado Yotan, que governou durante a vida e foi sucedido pelo seu filho Votan, cuja personalidade pacífica e governação justa foram longamente recordadas pelos Matahs, nome adotado pela confederação.

O domínio deste povo estendia-se desde um pouco a norte do lago Nicarágua até às planícies do México, a oeste da Sierra Madre. A leste dessa cordilheira, o território era pouco habitado, com grupos nómadas, até que se estabeleceram colónias no Rio Grande por parte dos Anahnas e Nahnas, oriundos de um antigo continente insular situado no Golfo do México, que se estendia profundamente no Oceano Atlântico, em direção à Europa. Estes povos, recorde-se, descendiam de emigrantes da América do Norte e Central que se tinham fixado nessa ilha.

O carácter feroz e cruel dos povos do norte fora bastante atenuado pela miscigenação com os seus irmãos, e passaram a viver em paz, casando-se entre si, embora mantendo organizações tribais independentes. Contudo, uniam-se sempre para repelir invasores.

A sul do lago Nicarágua e do rio San Juan vivia a tribo Amerek (ou Amereka), um povo feroz e guerreiro, que devorava os prisioneiros capturados em batalha. A norte deles, e a leste do lago, estavam os Yoncus e os Toncas, vizinhos dos Maias. Já ao norte da península de Iucatã, ao longo da costa pacífica e até à margem oriental do Golfo da Califórnia, encontrava-se a nação Attakah, também guerreira e dada a raides contra outras tribos.

Os Maias eram frequentemente obrigados a combater os Attakah e os Amereka, mas agiam sempre na defensiva. Raramente levavam a guerra ao território inimigo, e apenas o faziam para resgatar prisioneiros.

A principal aldeia dos Maias, onde se situava a casa do conselho tribal, chamava-se Otolum. Ali guardava-se o Tapanahuasec, ou tambor sagrado, que era vigiado dia e noite. Acreditava-se que, perante qualquer perigo, mãos invisíveis soariam o alarme nesse tambor. Por isso, corredores velozes estavam sempre de prontidão, para, ao som do tambor, partirem imediatamente para alertar os chefes e membros do conselho.

Esta aldeia situava-se no que é hoje conhecido como Guatemala, no ponto mais alto entre o Golfo do México e o Oceano Pacífico, e na época de que falamos não tinha mais de

trezentos habitantes, que viviam em casas simples feitas de casca de árvore ou de ramos entrançados. A casa do conselho, porém, era mais imponente. Tinha apenas um piso, mas media cerca de 90 metros de comprimento por 15 de largura, sendo composta por estacas colocadas lado a lado, formando uma paliçada, com um telhado coberto de canas e folhas. Tinha apenas uma porta e nenhuma janela, mas no centro existia uma lareira de pedra onde se acendiam as fogueiras do conselho; estas mantinham-se constantemente acesas sempre que a nação estava em guerra, até ser declarado o fim das hostilidades.

Mais tarde, esta aldeia tornar-se-ia numa grande cidade construída em pedra, cujas ruínas ainda hoje podem ser encontradas; mas isso já durante o governo de outro Yotan, muitos séculos depois de Yotan, o pai, e Yotan, o filho, terem governado os Maias. As tradições que ainda possam sobreviver entre os remanescentes deste povo provavelmente referem-se a este último, de quem falaremos no momento apropriado.

Até então, não se tinham verificado grandes mudanças na sua religião ou moral, com exceção do facto de que agora era permitido a um homem ter mais do que uma esposa, desde que pudesse sustentá-las. Além disso, tornara-se habitual cada tribo oferecer quatro sacrifícios humanos por ano ao Grande Espírito, sendo as vítimas geralmente prisioneiros de guerra; na sua ausência, recorriam ao sorteio entre os jovens solteiros da tribo.

Na América do Sul, os indígenas pouco tinham progredido até então. Tinham aldeias, mas não cidades, e, tal como os restantes, viviam de frutos silvestres e da caça. Eram mais homogéneos entre si do que os povos do norte, e a maioria adotava o nome de Ouzco, ou Cuzcos; os que viviam mais a sul chamavam-se Arancanos e Penghuanos — estes últimos sendo guerreiros e briguentos, ao passo que os Cuzcos eram pacíficos e hospitaleiros.

Na América do Norte, os indígenas tinham-se espalhado para além dos Grandes Lagos, a norte, e encontravam-se dispersos por todo o território a sul e a leste, até ao oceano, a oeste do rio Mississippi. Poucos se fixavam permanentemente, preferindo viver em regiões bem arborizadas. Estavam divididos em muitas pequenas tribos que viviam em constante conflito.

Líderes sábios tentaram unificar estas tribos numa grande nação e pôr fim às lutas, mas fracassaram. No entanto, os Aqwahowa — que mais tarde formariam a grande nação algonquina —, um povo que vivia nas margens do norte dos lagos no verão e mais a sul no inverno, tornaram-se o núcleo em torno do qual outras tribos se reuniram, formando uma nação poderosa que trouxe estabilidade à região durante vários séculos.

Em termos de religião e moral, não ocorreram alterações significativas entre estes povos nativos do norte. O gosto pela guerra e a crença de que nenhum homem podia ser considerado guerreiro ou ter lugar no conselho tribal sem ter morto um inimigo e exibido o seu escalpe, tornaram-se comuns. Isso alimentava rancores e rivalidades, frequentemente

originando guerras tribais, algumas das quais eram levadas até à quase extinção de um dos lados.

O Tempo Chamado de Adão — Voltamos agora a Ásia, com o objetivo de compreender a origem da tradição de Adão e da criação. Apesar de a Bíblia não possuir uma cronologia original, foi-lhe atribuída uma, muito tempo depois da era cristã, pela soma das idades das figuras ali mencionadas. Já os sumos sacerdotes judeus haviam feito estimativas semelhantes anteriormente. Essas duas cronologias diferem ligeiramente, mas nenhuma delas estabelece que o mundo tenha apenas seis mil anos.

Não é necessário dizer que ambas estão erradas, pois as ciências da Arqueologia, Etnologia e Geologia, nas mãos de investigadores imparciais, refutaram-nas categoricamente. Quase todos os anos surgem novas evidências que fortalecem a posição dos que contestam essas cronologias. Como essas evidências estão ao alcance de todos os interessados, não nos alongaremos nelas aqui, preferindo avançar para a origem do relato bíblico da criação.

Muitos milhares de anos antes do período tradicionalmente atribuído a Adão, um ramo da raça asiática, os Indu, fixou-se nas margens dos rios Eufrates e Tigre, levando uma vida pastoral e alimentando os seus rebanhos. Cada chefe de família era o legislador do seu clã, pois não existia então outra forma de governo em Irak, ou Aram, como era chamado o território.

Com o tempo, homens de pele clara visitaram-nos e travaram relações amistosas, havendo até alguns casamentos mistos. Este povo tentou estabelecer-se no Egito, mas foi forçado a recuar devido à presença de animais selvagens e serpentes. Durante essas visitas, viram alguns africanos que tinham descido pelo Nilo quase até à foz, mas não chegaram a comunicar com eles, pois os negros temiam aproximar-se.

Discutia-se muito sobre a origem da humanidade. Cada povo conservava tradições vagas, mas nada de concreto. Determinou-se, por fim, que o asiático fora o primeiro homem criado e que Deus o criara já adulto, pois de outro modo não conseguiria sobreviver. Estando isto resolvido, a questão seguinte era: onde teria sido criado? Como não se conseguia identificar um local específico, e acreditando os asiáticos que a água fora criada por Deus para servir o homem e os animais, concluíram que num local de difícil acesso nas montanhas do Himalaia existia um paraíso onde nasciam grandes rios, e que foi ali que o homem foi criado — apenas um par, homem e mulher, os personagens traduzidos como Adão e Eva, significando simplesmente "homem" e "mulher".

Na sua cosmogonia, conheciam apenas quatro grandes rios: o Pisom, que identificavam com o Ganges; o Giom, com o Nilo; o Hiddekel, com o Tigre; e o Eufrates, que já então tinha esse nome. Todos estes rios acreditavam nascer nessa terra sagrada.

Após a criação, a terra foi dada ao homem e à mulher por Deus, para que a governassem como entendessem, com a condição de que se abstivessem de relações sexuais por um certo tempo. Porém, vencidos (ou tentados) pelo desejo, desobedeceram, e o homem culpou a mulher. Deus então disse à mulher: *"Multiplicarei grandemente as tuas dores e as tuas conceções; com dor darás à luz filhos,"* e outras palavras semelhantes. Esta passagem da Bíblia é quase literal à tradição original e deveria há muito ter deixado claro o tipo de "desobediência" a que se referia quem criou essa narrativa. A parte da serpente foi adicionada muito mais tarde — como se verá.

A história do dilúvio, como já dito, tem origem em Deucalião, e foi nesta região que ele se estabeleceu, muito antes da criação do mito bíblico da criação.

A história segundo a qual Eva foi criada depois de Adão, a partir de uma costela retirada do seu lado, teve origem em Elam (futuramente Pérsia), onde a tradição dizia que Deus criara primeiro Adão e, poucas horas depois, Eva, que foi apresentada e colocada ao seu lado — símbolo de igualdade. Como rezava a antiga história: *"Eva não foi colocada à cabeça de Adão para governar sobre ele, nem aos seus pés para que ele a pisasse, mas ao seu lado, para que juntos caminhassem, lado a lado, iguais, durante toda a vida."*

A história de Caim e Abel surgiu muito tempo depois, tendo-se originado com os primeiros sacerdotes, ou magos, de Elão — a futura Pérsia — e foi adotada por outras nações a partir deles. Na versão original, depois de matar Abel, Caim fugiu para o deserto e viajou durante vários dias. Já exausto, avistou ao longe as tendas de outros homens, mas temendo ter sobre si uma marca que o denunciasse como assassino, manteve-se afastado. Alguns homens viram-no e avisaram Nod, um grande chefe que governava aquela terra.

Nod enviou os seus servos para trazer Caim, e, com verdadeira hospitalidade, acolheu-o na sua própria tenda e perguntou-lhe o que desejava. Caim respondeu: "Estou cansado e com fome; quero repouso e alimento." Nod banqueteou-o generosamente durante vários dias, até que Caim, certo dia de manhã, levantou-se e, agradecendo a hospitalidade, disse: "Agora estou descansado e fortalecido; continuarei a minha viagem." "Não," respondeu Nod, "aqui tens Leila, a minha filha; toma-a por esposa e fica connosco." E assim fez Caim.

Com o passar dos anos, Caim percebeu que aquele povo passava frequentemente por grandes dificuldades devido à escassez de alimentos. Então resolveu contar a Nod acerca do seu pai, dizendo: "O meu pai foi instruído pelos espíritos (chamados deuses na altura) a semear grãos e cultivar milho para fazer pão, e assim nunca lhe falta comida." Nod, encantado com a ideia, perguntou se Caim conhecia o processo. Ele respondeu que sim. Nod então quis saber se o pai de Caim aceitaria trocar sementes por peles de animais, ao que Caim respondeu que seu pai era um homem bom e generoso, e que o faria com gosto. "Então", disse Nod, "ensinarás os meus jovens a cultivar a terra, e deixaremos de passar fome."

De imediato, Nod ordenou aos seus caçadores e jovens guerreiros que partissem para caçar o maior número possível de animais selvagens, enquanto os velhos e as mulheres preparavam as peles. Quando reuniram uma quantidade suficiente, acondicionaram-nas para serem transportadas às costas dos homens escolhidos para a jornada. Caim deu-lhes instruções: o sol deveria estar-lhes de frente até ao meio-dia e nas costas até ao anoitecer.

Na tarde do quarto dia, a expedição avistou ao longe as tendas de Adão, mas deteve-se à beira da floresta. Os servos de Adão viram-nos e avisaram-no que homens desconhecidos estavam ali parados. Adão mandou-os perguntar porque não se aproximavam. Ao serem interpelados, os homens de Nod responderam: "Sentimo-nos envergonhados por estarmos nus, enquanto vós estais vestidos," pois os deuses tinham ensinado Eva a fiar a lã das ovelhas e a fibra de cascas de árvores para tecer tecidos, com os quais fazia vestes para toda a casa.

Ao saber disso, Adão enviou de imediato roupas para cada homem, e estes foram recebidos nas tendas, onde lhes foi servido um banquete. Não lhes fizeram perguntas nessa noite, mas na manhã seguinte, após a refeição, Adão perguntou-lhes de onde vinham.

"Da terra de Nod, onde a filha do nosso chefe é esposa de teu filho Caim, e com quem ele tem dois filhos", responderam.

Adão rejubilou profundamente por saber que o filho que julgava morto estava vivo. Ao ser informado de que o grande chefe enviava peles para trocar por sementes de alimentos, preparou de imediato jumentos carregados com sacos cheios e estava prestes a despachar os homens de volta, quando ponderou e disse: "Esperai até ao frescor da tarde, e recolher-nos-emos à caverna para consultar os deuses e saber se procedemos bem."

À noite, Adão levou os homens à caverna e, ao entrar, relatou aos deuses as novidades e as suas ações. Os deuses regozijaram-se profundamente, dizendo a Adão que agira bem e que a terra seria abençoada por sua causa, dando muitos frutos em resposta ao seu trabalho e suor, por ter perdoado a Caim.

Na versão original desta história, Adão não foi amaldiçoado por ter desobedecido; foi apenas expulso do jardim — ou terra — mas manteve o favor e a ajuda dos deuses, ou espíritos.

Mais tarde, os magos, percebendo que o mundo era muito mais antigo do que a época atribuída a Adão, formularam uma narrativa mais elaborada: "Toda a matéria que compõe a Terra era gás. OzoniZD (Deus) solidificou esse gás em rochas e criou a água, mas a escuridão cobria a sua superfície. Deus então disse: 'Haja luz', e imediatamente tudo se iluminou. Criou os peixes do mar e os monstros do abismo. Depois, criou todo o tipo de ervas e vegetação, seguidos pelos animais, e então o homem; e o homem multiplicou-se, pois fora

criado macho e fêmea. Durante muito tempo, a Terra foi povoada por raças selvagens de homens que não conheciam Deus."

"Então, Deus criou Adão, à sua imagem mental, para que pudesse comunicar com ele e, por seu intermédio, ensinar esses homens selvagens a conhecer e adorar o Criador como fonte da vida e de todos os bens."

À medida que os vales do Eufrates e do Tigre se tornaram centros de civilização — com Babilónia situada junto ao primeiro e Nínive junto ao segundo —, essa tradição, assim como a do dilúvio, tornou-se comum a ambas as regiões. Por isso, quando Abraão (uma figura histórica real) saiu da Caldeia e se fixou nas planícies de Mamré, levou consigo essas tradições e transmitiu-as oralmente a seu filho Isaac, e este aos seus filhos. O leitor compreenderá facilmente como acabaram por integrar os escritos hebraicos em forma alterada, pois qualquer tradição transmitida de boca em boca tende a mudar com o tempo, por erro ou por orgulho, sendo adaptada ao povo que a preserva.

Fomos obrigados a apresentar detalhadamente a origem desta tradição para que o leitor compreenda que o relato bíblico da criação — embora os teólogos a ele se agarrem com tanto fervor — é pouco mais do que uma fábula. E uma fábula que, além disso, carece de um elemento essencial: não tem moral.

Sobre os africanos — Aqueles que exploraram o vale inferior do Nilo na época em que esta história da criação foi elaborada encontraram uma planta silvestre que lhes despertou interesse: o dhoura, ou milho egípcio. Notaram que onde as sementes tinham caído no solo, estas germinavam e cresciam, enquanto a planta-mãe ainda dava espigas. Provaram o grão e concluíram que era bom alimento. Levaram então uma quantidade consigo até ao Sudão, onde começaram a cultivá-lo, aprendendo a cozê-lo até formar uma pasta espessa, muito antes de saberem como transformá-lo em farinha.

Pouco tempo depois, alguns aventureiros oriundos de Aram chegaram ao Nilo e, também eles atraídos pela planta de que já falámos — o dhoura, ou milho egípcio —, levaram algumas espigas para o Eufrates, onde inicialmente o plantaram por curiosidade. Mas uma mulher descobriu o seu valor alimentar, cultivando-o por sua conta e ensinando outros a fazer o mesmo. O resultado desta experiência foi a adoção generalizada da cultura do milho naquela região, de onde se espalhou até à Grécia, dando origem à lenda de que uma mulher desse país, chamada Ceres, teria sido instruída pelos deuses a cultivar o milho e deveria ensinar essa arte à humanidade. Todos os cereais utilizados atualmente para a produção de pão passaram a ser chamados *cereais* em honra dessa figura mitológica, que foi divinizada e adorada pelos gregos e romanos, tal como Baco o foi por se crer que aprendera com os deuses a cultivar a vinha.

Até então, nenhuma cidade havia sido construída na Ásia Menor, Europa ou África. Existiam muitas aldeias de cabanas rústicas, mas raramente com mais de duzentos ou

trezentos habitantes. Com a introdução do cultivo do milho, no entanto, as populações começaram a concentrar-se em regiões mais propícias à sua produção.

Os vales dos rios Eufrates e Tigre viram crescer a sua população, com famílias oriundas da Grécia e, em menor número, da Índia. Viajantes do Cáucaso também ali acorreram, pois espalhara-se a notícia de que o povo de Aram recolhia grandes quantidades de alimento diretamente da terra. Essa curiosidade atraiu muitos estrangeiros, que regressavam aos seus lares levando consigo sementes de *dhoura*, contribuindo para a disseminação e cultivo da planta.

O afluxo de estrangeiros a Aram acabou por gerar conflitos, uma vez que o único sistema de governo existente era o patriarcal. Um jovem de mente esclarecida e grande coragem, chamado Ashur, tomou então a iniciativa de convocar os chefes nativos ou patriarcas para formarem um governo e escolherem um centro administrativo. A maioria respondeu ao seu apelo e concordou em proclamá-lo como seu chefe ou rei, com plenos poderes.

A primeira medida de Ashur foi formar um exército, expulsando de seguida todos os indivíduos considerados perigosos ou suspeitos, sob pena de morte caso regressassem. A curva do rio Tigre foi escolhida como local para o assentamento central, lançando-se então os alicerces da futura cidade de Nínive, que, nessa fase inicial, era composta quase exclusivamente por tendas feitas com peles de animais.

Ao mesmo tempo, um homem de sangue misto e nobre presença, chamado Naros, muito estimado por todos, liderou um movimento semelhante entre os povos do Eufrates, estabelecendo a aldeia capital perto do local onde mais tarde seria construída Babilónia.

Na Grécia, as muitas tribos pequenas, quase sempre em guerra entre si, haviam sido absorvidas pelos Helenos, que viviam nas planícies, e pelos Pelasgos, que habitavam as montanhas e eram selvagens, vingativos e cruéis. Estes foram os primeiros a construir fortificações artificiais com pedras na Europa, lançando as fundações da cidade de Argos, a mais antiga da Grécia — fundada pouco antes do assentamento no Egito.

Logo depois, os Fócios (posteriormente conhecidos como fenícios) realizaram uma viagem em grandes canoas ligadas entre si, chegando à foz do Nilo. Após explorarem o território durante alguns quilómetros, retomaram a viagem rio acima, mas, ao avistarem hipopótamos e crocodilos, recuaram e acabaram por desembarcar no local que mais tarde seria Mênfis. Gostaram do lugar e, não sendo incomodados por animais ou serpentes, decidiram fixar-se, chamando ao local Fócis.

Parte da tripulação ficou ali a construir habitações e preparar a vinda das famílias, enquanto os outros regressaram à Sicília (usamos os nomes modernos para facilitar a compreensão), onde se reuniram com mais membros das suas comunidades e regressaram

em segurança a Fócis, estabelecendo um povoado permanente, que permaneceu pacífico durante muitos anos.

Por essa mesma altura, outros membros da mesma comunidade fundaram Sicíon na ilha da Sicília, estabelecendo comércio com partes da Grécia, da Síria e, eventualmente, com a Gália, trocando milho por peles de animais — produto muito valorizado entre os povos costeiros. O milho tornou-se a principal mercadoria, embora também se realizassem trocas com gado e ovelhas, que eram levados para a Gália e outras zonas da costa europeia, onde eram facilmente vendidos.

Após a fundação de Sicíon pelos fenícios, a construção de cidades acelerou-se, utilizando-se blocos de pedra grosseiramente talhados para murar os povoados e erguer os edifícios mais importantes. No entanto, a maioria das pessoas continuava a viver em tendas ou abrigos feitos de ramos entrançados (*wattles*), ou tendas de peles, pois ainda não se utilizavam ferramentas metálicas na Ásia ou na Europa — com exceção dos mongóis, ou Fohahtees, da China, que tinham recebido esses utensílios da Atlântida. Contudo, os mongóis consideravam-se uma raça superior e evitavam o contacto com outros povos.

Sabemos que a história tradicional atribui ao Egito uma civilização mais antiga do que as da Europa ou da Ásia, e que durante o reinado dos primeiros Toth, o Egito já fabricava tijolos, cerâmica decorada e erguia pirâmides, templos e palácios de pedra talhada, enquanto a Grécia e o resto do mundo ainda viviam na barbárie. Contudo, à medida que avançarmos nesta narrativa, chamaremos a atenção para factos que, se forem devidamente investigados, poderão provar o contrário. Pois se o Egito foi de facto o civilizador, então a "alma do Egito" terá sido infundida nesses bárbaros, e essa alma deveria ser visível nas antigas obras e monumentos da Europa. Mas será que é? Deixamos a pergunta aos antiquários e arqueólogos.

As guerras constantes entre os Helenos e os Pelasgos tornavam a vida na Grécia muito insegura, levando muitas famílias a atravessar o estreito até à Ásia, estabelecendo-se na região que mais tarde seria chamada de Trácia. Ali viveram pacificamente durante dois ou três séculos, acolhendo europeus e asiáticos. Dedicavam-se à agricultura, cultivavam milho e uvas, tinham rebanhos de gado e ovelhas e eram governados com sabedoria por chefes hereditários.

Por esta época, uma tribo caucasiana — chamada de Citas pelos gregos — invadiu a Grécia com intenções de conquista. Montados a cavalo e viajando apenas de noite para surpreender os habitantes, foram avistados por pastores que guardavam os seus rebanhos. Estes alertaram os habitantes, dizendo que um exército de homens com corpo e pernas de animal e cabeça, braços e peito de homem se aproximava.

A notícia espalhou-se rapidamente, e os gregos armaram-se para os repelir. Os Pelasgos desceram das montanhas do Peloponeso e juntaram-se aos Helenos para enfrentar o inimigo comum. Sabendo que os citas só viajavam de noite, os comandantes gregos decidiram atacá-

los durante o seu descanso. Assim, marcharam ao entardecer, continuaram até depois da meia-noite, acamparam e enviaram espiões para reconhecer o inimigo.

Os espiões só regressaram ao acampamento perto do entardecer, informando que o inimigo ainda estava a um dia de marcha de distância. Os gregos avançaram algumas milhas e posicionaram o seu exército nas encostas arborizadas de um vale estreito por onde os citas seriam forçados a passar. Ali, ocultos entre árvores e arbustos — os Pelasgos de um lado e os Helenos do outro —, aguardaram a chegada do inimigo comum.

Pouco antes do amanhecer, sob o luar intenso, a vanguarda dos citas entrou no desfiladeiro. Para os gregos, que nunca tinham visto um cavalo, aqueles homens selvagens, cobertos com peles de animais ainda com pêlo, pareciam fundir-se com os cavalos, criando a ilusão, à luz da lua, de que eram parte homem, parte cavalo. Assim nasceu, na Grécia, o mito do Centauro, que mais tarde seria imortalizado em mármore.

Os citas foram autorizados a entrar bem dentro da armadilha antes de ser dado o sinal — o uivo do lobo. Ao ouvi-lo, os gregos lançaram-se sobre os invasores. Surpreendidos, os citas foram apanhados em desordem e muitos foram mortos de imediato. Contudo, o seu líder conseguiu reagrupar parte das tropas e seguiu-se uma luta feroz. Os gregos, esmagados sob os cascos dos cavalos, sofreram muitas baixas, mas os arqueiros, protegidos pelas árvores, infligiram tamanha destruição nas fileiras citas que estes foram forçados a recuar, deixando mais de dois terços do seu contingente mortos, feridos ou capturados.

Os feridos foram abatidos sem piedade. Os prisioneiros — que esperavam o mesmo destino —, bem como os cavalos, foram levados em triunfo para os povoados gregos, onde despertaram grande curiosidade, sobretudo os animais.

Foi feita uma divisão justa do espólio: cada lado recebeu um número igual de cavalos e de prisioneiros. Estes últimos foram escravizados, embora muitos se tenham recusado a trabalhar e preferido o suicídio à humilhação de servir os seus conquistadores.

Este episódio cimentou a amizade entre Pelasgos e Helenos durante várias gerações, contribuindo para o desenvolvimento dos seus recursos, especialmente na agricultura e na criação de gado — agora também de cavalos.

Na Ásia Menor existia uma espécie selvagem de cavalo, mas até então tinham sido feitas poucas tentativas de domesticá-la. Com os cavalos trazidos da Grécia, começaram a capturar e domar os cavalos selvagens locais — conhecidos na Bíblia como "mulas". Os resultados foram excelentes, e surgiu um novo ofício entre os jovens, que se vangloriavam da sua habilidade em capturar e montar cavalos selvagens adultos. O cruzamento entre o cavalo cita (ou tártaro) e o cavalo da Ásia Menor, seguido de uma seleção cuidada, deu origem ao cavalo árabe — belo, inteligente e dócil.

Entretanto, os fenícios, que se tinham estabelecido na margem do Nilo, prosperaram e, após estabelecerem contacto com os africanos, começaram a trocar bens por armas e ferramentas de ferro. Com bondade, conquistaram a amizade dos locais e criaram um comércio regular. Contudo, os africanos resistiram durante muito tempo à partilha do segredo da fundição do ferro, apesar de os fenícios enviarem homens ao interior em busca desse conhecimento. Ainda assim, conseguiram obter armas suficientes para se armarem.

Enquanto Naros, no Eufrates, e Ashur, no Tigre, reuniam seguidores e organizavam os seus territórios, Elão (futura Pérsia) começava a ser povoado por gregos descontentes que fugiam às guerras incessantes entre as tribos da sua terra natal. Foram seguidos por um número considerável de asiáticos, e durante várias gerações permaneceram em paz na nova terra. Elão era uma região bela e fértil, cheia de vegetação e flores, e os seus habitantes desejavam que permanecesse em paz.

Não estavam isolados das suas origens, pois os fenícios haviam fundado um povoado na costa do Golfo Pérsico, dentro das fronteiras de Elão, onde abriram comércio com os habitantes locais. Trocavam milho por gado, ovelhas e, por vezes, cavalos. Mais tarde, começaram também a comercializar tecidos feitos do pêlo da cabra de Caxemira, nativa da região. Elão prosperou, mas a paz não duraria muito.

A norte da região, nas margens do Mar Cáspio, existia um assentamento de caucasianos, que ocasionalmente visitavam Elão sob o pretexto de comércio, trocando tecidos e peles por milho. Na verdade, vinham espiar, com a intenção de tomar a terra para si. Foram vigiados, mas nada pôde ser confirmado até que um jovem asiático se ofereceu para os seguir secretamente e descobrir os seus planos.

Aproximando-se sorrateiramente do acampamento inimigo à noite, ouviu os planos: regressariam à sua terra para reunir guerreiros e atacar Elão de surpresa durante a noite, com o objetivo de aniquilar os seus habitantes.

O jovem voltou rapidamente e relatou o que ouvira. Um plano de contra-ataque foi traçado. Todos os que podiam lutar foram convocados e mantidos em prontidão. Organizou-se uma rede de corredores velozes, um sendo deixado a cada poucos quilómetros até formar uma linha contínua até à terra dos invasores, suficientemente próxima para os vigiar sem serem descobertos.

A rede de corredores foi formada no momento certo, pois os caucasianos já se reuniam e partiram ao amanhecer. O primeiro corredor correu ao máximo até ao seguinte, que levou a mensagem ao próximo, e assim sucessivamente. Os primeiros corredores, depois de descansarem, retomavam a marcha. Desta forma, a notícia chegou muito antes do exército atacante, dando aos elamitas tempo suficiente para se prepararem para o confronto.

Os elamitas marcharam até uma zona próxima de onde supunham que o inimigo acamparia antes do ataque final, e aí esconderam-se nas florestas. Ao anoitecer, o exército inimigo chegou e, antes da meia-noite, reinava o silêncio absoluto junto às fogueiras.

Então, o grito de guerra dos elamitas rasgou a noite e deu início ao ataque. Muitos invasores foram mortos antes de conseguirem pegar em armas; outros fugiram para a escuridão e escaparam, mas foram poucos — a maioria foi morta ou feita prisioneira. Os cativos foram amarrados, mas bem tratados. Dois deles foram enviados de volta às suas terras com a mensagem de que, se pagassem resgate e firmassem um tratado de paz, os prisioneiros seriam libertados ilesos.

Os termos foram cumpridos, e o tratado então firmado manteve-se em vigor durante muitos anos — de facto, até os elamitas se tornarem a nação persa, e os povos do Mar Cáspio se transformarem nos bravos e guerreiros medos da história, estabelecendo-se no território que passou a chamar-se Média. Em épocas posteriores, embora por vezes em guerra, os medos e os persas tornaram-se aliados, acabando por se unir e formar uma só nação.

Índia. — Voltamos agora à Índia, pois mudanças estavam a ocorrer por lá. Os sacerdotes (brâmanes) haviam-se tornado tão autoritários e exigentes que muitos do povo se afastaram e foram viver nas margens do Indo; outros, em número ainda maior, estabeleceram-se no que é hoje Hindustão, onde se formaram governos patriarcais e se fez um esforço por viver sem a intervenção ou interferência dos sacerdotes, adotando-se novamente o simples plano de adorar o Deus Único em bosques sagrados ou no lar.

Com o tempo, o sistema patriarcal deu lugar a um governo mais organizado, com um rei, ou rajá, à cabeça, e passaram a chamar-se Drallahas, ou povo Drallaha. Tornaram-se artífices do cobre, ouro e prata, e foram os primeiros na Índia a desenvolver uma linguagem escrita e a estabelecer um código de leis sábias.

Construíram templos dedicados a Ambra, deus do Bem, e a Maranta, deus do Mal. Acreditavam que Ambra era responsável pelo crescimento das flores, frutos e cereais, abençoando a terra com o sol e chuvas amenas, enquanto Maranta semeava espinhos, silvas e ervas daninhas, enviava tempestades e estava sempre presente nas trovoadas, quando relâmpagos rasgavam as nuvens e o trovão ribombava nos céus. Era ele quem provocava as inundações, arrancava as palmeiras, destruía as vinhas e arruinava as colheitas.

Eram erguidos mais templos a Maranta do que a Ambra. Ambra não tinha poder para lhes causar dano, mas Maranta precisava ser aplacado com adoração e oferendas nos seus altares. Não se faziam sacrifícios sangrentos, mas mantinham-se constantemente frutas e flores sobre os altares, que eram queimadas quando murchavam, sendo substituídas por novas. O rei e a rainha eram vistos como pai e mãe do povo e raramente governavam com dureza ou arbitrariedade.

Ambra e Maranta eram considerados deuses deste mundo, mas acima deles estava Brama, o Pai Infinito e Deus do Universo, que não necessitava de templos para ser adorado, pois habitava no coração humano e em tudo o que tinha vida. Por isso, agradá-lo era amar e ser bondoso com animais e seres humanos. A forma mais aceite de adoração a Brama era a oração silenciosa em local recatado, a caridade para com os pobres e a hospitalidade para com o forasteiro.

A mulher, que entre os brâmanes do Ganges fora reduzida à mais vil escravidão ao marido, era considerada igual ao homem entre os Drallahas. Podia possuir bens em seu próprio nome, e tudo o que recebesse do pai ao casar permanecia como sua propriedade. O marido tinha direito igual ao uso, mas não podia dispor dos bens, mesmo com consentimento da esposa, pois a lei garantia-os para os filhos.

O casamento era considerado eterno; assim, quando um homem morria, a esposa não podia voltar a casar, e, se a mulher falecesse, o marido era obrigado a permanecer viúvo, pois acreditavam na imortalidade da alma, e que o cônjuge falecido esperava, no mundo espiritual, pela reunião com o outro. Acreditavam que este mundo espiritual se encontrava logo além das nuvens, mas era tão puro e etéreo que não intercetava os raios do sol, podendo apenas ser visto por indivíduos favorecidos, e apenas em raros momentos. Contudo, criam que todas as pessoas boas, pouco antes da morte, podiam ver alguns dos seus habitantes e, por vezes, vislumbrar a sua paisagem maravilhosa.

Rejeitavam a ideia de que o homem, após a morte, caso tivesse levado uma vida imoral ou pecaminosa, passava pelos corpos dos animais como punição pelos seus pecados. Chamavam à doutrina da transmigração da alma uma invenção dos sacerdotes para amedrontar o povo e forçá-lo a obedecer. Os Drallahas acreditavam que os pecadores, ao morrer, eram levados por Maranta ou por seus assistentes sombrios para um mundo de trevas, situado muito abaixo da terra, onde eram forçados a construir muros tão altos quanto as suas cabeças e proporcionais à gravidade dos seus pecados contra as leis de Deus. Não poderiam sair da escuridão para a luz enquanto não completassem o muro.

Este mundo subterrâneo era composto de rochas e pedras soltas, sem qualquer vegetação. Abundavam serpentes enormes e toda a espécie de répteis repulsivos. A água estava infestada de criaturas nojentas, e os pecadores, sempre sedentos, ao tentarem beber, viam-se impedidos por esses seres que lhes invadiam a boca.

A pedra era o único material para construir os muros, e muitos pecadores, depois de meses de esforço, ao colocarem a última pedra, viam o muro desmoronar e tinham de recomeçar do início. Para quem havia cometido poucos pecados, a tarefa era mais fácil, e ao terminá-la era-lhe entregue uma tocha para iluminar o caminho até sair daquele lugar de trevas. Ao chegar aos limites do domínio de Maranta, Ambra ou algum dos seus mensageiros vinha ao seu encontro para o conduzir ao mundo espiritual, onde se reuniria aos entes queridos que o antecederam.

Acreditavam na pré-existência da alma, e ensinavam que as almas destinadas a habitar corpos humanos viviam nas flores enquanto esperavam. Quando uma mulher concebia, os anjos retiravam a alma da flor, colocavam-na sobre o peito da mulher, e em poucas horas ela era absorvida e entrava no corpo do bebé, nascendo com ele. Nenhuma quantidade de pecado podia contaminar a alma; ela permanecia pura e diariamente sussurrava ao seu portador, tentando guiá-lo pelo bom caminho. Vinha de Brama e a Ele deveria regressar; por isso, nenhum ser humano podia permanecer eternamente no mundo das trevas, pois até Maranta, quando a humanidade se tornasse pura e sem pecado, sem mais trabalho para ele, seria conduzido da escuridão para a luz, tornando-se um espírito bom e luminoso.

Os Drallahas foram o primeiro povo fora de Atlântida a conceber a ideia da trindade, e os teólogos modernos devem-lhes muito por esse dogma. Observadores atentos da natureza, concluíram que todas as coisas naturais tinham carácter tríplice. Por exemplo, uma árvore tem raízes, tronco e ramos; ou tronco, ramos e folhas. O fruto tem a casca externa, a concha e o caroço. A laranja tem pele, polpa e semente. Nas endógenas, como a palmeira, há o miolo, a madeira e a casca; nas exógenas, como o carvalho, o cerne, o lenho e a casca. A própria terra era considerada tríplice: rocha, argila dura e solo. O homem, sendo filho da terra, devia corresponder-lhe: os ossos eram como a rocha, os músculos e tendões como a argila que liga as pedras, e a pele como o solo, com o cabelo a representar a vegetação.

Eles levaram estas correspondências ainda mais longe. Diziam que o coração do homem correspondia ao oceano, e os seus batimentos às marés; as grandes artérias correspondiam aos grandes rios, as veias aos rios menores e os pequenos vasos sanguíneos aos regatos murmurantes.

A partir disso, argumentavam que Deus, embora fosse UM SÓ, era tríplice nos seus atributos, sendo estes, em primeiro lugar, a SABEDORIA; em segundo, o AMOR; e em terceiro, a VERDADE. Ensinavam que Deus sempre existiu, mas que, durante milhões de anos, possuía apenas sabedoria; até que o amor se manifestou na sua natureza, e ambos geraram a verdade, que correspondia ao poder.

Este ensinamento foi adotado pelos brâmanes, o que explica o ídolo com três rostos numa só cabeça. Entre os Drallahas, e mais tarde entre os Shanatas, que os sucederam vários milhares de anos depois, os rostos destas figuras eram esculpidos ou gravados de forma a transmitir a ideia que desejavam expressar. O rosto frontal era o de um velho, com testa alta e larga, semblante sereno e olhar eloquente. No lado esquerdo da cabeça, o rosto de uma jovem bela; no lado direito, o de uma criança masculina luminosa. O rosto frontal, o do velho, representava a Sabedoria; o da mulher, o Amor; e o da criança, a Verdade — pois, como ainda hoje se diz, "crianças e tolos dizem sempre a verdade." No entanto, o rapaz também representava o Poder, pois a criança tornar-se-ia um homem forte e vigoroso.

A doutrina cristã da Trindade teve aqui a sua origem, pois, como será mostrado mais adiante, a ideia dos Drallahas foi adotada por outras nações, com algumas alterações ou adaptações aos povos e aos tempos. Os próprios Drallahas acrescentaram, alguns séculos depois, o que pensavam ser mais uma prova da sua teoria: existiam apenas três reinos na natureza — o ANIMAL, o VEGETAL e o MINERAL. Também apenas três elementos — o ar, o fogo e a água, o que, segundo eles, provava sem margem para dúvida a justeza da sua conceção.

Os teólogos apenas tiveram de personificar estes atributos, chamando Sabedoria ao Pai, Amor ao Filho, e Verdade — ou Poder — ao Espírito Santo, pois, como se diz, esse Espírito vem com poder, e grande poder também, formando assim as três pessoas da divindade, ou três em um.

O rei e a rainha dos Drallahas não detinham poder absoluto. O povo estava dividido em três castas: a primeira era composta pela família real e pela nobreza; a segunda pelos soldados ou defensores; e a terceira pelos comerciantes, artesãos e trabalhadores em geral.

O rei tinha um conselho composto pelos chefes dos vários departamentos do governo, incluindo o comandante militar, e este conselho criava, alterava ou revogava as leis. A terceira casta também tinha um conselho, escolhido pelo povo, que funcionava como tribunal, resolvendo disputas e decidindo sobre questões civis. Podia haver recurso das suas decisões para o conselho superior, cuja decisão era final.

Nos casos criminais, todos os cidadãos eram julgados pelo conselho inferior, e dessas decisões não havia recurso. O homicídio era um crime raro entre eles, mas, quando alguém era condenado por assassinato premeditado, não era executado, pois não havia pena de morte. A punição consistia em dar ao culpado a escolha entre cometer suicídio no tempo e lugar fixados pelo conselho, ou o exílio perpétuo do reino. Para crimes menores, como roubo ou extorsão, aplicavam-se multas que o condenado tinha de saldar com trabalho, fosse para o Estado ou para a vítima, ficando como que em servidão até cumprir a pena.

A virtude feminina era tão valorizada que um homem culpado de sedução — mesmo que pertencesse à casta superior e a vítima à inferior — era reduzido à casta inferior, e parte dos seus bens era entregue à mulher lesada, conforme o conselho decidisse.

Entre os antigos, especulava-se muito sobre a razão da salinidade do mar, e, a este propósito, contava-se uma história comum entre os Drallahas, considerada verdadeira embora fosse ficção, por demonstrar o valor que davam à monogamia, ou seja, ao casamento com uma só esposa:

"Milhares de anos antes da época de que falamos, o oceano circundante era feito de leite, e não de água, pois os primeiros seres humanos nasceram e foram nutridos nesse leite até serem suficientemente crescidos para viver em terra e cuidarem de si. Os

antepassados dos Drallahas foram os primeiros humanos criados, e Brama deu-lhes leis sábias e os melhores governantes, mas proibiu-os de casar mais de uma vez.

"Muito tempo após a criação, um dos seus reis, já na meia-idade, perdeu a rainha e ficou inconsolável por muito tempo, até que um arauto anunciou que uma caravana, liderada pela mais bela mulher que jamais se vira, vinha visitar o rei enlutado.

"Quando a caravana chegou, com a dama montada à frente num elefante branco, o palácio foi aberto para recebê-la. O rei saiu a encontrá-la nos portões, levou-a até ao salão de receção, deu-lhe as boas-vindas e disse-lhe que usasse tudo como se fosse seu.

"Ela era bela como um sonho, com cabelos cor de ouro polido, olhos azuis como o céu à meia-noite, traços perfeitos e tez branca como o leite, com as faces da cor da rosa real e os lábios cor de romã aberta. Dizia ser filha de um poderoso rei do norte distante, enviado para confortar o rei dos Drallahas no seu luto, afirmando que no seu país um rei podia ter quantas esposas quisesse, e que o seu pai a enviara para ser sua esposa."

Mazzan, o rei, resistiu por algum tempo às lisonjas e encantos da visitante, mas acabou por sucumbir e casou-se com ela, contrariando os conselhos dos seus conselheiros. Logo após o casamento, ela transformou o palácio numa casa de devassidão e prazer. Os olhos do rei estiveram cegos por um tempo, mas acabou por apanhá-la com um jovem do seu séquito em circunstâncias que provavam a sua infidelidade sem sombra de dúvida.

Então, o rei abandonou o palácio e foi sentar-se num promontório rochoso que avançava sobre o mar, onde se pôs a chorar. Durante três dias recusou-se a comer, apesar dos alimentos que os seus súbditos — que ainda o amavam — lhe levavam. Na tarde do terceiro dia, o céu cobriu-se de nuvens negras — relâmpagos rasgavam os céus, e trovões como nunca antes ou depois se ouviram fizeram tremer a terra até aos seus alicerces. Com a chegada da noite, o vento juntou-se à fúria da tempestade, derrubando árvores e edifícios e destruindo a colheita que estava quase madura.

Na manhã seguinte, o céu estava limpo e reinava uma calma perfeita, mas o rei desaparecera e não podia ser encontrado. O palácio fora atingido por um raio e estava em ruínas; não havia vestígios da bela tentadora nem do seu séquito. Quando o povo foi ao mar, como era seu hábito, buscar leite, encontrou a água com uma cor esverdeada e um sabor amargo — as lágrimas do rei arrependido tinham transformado o leite em salmoura.

A tempestade causou tamanha destruição que o povo ficou reduzido à miséria, e muitos espalharam-se pelo mundo, povoando terras desertas e enchendo a Terra. Assim, os Drallahas passaram a considerar todos os povos como seus parentes — exceto os brancos, pois acreditavam que a bela mulher que viera causar a desgraça da sua terra era uma criatura de Maranta, e que este era o pai da raça branca.

Este povo fascinante viveu há mais de cinquenta mil anos, numa época em que Ceilão — ou Lanka, como era então chamada — fazia parte do continente. Eram exímios mineralogistas, trabalhando o ouro, a prata e o cobre, tendo mais tarde acrescentado o ferro. Cultivavam arroz, milho miúdo, feijões, melões e cebolas; tinham rebanhos de gado, algumas ovelhas, burros e cabras — mas não cavalos. Produziam linho e algodão, que fiavam com roca e transformavam em tecido para vestuário. Plantavam palmeiras em pomares e cultivavam a vinha em grande escala. Consideravam o gado sagrado no que dizia respeito à matança, mas utilizavam-no como animal de carga, para puxar os seus arados primitivos e até como montada.

Eram vegetarianos, com exceção de peixe, aves e carne de carneiro, que consumiam com moderação. Domesticaram as aves selvagens das florestas, usando os ovos como alimento, mas não comiam aves domesticadas, por considerarem pecado matar qualquer animal que confiasse nos humanos ao ponto de preferir a vida doméstica à selvagem. O mesmo se aplicava às ovelhas, mas quando estas eram gravemente feridas por animais selvagens e a recuperação era improvável, eram abatidas e a carne distribuída entre o povo, ficando o dono apenas com o suficiente para uma refeição da sua família.

Os javalis selvagens eram numerosos, mas considerados impuros, e não eram comidos, exceto em caso de fome extrema causada por más colheitas. Quando tal acontecia, quem consumisse carne de porco tinha de passar por um processo de purificação, que envolvia um certo número de banhos num dado período e um número específico de oferendas em um ou mais altares de Maranta, pois acreditava-se que o porco lhe pertencia.

Após a descoberta e uso do ferro para fabricar armas e ferramentas, a fama dos Drallahas espalhou-se, e grupos vieram do Indo e do Ganges para aprender o processo de extração e forjamento do metal. Como o conhecimento não era mantido em segredo, todos os visitantes foram bem recebidos e ensinados livremente. Assim, na Índia, a Idade da Pedra foi substituída diretamente pela do Ferro, sem passar pela do Bronze.

O vale do Indo tornou-se bastante povoado, a ponto de os habitantes começarem a expandir-se para oeste, atravessando as montanhas até à região que hoje chamamos Afeganistão, onde formaram assentamentos prósperos, mantendo fidelidade e comunicação com os colonos do Indo.

Nesses territórios, encontraram camelos em grande número e em estado selvagem. No planalto elevado (mais tarde chamado Irão), esses animais formavam manadas e eram difíceis de abordar, mas os jovens foram capturados e domesticados, o que facilitou a captura dos adultos, usando os domesticados como chamariz. Estes camelos tinham duas corcovas.

Mais a oeste, na atual Arábia, existia o camelo de uma só corcova, considerado inferior, que também foi domesticado pouco depois. Os habitantes de Elão, tendo obtido dos arianos (como os naturalistas chamam aos habitantes aborígenes da Índia) alguns exemplares da

variedade de duas corcovas, motivaram-se a capturar e domesticar os de uma só. A partir daí, o camelo tornou-se um dos — se não o mais — valiosos animais de carga e transporte humano.

No Indo, o povo vivia livre da dominação sacerdotal e, aproveitando a experiência dos Drallahas, dedicava-se ao cultivo da terra, desenvolvendo-se na construção e no trabalho com metais. Após a introdução da metalurgia do ferro, começaram a trabalhar também a pedra, lançando os alicerces da sua primeira cidade: Delhi. Não a cidade atual, pois duas Delhis foram construídas e destruídas antes da primeira pedra da atual ser colocada.

A primeira Delhi foi construída cerca de dez milhas do local da atual cidade. As suas ruínas encontram-se hoje soterradas por camadas tão espessas de poeira dos séculos que dificilmente poderão ser redescobertas; mas as ruínas da segunda foram visitadas e a sua localização é conhecida.

O povo havia modificado as suas crenças religiosas, moldando-as segundo o modelo dos Drallahas, com quem mantinham um convívio amistoso. Em termos morais, eram puros e a sua honestidade era inquestionável. A hospitalidade era ilimitada — todos os estrangeiros eram bem recebidos e tratados com bondade. Não eram um povo guerreiro, mas possuíam soldados para os defender das tribos selvagens que os rodeavam.

Dos Drallahas, que haviam começado a observar os céus e feito algumas descobertas astronómicas, estes povos herdaram o gosto pela ciência, e todas as noites homens dedicavam-se à observação dos astros, registando as suas descobertas, pois tinham também adotado dos Drallahas a linguagem escrita.

No Ganges, poucas mudanças tinham ocorrido desde a última vez que se falou dos povos ali instalados. Os sacerdotes tinham aumentado o seu poder, com exceção de Benares, de onde eram excluídos, e onde não tinham autoridade. No restante da região, governavam a seu bel-prazer. Exploravam o povo, obrigando-o a construir templos (que nesta época ainda eram de madeira) e casas para os próprios sacerdotes, que viviam na ociosidade.

Quando o ouro e a prata começaram a ser utilizados, foram confiscados pelos sacerdotes sempre que encontrados, sendo aplicados na decoração de templos e altares — pois não eram utilizados como moeda durante muitas gerações após a sua descoberta. Estes metais eram trabalhados em ornamentos pessoais, como joias; punhos e bainhas de espadas e punhais também eram ornamentados com eles, e pedras preciosas, muito apreciadas desde cedo, eram incrustadas nesses metais.

Em Benares e nos seus arredores, o povo era próspero e feliz. Mantinham intercâmbio com os povos do Indo e de Hindustão, e tudo o que era descoberto nessas regiões era rapidamente conhecido e adotado em Benares. Livres da dominação sacerdotal, os habitantes eram bastante progressistas e, por isso, a descoberta do ferro e as suas

aplicações foram recebidas com entusiasmo. Jovens foram enviados ao território dos Drallahas para aprender tudo o que pudessem sobre o novo metal.

No Punjabe, o progresso era mais lento. A terra era cultivada até certo ponto, mas como o arroz não crescia bem na região, dedicavam-se ao cultivo de milho miúdo e uma espécie de cevada selvagem que melhorava com o cultivo. Possuíam ovelhas, algum gado, cabras e galinhas. Continuavam a adorar em bosques, segundo os ritos primitivos, e resistiam com sucesso às tentativas dos sacerdotes de se estabelecerem entre eles.

China e Japão — Na China, os mongóis avançavam na limpeza e cultivo da terra. Assentamentos tinham sido estabelecidos a alguma distância da costa, e o povo prosperava e aumentava em número. Desde a última menção, tinham-se passado muitos séculos e a comunicação com Atlântida cessara há muito, devido aos perigos da navegação oceânica.

Nas ilhas japonesas, a raça mista mongol e malaia prosperava. Muito terreno fora limpo e estava sob cultivo. O clima ameno e o solo fértil proporcionavam uma vida feliz e estável. O único elemento perturbador eram os malaios, que, depois de capturarem navios chineses e matarem as tripulações, usavam essas embarcações para fazer incursões contra os habitantes de Niphon e ilhas vizinhas.

Essas investidas eram frequentemente repelidas com perdas, mas os malaios voltavam sempre, movidos pelo desejo de pilhagem e pela sede de sangue. O assédio tornou-se tal que os japoneses, cansados de suportar, construíram navios maiores que os dos malaios, equiparam-nos com armas e tripulações prontas a enfrentá-los e abalroá-los.

Não demorou até que duas embarcações malaias surgissem ao longe, navegando contra o vento. O navio japonês, oculto atrás de um promontório arborizado, içou velas e foi conduzido a remos até apanhar o vento. Os malaios, confiantes por serem dois contra um, não evitaram o confronto. O navio japonês fingiu fugir para o mar aberto, o que levou um dos navios malaios a tentar intercetá-lo. Quando estavam lado a lado, o navio japonês virou bruscamente e embateu com a proa no costado do inimigo, partindo-o quase ao meio. O navio afundou-se rapidamente, levando a tripulação consigo ou deixando-a a afogar-se.

A segunda embarcação, julgando tratar-se de um acidente, aproximou-se — e teve o mesmo destino. O navio japonês tentou salvar os náufragos, mas poucos puderam ser resgatados. Estes foram tratados com bondade e, alguns dias depois, levados às Ilhas Loo Choo, onde foram libertados e autorizados a regressar aos seus lares para relatar o desastre, o que fez com que os malaios deixassem de incomodar os japoneses durante muitos anos.

Entretanto, os mongóis dominavam com êxito o cultivo do trigo, que substituiu largamente o arroz, exceto onde o solo era mais apropriado a este último. Como o contacto com a China tinha cessado há muito — os chineses recusavam-se a relacionar-se com os japoneses por considerarem que o seu sangue já não era puro — o Japão permaneceu

isolado do resto do mundo durante séculos. Ainda assim, era um país próspero e autossuficiente, com todos os recursos necessários ao estilo de vida simples do seu povo.

Os malaios, no entanto, durante os seus vários ataques ao Japão, capturaram trigo e levaram-no para a Índia do Extremo Oriente, apresentando-o como uma nova variedade de arroz. Tentaram cultivá-lo, sem grande êxito, até que foi levado mais para o norte, onde cresceu bem e acabou por chegar ao Ganges, espalhando-se pelas partes da Índia cujos solos eram adequados ao seu cultivo.

Botânicos têm procurado, em vão, a planta silvestre a partir da qual o trigo teria evoluído — sem sucesso, porque, na verdade, era uma planta originária da Atlântida, introduzida no mundo pelo continente perdido e trazida para a Ásia pelos Fohahtees — os chineses, como são agora chamados.

Na Europa do Norte e do Oeste, os povos continuavam a viver como descrito anteriormente — ainda na Idade da Pedra — e por isso pouco havia a dizer sobre eles. Povos selvagens, uma vez descritos, mantêm as mesmas características até que um elemento externo provoque uma mudança radical. De facto, pode dizer-se que os povos selvagens não têm história, pois as suas mudanças, até à chegada de influências exteriores, são demasiado monótonas para despertar interesse.

O mesmo se pode dizer dos povos nativos da América. É verdade que aumentaram em número e continuaram a dividir-se em tribos que estavam constantemente em guerra umas com as outras, mas, fora isso, não ocorreram mudanças significativas que mereçam ser registadas. Além disso, os nomes mudavam com tal frequência que seria quase impossível apresentar uma história coerente de qualquer uma delas, quanto mais de várias nações deste povo — que, até aos dias de hoje, continuam aparentemente tão difíceis de civilizar como há trezentos anos; não por falta de capacidade, mas porque os seus irmãos caucasianos nunca os trataram como seres humanos.

Os nativos receberam os primeiros homens brancos que chegaram ao continente, após a descoberta de Colombo, como seres superiores. Deram-lhes abrigo nas suas terras e trataram-nos como irmãos, ajudando-os nos momentos de necessidade e nunca retaliando pelos males sofridos — até serem levados à extrema desesperação pela ganância dos brancos pelas suas terras. Este tem sido o padrão desde então. Tratados solenes assinados com os povos indígenas por um governo num dia, foram violados no seguinte, vezes sem conta, e o indígena ficou sem qualquer recurso.

Foi roubado, assassinado sem justificação, as suas mulheres foram violadas e corrompidas, os seus jovens tornados alcoólatras — e sofreu todos os ultrajes possíveis, incluindo o facto de que um estrangeiro, por mais ignorante que fosse, podia tornar-se cidadão, sem exceção para o africano; mas o índio, nativo do solo e proprietário original de toda a terra, continuava a ser um estrangeiro no seu próprio país, espezinhado por pessoas de natureza muito menos nobre que a sua.

O povo da América, a menos que faça justiça com urgência ao homem vermelho, será visitado por juízos que cairão rápidos e sucessivos. O anjo da justiça retributiva já bate à porta e em breve entrará com uma espada de fogo, e não poupará ninguém. Os espíritos indígenas, no seu plano espiritual de caça, estão reunidos em conselho, discutindo o tratamento e a condição dos seus irmãos ainda em vida terrena — e em breve usarão os vastos poderes que possuem para vingar o sangue que clama da terra há tanto tempo, e os agravos que esperam reparação, mas cuja paciência chegou ao fim e não permitirá mais demoras. Ó povo dos Estados Unidos, tomai cautela antes que seja tarde demais, pois será o índio menos filho de Deus que o homem branco?

Atlântida — Passadas muitas eras, regressamos à Atlântida, cujos habitantes encontramos prósperos e felizes, pois nenhuma luta interna interferira com o seu progresso. A cidade de Atlanta crescera enormemente, contando com um milhão e meio de habitantes, incluindo os subúrbios. Os edifícios eram construídos em pedra lavrada, mármore, pórfiro e tijolo, e muitos deles eram estruturas grandiosas. Cada casa dispunha de um pequeno terreno para jardim, sendo o quintal da frente dedicado ao cultivo de flores. Como o clima era sempre ameno e não havia geadas que afetassem as plantas mais delicadas, as flores estavam sempre em flor, encantando a vista e agradando o olfato com os seus perfumes.

A cidade fora construída em forma circular, com um grande círculo central onde se erguia o templo, próximo do qual estavam os edifícios governamentais. A partir do centro, as ruas irradiavam em todas as direções como os raios de uma roda. O templo era grande e de planta quadrada perfeita, com as quatro fachadas voltadas a leste, oeste, norte e sul. Cada uma possuía uma grande porta de entrada. Sobre a porta voltada a leste havia um grande sol de ouro, e sobre o altar no interior do templo, outro sol ainda maior. O edifício era de pórfiro e ricamente decorado com entalhes. Todos os objetos usados no altar e no templo eram de ouro ou prata.

Neste templo, a grande sacerdotisa, com as suas setenta e uma assistentes — todas mulheres — oficiava regularmente uma vez por semana. Para além desses rituais semanais, havia também reuniões trimestrais, coincidentes com as estações do ano, que duravam três dias. Estas reuniões eram destinadas aos que viviam demasiado longe para poderem participar nos "dias do templo", como era chamado o sétimo dia da semana.

A sociedade era dividida em quatro castas:

1. A nobreza, da qual se escolhiam as mestras religiosas e morais (sempre mulheres) e os mestres seculares e científicos (homens).
2. Os artistas, comerciantes e artesãos, sem restrição de género.
3. A classe militar, composta pelos defensores do povo, comandados por membros da primeira casta, embora o mérito permitisse a ascensão de homens das fileiras.
4. Os trabalhadores, incluindo agricultores, marinheiros, pescadores e todos os que exerciam atividades manuais sem ofício definido.

Ninguém podia ascender de casta, exceto em duas situações: se uma mulher de casta superior casasse com um homem de casta inferior, este era elevado à posição da esposa. No entanto, um homem só podia casar com uma mulher de casta inferior mediante permissão do governo, e, nesse caso, ele descia ao nível social da mulher.

Cada porta do templo era dedicada a uma casta: a porta a leste era para a grande sacerdotisa, suas assistentes e a primeira casta; a oeste, para a segunda; a sul, para os militares; e a norte, para a quarta casta.

O templo era dedicado à adoração de um Deus Único — o Criador e Regente do Universo — que estava sempre presente, embora nunca fosse visto, pois acreditava-se que habitava em tudo o que tinha vida, animal ou vegetal. Criam na imortalidade da alma, e que a alma de um homem ou mulher sábio e bom seria levada aos céus, transformando-se numa estrela brilhante que sorriria beneficamente ao mundo que deixara. Acreditavam que manteria a sua individualidade e consciência, e que a sua felicidade consistiria em observar o progresso da humanidade do estado inferior para o superior.

Era proibido a um homem ter mais de uma esposa, e a infidelidade conjugal era considerada crime, embora fosse permitido casar novamente após a morte do cônjuge — desde que se passassem pelo menos dois anos. O divórcio só podia ser concedido pela grande sacerdotisa, e nunca era aprovado antes de se esgotarem todos os esforços de reconciliação.

Os crimes eram raros. Os menores eram punidos com a degradação para uma casta inferior — exceto no caso dos membros da quarta casta, que eram obrigados a compensar a vítima. Se não pudessem fazê-lo, eram forçados a trabalhar em obras públicas por um tempo determinado, sendo os seus salários pagos à pessoa lesada até que a dívida estivesse saldada, incluindo custos processuais. Um criminoso podia recuperar a sua posição na sociedade através de boa conduta, e nunca era ostracizado por ter sido, no passado, um condenado.

O homicídio era o crime mais raro, mas não existia pena de morte. O assassino, uma vez condenado, era exposto publicamente, vestido com uma túnica vermelha como sangue, durante o número de dias que os juízes determinassem, sendo depois banido para sempre para as ilhas inóspitas a norte do país, sem possibilidade de perdão para quem fosse culpado deste crime.

Criminosos condenados pela segunda vez por qualquer delito eram também banidos por cinco anos, e só podiam regressar se restituíssem os bens (no caso de roubo, burla ou aquisição indevida de propriedade) e se os seus familiares ou amigos prestassem garantias do seu bom comportamento.

Tinham excelentes escolas, gratuitas para todas as classes. Nessas instituições ensinavam-se tanto os fundamentos como ramos superiores do saber, como astronomia,

astrologia e metalurgia. A medicina era quase exclusivamente praticada por mulheres, embora os homens também pudessem estudá-la e exercê-la. As outras áreas de ensino estavam abertas a mulheres, que podiam ensinar todas as matérias elementares, mas não lhes era permitido lecionar ciências, com exceção da medicina.

O governo era republicano, e o Mardaen, ou Presidente, era eleito por seis anos, sem possibilidade de reeleição. Existiam duas câmaras — uma alta e outra baixa — sendo a primeira eleita entre os nobres, ou primeira casta, e a segunda entre a segunda e a quarta castas. Nenhum membro das forças armadas podia ter assento em qualquer das câmaras nem ocupar cargos governamentais, exceto no exército. Na verdade, havia pouco que o exército tivesse de fazer, além de guardar as fronteiras contra os ataques de algumas tribos dos Fohahtees, que se tinham separado do grupo principal e, instalando-se nas montanhas e vales, viviam de forma predatória. Contudo, raramente derramavam sangue. Nunca se conheceu uma guerra em Atlântida.

Havia dois tribunais — comum e supremo — abertos a todas as classes sociais; os mais pobres e humildes, assim como os mais ricos e poderosos, podiam contar com justiça equitativa e precisa nestes tribunais. Os juízes eram nomeados pelo Mardaen, com o consentimento da câmara alta, e mantinham o cargo vitaliciamente ou enquanto demonstrassem boa conduta, sendo os seus salários pagos pelo governo.

Toda a terra pertencia ao Estado, que recolhia um décimo da produção de agricultores, jardineiros, etc. Em anos de colheitas fracas, o governo fornecia aos arrendatários tudo o que fosse necessário para suprir as suas necessidades, incluindo sementes para voltar a plantar, sem qualquer custo. As reparações necessárias dos edifícios eram realizadas a expensas do governo, sendo o próprio arrendatário contratado para fazer o trabalho, se fosse capaz, e remunerado por isso.

Um arrendatário, uma vez instalado numa quinta do Estado, tinha direito a ela para toda a vida, bem como a sua esposa e filhos. Se o arrendatário morresse deixando uma família desamparada, o governo providenciava ajuda fiável para cultivar a terra até que os filhos tivessem idade para o fazer, e a viúva não pagava nada por esse apoio, pois viúvas e órfãos eram considerados tutelados do Estado, que tinha o dever de os proteger.

Nas cidades e vilas, os indivíduos podiam possuir propriedades, sendo-lhes atribuídos contratos de arrendamento perpétuos dos terrenos onde desejassem construir. Estes contratos permaneciam na família de quem edificasse sobre o terreno. O proprietário podia dispor das suas construções e transferir o arrendamento, desde que isso não prejudicasse a sua família. Se uma família se extinguisse, a propriedade revertia para o Estado.

Usavam ouro e prata como moeda ou meio de troca. Inicialmente, em pequenas barras com um selo identificador. Posteriormente, estas deram lugar a esferas redondas de diferentes tamanhos e valores. Com o tempo, essas esferas foram substituídas por discos, com o sol gravado de um lado e o valor do outro.

Os pedreiros, que também eram escultores, eram em número muito superior ao das outras profissões, formando uma classe distinta, embora pertencente à segunda casta social. Reuniam-se regularmente, não sendo permitida a presença de estranhos. Essas reuniões visavam o aperfeiçoamento pessoal; apresentavam-se e discutiam-se novos estilos de arquitetura e entalhe ornamental em pedra, e os membros mais jovens eram incentivados a apresentar desenhos, para que os erros, se os houvesse, fossem apontados.

Com o tempo, adotaram o nome de "Irmandade Unida dos Construtores", à qual só membros do seu ofício podiam pertencer. Os aprendizes só podiam assistir às reuniões instrutivas, e apenas após atingirem determinado grau de perícia recebiam o sinal e o gesto que lhes dava acesso às reuniões secretas. Os seus símbolos eram a colher de pedreiro e o avental, para os aprendizes; para os mais avançados, juntavam-se o compasso e o esquadro; os de grau superior tinham ainda o sol com um olho aberto ao centro dos seus raios. O sol era o símbolo de Deus, e o olho significava que "Deus tudo vê".

A Maçonaria, como hoje é conhecida, teve origem na Atlântida há pelo menos cinquenta mil anos, mas durante muitas eras teve apenas os três graus já mencionados. Os membros desta ordem tinham o dever de se ajudarem mutuamente em tudo o que fosse lícito, de cuidar dos filhos varões de irmãos falecidos, educando-os no ofício, a menos que preferissem outro, caso em que todos os bons artífices deviam ajudar a arranjar-lhes colocação. As viúvas e filhas órfãs não eram esquecidas, embora, como o governo assumia responsabilidade paternal por todas as viúvas e órfãos, os artesãos não tinham obrigação de cuidar das mulheres da família de um irmão falecido.

Os ritos fúnebres dos atlantes eram muito simples e, ao mesmo tempo, racionais. Acreditando na imortalidade da alma e na inevitabilidade da morte, concluíam que a condição do homem na vida futura seria muito melhor do que nesta. Defendiam que o corpo era composto de matéria que a mãe Terra emprestara à alma como uma veste, e que, uma vez terminada a sua função, a Terra reclamava essa matéria para a usar noutras construções.

Assim, o corpo, vestido com a roupa que usava no momento da morte, era colocado na terra com o seguinte ritual: era colocado num esquife logo após a morte e transportado para o local de sepultura por quatro amigos íntimos. Seguia-se a família do falecido, depois os amigos e outros que quisessem acompanhar. Ao ser depositado na cova, se fosse adulto, ramos de árvores ou arbustos perenes eram lançados sobre o corpo em quantidade suficiente para o cobrir, simbolizando que "o homem vive para sempre".

Se fosse uma criança, uma profusão de flores enfeitava o esquife, e todos os presentes levavam flores e ramos perenes, lançando primeiro as flores e depois os ramos, a indicar que "as flores humanas, embora murchas na vida terrena, florescerão e tornar-se-ão perenes, ou viverão para sempre no belo mundo dos espíritos".

Não existiam cerimónias religiosas, pois os mortos estavam em silêncio, e em silêncio eram sepultados. O luto era assinalado com o uso de branco puro por todos os membros da família durante três meses, exceto no caso de marido ou mulher; nestes casos, após os três meses, usava-se uma faixa branca em volta do braço esquerdo, acima do cotovelo, durante dois anos, incluindo os três meses de luto completo.

Os cemitérios situavam-se sempre em zonas baixas, se possível mais baixas do que a cidade ou vila, pois o povo acreditava que enterrar os mortos em terrenos altos era prejudicial à saúde, uma vez que a drenagem da água através do solo poderia levar a matéria putrefacta dos corpos em decomposição até aos poços e nascentes, contaminando-os.

Os atlantes usavam carros e carroças, puxados por cavalos, bois ou asnos. Poucos veículos leves eram utilizados para lazer ou viagens, pois considerava-se efeminado viajar de outra forma que não a cavalo ou em asnos. Os elefantes eram reservados para mulheres e crianças, embora a maioria das mulheres fosse exímia cavaleira.

Tinham desenvolvido bastante a construção naval, e a grande baía junto à qual a cidade estava situada apresentava um aspeto animado, com muitos navios fundeados ou a navegar de um lado para o outro. No entanto, até então, não se tinham empreendido viagens longas — limitavam-se à navegação costeira, visitas a ilhas vizinhas e pesca. Mas estava prestes a ocorrer uma mudança. Os seus irmãos, os Fohahtees, que se haviam instalado numa terra longínqua, não davam notícias há muitas eras; tanto tempo, que a história da sua partida e posterior contacto com o continente-mãe já parecia mais uma lenda do que um facto real.

A sumo-sacerdotisa informou o governo de que chegara o momento de navegarem para países ocidentais e de levarem o seu conhecimento aos povos que encontrassem. Deus ordenava, e tinham de obedecer. Em conformidade com esse mandado, os navios foram preparados, abastecidos para uma longa viagem e bem armados, pois foi-lhes dito que provavelmente encontrariam salteadores sanguinários e cruéis no mar, que os assassinariam e tomariam os seus navios, se tivessem oportunidade.

Foi-lhes ordenado que levassem consigo artífices especializados de diversas profissões, sendo os trabalhadores da pedra e os fabricantes de tijolos os mais numerosos, pois seriam os mais necessários aos povos que iriam visitar. Grãos e sementes de todas as frutas e legumes úteis faziam parte da carga de cada navio e seriam distribuídos, juntamente com instruções de cultivo, a todos os que os quisessem receber. Também se levavam ferramentas em grande quantidade, assim como os operários que as produziam.

Quando tudo estava pronto, os oficiais e marinheiros da expedição visitaram o templo, onde a sumo-sacerdotisa proferiu um discurso, parte do qual consistia em instruções. Depois, o resto do dia foi dedicado a despedidas entre os membros da expedição e os seus familiares e amigos, pois os navios partiriam ao nascer do sol.

Ainda mal clareava e já a margem da baía estava apinhada de gente; a sumo-sacerdotisa e os seus assistentes juntaram-se à multidão momentos antes de os picos das montanhas a leste serem banhados pela luz rosada do sol nascente. A bordo, tudo era atividade. As âncoras foram içadas e as velas desdobradas, prontas para receber a brisa que sempre surgia com o nascer do sol.

Nesse momento, a sumo-sacerdotisa ergueu os braços e o povo descobriu a cabeça, prostrando-se no chão até ela invocar uma bênção sobre a missão e todos os envolvidos. Em seguida, com as velas cheias de vento, os seis navios zarparam, navegando majestosamente para oeste, rumo a mares desconhecidos e terras estranhas, com oficiais e tripulações cheios de fé em Deus e nas palavras da sumo-sacerdotisa.

Não é nossa intenção seguir a expedição em detalhe, pois isso seria desnecessário, mesmo que possível. Basta dizer que o tempo, o vento e as ondas lhes foram favoráveis. Após visitarem muitas ilhas cujos habitantes recusaram qualquer contacto, passaram a sul de Bornéu e Samatra sem avistá-las, e avistaram terra, que se revelou ser Ceilão (então chamada Lanka), onde desembarcaram, mas não foram bem recebidos pelos nativos. Permaneceram alguns dias, mas não lhes foi permitido entrar no interior do país.

Descobriram que o continente principal ficava a norte e, navegando nessa direção, subiram a Baía de Bengala e entraram na foz do Ganges. Aí, os nativos visitaram os seus navios e, após receberem alguns presentes, informaram os sacerdotes da chegada. Estes visitaram os forasteiros e, ao compreenderem o seu propósito, acolheram-nos com agrado.

Os navios foram conduzidos rio acima até aos povoamentos, onde causaram grande espanto entre a população, por serem muito maiores do que os dos malaios, que, após capturarem embarcações chinesas, haviam construído algumas segundo esse modelo.

Os atlantes começaram imediatamente a construir casas em terra firme, com o apoio da população local designada pelos sacerdotes. Uma vez concluídas as habitações, os fabricantes de tijolos iniciaram o seu trabalho, pois foi encontrado barro adequado; conseguiu-se pedra, e os talhadores começaram também as suas tarefas. Os arianos juntaram-se com entusiasmo a ambas as equipas, ansiosos por aprender, recebendo encorajamento tanto dos sacerdotes como dos atlantes.

Os arianos produziam uma cerâmica rudimentar, sem qualquer ornamentação. Os atlantes estabeleceram uma olaria e ensinaram-nos a fabricar peças mais finas e elaboradas, com figuras decorativas, flores, etc. Os ourives locais foram instruídos em técnicas avançadas de trabalho em ouro e prata. Aprenderam a fabricar ferramentas, utensílios e metais em bronze; e os poucos trabalhadores em ferro existentes foram ensinados a moldá-lo e temperá-lo. O mesmo aconteceu com todas as outras profissões.

Foi criada uma escola para o ensino das matérias elementares, seguida por outra dedicada ao ensino das ciências, astronomia, astrologia e religião. A estas últimas, os

brâmanes (sacerdotes) e as suas famílias aderiram de imediato, mas mostraram-se reticentes em relação às ideias religiosas dos atlantes — até perceberem que o sistema de castas fazia parte dessas crenças. Eram muito rigorosos com a questão das castas, embora só tivessem duas bem definidas: a dos sacerdotes e a do povo. Ao contrário dos Drallahas, não tinham um exército formal; o povo mobilizava-se como milícia apenas quando necessário, o que era raro, já que não tinham inimigos próximos.

Alguns dos brâmanes opuseram-se à criação de quatro castas, mas a maioria venceu, e adotaram o sistema atlante, com a exceção de colocarem os soldados em segundo lugar, em vez de terceiro. Mais tarde, acrescentaram uma quinta casta, estabelecendo-se assim:

1. Os Brâmanes, ou sacerdotes;
2. Ksatriyas, ou soldados;
3. Voishnus, ou comerciantes e negociantes;
4. Sudras, trabalhadores, operários, serventes, etc.;
5. Párias, ou excluídos.

Estes últimos não podiam viver em cidades ou aldeias, nem ter habitação fixa; tudo o que tocavam tornava-se impuro. Como as diferentes castas não podiam, por lei, casar entre si, quando tal acontecia, os envolvidos e os seus filhos tornavam-se párias.

Quando os brâmanes souberam do magnífico templo de Atlântida, entusiasmaram-se com a ideia de construir um templo em pedra. Como seria necessário que partes da obra, especialmente o altar e o interior, fossem realizadas por mãos sagradas, vários brâmanes aplicaram-se de imediato ao aprendizado das várias artes da maçonaria. Os pedreiros que vieram com os atlantes mantinham as suas reuniões regulares, e, quando encontravam um jovem aprendiz digno entre os locais, convidavam-no primeiro para as reuniões instrutivas e, mais tarde, iniciavam-no nos graus da ordem.

Inicialmente, os brâmanes recusaram-se a reunir com os pedreiros, mas alguns dos jovens, acreditando que não conseguiriam aprender todos os mistérios da arte sem se juntarem aos outros, desafiaram as regras dos seus mestres e entraram como aprendizes, obtendo os graus à medida que demonstravam perícia no ofício. Foram esses sacerdotes que, contrariando os ensinamentos dos mestres pedreiros, iniciaram outros sacerdotes — que não eram artífices — nos sinais secretos, apertos de mão e rituais da irmandade. Assim, com o passar dos tempos, a maçonaria tornou-se uma ordem sacerdotal, sendo praticada no Egito, na Assíria e na Grécia, onde foi reformulada ou reinstaurada em Elêusis, mais de mil anos antes da era cristã, sendo os sacerdotes pagãos os grandes mestres.

A notícia da chegada e das obras dos atlantes espalhou-se até ao Indo e a outras regiões do país, atraindo visitantes quase diariamente. Ao início, vinham por curiosidade; mas muitos acabaram por ficar, e outros vinham para aprender ofícios manuais, artes e ciências. A astrologia e a astronomia despertavam o maior interesse, ao passo que a religião atraía a minoria.

As sementes eram distribuídas a todos os que chegavam, acompanhadas de instruções detalhadas sobre cultivo e uso. Os atlantes encontraram o arroz já em cultivo, e souberam que o trigo e a cevada eram cultivados mais a norte. O centeio foi entregue a alguns visitantes do Punjabe, assim como cevada, que estes disseram ser de variedade superior à que conheciam. Sementes de maçã, pera, pêssego, damasco, ameixa e cereja também foram distribuídas, introduzindo-se assim estas frutas — algumas das quais não prosperaram na Índia, mas difundiram-se noutras regiões onde vingaram.

Durante muito tempo, alguns botânicos e o público em geral acreditaram que o pêssego se teria desenvolvido a partir da amêndoa amarga e as muitas variedades de maçã a partir do pequeno e ácido pomo silvestre. Contudo, isto é um erro. O pêssego, chamado *Amygdalus persica*, é dito ter origem na Pérsia — daí o nome — mas não é esse o caso. O pêssego e a maçã (nas suas variedades cultivadas) eram nativos da Atlântida, tal como duas variedades de cereja, o damasco e duas ou mais variedades de ameixa. Assim, os primeiros pêssegos levados para a Europa desde a Pérsia tinham, na verdade, origem nas sementes distribuídas pelos atlantes na Índia, quando ali introduziram a sua civilização.

Logo que os trabalhos nas margens do Ganges se encontravam bem encaminhados e a escola a funcionar com sucesso, a expedição preparou-se para partir, deixando para trás mestres e operários para dar continuidade à missão, com a promessa de regressarem dentro de um ano, ou antes. Tendo ouvido dizer que o trigo cultivado na Índia teria sido obtido de um povo semelhante a eles, embora mais pequeno, que habitava ilhas a norte e leste, decidiram navegar nessa direção. Quase toda a população local veio assistir à partida e desejar-lhes boa sorte.

Seguindo a costa oriental da baía após deixarem o rio, chegaram à foz do rio Irawádi, onde encontraram um povoamento e um pequeno navio ancorado. Mas, ao aproximarem-se da margem, o navio, impulsionado por remos, foi levado rio adentro, e o povo (malaios) fugiu. Considerando inútil desembarcar, prosseguiram viagem pela costa, atravessando o estreito de Malaca. Após várias tentativas de contactar os habitantes — tanto no continente como em Samatra — sem sucesso, contornaram o cabo e chegaram à foz do rio Camboja. Aí, uma frota de canoas, cheia de malaios armados, tentou várias vezes abordar os navios. Foram repelidos, e a expedição continuou rumo ao norte sem fazer mais desembarques até à ilha de Hainan. Aqui encontraram algumas famílias e, desembarcando, ofereceram-lhes alguns artigos de que mais necessitavam.

Dias depois, tocaram na costa da China, perto do local onde hoje se situa Hong Kong, e conseguiram estabelecer contacto com os habitantes, que os receberam com evidente relutância, mas pareciam demasiado temerosos para recusar as ofertas de amizade dos estrangeiros.

Verificaram que aquele povo era descendente dos Fohahtees, e estes tinham uma tradição — pouco mais do que isso — de que os seus antepassados vinham de uma terra distante a leste. Insistiam, no entanto, que essa terra ficava no sol, e que o seu governante

era filho do sol e irmão da lua. A língua havia-se alterado consideravelmente e a estatura tinha diminuído, mas em muitos outros aspetos reconheceram-nos como irmãos.

Vendo que esse povo tinha tudo o que era necessário à vida e que estava muito mais avançado em civilização do que os habitantes da Índia, os atlantes continuaram a viagem. Fizeram escala na foz do Yangtzé e do Hoang Ho, mas não lhes foi permitido desembarcar em nenhum desses locais.

Do rio Hoang Ho, seguiram quase diretamente para leste e alcançaram a mais meridional das ilhas do Japão, onde foram recebidos com gentileza e acolhidos durante vários dias. Informados de que a autoridade principal residia em Niphon, rumaram para essa ilha, chegando em segurança ao entardecer. Como os habitantes pareciam bastante alarmados com a aproximação, fundearam e permaneceram a bordo durante a noite, içando uma bandeira branca no mastro de cada navio.

Após o nascer do sol, uma canoa com dois oficiais e remadores aproximou-se do navio principal e iniciou negociações, pedindo a partida imediata das embarcações, com a promessa de fornecer todos os mantimentos necessários caso partissem em paz.

Ao serem informados de que não vinham com intenções hostis e que eram irmãos vindos de uma terra longínqua para os visitar e, se possível, ajudar, a canoa regressou à costa para comunicar a mensagem. Entretanto, foi hasteada ao topo do mastro a bandeira da Atlântida: um sol dourado sobre fundo branco, rodeado a alguma distância por uma faixa vermelha, com uma orla azul de vários centímetros de largura na extremidade da bandeira.

Ao avistar-se esta bandeira, gerou-se grande alvoroço em terra, e o povo concentrou-se em torno de um velho que falava com entusiasmo, claramente a explicar algo que causava agitação. Quando terminou de falar, o ancião dirigiu-se à margem, entrou numa canoa e aproximou-se dos navios. Ajudado a subir a bordo, observou os homens, depois a bandeira, e exclamou "Atlântida."

Ao confirmarem-lhe que sim, soltou um grito de alegria, imediatamente correspondido da costa, de onde saíram várias canoas cheias de gente que cercaram os navios e os rebocaram para uma zona segura, por indicação do velho. Ele informou os atlantes — tanto por gestos como por palavras — que, em criança, ouvira o seu pai falar da bela Atlântida e descrever a sua bandeira, uma história transmitida de geração em geração.

Com os navios ancorados em segurança, os oficiais e tripulantes foram levados a terra, ficando apenas um guarda por embarcação a bordo. O povo recebeu-os com alegria, manifestando o seu contentamento com aclamações, rodeando-os e tocando-lhes nas vestes com as mãos.

Mensageiros foram imediatamente enviados para avisar os governantes, que viviam a alguma distância do porto, enquanto os habitantes abriam as portas das suas casas e ofereciam hospitalidade aos visitantes, pois o ancião dissera que eram irmãos.

Poucas horas depois, chegaram oficiais que convidaram os atlantes a visitar o Governador no dia seguinte, informando que, até lá, seriam hospedados pela população de uma pequena cidade próxima. O convite foi aceite pelos oficiais, mas os marinheiros foram instruídos a regressar aos navios e a permanecer a bordo durante a noite, e todas as noites, para os proteger de piratas malaios que, segundo disseram, costumavam assaltar as ilhas durante a noite, assassinando quem encontrassem a bordo e roubando as embarcações.

Na manhã seguinte, os oficiais regressaram e acompanharam os atlantes até à casa do governo, onde foram recebidos pelo Governador e pelos conselheiros que foi possível reunir a tempo. O encontro decorreu com pouca cerimónia. A casa era feita de bambu, coberta com folhas da mesma planta, de apenas um piso, com cerca de quinze metros de comprimento por seis de largura, podendo ser dividida em compartimentos com painéis móveis.

Quando os atlantes entraram, os painéis estavam recolhidos junto às paredes; o Governador estava sentado num tapete no centro da sala, com os conselheiros dispostos de pé a seu lado. Levantou-se ao vê-los chegar, cumprimentou-os um a um apertando-lhes a mão e indicou com um gesto um lugar para cada um se sentar, sem pronunciar palavra até que todos estivessem acomodados, ocupando os tapetes imediatamente à frente do Governador e do seu conselho.

Um dos conselheiros, que parecia ser o secretário, perguntou então qual era o propósito da sua visita à ilha. O porta-voz dos atlantes respondeu:

— Há muitas eras, uma parte dos habitantes de Atlântida, a nossa terra natal, procurando melhores condições, atravessou os mares rumo ao ocidente e estabeleceu-se num novo país. Mantiveram o contacto com a terra-mãe durante muitos anos, enviando anualmente navios para obter aquilo que a nova terra não podia fornecer. Eventualmente, essas visitas cessaram e, durante muito tempo, nada soubemos deles, a não ser através da nossa sumo-sacerdotisa e os seus assistentes. Durante anos contemplámos a ideia de os visitar, mas nada fizemos até que a nossa sacerdotisa nos disse que o momento tinha chegado.

— O nosso país é muito antigo, e os nossos sábios fizeram muitas descobertas que deveriam ser partilhadas com o resto da humanidade — descobertas que vieram de Deus, de quem somos servos. Por isso, aguardámos pacientemente até que a sua voz, através da nossa sacerdotisa, nos ordenou que partíssemos como civilizadores e mestres, levando connosco artesãos, astrónomos (que também são astrólogos), agricultores, sementes de frutas e legumes bons para alimentação, e muitas ferramentas e instrumentos que só nós

conhecíamos. É nosso desejo que vós, e todos os homens, tenham acesso a tudo isso, pois acreditamos ser vontade de Deus.

— Visitámos uma parte do povo da Índia, que nos recebeu de bom grado. Aí estabelecemos uma escola e oficinas, deixando os homens necessários como mestres, antes de seguirmos viagem. Tentámos contactar os nossos irmãos na China, mas recusaram-se a receber-nos. Agora estamos aqui, e alegra-nos saber que, embora o vosso sangue esteja misturado, sois ainda irmãos e estais muito mais avançados do que os outros povos com quem falámos. Contudo, acreditamos que vos podemos ensinar muito e propomos, se não vos opuserdes, fundar uma escola com mestres e ensinar os vossos jovens em vários ofícios úteis — trabalho em metais e pedra, fabrico de tijolos, construção, pintura — e também a nossa religião, que sois livres de aceitar ou rejeitar depois de a conhecerdes.

O Secretário, após consultar o Governador e os membros do conselho, declarou: "Estamos felizes por terem vindo e aceitaremos com prazer as vossas generosas ofertas." Foram então servidos refrescos, e a conversa tornou-se geral, com muitos japoneses a fazerem perguntas, todas respondidas pelos atlantes de forma satisfatória para os anfitriões.

Assim que foi possível organizar tudo, os vários artífices começaram a trabalhar, cada um com o maior número de jovens que conseguia instruir. A escola foi fundada e rapidamente ficou cheia de alunos, muitos deles já com idade avançada, mas todos demonstrando grande vontade de aprender e a progredir com entusiasmo.

Os atlantes permaneceram várias semanas, sendo sempre tratados com amabilidade pelas autoridades e pelo povo. Contudo, embora pressionados a ficar mais tempo, deixaram professores e operários encarregues dos trabalhos e zarparam rumo ao Ganges, prometendo regressar ao Japão dentro de um ano, se possível.

Em vez de seguirem pela costa, como haviam feito ao vir para o Japão, traçaram o curso com base no sol e nas estrelas, navegando diretamente para sul, passando pelas ilhas Loo Choo e alcançando as Filipinas. Aqui tentaram desembarcar, mas os nativos repeliram todas as tentativas de aproximação e mostraram-se tão hostis que os atlantes reembarcaram e só voltaram a pisar terra firme ao serem forçados por uma tempestade a entrar numa pequena baía na costa ocidental de Bornéu.

Durante vários dias, o tempo manteve-se tempestuoso. Grupos de exploradores desembarcaram e avançaram vários quilómetros pelo interior, mas não conseguiram estabelecer contacto com a população. Encontraram casas recentemente abandonadas, muitas ainda com o fogo aceso e comida ao lume, mas os habitantes fugiam ao menor sinal da sua aproximação.

Quando o tempo melhorou, retomaram a viagem e, contornando Samatra, entraram na Baía de Bengala, chegando ao Ganges alguns dias depois, tendo estado fora pouco menos de um ano.

Os amigos e os nativos ficaram muito contentes com o regresso e relataram bom progresso nas escolas e oficinas. Informaram também que os legumes e frutas adaptados ao clima estavam a desenvolver-se com sucesso, alguns até superando as expectativas. Relataram ainda que o povoado de Benares solicitara professores e artífices, por não querer confiar os seus jovens à influência dos brâmanes.

Poucos dias depois, as embarcações, apesar de uma leve oposição dos sacerdotes, subiram o rio até Benares, onde foram recebidas com hospitalidade. Ficaram alguns dias, durante os quais foi estabelecida uma escola e os diversos ofícios começaram a ser ensinados.

Os atlantes ficaram muito satisfeitos ao descobrir que os habitantes de Benares acreditavam num só Deus, na imortalidade da alma e na ministração de espíritos, sendo contrários à transmigração das almas. Não tinham castas, exceto entre os chefes que governavam e o povo. Eram honestos, pacíficos, verdadeiros e demonstravam grande vontade de aprender para melhorarem as suas condições de vida.

Concluídos os acordos com o povo de Benares, para deixar lá os mestres e operários, a expedição regressou às povoações do baixo Ganges para preparar uma viagem mais para oeste, sendo contudo atrasada por várias semanas devido ao mau tempo. Esse tempo foi, no entanto, aproveitado para melhorar as condições de vida do povo, influenciando os sacerdotes a tratarem com mais humanidade as castas inferiores, que até então eram tratadas como escravos sem quaisquer direitos. Não podiam possuir bens e eram obrigados a trabalhar para os brâmanes desde o amanhecer até à noite, recebendo mal o suficiente para matar a fome. A influência dos atlantes foi o elemento necessário para provocar a mudança desejada — dar a esses pobres pelo menos uma aparência de liberdade.

Quando o tempo acalmou, a expedição partiu, contornando Ceilão e desembarcando na sua costa ocidental. Ali encontraram alguns habitantes, mas não conseguiram fazer muito mais do que oferecer algumas ferramentas, devido à rivalidade entre dois chefes locais, que quase terminou em derramamento de sangue. Dali seguiram para o cabo Comorim, entrando no Mar Arábico.

Seguindo ao longo da costa para norte, fizeram vários desembarques, mas os poucos nativos que encontraram eram tão tímidos que nada se conseguiu até chegarem ao rio Indo.

Aí foram recebidos com amizade. O povo mostrava-se interessado em aproveitar a ajuda oferecida, pois já tinha ouvido rumores sobre o que estava a ser feito no Ganges. Dois mestres e operários, bem como ferramentas, foram deixados, e a expedição prosseguiu a

viagem. Contudo, não voltaram a encontrar povoações que os recebessem até entrarem no Golfo Pérsico — e mesmo assim, apenas depois de avançarem bastante.

Aí, surpreenderam-se ao ver uma embarcação singular com uma só vela a aproximar-se. Aparentemente tentava fugir, mas, com as bandeiras brancas içadas e o vento a favor dos atlantes, o encontro foi inevitável. A embarcação acabou por se juntar a eles e revelou-se um navio mercante fenício, formado por quatro grandes canoas amarradas, a caminho do Mar Vermelho desde um povoado no golfo.

Os atlantes explicaram aos fenícios o objetivo da sua missão, o que os agradou bastante, e estes concordaram em regressar com eles à sua povoação em Elão.

Os fenícios que se estabeleceram no Egito haviam atravessado do Nilo para o Mar Vermelho e, construindo canoas, navegaram ao redor da Arábia até ao Golfo Pérsico, onde fundaram um povoado e abriram comércio com os habitantes locais. Ainda não tinham circunavegado África, mas, após aprenderem construção naval e astronomia com os atlantes, viriam a fazê-lo mais tarde, visitando também a Índia posteriormente.

Ao chegarem ao povoado fenício, uma mensagem enviada para o interior trouxe vários habitantes, incluindo o chefe local, que, impressionado favoravelmente e ansioso por aprender, deu o seu consentimento. De imediato começaram os preparativos: foram construídos edifícios adequados, fundou-se uma escola e instalaram-se várias oficinas — inclusive um estaleiro naval, para benefício dos fenícios, todos desejosos de aprender o ofício da construção de navios.

Os atlantes permaneceram ali quase três meses, mas não lhes foi permitido entrar no Eufrates, pois o povo temia que viessem com intenções de conquistar o território. No entanto, alguns jovens de Nínive e Babilónia deslocaram-se ao posto comercial fenício para aprender as artes e frequentar a escola.

Babilónia e Nínive, embora há muito estabelecidas como centros habitacionais, eram apenas conjuntos de cabanas de varas entrelaçadas ou tendas de couro cru, e nenhuma das cidades contava com mais de quatro ou quinhentos habitantes, dispersos por vários quilómetros, de modo a que cada família tivesse terra suficiente para cultivar *dhottsa* (ou milho egípcio). Os atlantes introduziram ainda trigo, cevada e centeio, juntamente com várias sementes de legumes.

Foram forçados a permanecer ali devido aos ventos do sul, mas durante esse tempo viram dois navios em construção bem avançada e progresso satisfatório tanto na escola como nas oficinas. O que mais os agradou, contudo, foi a prontidão com que o povo aceitou as suas ideias religiosas. Já tinham uma vaga noção de Deus e da imortalidade da alma, herdada dos seus antepassados, mas essa crença estava misturada com superstições sobre um demónio maléfico e espíritos malignos, que julgavam estar constantemente à sua volta.

Toda a sua adoração era voltada para aplacar esses seres, e quase todos usavam amuletos para se proteger das suas influências.

Os atlantes esforçaram-se por livrá-los dessas superstições, ensinando-lhes sobre o Deus Infinito, cujo poder era superior ao dos males que temiam, e cuja essência era o amor. Explicaram-lhes que o sol — sem o qual não há vida — era um dos seus agentes para o bem, símbolo disso sendo o calor que faz brotar a vegetação e florescer as plantas. Por isso, o sol era o elemento mais proeminente nos seus templos.

Explicaram o princípio trino que permeia a natureza, dizendo que Deus, embora uno em essência, manifesta-se através de três atributos: Sabedoria, Amor e Verdade (ou Poder). "Na nossa religião," disseram, "Deus é Sabedoria, que não pode ser representada por imagem. É a Ele, e só a Ele, que adoramos. Usamos o sol dourado como símbolo de Amor, e o fogo, sempre aceso nos nossos templos, como símbolo da Verdade e do Poder: da Verdade, porque purifica e consome o erro; do Poder, porque quando liberto pode destruir até a própria terra."

Disseram ainda: "Para agradar a Deus, homens e mulheres devem viver com pureza, evitando o conflito, cultivando a caridade e a generosidade, ajudando os necessitados e consolando os que sofrem; devem agir com justiça, guiados pela consciência, que fala a todos os que desejam ouvir. Devem acumular honestamente o que puderem, satisfazer as suas próprias necessidades e doar o excedente aos que verdadeiramente precisam — começando sempre pela viúva e pelo órfão. O chefe de um povo, acreditamos, não deve ser um tirano, mas, como Deus, governar com amor e bondade."

O chefe dos elamitas, embora sem educação e considerado um selvagem, era de governo brando e muito estimado pelo seu povo. Vendo-o adotar a nova religião, os habitantes seguiram-no, e antes da partida dos atlantes, estes alegraram-se por ver o povo afluir à escola nos dias do templo, para ouvir os ensinamentos religiosos.

Desses ensinamentos nasceu a religião persa, conhecida por uns como culto do Sol e por outros como culto do Fogo; mas os Magos e os Parsees sempre disseram que, por trás do sol e do fogo, há o Deus Infinito, o verdadeiro objeto da sua devoção, chamado Ormuzd. O sol e o fogo são apenas símbolos — incompreendidos pelos não iniciados. Esta religião, com ligeiras modificações, ainda conta com seguidores sinceros, tão fiéis aos ensinamentos de Zoroastro (*Zerdusht*) no *Zend Avesta* como os cristãos são aos de Jesus. Zoroastro foi para os persas um mensageiro de Deus, tal como Jesus o foi para os judeus, e ambos ensinaram a verdade que lhes foi revelada.

Quando os ventos se tornaram favoráveis, os atlantes, despedindo-se com lágrimas das mulheres — cuja condição tinham melhorado muito — e com pesar dos homens, zarparam em direção à Índia, para prepararem o regresso à Atlântida, onde buscariam mais provisões e trabalhadores. Tinham ouvido dos fenícios falar dos povos brancos da Europa, alguns dos

quais encontraram em Elão, e ansiavam visitar essas terras. Mas já não dispunham de mestres, nem de muitos artífices ou sementes.

Ao nascer do sol — momento considerado auspicioso pelos atlantes — os navios zarparam, acompanhados por uma embarcação fenícia com destino ao Mar Vermelho e ao Egito. A viagem foi demorada, com períodos de calmaria de vários dias, mas sem grandes tempestades. Não fizeram escala no delta do Indo, navegando diretamente pelo Mar Arábico, contornando o cabo Comorim e, passando entre a Índia e Ceilão, à maré alta, entraram na Baía de Bengala e, por fim, no Ganges, após mais de um ano de ausência.

Foram recebidos com grande alegria e ficaram satisfeitos com os progressos feitos na sua ausência. Permaneceram alguns dias e depois visitaram Benares, onde foram calorosamente acolhidos. O povo mostrava-se encantado com os avanços nas artes, ofícios e estudos, tal como os mestres e artesãos.

Com pouco tempo disponível, se quisessem aproveitar os ventos de oeste, despediram-se com afeto do povo e dos seus irmãos que permaneceriam, regressando às povoações mais a sul para abastecer e preparar os navios para a viagem de regresso a casa.

Ao chegarem à antiga zona de ancoragem, começaram de imediato os preparativos e, em poucos dias, estavam prontos. Novas despedidas foram feitas, e, com inúmeras mensagens para os entes queridos que ficaram, a expedição partiu, acompanhada até bem longe da baía por um novo navio, construído durante a sua ausência, numa viagem experimental. O navio comportou-se de forma exemplar, para satisfação evidente dos brâmanes a bordo, pois, apesar de não ser tão grande como os navios da expedição, era mais veloz.

Ali mesmo, no oceano, renovaram-se os adeuses. As embarcações atlantes seguiram o seu rumo, enquanto a embarcação indiana regressou ao Ganges — orgulho de um povo que, até então, não possuía nada para navegar, nem no mar nem no rio, além de canoas e catamarãs (jangadas).

A viagem de regresso foi rápida e sem incidentes dignos de registo. Nenhuma calmaria prolongada, vento contrário ou tempestade os atrapalhou; os céus mantiveram-se límpidos, e a lua prateada e as estrelas cintilantes refletiam-se nas águas, parecendo duplicar-se, como se abençoassem os viajantes do mar com uma bênção dupla. Oficiais e marinheiros estavam de bom ânimo e orgulhosos da obra que tinham realizado, pois sentiam que eram apenas servidores a cumprir o plano que o Pai Infinito lhes havia confiado. Assim, quando o sol poente, mergulhando no oceano atrás deles, se refletiu nos picos nevados das montanhas atlantes que surgiam à vista, as vozes de oficiais e homens uniram-se num cântico de louvor ao astro-rei.

Só chegaram ao seu ancoradouro quase ao amanhecer, e como a sua chegada não fora notada, preparava-se uma grande surpresa para o povo. Tudo nos navios estava limpo e arrumado, e a bela bandeira — desfraldada ao vento — tremulava em cada mastro, sem

enfeites brancos, sinal de que nenhum homem havia morrido ou se perdido durante os três anos de ausência.

Foram os marinheiros dos navios fundeados no porto que primeiro avistaram a expedição regressada, soltando gritos de alegria que despertaram os que estavam em terra. Muitos correram ao templo, onde o grande gongo foi tocado para convocar o povo. Então, a sumo-sacerdotisa, com as suas setenta e uma assistentes, marchou até ao cais em duas filas, cada uma levando uma tocha acesa no fogo sagrado, seguida pela multidão, com os oficiais do governo e nobres encerrando o cortejo.

Ao chegarem à margem, as tochas foram agitadas, e os barcos com os oficiais de cada navio avançaram em simultâneo até à terra. Ali, foram recebidos pela sumo-sacerdotisa, que apertava a mão de cada homem ao pisar o solo, erguendo os olhos ao céu e invocando uma bênção sobre ele, passando-o depois às suas assistentes, que faziam o mesmo. A procissão formou-se de novo, aguardando até que todos os marinheiros estivessem presentes, sendo colocados entre as sacerdotisas e os dignitários do governo.

O cortejo avançou então até ao templo, onde os oficiais superiores apresentaram um relatório verbal, seguido de um discurso de boas-vindas da sumo-sacerdotisa, acolhendo de volta os viajantes. Após uma prece de agradecimento, entoou-se um cântico e a multidão foi dispensada, com encontro marcado para o nascer do sol do dia seguinte, pois seria dia de templo.

Como muitos marinheiros e a maioria dos oficiais eram casados, depressa se viram rodeados de esposas e filhos, cujos beijos e lágrimas de alegria fizeram molhar muitas faces bronzeadas. Amigos e conhecidos, assim que puderam, acorreram com saudações — e muitas esposas tiveram de puxar pelos maridos para os afastar da multidão.

Na manhã seguinte, com o templo cheio de uma multidão ordeira, a sumo-sacerdotisa e as suas assistentes rodearam o altar, sobre o qual ardia o fogo sagrado, que nunca fora extinto desde que os dois primeiros atlantes, com as suas esposas, tinham deixado o Jardim de Deus, enviados pelo Ser Angelical. Incenso foi lançado ao fogo, exalando um perfume agradável, e um hino de louvor ao Infinito foi cantado. Seguiu-se uma invocação da sacerdotisa, após a qual uma das donzelas por ela escolhida proferiu um discurso, composto em grande parte de ensinamentos morais e fisiológicos, pois este povo sempre procurava unir o útil ao espiritual nas suas instruções religiosas e éticas. Acreditavam que o ensino da moral e da religião, por si só, apenas alcançaria a mente à custa do corpo, se não fosse acompanhado de conhecimento prático que permitisse ao povo manter-se saudável ou conservar a saúde já adquirida.

As cerimónias foram encerradas com um cântico ao sol, cujo símbolo dourado pendia sobre o altar, suspenso do teto por correntes do mesmo metal. Enquanto o cântico era entoado, crianças do sexo feminino, com coroas de flores na cabeça e ramos nas mãos, dançavam em movimentos suaves e graciosos ao redor do altar, ao som da melodia.

O templo, como já referido, era quadrado e de tamanho imenso. Tinha dois andares: o inferior com cerca de seis metros de altura, e o superior com cerca de cinco, coberto por um teto plano com parapeito de mármore, para proteger as crianças de quedas acidentais. O andar superior era dividido em quartos para a sumo-sacerdotisa, suas assistentes e algumas criadas.

A sala pública ocupava quase todo o rés-do-chão, que era revestido de mármore em diferentes cores, formando quadrados de cerca de cinquenta centímetros. No centro, erguia-se o altar, sobre uma plataforma de mármore branco, com dois metros de altura e doze de lado, com três degraus em cada lado que rodeavam toda a base. O altar em si era um bloco quadrado de dois metros de lado por um metro e vinte de altura, feito de pórfiro, ricamente esculpido com motivos de vinhas, flores e frutos, e com um sol em cada face, dourado em ocasiões especiais. O topo do altar era de alabastro, coberto por uma fina folha de ouro maciço, e ao centro havia um braseiro de prata, com cerca de trinta centímetros de altura e cinquenta de diâmetro, onde o fogo sagrado era mantido constantemente aceso sob o cuidado de duas assistentes, que se revezavam ao meio-dia e à meia-noite.

O teto do templo era sustentado por setenta e duas colunas de mármore — número considerado sagrado. As colunas eram lisas, exceto nas bases e capitéis, que eram esculpidos com motivos de vinhas e flores, com extrema delicadeza e detalhe. A serpente, símbolo do princípio do mal na natureza (pois, embora acreditassem em espíritos malignos, não criam num diabo pessoal), não tinha lugar no interior do templo. Era, no entanto, esculpida em baixo-relevo nas paredes exteriores, especialmente perto das portas, como aviso para que os fiéis deixassem para trás os seus maus pensamentos antes de entrarem no templo do Deus vivo.

Nunca se faziam oferendas ou sacrifícios sobre o altar. Em vez disso, ele era adornado com flores, colocadas em quatro vasos de ouro, um em cada canto. As flores não eram fornecidas por membros do templo ou seus oficiantes, mas oferecidas voluntariamente por pessoas que tinham familiares ausentes ou doentes, amigos enfermos, ou mulheres grávidas. Acreditava-se que estas oferendas florais atrairiam bons espíritos para assistir ao parto e proteger a criança ainda não nascida.

Na primavera, quando havia maior variedade de flores, realizava-se um ritual floral. O altar e as colunas eram então decorados com grinaldas e festões das flores mais belas que se conseguissem obter. Violetas e outras flores mais discretas eram espalhadas pelo chão. A sumo-sacerdotisa e as suas assistentes usavam coroas e guirlandas de flores e vinhas, e todos os presentes no ritual usavam ou traziam flores consigo. Após a invocação a Deus, os cânticos de louvor eram dirigidos ao sol, pois era ele quem fazia as flores desabrochar e lhes dava cor.

Quando a colheita era recolhida, o templo era decorado com os frutos da terra, e a sacerdotisa, as suas ajudantes e muitos membros do povo também se enfeitavam com esses

produtos. Celebravam-se então três dias de ação de graças e louvor ao Doador de todos os bens e ao sol, seu fiel servidor nessa missão. Danças ao ar livre e em redor do altar, no interior do templo, faziam parte da adoração nesses dias.

Nada era obrigatório na religião dos atlantes; todos eram livres de participar ou não nos rituais. A sumo-sacerdotisa e as suas auxiliares não recebiam salários, nem podiam aceitar ofertas voluntárias, exceto frutos e grãos, destinados à alimentação. Se essas doações não bastassem, o governo cobria a diferença. Caso sobrasse, o excedente era distribuído pelos pobres. O tecido necessário às suas vestes também era fornecido pelo governo, mas eram elas próprias que o confeccionavam. Como havia sempre muita matéria-prima, as mãos das mulheres nunca estavam paradas — havia sempre necessidade de roupa para viúvas e órfãos, que eram amparados pelas autoridades quando necessitados.

A sumo-sacerdotisa e suas assistentes podiam casar, se assim o desejassem, sem perder os seus cargos. No entanto, eram dispensadas da vigilância do fogo sagrado, função exclusiva de virgens. Em caso de maternidade, era nomeada uma substituta temporária, ou a sacerdotisa podia optar por renunciar ao cargo. Como o número de setenta e duas sacerdotisas tinha de se manter constante, jovens eram sempre preparadas para ocupar possíveis vagas, por morte ou renúncia. Quando uma sacerdotisa casava, recebia uma casa perto do templo, gratuita, fornecida pelo governo.

Apesar da liberdade de culto, o povo era profundamente religioso — era raro encontrar um descrente. Isso explicava-se pelo facto de a comunicação com os espíritos ser amplamente conhecida e aceite. Nenhum indivíduo precisava viver sem provas da imortalidade da alma. A sumo-sacerdotisa era sempre um médium inspiracional, frequentemente dotada de dons de cura e clarividência, além de ter uma formação médica sólida. As suas assistentes eram escolhidas pela sua sensibilidade à influência espiritual.

No subsolo do templo havia uma grande sala destinada às sessões espirituais. Era o "Santo dos Santos" atlante, onde apenas as sacerdotisas podiam entrar. Ali reuniam-se regularmente e submetiam-se passivamente às influências dos espíritos que quisessem comunicar com elas.

O dom mediúnico não era exclusivo das mulheres; muitos homens, de todas as idades — desde meninos até anciãos — eram médiuns. Era raro encontrar uma família sem pelo menos um. Ser sensível ao contacto com os sábios e bons do outro mundo, e poder ouvir, ver ou sentir o carinho dos entes queridos que Deus havia levado para uma existência melhor, era considerado uma bênção.

Por isso, não havia luto, lágrimas amargas ou gestos de desespero quando a morte levava alguém da família. Para os atlantes, a morte era um anjo de túnica branca e coroa de flores, que libertava a alma das trevas, conduzindo-a à luz; que quebrava os grilhões da matéria e deixava o espírito livre — livre para voar de estrela em estrela, visitar mundos tão belos que a imaginação humana nem os podia conceber, e, ao seu bel-prazer, regressar para

visitar e abençoar os que ainda viviam "no lado sombrio da vida", como chamavam à existência terrena — por mais luminosa e feliz que fosse, comparada ao mundo espiritual, era apenas sombra.

O teto do templo era também um local de encontro para as crianças, que se reuniam ali em noites límpidas e serenas para receber lições de astronomia. Uma das sacerdotisas indicava os planetas e constelações, ensinando-lhes os nomes e preparando-os para os estudos superiores, onde essa ciência era ensinada com maior profundidade.

Durante a ausência da expedição, um trabalhador dos metais fez uma descoberta: percebeu que a magnetite (pedra-ímã), se suspensa por um fio e balançada em qualquer direção, acabava sempre por oscilar alinhando-se norte-sul. Moldou então a pedra em forma redonda, perfurou-a ao centro e passou um cordel. Repetiu a experiência e confirmou o resultado. A seguir, criou uma meia-esfera de ferro e outra de madeira dura, uniu-as e suspendeu o conjunto — e verificou que, não importa quantas vezes a girasse, o lado de ferro apontava sempre para o norte. Convencido da utilidade desta invenção para os navegadores, ofereceu-a aos oficiais da expedição, que imediatamente reconheceram o seu valor e encomendaram várias unidades antes da partida.

Na cidade, especialmente entre os artífices, a excitação era grande com o regresso da expedição. Muitos desejavam viajar para os novos territórios e exercer os seus ofícios, mas não havia espaço suficiente nos navios. Decidir quem iria e quem ficaria revelou-se difícil. Após várias reuniões, decidiu-se que apenas homens solteiros poderiam voluntariar-se — o que reduziu o número — mas ainda assim excedia o permitido, a menos que se enviassem mais de seis navios, o que era improvável. A solução encontrada foi o sorteio.

Entretanto, o governo trabalhava ativamente no carregamento dos navios com grãos, sementes de frutas e legumes, além de armas, ferramentas e utensílios. Cada homem da expedição recebeu capacetes de cobre endurecido, decorados com ouro e prata, bem como peitorais; os oficiais foram equipados com armaduras completas feitas de metais mais preciosos, pois a sumo-sacerdotisa os havia alertado de que enfrentariam combates difíceis antes de regressarem e que deviam estar sempre em alerta ao entrarem no território dos povos brancos.

Quando tudo estava finalmente pronto, e após receberem a bênção da sumo-sacerdotisa e da população, a expedição — comandada pelos mesmos oficiais — partiu ao romper da manhã, quando os primeiros raios do sol tocaram os cumes das montanhas. A margem da baía estava repleta de pessoas que vinham despedir-se. Vários navios acompanharam a frota até longe, levando familiares e amigos que queriam dizer um último adeus antes de os seus entes queridos enfrentarem o mar aberto.

O dia estava lindo, o vento era favorável e forte o suficiente para levantar espuma sob as proas dos navios. Ao meio-dia, já haviam avançado tanto que a cidade desaparecera de vista e as montanhas a leste tornavam-se manchas azuis na distância. Então, reduziram as

velas e os navios acompanhantes aproximaram-se, para que os maridos pudessem abraçar as esposas, beijar os filhos e apertar as mãos dos amigos com palavras de carinho e despedida, pois esperavam passar três ou quatro anos antes de voltarem a reunir-se. Depois, as velas foram novamente estendidas, e os bravos aventureiros seguiram sozinhos pelo imenso oceano, sem terra à vista.

Basta dizer que a longa viagem decorreu sem desastres, apesar de algum mau tempo. Nesses períodos de nuvens cerradas, sem sol nem estrelas visíveis, a recente invenção do magneto provou ser de valor inestimável — sem ele, os navios teriam de parar ou seguir à sorte, correndo risco de se desviar muito do curso.

Chegaram em segurança à Baía de Bengala e ao Ganges, sendo calorosamente recebidos — tanto nas povoações ribeirinhas como em Benares. Verificando que tudo estava bem, deixaram dois professores adicionais, alguns trabalhadores e os suprimentos necessários, e seguiram para o Japão, onde chegaram em tempo oportuno para ajudar a repelir um ataque em força dos malaios, que se haviam tornado ousados.

Quando os navios atlantes entraram no porto, encontraram o povo em pânico. Mulheres com crianças ao colo fugiam para os bosques atrás da aldeia, enquanto os homens se preparavam para defender as suas casas. Mal os navios ancoraram, o velho que antes reconhecera a bandeira aproximou-se numa canoa.

Relatou que os malaios haviam desembarcado cerca de duas horas de marcha dali, numa pequena baía, e vinham pelo bosque a oeste para atacar a povoação. Eram muitos, e temia-se que derrotassem os seus amigos. Os atlantes foram imediatamente instruídos a armarem-se com arcos, flechas e lanças, vestindo também as armaduras, e a desembarcarem o quanto antes. Após o desembarque, posicionaram-se atrás de um denso maciço de arbustos, aguardando o inimigo.

Este arbusto separava a vila do bosque por onde vinham os malaios. À sua frente, estendia-se um campo aberto, com cerca de um quarto de milha, pelo qual os inimigos teriam de passar, pois à direita havia um precipício com mais de trinta metros de altura, e à esquerda, o mar.

O comandante atlante ordenou aos japoneses que avançassem até à orla do bosque e depois recuassem ao ver os malaios, fingindo resistência apenas, e rodeassem o maciço pela orla marítima, deixando a luta para os atlantes. Pouco tempo depois, uma turba de guerreiros quase nus emergiu do bosque, em perseguição dos japoneses em fuga.

No momento certo, os atlantes ergueram-se e dispararam as suas flechas a curta distância, com efeito devastador. As flechas de ponta metálica, lançadas pelos arcos longos nas mãos dos imponentes atlantes, atravessavam os corpos dos malaios, matando por vezes dois com uma só seta, e ferindo um terceiro. A segunda salva foi tão letal como a primeira — o massacre foi tal que os sobreviventes fugiram de imediato, deixando metade dos seus

caídos no campo. O comandante atlante recusou persegui-los, dizendo que já tinham sido suficientemente castigados e provavelmente não regressariam.

Os japoneses, eufóricos com o resultado, receberam os atlantes com grande alegria. Os feridos foram assistidos, embora fossem poucos, já que as flechas raramente não causavam feridas mortais. Os japoneses propuseram matar os feridos inimigos, mas os atlantes persuadiram-nos a tratá-los com humanidade e enviá-los para outras ilhas, de onde pudessem regressar às suas terras.

As autoridades, já avisadas do ataque, chegaram antes que os mortos fossem sepultados e ficaram surpreendidas e encantadas por reencontrarem os atlantes. Entre os recém-chegados estavam operários e um professor deixados ali na visita anterior — a alegria do reencontro foi enorme.

Menos limitados por ideias prévias do que os arianos, os japoneses haviam feito mais progressos, tanto nas artes como na religião. Nesta última, começavam a redescobrir ensinamentos antigos, quase perdidos na tradição.

Os atlantes permaneceram cerca de dois meses, deixando mais professores e operários. Levaram de volta dois trabalhadores casados, ansiosos por regressar às suas famílias em Atlântida.

No Ganges, visitaram brevemente as povoações ribeirinhas e Benares, onde tudo corria bem, e depois navegaram para oeste, parando em Ceilão. Desta vez foram bem recebidos, e o povo pediu ferramentas, artífices e uma escola — o que lhes foi concedido, com os homens necessários deixados para ensinar.

Na foz do Indo encontraram as escolas e ofícios a prosperar, com o povo entusiasmado com os progressos. Deixaram um professor e dois operários adicionais, além de alguns bens necessários, e então partiram rumo a Elão, onde chegaram após uma travessia tempestuosa — mas sem incidentes.

Encontraram os seus amigos bem e felizes, e a escola transbordava de alunos, muitos dos quais tinham vindo do Eufrates e do Tigre, de onde também haviam chegado pedidos de professores e artífices. Essas solicitações haviam sido deixadas em espera até ao regresso da frota. Ao chegarem, os atlantes ficaram surpreendidos ao descobrir que dois dos jovens artesãos haviam casado com mulheres elamitas. A princípio mostraram-se um pouco indignados, mas como entre aquele povo não existia o sistema de castas, e as jovens eram filhas de chefes, o assunto não gerou grande controvérsia.

Os atlantes eram chamados "filhos de Deus" por essas gentes, e sendo gigantes, aqui se encontra uma explicação para a tradição bíblica, no capítulo sexto do Génesis, que afirma que os filhos de Deus tomaram por esposas as filhas dos homens; que "naqueles dias havia gigantes na terra", e que seus filhos se tornaram "homens poderosos, homens de renome".

Como os navios não podiam subir o Eufrates para além da foz do Tigre, ancoraram aí, e o rio foi subido em barcos. Na época, tratava-se apenas de um aglomerado disperso de cabanas de barro, casas de varas entrelaçadas e tendas, rodeadas de pequenos campos de *dhouro*, algum trigo (plantado a partir de sementes trazidas pelos atlantes), cevada e algumas hortaliças — que os habitantes não apreciavam muito — além de videiras. O cultivo de outras frutas ainda não tinha avançado, apesar de já terem recebido sementes de pêssego, cereja, damasco e maçã. Criavam grandes rebanhos e manadas, que pareciam ser a principal fonte de sustento.

Madeira foi obtida e os edifícios necessários erguidos. A escola foi inaugurada com três professores, e os ofícios distribuídos entre aprendizes, cada jovem podendo escolher qual queria aprender. Como o que o povo mais precisava eram casas, e a madeira era escassa, foi preparado um grande olival para fabrico de tijolos, que entrou rapidamente em funcionamento. Muitas mulheres foram designadas para ajudar, mas os atlantes protestaram, dizendo que esse trabalho deveria ser reservado aos homens.

Descobriu-se que os homens locais eram, em geral, ociosos, deixando às mulheres o cultivo da terra e grande parte dos trabalhos mais duros. O exemplo dado pelos atlantes teve um efeito positivo, e as mulheres foram em breve dispensadas, os homens ocupando os seus lugares.

Quando já havia tijolos suficientes, os pedreiros começaram a construção de uma casa para o chefe. Apesar de modesta, causou grande impacto na população, que passou a desejar ter habitações semelhantes. Muitos homens — que nunca haviam trabalhado um só dia na vida — juntaram-se aos operários no fabrico de tijolos, na esperança de acelerar a construção e ter uma casa própria antes da chegada do inverno, que naquela região era sempre ameno. Muitos viram o seu desejo realizado, pois pequenas casas começaram a surgir com rapidez, para grande alegria geral.

Passaram-se ali vários meses bastante produtivos. Enquanto os homens trabalhavam, os oficiais atlantes dedicavam-se ao ensino, sempre incorporando os seus valores religiosos. Assim, contribuíram para eliminar das mentes locais as superstições infantis que as dominavam, substituindo-as por uma visão racional de Deus, da imortalidade da alma e da vida para além da morte.

Realizavam visitas frequentes aos navios para recolher o que era necessário. Nessas ocasiões, eram muitas vezes acompanhados pelo chefe, que demonstrava forte desejo de possuir embarcações próprias — não tão grandes quanto os navios atlantes, mas adequadas para navegar até à Babilónia. Para o satisfazer, estabeleceu-se um estaleiro e construíram-se vários barcos pequenos, com participação ativa dos habitantes locais, que assim aprenderam o ofício.

Quando tudo funcionava como desejado, os atlantes despediram-se do chefe e do povo, explicando que os mestres e artífices ficariam até à volta da frota, prevista para dali a

dois anos, já que tencionavam visitar os povos brancos e permanecer com eles vários meses, caso fossem bem recebidos.

O chefe perguntou se não tencionavam visitar os ninivitas e fazer por eles o que tinham feito ali. Os atlantes responderam que enviariam professores, operários e suprimentos, mas que só poderiam visitá-los ao regressar. O nome desse chefe era Belus, descendente direto de Naros, o primeiro a escolher a localização de Babilónia como centro do seu domínio. Mas, até à data de que se fala, nenhum tijolo ou pedra havia sido colocado ali. A história, ou melhor, a tradição, confunde Belus com Nimrod. Não há registo de Nimrod como governante de Babilónia; mas, em época posterior à de Belus, Nimrod — chefe de um grupo selvagem de saqueadores — atacou os povoamentos periféricos da Babilónia, roubando gado. Foi, no entanto, perseguido, vencido e os bens recuperados.

Segundo os relatos da época, Nimrod era um selvagem à frente de uma tribo de nómadas, vivendo da caça e do saque. Era descrito como sanguinário, cruel e sem escrúpulos, matando pessoas indefesas e destruindo tudo o que não podia levar. Era um árabe errante em todos os sentidos, e é provável que os seus descendentes ainda hoje habitem os desertos.

Ao regressar à frota, os atlantes foram abordados por Ashur, o chefe dos ninivitas, que pediu que visitassem o seu povoado e fundassem escolas e oficinas. Como isso não era possível, ofereceram-lhe dois professores, um grupo de operários, ferramentas e outros recursos, prometendo visitá-lo no regresso. Ashur mostrou-se grato e quis retribuir, mas os atlantes recusaram qualquer pagamento, afirmando que estavam a cumprir a vontade de Deus e que era Ele quem os recompensaria.

Este não era o primeiro Ashur, mas um descendente. Havia uma longa linhagem de Ashurs, sendo costume o filho mais velho assumir o nome do pai após a sua morte — tradição comum naquela e noutras regiões da Ásia antiga. Foi desta linhagem que Assíria recebeu o nome. Alguns destes líderes foram cruéis e despóticos, mas a maioria era amável e humana, governando vastos territórios com tal justiça que conquistaram o respeito e amor dos seus povos.

A frota atlante retomou a viagem, descendo o rio até ao golfo, onde chegaram ao posto fenício, que, desde a primeira visita dos atlantes, se transformara numa verdadeira cidade. O local ainda não tinha outro nome além de Phocis, como lhe chamavam os fenícios; mais tarde, sob outra governação, viria a chamar-se Tecoe. Ali encontraram um navio fenício recentemente chegado do Mar Vermelho, que trouxe a notícia de que um dos navios construídos em Phocis havia contornado África e, depois de visitar a Grécia, entrado no Nilo.

Um dos marinheiros que havia feito a viagem até à Fenícia desejava regressar a Phocis e veio com eles. Caso os atlantes decidissem visitar a Grécia, acreditava-se que este homem os acompanharia como piloto, pois conhecia bem os mares gregos.

Assim que os preparativos ficaram concluídos, o piloto foi integrado na tripulação e a expedição partiu. Fizeram paragens em vários pontos da costa africana, mas não conseguiram estabelecer comunicação com os nativos até chegarem à ilha de Madagáscar. Quando os navios alcançaram a parte mais estreita do Canal de Moçambique, ventos fortes obrigaram-nos a procurar abrigo na costa oeste da ilha, onde permaneceram por vários dias. Durante esse tempo, destacamentos exploraram o interior em várias direções e conseguiram finalmente convencer os habitantes a dialogar.

Eram uma raça mista de malaios e negros, muito ignorantes, a ponto de ser impossível persuadi-los a melhorar as suas condições de vida. Mostravam grande interesse por armas, chegando por vezes a tentar roubá-las. Numa noite muito escura, canoas cheias de guerreiros cercaram um dos navios e tentaram abordá-lo, mas foram repelidos após uma luta feroz, muitos deles agarrando-se ao casco até terem as mãos ou braços decepados.

A expedição atravessou o canal até à foz do rio Zambeze, onde tentou convencer os negros nativos a adotar reformas. Embora amigáveis, recusaram todas as propostas. Desiludidos com a recetividade da raça negra, os atlantes não voltaram a tentar desembarcar até atingirem o Cabo da Boa Esperança. Aí, para fugir a uma tempestade, entraram na Baía da Mesa, onde permaneceram alguns dias sem ver um único habitante, apesar das expedições exploratórias encontrarem cabanas — todas desertas.

Navegando para norte, os navios avistaram fumo em vários locais da costa, sinal de presença humana, mas sempre que se aproximavam, os nativos fugiam em pânico. Este padrão manteve-se até alcançarem a atual costa da Barbária, onde entraram num porto para reabastecerem com água. Ali, os habitantes mostraram pouco medo, acorrendo à margem e visitando os navios — embora poucos fossem autorizados a subir a bordo, sendo vigiados de perto para evitar roubos, pois tentavam levar tudo o que viam.

Deixando esse local, passaram pelo Estreito de Gibraltar e foram pilotados até à Sicília pelo fenício que os acompanhava, desembarcando em Sicion, povoação fenícia da ilha, onde foram bem recebidos. Ficaram ali alguns dias, disponibilizando carpinteiros navais e ferramentas para ajudar os trabalhadores locais, que estavam a construir uma embarcação baseada no modelo desenvolvido em Phocis.

Ao deixarem a Sicília, enfrentaram tempo tempestuoso ao aproximarem-se da costa grega, e quase naufragaram. O piloto fenício conduziu-os a um porto seguro, onde verificaram que dois dos navios tinham infiltrações graves. Decidiram, então, encalhá-los na areia para localizar e reparar os danos. O piloto opôs-se, dizendo que os gregos eram hostis a estrangeiros e que, se tivessem oportunidade, destruiriam os navios e matariam as tripulações.

Para prevenir ataques, desembarcaram um contingente e construíram um acampamento fortificado com grandes pedras, cujas fendas foram preenchidas com rochas menores. Os gregos observaram de longe os atlantes — gigantes que manuseavam pedras enormes como

se fossem seixos — com crescente assombro, acreditando que os deuses haviam descido à terra e que algum desastre se aproximava. Não interferiram, mas enviaram mensageiros a povoações vizinhas. Logo, multidões reuniram-se nas colinas ao redor, e deram aos atlantes o nome de "Ciclopes".

Os navios foram encalhados e constatou-se que algumas traves estavam tão danificadas que precisavam ser substituídas, o que levaria algum tempo.

Entretanto, o piloto foi enviado para informar os gregos sobre o propósito da visita e solicitar autorização para cortar madeira para os reparos. Pediu-se também que alguns líderes locais viessem discutir a possibilidade de criar escolas e oficinas para ensinar os ofícios.

Após muita deliberação, quatro homens desceram até à praia, mas recusaram-se a subir a bordo, temendo ser levados como prisioneiros. Autorizaram o corte de madeira, mas adiaram qualquer discussão sobre escolas e ofícios até realizarem um conselho entre si. Manipularam e examinaram cuidadosamente as ferramentas e armas dos atlantes, que eram desconhecidas para eles. Usavam apenas armas de pedra, com raras exceções de peças de ferro africanas obtidas pelos fenícios. As armas de cobre e bronze dos atlantes foram confundidas com ouro — um metal com que tinham alguma familiaridade, embora ainda o usassem apenas para adornos toscos, moldados à força de pancadas entre pedras.

Os gregos recuaram rapidamente, e os atlantes não foram mais incomodados nos dias seguintes, embora soubessem que os seus movimentos continuavam sob vigilância constante. A madeira necessária foi encontrada, cortada e transportada para a praia, onde os trabalhos prosseguiam a bom ritmo, e os reparos nos navios estavam quase concluídos quando um grande grupo de gregos voltou a aparecer, lançando uma chuva de flechas contra o acampamento. Nenhum dano grave foi causado, pois os atacantes mantinham distância prudente.

Os atlantes, sem desejo de derramar sangue, dispararam algumas flechas por cima das cabeças dos arqueiros gregos, para lhes mostrar que estavam ao seu alcance, mas que não pretendiam causar-lhes mal, se isso pudesse ser evitado. A manobra teve o efeito desejado — os gregos retiraram-se para as colinas e não voltaram a mostrar hostilidade imediata.

No dia seguinte, no entanto, alguns jovens gregos aproximaram-se do acampamento e conversaram com os atlantes através do intérprete. Foram-lhes explicadas as intenções pacíficas dos atlantes, que apenas desejavam ajudar os seus irmãos de pele branca. O piloto fenício acrescentou testemunhos sobre os grandes benefícios que os povos da Fenícia e de Elão haviam recebido destes "filhos de Deus", que não tinham intenção de causar dano a ninguém.

Os jovens convenceram-se da boa-fé dos visitantes e regressaram no dia seguinte com outros companheiros, afirmando querer aprender os ofícios que os "gigantes" dominavam,

assim que fosse possível organizar essa formação. Disseram ainda que a tribo a que pertenciam provavelmente se uniria aos atlantes e tentaria influenciar outras tribos da região. No entanto, advertiram que havia constantes disputas entre os grupos, muitas vezes com recurso à violência, e que não podiam garantir a paz nem por uma semana.

O piloto confirmou esta instabilidade, e os atlantes decidiram procurar um local mais apropriado para estabelecer um acampamento permanente e fortificado, onde os professores e artífices pudessem permanecer em segurança depois da frota zarpar rumo a Atlântida. Não sabiam, no entanto, quando esse regresso ocorreria, pois as instruções da sumo-sacerdotisa eram claras: deviam permanecer entre os povos brancos até que se verificasse progresso na sua civilização, mesmo que isso implicasse lutar para cumprir essa missão.

Na busca por um local adequado, contaram com a ajuda dos jovens gregos. Quando o terreno ideal foi escolhido, muitos outros habitantes foram chamados para colaborar na construção. Grandes blocos de pedra foram reunidos e colocados em estado bruto, como já antes tinham feito. Depois, os pedreiros e escultores atlantes começaram a trabalhar a pedra, erguendo uma estrutura mais elaborada. Alguns gregos, curiosos, pediram ferramentas e juntaram-se ao trabalho.

Durante esses trabalhos, foram atacados várias vezes, mas conseguiram sempre repelir os ataques sem baixas, poupando os inimigos sempre que possível.

As pedras usadas nesta segunda fase de construção eram, na sua maioria, poligonais, sem muita uniformidade em tamanho ou espessura — a prioridade era a resistência. Entre trinta a cinquenta anos depois, uma terceira camada de construção, de qualidade superior, foi erguida sobre as anteriores — mas só quando muitos gregos já eram artífices experientes. Estes gregos eram quase todos pelágicos (*Pelasgos*), pois foram eles os primeiros a acolher os atlantes de forma amistosa.

Não é intenção aqui relatar em detalhe todo o processo de civilização dos gregos. Basta dizer que, durante quase um século, os atlantes trabalharam entre este povo, estabelecendo escolas e fortificações em vários locais — ruínas que ainda hoje podem ser encontradas.

Visitaram também os trácios, que naquela época se encontravam na Ásia, fundando entre eles escolas e oficinas. Mas estes não mostraram grande interesse pela aprendizagem, embora tenham assimilado os ofícios e se tornaram hábeis trabalhadores em metais. Equiparam-se com armas superiores — que bem necessitavam — pois tribos selvagens das redondezas do Cáucaso faziam frequentes incursões nas suas terras, matando os habitantes e levando rebanhos.

A região que hoje conhecemos como Turquia era então habitada por tribos nómadas de árabes que viviam do saque. Costumavam atravessar as montanhas que delimitavam o sul da

Trácia, devastando o território. Com as armas melhoradas, os trácios passaram a conseguir repelir essas incursões com maior eficácia. Contudo, viviam em constante receio, e aproveitaram-se das guerras tribais que assolavam a Grécia na época para atravessar o Helesponto. Expulsaram ou assimilaram os povos que lá habitavam e lançaram os alicerces de Bizâncio — que por muito tempo se manteve como um simples posto militar para guardar o estreito e prevenir ataques das tribos que os sucederam na Ásia Menor.

Apesar de selvagens, como de facto eram, a civilização trazida pelos atlantes repugnava à maioria dos gregos e avançava lentamente — com exceção de parte dos pelágios (*Pelasgi*), que habitavam as planícies. A maior parte deste povo ainda dominava o Peloponeso e as planícies adjacentes, das quais os helenos tentavam, em vão, expulsá-los. Estes homens, bravos e guerreiros, troçavam dos seus irmãos que aprendiam a trabalhar a pedra, os metais e a madeira, mas estavam sempre prontos a defendê-los quando eram atacados por outras tribos.

Apesar do lento progresso, este processo de civilização, nas mãos de Deus, foi o meio pelo qual os gregos se tornaram uma nação sábia e grandiosa, cuja influência viria a ser extensa e quase sem limites. Afinal, a sua literatura continua até hoje a ser elemento essencial da educação. Mas, como já antes afirmámos, não podemos seguir aqui todas as transformações desse povo — talvez um dia isso seja feito por espíritos gregos que participaram nas muitas mudanças pelas quais passaram.

Basta dizer que o trabalho dos atlantes resultou na redenção dos gregos do barbarismo, no surgimento de cidades como Troia, Atenas e outras que figuram nas histórias do mundo. De Troia sabe-se pouco, exceto o que nos deixou Homero, o poeta cego — e, mesmo retirando parte da sua imaginação poética, a essência é próxima da verdade. A cidade foi fundada muito antes do que geralmente se acredita, por Taset, e rapidamente ganhou destaque, pois ele governava com sabedoria e humanidade, mais como pai do que como soberano. Foi sucedido por um filho com o mesmo nome, e, depois dele, veio Teucro, seu descendente.

Governada com inteligência, Troia tornou-se próspera e rica — o que despertou a inveja de toda a Grécia. Formou-se uma coligação contra a cidade, dando origem ao célebre cerco narrado por Homero. No entanto, a história de Páris e Helena foi uma adição poética, sem base real.

As vestais, o fogo sagrado, as sibilas e os oráculos da Grécia foram adaptações dos ensinamentos religiosos atlantes, modificados para se adequarem à mentalidade local. As leis de Minos e Licurgo também tiveram, como base, ideias trazidas por esses antigos mestres. Todas as artes — incluindo a escultura, pela qual a Grécia se tornaria célebre —, a arquitetura, o trabalho em metais, a agricultura (o trigo, a cevada e o centeio foram fornecidos como sementes), e a construção naval (com forte ajuda dos fenícios) substituíram os simples troncos e jangadas, permitindo mais tarde aos gregos espalhar a sua civilização através da colonização.

Sabemos que é comum afirmar que a Grécia deve muito da sua civilização ao Egito — que Cécrope desembarcou na Ática com uma colónia egípcia e ali iniciou a civilização grega. Mas, como mostramos, os verdadeiros civilizadores chegaram antes à Grécia e introduziram tudo aquilo de que falámos. Infelizmente, os gregos daquela época viam o conhecimento como algo efeminado e recusaram-se a aproveitá-lo, tornando-se então dependentes dos fenícios e egípcios nesse aspeto.

A partir da Grécia, quatro dos navios atlantes seguiram para o Egito, onde os fenícios os acolheram com entusiasmo e, antes mesmo de ser oferecido, pediram professores e artífices — que lhes foram concedidos, juntamente com os suprimentos necessários. Permaneceram ali durante algum tempo, estabelecendo escolas e oficinas. Subiram o rio durante alguns dias e regressaram. Como encontraram excelente argila para cerâmica e tijolos, essas indústrias foram também iniciadas, com muitos negros empregados nelas.

De volta à Grécia, prepararam-se para regressar a casa, pois os suprimentos estavam quase esgotados. Antes disso, asseguraram-se de que os professores e trabalhadores estariam em segurança durante a sua ausência, fornecendo-lhes um reforço de armas. Despediram-se, levando consigo dois jovens pelágios que, com grande insistência, haviam pedido para ir. Zarparam, contornando o Cabo da Boa Esperança e navegando rumo à Índia. Chegaram ao Ganges em boa altura, onde encontraram tudo em ordem e a prosperar.

Ali encontraram os sacerdotes, com muitos operários, a escavar nas rochas das ilhas da baía com o objetivo de construir templos como o mundo nunca vira. Embora o trabalho tenha exigido várias gerações até estar concluído, os templos-caverna de Elefanta e Ellora ainda hoje testemunham a sua paciência e habilidade. Parte do trabalho mais delicado de escultura foi realizado por atlantes, e, à medida que os mais velhos regressavam a casa, jovens artesãos da sua terra vinham tomar os seus lugares.

Quando os atlantes contaram o que tinham visto no Egito — e descreveram o Nilo e os lírios que lá cresciam — os brâmanes declararam logo que se tratava de um rio sagrado, e que era irmã do Ganges, já que o lírio era para eles uma flor sagrada. Esta informação causou grande comoção, e logo surgiu a ideia de colonizar o Egito. Dois navios foram colocados nos estaleiros, preparados para levar uma colónia ao Mar Vermelho assim que a frota atlante regressasse de casa.

Recolhendo os trabalhadores que desejavam rever as suas famílias, a frota zarpou através do Pacífico, aproveitando os ventos favoráveis, pois, de outra forma, teriam de esperar mais seis meses. A viagem foi feita em segurança, e Atlântida surgiu no horizonte como uma nuvem que emergia das águas. A cada instante a imagem tornava-se mais nítida e, antes do cair da noite, estavam ancorados na baía, recebendo saudações de familiares e amigos.

A receção foi semelhante à anterior e não requer descrição. Mas os jovens gregos atraíram grande atenção, sendo os primeiros estrangeiros a pisar o solo de Atlântida.

Foram acolhidos com gentileza e colocados ao cuidado do melhor escultor da cidade, pois foi para isso que vieram — acreditando, como disseram, que aprenderiam muito mais ali do que com os artesãos da Grécia, que não se dedicavam exclusivamente à obra fina.

Foram feitos relatórios completos do trabalho realizado pela expedição às autoridades competentes, e um relatório verbal foi apresentado no templo à grande sacerdotisa e ao povo, sendo a parte considerada mais interessante a que dizia respeito à Grécia; a grande sacerdotisa já lhes tinha dito várias vezes que as raças brancas substituiriam os atlantes, num dia futuro, como civilizadores do mundo; pois o tempo estava a chegar em que a Atlântida, tendo cumprido a sua missão, desapareceria, e o seu povo partiria para receber a recompensa dos seus labores.

"Pois," disse ela, "as nações e os países são como árvores e plantas — o primeiro par é o germe, ou semente, que dá vida e existência aos outros, que crescem até à maturidade, não como indivíduos, mas como nação; depois vem o declínio, que os leva à velhice e, finalmente, à morte, deixando pouco mais que um nome, se falharam em boas obras. Mas sinto-me impelida a dizer que ser-nos-á poupada a decadência e a segunda infância da velhice; pois, tendo cumprido bem o nosso trabalho, Deus será misericordioso e retirar-nos-á desta vida para a outra, mais bela, para além das nuvens rosadas da manhã, enquanto ainda estivermos no auge das nossas capacidades e cheios de inteligência."

Isto foi dito num tom solene e profético, após o oficial da expedição ter feito o seu relatório, e causou uma impressão profunda; mas nenhum rosto empalideceu, nem houve qualquer manifestação de medo por parte da multidão que escutava as suas palavras. Ela continuou: "Mas isto não acontecerá até que o nosso trabalho pelos outros esteja plenamente realizado, e isso exigirá séculos de labor, tanto mental como físico, nesta vida; por isso, o tempo ainda deve estar muito distante.

Oh, meu povo, quão belo é ver o velho ou a velha, que viveram uma vida justa e caridosa, a adormecer lentamente nos braços da morte, com um sorriso nas feições enrugadas e um brilho momentâneo nos olhos ao vislumbrarem os rostos dos entes queridos que partiram antes. Mas lembrai-vos de que a força a esvair-se, os membros vacilantes e as mãos trémulas, os olhos baços e os ouvidos embotados, com as dores próprias da idade, são difíceis de suportar; por isso, se agradar ao Infinito retirar-nos antes de os nossos olhos se tornarem baços, ou os ouvidos embotados e os membros falharem na sua função, quão agradecidos deveríamos estar, pois metade da batalha da vida, que todos temos de travar, seria poupada, e que libertação feliz seria essa."

A frota de seis navios foi cuidadosamente inspecionada por carpinteiros navais, e todas as reparações necessárias foram feitas para que estivesse pronta a zarpar quando os ventos se tornassem favoráveis; pois, naquela época da história do mundo, as monções, como hoje se chamam, sopravam com grande regularidade. Entretanto, tanto a cidade como o campo estavam ocupados a preparar mantimentos, sendo selecionados professores,

artesãos, artistas e agricultores para acompanhar a expedição quando esta voltasse a zarpar.

Estando tudo pronto e o vento na direção certa, içaram-se as velas e, com a bênção da grande sacerdotisa e da multidão em terra, os navios, apanhando a brisa da manhã, desceram majestosos a baía rumo ao mar aberto, tendo-se passado apenas dois meses desde que tinham ancorado no porto ao regressar.

A viagem foi longa e tempestuosa, mas chegaram ao Ganges sem desastre e encontraram tudo a progredir satisfatoriamente. Tinham sido construídos e equipados dois navios prontos a transportar uma colónia para África, e o único passo em falta era a seleção das tripulações e dos emigrantes. Quanto a estes últimos, não houve dificuldade, pois muitos estavam ansiosos por partir; mas havia escassez de marinheiros e navegadores. Esta lacuna foi colmatada nomeando oficiais subalternos dos navios atlantes para o comando das embarcações indianas.

Fez-se uma visita a Benares, onde se forneceram alguns artigos essenciais ao povo, após o que se inspecionaram os trabalhos nos templos das ilhas, sendo constatado que decorriam de forma satisfatória para os sacerdotes, que faziam todos os esforços para manter em segredo o verdadeiro objetivo da construção. Para tal, todos os envolvidos nos trabalhos foram iniciados na "Irmandade dos Construtores" e juraram manter segredo.

Após um atraso de dois meses, para que os colonos pudessem concluir os preparativos, a expedição voltou a zarpar, sendo que os navios atlantes acolheram algumas das mulheres e crianças para evitar o excesso de lotação nas embarcações indianas, bem como para garantir maior conforto a quem não estava habituado ao mar.

Fizeram escala no Ceilão e na foz do Indo, locais onde as populações se mostravam satisfeitas e aprendiam rapidamente; ali foram fornecidos os artigos em falta, e depois seguiram para o Golfo Pérsico, para obter pilotos fenícios para o Mar Vermelho. Mas, ao chegarem à entrada do golfo, cruzaram-se com um navio fenício com destino ao Egipto e, mudando de rumo, acompanharam-no.

Ao entrarem no Mar Vermelho, a frota navegou até Byros, numa pequena baía assim chamada na altura, onde se situava uma povoação fenícia (que viria a ser chamada, muitos séculos depois, Berenice), de onde se fazia uma jornada de dez dias em direção noroeste até ao Nilo. Os colonos e os seus bens, juntamente com algum gado e ovelhas, foram ali desembarcados, tendo os fenícios prometido fornecer guias, assim como camelos e bois para transportar as cargas mais pesadas.

Os navios indianos regressaram para buscar mais colonos, e os atlantes navegaram de volta ao golfo, ansiosos por chegar à Grécia o mais depressa possível, temendo que, se demorassem muito, pudesse ocorrer alguma desgraça com os seus amigos naquela terra selvagem.

Ao chegarem a Fócida e encontrarem a escola e os trabalhos em bom andamento, visitaram Babilónia e constataram grandes melhorias. Muitas casas tinham sido construídas, e o povo aceitava as mudanças trazidas pelos Filhos de Deus, como eram chamados os gigantes atlantes. Belus, o seu chefe, estava profundamente interessado na astrologia e na astronomia, e planeava construir uma torre a partir da qual pudesse observar os movimentos das estrelas, tendo ouvido dizer que tais estruturas existiam na Atlântida.

Foi incentivado a concretizar a sua ideia, e imediatamente pôs muitos oleiros a produzir tijolos para o material de construção. Belus pediu aos atlantes que proporcionassem mais escolas ao seu povo, pois a única existente já estava cheia. O pedido foi aceite. Criaram-se duas novas escolas, e um professor de astrologia e astronomia foi colocado à frente de uma delas; pois, até então, apenas os elementos básicos dessa ciência eram ensinados.

Forneceu-se também um novo abastecimento de grãos e outras sementes, sendo o linho incluído pela primeira vez. Ficaram também agricultores que conheciam o processo de preparar, fiar e tecer a fibra de linho para a transformar em tecido, para que o povo deixasse de usar peles de animais como vestuário, uma vez que estas, juntamente com um tecido de lã muito grosseiro, eram praticamente as únicas opções disponíveis.

Apesar de relutantes em dispensar tempo, os Atlantes visitaram Ashur e permaneceram alguns dias em Nínive. A viagem foi feita subindo o rio Tigre em barcos, vários dos quais tinham sido construídos pelos operários para esse chefe. Ficaram muito satisfeitos ao ver que o coração de Ashur estava totalmente entregue à obra de civilização. Ele próprio recebia instrução diariamente, e o seu exemplo era seguido por jovens e velhos. Vários edifícios de tijolo tinham sido erguidos, e já se trabalhava no solo para a construção de outros antes mesmo da chegada dos Atlantes.

Ashur desejava que fosse construído um templo e que fossem formadas pessoas adequadas para oficiar nele, mas recusava aceitar a sugestão de que mulheres fossem educadas como instrutoras religiosas. Foi-lhe entregue o plano de tal edifício e dito que os pedreiros e carpinteiros poderiam trabalhar segundo ele tão bem na ausência dos Atlantes como se estes estivessem presentes. Para a sua mente sem instrução, isso pareceu impossível, mas estava disposto a permitir que se fizesse a experiência.

Foram-lhe entregues sementes de linho e outros grãos, bem como agricultores, e os Atlantes regressaram aos seus navios e zarparam rumo à Grécia, costeando África como anteriormente; mas desta vez apenas desembarcaram no Zambeze e em Madagáscar. Não recebendo qualquer acolhimento animador, continuaram a viagem, mantendo distância da costa da Barbária, pois os Fenícios tinham-nos avisado de que os habitantes daquela região haviam atacado os seus navios e matado vários marinheiros antes de serem repelidos.

Ao chegarem a Sicíon, na Ilha da Sicília, foram recebidos com demonstrações de alegria pelos Fenícios. Ali foram informados de que os seus professores e operários, embora tivessem de lutar para se defender dos selvagens que os rodeavam, estavam a atrair

gradualmente a atenção e o apoio dos habitantes mais pacíficos e bem-intencionados. Apesar de as escolas serem negligenciadas, os artesãos tinham tantos jovens para ensinar quanto conseguiam manejar; além disso, começava a desenvolver-se um certo gosto pelas práticas agrícolas, promovido pelos operários, que faziam questão de dedicar parte do tempo ao cultivo da terra, persuadindo os aprendizes a ajudarem nesse trabalho.

Os Fenícios tinham uma escola próspera em Sicíon (quando os Fenícios foram expulsos da Sicília, em tempos posteriores, foi construída sobre o local desta antiga cidade a cidade de Siracusa), sendo que vários dos professores das disciplinas elementares eram do próprio povo fenício, educados em Fócida. Foram deixados dois estudantes avançados com eles, e os Atlantes visitaram os diversos assentamentos fortificados, apenas para descobrir que todos estavam a progredir além das expectativas. Foram deixados professores, operários e os suprimentos necessários em cada local, prometendo visitá-los novamente antes de regressar ao Oceano Índico, e partiram para o Egipto.

Sendo esperados, foram recebidos com uma grandiosa celebração. Era ao entardecer quando a frota chegou a cerca de cinco quilómetros abaixo de Mênfis. Aí foi recebida por dois navios e várias embarcações cheias de gente. Mal o sol se pôs, acenderam-se fogueiras, a pouca distância umas das outras, em ambas as margens do rio, iluminando-o de forma magnífica enquanto a frota e o seu cortejo subiam.

Chegando a Mênfis, o desembarque foi iluminado da mesma forma, e os amigos estavam à espera para os saudar. Verificaram-se muitos progressos. Os edifícios de tijolo tinham substituído as tendas e cabanas de ramos. Grande parte da floresta tinha sido desbravada e os campos férteis ocupavam o espaço anteriormente coberto por árvores. A escola já não conseguia acolher todos os que desejavam frequentá-la, e estava em construção um novo edifício, maior; eram necessários mais professores, e também alguns artesãos adicionais que pudessem ensinar os ofícios aos jovens e homens de meia-idade ansiosos por aprender.

Estes foram providenciados, juntamente com agricultores e uma quantidade de sementes de linho. Quando os Fenícios souberam que as roupas dos Atlantes eram em grande parte feitas de linho, começaram imediatamente a preparar o solo para o semear na estação apropriada, seguindo as instruções dos agricultores. A história comprova o sucesso que tiveram na sua cultura e fabrico, pois o Egipto, mais do que qualquer outro país da Antiguidade, viria a ser célebre pelo seu linho fino.

Querendo saber como estavam os colonos vindos da Índia, os oficiais e vários homens foram levados rio acima em embarcações usadas pelos Fenícios para navegar o rio. Apesar de o vento ter soprado favoravelmente durante a maior parte do tempo, a viagem durou três semanas, mas consideraram-se bem recompensados pela beleza selvagem da paisagem — as margens do rio estavam cobertas por uma vegetação luxuriante, com árvores altas e majestosas que protegiam as ervas e flores do calor intenso do sol. As aves aquáticas eram abundantes, e o íbis de penas escarlates (mais tarde considerado ave sagrada no Egipto) podia ser visto em grande número em bancos de areia, lamas e águas rasas junto à margem.

As florestas estavam cheias de aves cujos cantos, ao amanhecer e ao entardecer, se faziam ouvir sobre a superfície das águas. Hipopótamos e crocodilos podiam ser vistos frequentemente, muitas vezes emergindo a poucos metros das embarcações, mas sem darem sinais de hostilidade.

Ao chegarem a Cóptos (nome dado pelos Fenícios à pequena povoação onde desembarcavam mercadorias para serem transportadas por terra até ao Mar Vermelho), soube-se que os colonos tinham chegado em segurança e tinham sido bem acolhidos como protegidos dos Atlantes; mas, não gostando da localização, tinham subido o rio durante dois dias (o que correspondia à distância necessária nesse tempo) e tinham-se estabelecido num local que lhes agradou. Continuando a viagem, encontraram os colonos em edifícios de madeira, todos ocupados a preparar o solo para a sementeira.

Aquela zona do vale não era tão densamente arborizada como mais a norte, e o solo parecia prometer boas colheitas. Os colonos ficaram radiantes por rever os seus amigos Atlantes, julgando, quando se haviam separado deles no Mar Vermelho, que nunca mais os voltariam a ver — pelo menos nesta vida.

Foram fornecidos aos colonos uma boa quantidade de sementes de linho e outras, algumas ferramentas e dois homens para os instruírem na agricultura e na manufatura de tecido de linho. Entre eles havia professores — homens que tinham sido educados no Ganges —, mas desejavam um mestre mais avançado nas ciências, que os Atlantes prometeram enviar-lhes, pois não haviam trazido nenhum estudioso avançado rio acima que estivesse disposto a permanecer.

Este assentamento, após receber reforços vindos do Ganges, prosperou; e mais tarde — vivendo em paz com os negros a sul e os fenícios a norte — fundaram a antiga cidade de Tebas, que dominou os territórios vizinhos por uma vasta extensão e se tornou célebre entre os antigos pelo seu saber e riqueza, assim como pela hospitalidade para com os estrangeiros.

Os Atlantes regressaram a Mênfis, onde permaneceram o tempo suficiente para instituir um código de leis algo semelhante ao do seu próprio país. Depois visitaram os vários pontos da Grécia onde trabalhavam os seus operários e mestres, aos quais forneceram o que era necessário; e, após uma curta visita a Sicíon, navegaram pelo Estreito de Gibraltar e, seguindo a costa ocidental de África até ao Cabo da Boa Esperança, desembarcaram na Baía da Mesa, onde permaneceram até cessarem as más condições meteorológicas. Não conseguiram estabelecer contacto com os habitantes, mas avistaram vários à distância.

Partindo novamente, rumaram a nordeste através do Oceano Índico e, a seu tempo, chegaram à ilha de Java. Os habitantes, dispondo de um grande número de canoas, tentaram capturar um dos navios, mas falharam, sofrendo grandes perdas. Costeando o lado sul da ilha, contornaram a sua extremidade ocidental e, passando entre esta e

Sumatra, fizeram escala em Bornéu, onde foram recebidos de forma hostil, como anteriormente.

Após abastecerem-se de água potável, navegaram para norte, tocando ocasionalmente em ilhas apenas para constatar que os habitantes eram hostis ou demasiado receosos para se mostrarem. Em Formosa, contudo, tiveram melhor sorte, pois os habitantes recordavam-se da sua visita anterior. No entanto, além de aceitarem algumas ferramentas como presentes, recusaram qualquer outra coisa, remetendo os oficiais da expedição às autoridades da China, povo ao qual pertenciam.

Determinados a fazer uma última tentativa de estabelecer comunicação com os seus irmãos, navegaram até à foz do Yang-tsé-Kiang e, entrando no rio, aproximaram-se da cidade (mais tarde chamada Xangai) antes de serem avistados. Seguiu-se grande agitação em terra, e um navio ancorado junto à cidade foi rapidamente tripulado; mas os Atlantes içaram a sua bandeira nacional e, mostrando várias bandeiras brancas, acalmaram os receios.

Lançaram âncora, desceram um bote, e dois oficiais prepararam-se para ir a terra. Contudo, foram intercetados por uma embarcação chinesa e advertidos a recuar. Seguiu-se uma conversa a meio do rio, após a qual os chineses regressaram à margem para receber instruções. Houve alguma deliberação e atraso, mas finalmente os oficiais atlantes foram autorizados a desembarcar. Foram recebidos por meia dúzia de oficiais, mas a população havia-se recolhido nas casas.

Foram escoltados até um longo edifício de madeira, onde foram recebidos por um homem sentado numa plataforma elevada, rodeado por guardas armados. A língua chinesa tinha-se alterado tanto ao longo dos muitos séculos passados desde que os seus antepassados partiram da Atlântida, que no início foi difícil comunicar; mas, ultrapassada essa dificuldade, os Atlantes informaram o oficial sobre quem eram, de onde vinham e qual o objetivo da missão.

Quando os Atlantes falaram dos Fohahtees terem vindo originalmente da Atlântida, o oficial chinês negou categoricamente, afirmando que o pai e a mãe do seu povo tinham vindo do sol, que a lua era seu irmão, e recusou-se a ouvir qualquer outra versão. Rejeitou todas as ofertas de instrução educacional ou técnica, sustentando com firmeza que o povo chinês era mais sábio e instruído, em todos os assuntos, do que o resto do mundo, e que podiam — e iriam — viver bem sem interferência alheia. Quando lhe foi mostrada uma esfera magnética e explicadas as suas propriedades e usos, aceitou-a como presente, mas recusou tudo o resto.

Quando foi pedido o acesso ao interior do país, navegando rio acima, foi recusado de forma categórica, tendo-lhes sido dito que quanto mais depressa partissem, mais satisfeito ficaria, pois era lei do país que nenhum estrangeiro bárbaro pudesse visitá-lo.

Percebendo que era inútil insistir, os Atlantes retiraram-se, acompanhados até ao bote por parte da guarda que cercava o oficial. Não viram muito da cidade, mas a parte por onde passaram era inteiramente construída em madeira, sendo que a maioria das casas eram pequenas estruturas de bambu, com telhados feitos das folhas da mesma planta.

No caminho para o Japão, fizeram uma escala na Coreia, mas não conseguiram convencer o povo — que lhes permitiu desembarcar — a aceitar sequer o menor presente. Quando questionados sobre a razão, disseram que os Atlantes eram grandes demónios e que aceitar algo deles traria azar ou mesmo a morte. Quando lhes foi dito que os Atlantes eram irmãos que desejavam apenas fazer-lhes o bem, responderam: "Grandes demónios contam grandes mentiras."

Vendo que era inútil tentar conquistar a amizade deste povo, partiram, contornaram a Coreia e seguiram rumo nordeste até Niphon (Japão), onde chegaram em segurança após uma agradável viagem de seis dias, sendo recebidos calorosamente pelo povo e pelos representantes do governo — como só verdadeiros amigos recebem amigos.

Permaneceram tempo suficiente para visitar as escolas — várias já estabelecidas com professores japoneses formados pelos Atlantes —, as diferentes oficinas e várias partes da ilha que ainda não tinham visitado, sendo recebidos com hospitalidade generosa e cordial onde quer que fossem. As escolas estavam em bom funcionamento, e o governo fazia planos para as estabelecer em todas as partes da ilha e territórios dependentes, assim que houvesse professores suficientes qualificados, sendo a educação tornada obrigatória por decreto governamental.

Alguns professores e artesãos que vieram com a expedição trocaram de lugar com outros que desejavam regressar, e os lugares de dois artesãos que haviam falecido no intervalo foram preenchidos. A expedição partiu então para a Índia, fazendo escala na foz do Indo e no Ceilão. Em ambos os locais ficaram satisfeitos ao verificar que tudo prosperava de forma plena, sendo poucos os suprimentos necessários, pois a população aprendia rapidamente a ser autossuficiente, com a agricultura a ter progredido além do esperado em ambos os pontos.

Ao chegarem ao Ganges, os oficiais visitaram Benares, com o intuito de encorajar o povo e fazer as alterações desejáveis entre os trabalhadores. Ali encontraram maior progresso em termos de civilização do que nos assentamentos mais a sul, pois o povo não era oprimido por sacerdotes nem sujeito às suas imposições. No regresso, visitaram novamente os trabalhos nas ilhas e prometeram trazer os melhores escultores que conseguissem encontrar, para executarem as esculturas em relevo nas cúpulas e paredes dos templos escavados na rocha, à medida que a obra avançasse; depois, zarparam de regresso a casa.

Até aqui, acompanhámos os Atlantes nas suas viagens, relatando em detalhe os meios utilizados para semear a civilização em vários pontos; mas, como não conseguiram estabelecer-se entre outros povos, apesar das tentativas feitas em viagens posteriores,

não os seguiremos mais além, salvo para dizer que, durante mais de um século, manteve-se o intercâmbio entre a Atlântida e as escolas e oficinas que tinham fundado.

A viagem imediatamente seguinte à mencionada foi realizada com o objetivo de introduzir veículos com rodas, dos quais alguns foram trazidos, juntamente com vários fabricantes de rodas, que foram distribuídos pela Índia, Grécia, Egipto, Golfo Pérsico, Babilónia e Nínive — locais onde nada de semelhante era conhecido. Durante essa e as viagens seguintes, os Atlantes passaram para norte, a partir do Estreito de Gibraltar, visitando as costas da Hispânia e da Gália, mas sem sucesso. É verdade que os povos da Gália estavam dispostos a comerciar com eles, tendo obtido algumas ferramentas e armas de bronze; mas opunham-se às escolas e consideravam uma desonra trabalhar, embora parecessem satisfeitos por receber sementes de trigo, centeio e cevada.

Índia — Sem continuarmos a seguir os Atlantes, tentaremos agora dar um breve resumo do resultado dos seus esforços em prol da religião e da civilização, pois é importante compreender que fizeram grandes esforços para incutir uma verdadeira ideia de Deus nas mentes dos povos que visitaram. A Índia, quando foi pela primeira vez visitada por eles, estava mergulhada em muitas superstições, e o poder dos sacerdotes, apesar dos esforços de Brahma, degradava cada vez mais o povo com o passar do tempo.

A agricultura tinha feito poucos progressos, e o pouco que se fazia em manufatura limitava-se à produção rudimentar de cerâmica e de tecido de textura grosseira. Nada sabiam sobre metais, no que respeita à sua utilização prática, vivendo ainda na Idade da Pedra, com exceção de alguns instrumentos de ferro introduzidos pelos Drallahas e Shanatas; mas ambos esses povos tinham deixado de existir como civilizações ativas pelo menos mil anos antes da chegada dos Atlantes.

O cobre era usado em certa medida, mas apenas para ornamentos. As suas construções — se se puder chamar assim a cabanas de barro e ramos — eram os únicos abrigos, e os únicos "templos" que possuíam eram bosques de árvores. Porém, com a chegada dos Atlantes, foram ensinados a fabricar tijolos, trabalhar metais, talhar e esculpir pedra, fiar e tecer, observar os céus e dar nomes aos planetas e constelações, a ler e escrever, a olhar para além das manifestações da natureza até ao Deus Pai, e a abrir comunhão com os habitantes do mundo espiritual.

Os sacerdotes, que haviam escravizado o povo, foram ensinados a agir com justiça; e a licenciosidade, a que muitos deles se entregavam, foi quase completamente extinta, pois os Atlantes ensinaram-lhes os verdadeiros propósitos dos órgãos sexuais, e o sofrimento e miséria causados pelo seu abuso. Disseram-lhes que Deus era um criador, e que os órgãos sexuais simbolizavam esse poder, devendo, por isso, ser mantidos puros e sagrados para esse fim; e desta doutrina resultou, em tempos posteriores, a adoração destes órgãos como símbolos do poder criador, tanto na Índia como no Egipto.

O único grande obstáculo ao processo de civilização na Índia foi o poder que os sacerdotes usurparam sobre as mentes do povo e a influência do sistema de castas, que promoveram para assegurar o seu domínio egoísta. Mas nem isso impediu os habitantes da Índia de se tornarem altamente civilizados, afáveis e pacíficos para com todas as outras nações; pois, como só recorriam à guerra em legítima defesa, prosperaram, e a população numerosa vivia do cultivo da terra. As artes e as ciências receberam grande atenção, e a sua língua — uma adaptação da língua atlante — foi a primeira língua escrita da Ásia, África ou Europa, podendo considerar-se a raiz de todas as outras. O antigo sânscrito, hoje praticamente perdido, era originalmente quase totalmente atlante, e, como já dissemos, foi a língua ensinada a todas as raças humanas pelo Ser Angélico e os seus assistentes.

Que o povo hindu beneficiou dos ensinamentos dos Atlantes pode ver-se nas ruínas das suas cidades e nas obras de arte ainda encontradas nesse país fascinante; mas talvez o maior testemunho se encontre nos templos escavados de Elefanta e Ellora. Estes templos exigiram quase cem anos de trabalho contínuo para serem concluídos; e a obra foi realizada com tanto sigilo que até hoje os mais eruditos brâmanes apenas conseguem afirmar que foram obra dos deuses.

Viajantes que visitaram esses templos ficaram impressionados com a magnitude da empreitada e admirados ao ver nas suas paredes esculturas de ofícios que só muito recentemente foram conhecidos no ocidente — e há muito caídos no esquecimento na própria Índia, pois desde o início do período histórico nunca mais foram ali praticados. Acrescentamos que alguns deles nunca chegaram a ser praticados ali. Os escultores atlantes fizeram o trabalho e representaram ofícios comuns no seu país natal, embora nem todos tenham tido continuidade na Índia.

Durante os milhares de anos que se seguiram à interrupção das visitas atlantes, o povo da Índia, embora mudando frequentemente de forma de governo, nunca deixou de progredir em civilização — até à invasão dos caucasianos, chamados hindus. Estes vinham do Cáucaso e eram um ramo da outrora poderosa nação cita. Cerca de mil anos antes da era cristã, dissensões entre os chefes dividiram o povo, e esse grupo, contornando o mar Cáspio, tentou estabelecer-se na Pérsia, mas foi repelido pelo exército persa; ao atravessarem então as montanhas rumo ao Indo, foram amavelmente recebidos pelos habitantes, que os trataram como irmãos.

Os primeiros invasores contavam apenas alguns milhares, mas enviaram emissários aos seus aliados e, poucos meses depois, hordas deles invadiram a Índia, cujos habitantes, pacíficos e inexperientes na arte da guerra, foram facilmente subjugados, oferecendo praticamente nenhuma resistência. O governo foi-lhes usurpado, e os bárbaros adotaram a religião local numa forma modificada, assim como parte da civilização que se adequava às suas ideias primitivas, chegando mesmo a apropriar-se do nome "Hindu" para encobrir a sua origem selvagem.

A religião, muito mais pura e simples antes da chegada dos caucasianos, foi profundamente alterada, a tal ponto que, cerca de duzentos anos depois, um príncipe de sangue puro, chamado Gautama, abdicou do trono, da esposa e do filho, tornando-se mestre da antiga e pura religião, protestando com palavras eloquentes e sinceras contra as inovações introduzidas pelos hindus. Teve um grande número de seguidores, mas a perseguição forçou muitos a atravessarem os Himalaias — muitos morreram na neve e no frio intenso, mas a maioria chegou ao Tibete, de onde se espalharam para o norte da China. Outros encontraram refúgio no Ceilão.

O puro e divino Gautama, que passou a ser conhecido como Buda, continuou a ensinar, apesar das perseguições, até quase aos setenta anos de idade; e, não conseguindo silenciá-lo, foi traiçoeiramente assassinado por um hindu que o atingiu com uma flecha enquanto repousava sob uma árvore — a seta atingiu-lhe o coração.

Cerca de três séculos mais tarde, surgiu outro homem virtuoso na Índia, que tentou reformar o povo. Chamava-se Crisna, e dizia-se que nascera de uma virgem e que um dos deuses era seu pai. Outra versão dizia que era a reencarnação de um deus. Nenhuma dessas versões é literalmente verdadeira. Ser "nascido de uma virgem", naquela época, significava apenas que a mulher que dera à luz era pura e só conhecera o seu marido. Muitos milagres são atribuídos a Crisna, mas, resumidamente, ele era um médium inspirado, de grande eloquência, e exercia profunda influência sobre os seus ouvintes. Era também um médium de cura e clarividente — impunha as mãos sobre os doentes, que recuperavam, via e comunicava-se com espíritos sábios que o orientavam e fazia profecias sobre eventos próximos que se confirmavam.

Crisna teve poucos seguidores durante a sua vida, e apenas um número moderado após a sua morte, pelo menos durante muitos anos. Não foi perseguido porque não pregava contra a existência de múltiplos deuses. Gautama Buda, no entanto, pregava contra todos os deuses exceto um. A sua expressão mais frequente era: *"Ek Brombo dittio nushti"* ("Há um só Deus, e nenhum outro"), o que fez dele inimigo dos sacerdotes e governantes — mas também lhe granjeou um grande número de seguidores, que perduram até hoje.

Babilónia — O crescimento do povo em termos de civilização sob Belus, o seu governante, foi rápido, mas o desenvolvimento da cidade foi lento, pois grande parte da força de trabalho foi alocada à construção da torre logo que se reuniram materiais suficientes. O rei tencionava erguê-la com duzentos pés de altura, o que exigia uma base larga e fundações sólidas. A conselho do arquiteto atlante, procedeu-se a uma escavação profunda antes do início da alvenaria. Quando finalmente começou a construção, o progresso foi tão lento que Belus decidiu que precisava de mais pedreiros, enviando emissários a Elam, ou antes, ao assentamento fenício, para os contratar.

Poucos puderam ser encontrados ali, mas os fenícios sugeriram que talvez pudessem ser recrutados no Egipto e na Grécia, e dois navios fenícios foram enviados nessa missão. Regressando cerca de seis meses depois com um bom número de operários, estes foram

imediatamente postos a trabalhar, e a torre começou finalmente a erguer-se acima da planície.

Foi essa torre que deu origem à tradição, registada na Bíblia, da Torre de Babel, onde teria ocorrido a "confusão das línguas". Sem dúvida, alguns árabes ignorantes, habituados a visitar Babilónia por curiosidade, ter-se-iam demorado junto à construção, onde trabalhavam tantos estrangeiros, e, ao ouvirem várias línguas diferentes sem perceberem que a torre tinha fins astronómicos, imaginaram que o objetivo era construir uma estrutura que alcançasse o céu — e que Deus, para impedir tal ousadia, teria confundido as línguas. Ao relatarem essa ideia como facto aos seus companheiros do deserto, a história ganhou forma, foi passada de geração em geração e acabou por ser integrada nos escritos hebraicos.

Belus, embora tivesse recorrido a todos os meios para acelerar a construção da torre, nunca viu o seu plano concretizado, pois, após quase seis anos de trabalho e quando esta mal ultrapassava os cento e cinquenta pés de altura, a fundação de um dos lados começou a ceder, e os operários recusaram-se a subir, com receio de desabamento. A torre permaneceu nesse estado durante alguns meses, até que caiu com um estrondo tremendo.

Este desastre foi encarado pelo rei como uma grande tragédia, e ele desistiu de construir outra, utilizando os tijolos que não se tinham partido na queda para edificar a cidade. Empregou todos os operários estrangeiros que conseguiu convencer a ficar, e encarregou os fenícios de trazerem mais. Assim, nos dez anos seguintes, Babilónia cresceu rapidamente, com edifícios maiores a substituírem os pequenos. Foi nessa altura que os fenícios estabeleceram um comércio regular com a cidade, alguns deles fixando-se como mercadores, pois os habitantes locais pouco sabiam de negócios; mas bastaram alguns anos para que aprendessem, após o que os fenícios se retiraram, por pressão dos mercadores locais.

Foi também por essa altura que os povos de Uz, até então amistosos, se aliaram a várias tribos selvagens vizinhas e marcharam contra Babilónia, ameaçando destruir a cidade e devastar os arredores. Belus, acompanhado pelos operários estrangeiros, saiu com o seu exército ao encontro dos inimigos. Estes tentaram flanqueá-lo durante a noite, mas foram descobertos e derrotados de forma desastrosa.

Durante a batalha, Belus foi gravemente ferido e temeu-se pela sua vida. No entanto, sobreviveu durante vários meses e, antes de morrer, entregou o governo ao seu único filho — também chamado Belus — com a recomendação de continuar a melhorar a cidade até que esta estivesse ao nível da grande cidade da Atlântida, da qual tanto ouvira falar.

Este jovem tinha apenas vinte anos, mas era enérgico e ambicioso; no entanto, carecia da capacidade executiva do pai, e o progresso da cidade foi lento. Muitos dos operários estrangeiros abandonaram-no, e Babilónia praticamente estagnou durante os vinte anos do seu reinado.

Aquando da morte do jovem Belus, o seu filho mais velho tinha apenas quinze anos, e o seu tio assumiu o papel de regente. Este homem era justo e bondoso, mas sem ambição, e pouco fez além do estritamente necessário para evitar que a cidade entrasse em decadência, durante os cinco ou seis anos em que governou de forma branda e em benefício do povo.

Quando o jovem Belus assumiu o governo, começou de imediato a construir. Estrangeiros foram convidados a instalar-se no país e tornavam-se cidadãos assim que se mostravam dignos. Um grande número de operários foi contratado para erguer edifícios públicos, e as muralhas da cidade, iniciadas pelo seu avô, foram concluídas durante o seu reinado, que durou quarenta anos e foi próspero graças ao seu governo sábio e justo. Não deixou descendência, e o trono foi disputado por um tio e um primo. A guerra entre as duas fações parecia iminente, mas o tio, chamado Baal, propôs que a decisão fosse deixada ao povo, o que foi aceite. Foi marcada uma data e convocada toda a população.

Quando se reuniram, foram conduzidos para fora das muralhas da cidade e colocados de um lado de uma estrada que atravessava a planície em linha reta. O jovem primo do rei falecido atravessou a estrada, dirigiu-se brevemente ao povo e convidou todos os que o favoreciam para rei a juntarem-se a ele. Bastantes, sobretudo jovens, passaram para o seu lado e formaram uma linha a algumas centenas de metros dali.

Depois, Baal atravessou a estrada e disse: "Todos os que me querem como seu governante, venham para o meu lado." A multidão inteira o fez, dando-lhe uma maioria superior a três para um. O jovem ficou desiludido, mas não demonstrou ressentimento. Desta forma — e por sugestão de Baal — evitou-se o derramamento de sangue, e o povo ganhou um rei sábio e humano, que foi também um verdadeiro pai para os seus súbditos.

Durante o seu reinado, os interesses até do cidadão mais humilde foram protegidos, o país prosperou e a cidade cresceu em riqueza e população. Muitos edifícios públicos foram construídos, escolas foram fundadas e Babilónia, mais tarde chamada "a Grande", começou a exercer uma ampla e benéfica influência, tornando-se a capital do grande Reino Assírio e a cidade mais rica e magnífica do mundo.

Durante muitas eras, Babilónia governou desde o mar Mediterrâneo e o Mar Vermelho, a oeste, até às montanhas, a norte, e ao Golfo Pérsico, a sul. No entanto, os ninivitas disputavam com ela a posse do território a leste da cidade, entre os rios Eufrates e Tigre. Muitas batalhas foram travadas por essa região rica, mas sem grandes vantagens para qualquer dos lados. Contudo, Nínive manteve sempre a sua posição, e a paz foi finalmente alcançada com um tratado que atribuía a Babilónia as terras até uma linha a norte da confluência dos rios, a quatro horas de marcha do Eufrates, frente à cidade. Este tratado foi respeitado durante muitas eras, e os dois reinos viveram em paz.

Mas os nossos limites não nos permitem aprofundar mais a história desta notável cidade e reino. Tendo relatado fielmente a história dos seus fundadores — dois dos quais (Belus e

Baal) foram adorados como deuses pelas suas virtudes —, fizemos aquilo que a história convencional falhou em fazer. Acrescentaremos apenas que tanto a história sagrada como a profana cometem erros ao afirmar que o Reino da Babilónia existiu entre quinhentos e mil e quatrocentos anos. Na verdade, desde que Naros, um chefe selvagem, escolheu o local onde Babilónia viria a erguer-se como centro e ponto de encontro do seu território, até à introdução da civilização pelos Atlantes, decorreram quase dois mil anos. Desde então até à subjugação da cidade pelos persas ou assírios, sob o reinado de Nino — que, juntamente com a sua bela e virtuosa rainha Semíramis, governou de forma justa e bondosa, conquistando o amor dos povos subjugados — passaram quase trinta e sete mil anos.

Foram necessários milhares de anos para desenvolver o país e torná-lo autossuficiente, e muitos mais para construir uma cidade como Babilónia, começando com cabanas de lama, tendas de couro e algumas casas de vime, quando os habitantes só dispunham de ferramentas rudimentares de pedra, sem conhecimentos de agricultura além do cultivo esporádico de doura, praticado por poucas famílias. Quando os Atlantes chegaram, trouxeram ferramentas, armas e sementes, mas os habitantes eram ainda selvagens, e foi necessário transformar profundamente a sua natureza antes que se fizesse verdadeiro progresso.

Babilónia, no auge da sua glória, era altamente civilizada; possuía escolas, conhecia as ciências então disponíveis; os seus edifícios e jardins suspensos, os monumentos a heróis — mais tarde adorados como deuses pelos ignorantes — eram grandiosos. O povo era virtuoso, embora inclinado ao luxo, típico dos países orientais; os governantes eram esclarecidos e, em geral, distantes da arbitrariedade ou crueldade; as leis eram justas, e a religião consistia num culto racional — embora cerimonial — a um só Deus e na crença na imortalidade da alma. Apesar de ter cidadãos de todos os povos conhecidos da época, os seus governantes e habitantes originais eram de sangue misto caucasiano e ariano — tal como os assírios ou persas.

Nínive — A fundação desta cidade foi lançada, como já referido, por Ashur, ou um dos vários Ashurs, mas o seu desenvolvimento foi muito lento. Na fronteira nordeste do país viviam os medos, que reclamavam o território em torno do extremo sul do Mar Cáspio. Eram um povo bravo e guerreiro, que acreditava que o poder fazia o direito, e durante centenas de anos lançaram sucessivos ataques ao território dos ninivitas. Mas quando o povo de Elão se uniu a Ashur, Nínive foi feita capital. Depois, os medos, acossados pelos citas a norte, uniram-se também a Elão e a Nínive, formando a nação assíria.

Durante essas longas eras, os Ashurs, embora tivessem aproveitado o conhecimento transmitido pelos Atlantes e progredido de forma constante na civilização, não conseguiram tornar Nínive tão grandiosa e bela quanto Babilónia, por muito que o desejassem. Mesmo depois de terem acolhido os elamitas — que haviam sido instruídos pelos Atlantes e avançavam no seu desenvolvimento — e os medos — que então começavam a sair do estado selvagem —, ainda assim tiveram de enfrentar a rivalidade constante com Babilónia pelas fronteiras ocidentais durante séculos. Além disso, mantinham um exército no norte para

combater os citas e outras tribos caucasianas selvagens, que faziam a paz apenas quando derrotadas, para logo a quebrar assim que se restabeleciam.

Nas montanhas a leste habitavam várias tribos arianas selvagens, cuja principal ocupação era a guerra e cujo prazer era o saque. Estas tribos nunca atacavam em grandes grupos, mas divididas em pequenas partidas, penetravam no território por diversos pontos ao mesmo tempo, massacrando os habitantes, incendiando as habitações e levando o gado. Com tantos desafios, Nínive cresceu lentamente, ainda que sob mãos laboriosas; os planos dos Ashurs só foram plenamente realizados no tempo de Nino, cuja rainha, Semíramis, durante as campanhas militares do marido, supervisionou a construção da cidade e governou com tal sabedoria e competência que não só conquistou o amor do seu povo, como também a admiração do mundo.

Os Fenícios — que haviam aproveitado mais do que qualquer outro povo os ensinamentos atlantes, tanto a nível educacional, como técnico e científico — tornaram-se firmes aliados dos Ashurs e de Nino, auxiliando-os sempre que possível, fornecendo suprimentos e trabalhadores contratados no Egipto e na Grécia, em troca do direito de estabelecer postos comerciais no Golfo Pérsico e em outras regiões que desejassem. Foram eles que construíram a primeira cidade de Tiro — não a Tiro bíblica, mas uma mais antiga, situada junto ao Golfo Pérsico.

Começaram por erguer casas de comércio numa pequena ilha próxima da costa, mas o volume de atividade atraiu tantos negócios que logo tiveram de construir no continente, de onde se podia aceder à ilha a pé durante as marés muito baixas. Embora nunca tenha sido muito grande, esta cidade foi construída de forma sólida e tornou-se, desde cedo, um centro comercial de grande importância, visitado regularmente por grandes caravanas.

Após a morte de Nino, Semíramis assumiu o comando dos exércitos do seu reino e castigou os inimigos que há tanto tempo o atormentavam, marchando contra eles e vencendo-os. Liderando um exército formidável, atravessou as montanhas em direção ao oriente, determinada a subjugar ou destruir os arianos selvagens que tanto haviam saqueado o país. Derrotou-os em várias batalhas, devastou as suas terras e capturou grandes manadas de gado e camelos, que enviou de volta sob escolta. Em seguida, atravessou as montanhas e chegou ao Indo, onde encontrou os hindus em grande número. Após várias batalhas, que quase se revelaram desastrosas para o seu exército, viu-se forçada a recuar. Contudo, executou uma retirada magistral, conseguindo salvar a maior parte das suas forças.

Mas agora pisamos terreno histórico e devemos conter-nos.

Viajantes, arqueólogos e leitores de história frequentemente especulam sobre as causas do declínio das grandes cidades e nações da antiguidade. Tentaremos explicar brevemente, pois há lições a tirar da experiência destes povos antigos que podem beneficiar os de hoje.

Quando Babilónia e Nínive foram escolhidas como centros de governo pelas tribos dominantes, os povos que aí viviam eram ainda selvagens e sem instrução; toda a região, especialmente os vales fluviais, era densamente arborizada e o regime de chuvas era abundante. Com a introdução da civilização pelos Atlantes, surgiu a procura de madeira para construção e outros usos técnicos, e os recursos florestais foram usados de forma desperdiçadora. No entanto, enquanto havia árvores suficientes para atrair humidade e manter a pluviosidade, novas árvores brotavam, substituindo as antigas.

Com o aumento da população, essas árvores também foram sacrificadas para dar lugar à agricultura, levando à destruição quase total das florestas — que eram essenciais para a manutenção das chuvas.

Além disso, os agricultores exploravam o solo até ao limite, sempre a retirar, sem nunca restituir nada. Durante milhares de anos, a terra, generosa e fértil, respondeu ao esforço humano; mas com a destruição das florestas, as chuvas tornaram-se cada vez mais escassas. As secas tornaram-se frequentes e causaram grande sofrimento entre os mais pobres. Os governos, benevolentes, supriam as necessidades desses cidadãos com reservas de alimentos acumuladas anualmente, pois os impostos sobre os agricultores eram pagos em grãos.

Com as secas vieram as queixas, mesmo nos anos de boa chuva: o solo estava a empobrecer, já não produzia como antes, nem recompensava o esforço do lavrador. Alguns, mais supersticiosos, começaram a murmurar que Deus amaldiçoara a terra e que deviam abandoná-la. Muitos fugiram para regiões montanhosas onde ainda existiam florestas — e, por isso, chuva — beneficiando-se por algum tempo.

Mas a procura de madeira também alcançou essas regiões, e as florestas das montanhas foram igualmente destruídas. Lentamente — muito lentamente, pois os ricos ainda conseguiam obter provisões do estrangeiro — a terra tornou-se um deserto. Os impostos deixaram de ser cobrados, os governos empobreceram, o povo dispersou-se e Babilónia, a Grande, caiu da sua antiga glória — tal como Nínive. Nada restou delas senão ruínas, pois nenhuma nação pode perdurar se depende de outros países para a sua subsistência, a menos que possua indústrias ou recursos minerais que compensem essa dependência.

O luxo e a indolência dos governantes e das classes abastadas contribuíram para acelerar o declínio, mas as causas principais foram as anteriormente mencionadas. É geralmente aceite — e com alguma razão — que as nações, tal como os indivíduos, nascem, amadurecem e depois declinam; no entanto, nos casos da Assíria e da Babilónia, ou das duas em conjunto, o declínio começou antes de atingirem o auge do seu poder. Defendemos que uma nação que evita o luxo em excesso, preserva os seus recursos e evita envolvimentos estrangeiros pode perdurar durante milhares, e não apenas centenas, de anos.

Egipto — Durante muitos séculos, o Alto Egipto (Tebas) viveu em paz com os seus vizinhos do Baixo Egipto, o que permitiu a ambos os povos desenvolverem os seus recursos.

O comércio era livre para ambos; os casamentos entre os dois grupos, embora raros, ajudaram a uni-los mais profundamente. Assim, quando cessou o contacto com a pátria-mãe (Índia), devido ao perigo de navegar pelos mares infestados de piratas malaios, os habitantes de Tebas não ficaram totalmente dependentes dos seus próprios recursos, pois os Fenícios mostraram-se sempre aliados fiáveis em tempos de necessidade.

Durante os primeiros cinquenta anos da existência de Tebas, não houve governantes além dos sacerdotes vindos da Índia com a colónia; mas, por volta dessa época, chegou um grande grupo de emigrantes provenientes de Benares que, sendo contrários ao domínio sacerdotal, propuseram formar um novo assentamento. Os restantes habitantes opuseram-se, desejando a sua colaboração, e chegou-se a um compromisso: foi eleito um governador, ao qual os sacerdotes ficaram subordinados. Isto gerou tensão por algum tempo, mas os sacerdotes e seus apoiantes, estando em minoria, foram obrigados a aceitar a decisão.

Antes desta reorganização, os sacerdotes concentravam todos os seus esforços na construção de um templo, negligenciando as melhorias urbanas. Esta política foi revertida pelo novo governador, que mobilizou a população para construir, primeiro, habitações confortáveis e, depois, edifícios públicos. Utilizou-se inicialmente tijolo como material de construção, com a ajuda de Atlantes que ainda permaneciam na região.

Estabeleceu-se o comércio com os etíopes — nome então dado a todos os povos negros —, e embarcações subiam o Nilo até às cataratas para esse fim. Um ou mais Atlantes acompanhavam estas missões comerciais e, numa dessas viagens, um deles descobriu em Syene (Assuão) um tipo de rocha semelhante à usada na construção na Atlântida. Ao regressar a Tebas, comunicou a descoberta, que viria a ser a chave para a futura magnificência da cidade, pois aquela pedra passou a ser extraída, transportada em jangadas e utilizada na construção de palácios, templos e habitações em séculos posteriores. Contudo, nessa altura, poucos edifícios foram construídos com essa pedra, devido à enorme quantidade de trabalho necessária para a extrair e transportar.

Enquanto isso, no Baixo Egipto, o povo melhorava Memphis. Muitos edifícios de tijolo já haviam sido construídos, e outros estavam em curso. Os Fenícios dispunham de um governador, um código de leis de cariz democrático, boas escolas, um estaleiro naval e diversas oficinas de ofícios em plena atividade. Os seus navios visitavam a Grécia, a Hispânia, a Gália e já tinham ido à Bretanha, embora não tivessem conseguido estabelecer comércio com os seus habitantes selvagens, salvo pela troca de armas de bronze — que fabricavam com sucesso em Memphis e Sicíon. Esta última cidade ainda estava sob seu controlo, apesar das tentativas dos gregos de os expulsar.

Lado a lado, como que em competição amigável, estes dois povos — os arianos de Tebas e os fenícios de Memphis — disputavam a primazia na construção das suas cidades. Com o passar do tempo, porém, os tebanos superaram largamente os seus rivais. Mas só no tempo de Thoth (ou Thbth) é que Tebas começou a exibir a grandeza arquitetónica que a tornaria lendária. Este homem, ambicioso e com capacidade executiva, concebeu o plano de fazer da

sua cidade a mais magnífica do mundo. Proclamou-se rei, com o apoio da maioria da população, e iniciou de imediato a construção de um grande palácio — não para seu uso pessoal, mas para uso governamental.

Na altura, cada grupo de trezentos homens tinha o direito de escolher um representante para o Conselho perante o rei. Este conselho reunia-se duas vezes por ano e decidia sobre a criação ou revogação de leis. O rei, antes de iniciar qualquer obra pública, tinha de obter a aprovação do conselho; mas havia incutido tanto espírito cívico e orgulho no povo que o conselho aprovava com entusiasmo todos os seus projetos.

Ordenou a abertura total das pedreiras de Syene e empregou um grande número de homens — muitos dos quais eram negros — na extração da pedra. A madeira leve era utilizada para construir jangadas, e acumulou-se grande quantidade de blocos na cidade antes de se iniciar a construção. Os talhadores de pedra trabalhavam desde a chegada dos primeiros blocos, e, assim que havia material suficiente preparado, os pedreiros — com a ajuda dos cidadãos — começavam a colocá-los.

Thoth foi sucedido por seu filho, também chamado Thoth, que fez o possível para concretizar as ideias do pai. Depois veio Osíris, mais tarde adorado como deus, e a sua rainha Ísis, venerada como deusa. Osíris era parente distante dos Thoths e filho de mãe fenícia, o que o tornava descendente de arianos e caucasianos, pois os fenícios de sangue puro eram caucasianos.

Osíris era um homem de maneiras suaves, com temperamento gentil como o de uma mulher, mas de grande energia. A sua rainha, caucasiana, possuía a mesma natureza e era uma mulher de extraordinária beleza. Quando Thoth morreu sem deixar descendência masculina, Osíris foi chamado ao trono e rapidamente se tornou popular por se relacionar livremente com o povo, participando nos seus passatempos e governando com amor e bondade. Ísis tornou-se uma verdadeira mãe para o povo — visitava os doentes e tinha sempre uma palavra carinhosa para a criança mais pobre.

Sob o governo justo e afetuoso de Osíris e Ísis, Tebas cresceu rapidamente em riqueza e poder. Caravanas foram enviadas ao interior de África em busca de ouro e marfim, que foram obtidos em abundância. A agricultura foi incentivada, as escolas prosperaram e todas as indústrias receberam apoio. A cidade foi dividida em distritos, cada um responsável por determinada obra pública, que os habitantes realizavam sem recorrer ao tesouro do Estado — e faziam-no de boa vontade, por amor ao rei e à rainha.

Na religião, Osíris discordava dos sacerdotes, mas nunca os enfrentou diretamente nem tentou influenciar o povo contra eles. Ele e a rainha Ísis acreditavam num Deus Único e na imortalidade da alma, mas rejeitavam a doutrina da transmigração das almas, defendida pelos sacerdotes. Isso tornou-os inimigos secretos do rei, embora estes não tivessem coragem de agir diretamente contra ele.

Osíris tinha um meio-irmão de sangue ariano puro (o pai de ambos tinha duas esposas), dois anos mais velho, muito ambicioso, mas egoísta e cruel, o que o tornava impopular entre o povo. Os sacerdotes, percebendo que ele invejava o irmão e desejava o trono — e talvez o afeto da rainha —, mobilizaram agentes para o convencer a assassinar Osíris em segredo. O plano teve sucesso: Typhon, como era chamado, prometeu matar o rei se os sacerdotes o apoiassem na ascensão ao trono — promessa que lhe foi dada.

Pouco tempo depois, Typhon convenceu Osíris a caçar com ele. Após atravessarem o rio, Typhon separou o rei dos seus acompanhantes e, já na floresta junto à margem, estando atrás dele, alvejou-o pelas costas, matando-o. Esperou até à noite para lançar o corpo no rio, esperando que os crocodilos o devorassem. Julgava não ter sido visto, mas um homem, num barco próximo, testemunhou a cena, reconhecendo Typhon, embora sem saber quem era a vítima. Quando o assassino partiu, aproximou-se e viu o rosto pálido de Osíris boiando na água antes de desaparecer.

O homem voltou à cidade e relatou o ocorrido a um oficial, que foi informar a rainha. Typhon já lá estava e contara-lhe que um leão havia atacado o rei. O oficial esperou que ele se retirasse e então contou à rainha a verdade. Toda a energia e determinação de Ísis despertaram. Ordenou barcos, tochas e redes, e sob a orientação da testemunha, saiu à procura do corpo. Deu ordem para prender Typhon, mas um dos seus cúmplices avisou-o, e ele fugiu para o deserto, onde morreu.

O corpo de Osíris foi recuperado, pouco mutilado. Foi embalsamado e sepultado com todas as honras, sendo pranteado pela nação — à exceção dos sacerdotes e seus aliados. Terminadas as exéquias, o conselho decidiu unanimemente que Ísis deveria governar, e o povo regozijou-se com a sua aceitação do trono.

O envolvimento dos sacerdotes no assassinato de Osíris rapidamente se tornou público, e eles foram banidos, obrigados a procurar refúgio no Baixo Egipto. Mesmo ali a justiça os alcançou: foram desprezados pelo povo e acabaram por fugir para o oásis de Parva, acompanhados por alguns cúmplices.

Ísis era mãe de dois filhos — Hórus (Orus), de dez anos, e Isa, de sete — ambos inteligentes e promissores. A rainha dedicou-se com afinco à sua educação, desejando que fossem dignos do pai, e teve êxito.

O conselho, ao constatar a sabedoria, justiça e amor com que Ísis governava, propôs que ela se tornasse também Suma Sacerdotisa. Após algumas hesitações, ela aceitou, e iniciou-se a construção de grandiosos templos dedicados ao Deus Vivo, muitos dos quais foram completados por gerações posteriores — sendo o primeiro e mais magnífico, em dimensão e arquitetura, localizado em Tebas.

Ísis reinou durante vinte anos após a morte de Osíris. Foi um período de paz, prosperidade e progresso, durante o qual a capital se desenvolveu grandemente e começou a revelar os traços da sua futura magnificência.

Perto do fim da sua vida, Ísis confiou a Hórus um plano para a Tebas do futuro: a cidade seria murada e teria cem portões. Os templos em construção seriam ampliados, e cada rei subsequente realizaria parte da obra. Hórus aceitou esse legado, e a sua concretização é confirmada hoje pelas ruínas de Luxor (antiga Tebas), que atestam a grandeza do plano.

Por volta do meio do seu reinado, a filha de Ísis, Isa, casou-se com Hélus, filho do governador fenício de Mênfis. Após o casamento, e com o consentimento do Conselho de Estado, Ísis concedeu a Hélus uma faixa de terra no sul da Tebais, contígua às terras de Mênfis. O governo de Mênfis acrescentou uma porção equivalente, dividindo assim o vale do Nilo abaixo das cataratas em três reinos. Na mesma época, os fenícios, inspirados pelo sucesso do governo real de Tebas, proclamaram rei o pai de Hélus, até então governador. Chamava-se Phtha — mais tarde conhecido como deus do fogo, pois descobrira as propriedades combustíveis do betume e usava-o, em estado líquido, para iluminar o palácio e a cidade, levando o povo, mais tarde, a dizer que ele havia inventado o fogo.

Após a morte de Ísis, Hórus assumiu o poder e governou com sabedoria, dando continuidade ao legado da sua nobre mãe. Embora não nos caiba aqui seguir o percurso individual de cada monarca do Egipto, basta dizer que as dinastias de Hórus, Hélus e Phtha governaram por muito tempo de forma sábia e humana. Sob o seu domínio, a aprendizagem, as ciências e as artes prosperaram para além do que hoje se imagina. Mas, como sempre, chegou o tempo em que a ambição humana substituiu a paz, a prosperidade e a harmonia por conflitos e derramamento de sangue.

Bydis, de Tebas, foi o último de uma longa linhagem de monarcas e, não havendo herdeiros diretos dos reis de Mênfis e de Abidos, os três reinos uniram-se sob o seu governo. Justo e estimado, reinou por quase vinte anos, mas morreu sem deixar filhos varões, entregando o governo à sua rainha e duas filhas. No entanto, como desde os tempos de Ísis os reis também exerciam a função de sumo sacerdote, os sacerdotes rebelaram-se contra a ideia de uma mulher ocupar essa posição, e isso deu origem a uma guerra civil.

Durante dez anos, a guerra assolou o país — do Delta até às cataratas —, com inúmeras batalhas sem resultados decisivos. O conflito só terminou tragicamente, quando a rainha e as duas filhas foram envenenadas por emissários dos sacerdotes.

Após a guerra civil, os habitantes de Mênfis influenciaram o país em direção ao republicanismo, e passaram a existir três governos: um em Mênfis (Baixo Egipto), outro em On (Egipto Central), e o terceiro em Abidos (Alto Egipto), cuja capital era Tebas. Esse modelo durou anos, até ser substituído pelo "governo dos mortos", isto é, os sacerdotes alegavam representar os heróis falecidos ou espíritos, assumindo todo o controlo do Estado.

Foi nesse período que surgiu a famosa estátua conhecida como o "Memnon vocal". Os sacerdotes esticaram fios finíssimos — da cor da pedra — na boca da estátua; ao serem tocados pela brisa matinal, produziam sons musicais. A ilusão era tão convincente que se acreditava que a estátua possuía o dom da profecia. A sua fama espalhou-se por toda a Ásia Menor e Grécia, atraindo reis, príncipes e figuras importantes que vinham consultar o oráculo e deixavam generosas ofertas.

Este sistema perdurou por muitos séculos, até que os sacerdotes, tornando-se autoritários e gananciosos, provocaram uma revolta popular. Os reis voltaram a reinar sobre as três divisões do país, mas sem a humanidade e moderação dos seus antecessores. Guerras constantes entre os reinos e sucessivos assassinatos — quer por mãos armadas, quer por envenenamento dos sacerdotes — tornaram-se comuns.

Até à chegada de Menés, o país permaneceu mergulhado no caos: os fortes oprimiam os fracos e os sacerdotes exploravam todos, acumulando vastas riquezas nos cofres dos templos, enquanto a maioria vivia na pobreza.

Menés, educado pelos sacerdotes, foi por um breve período um deles. Nesse tempo, descobriu os planos que tinham para manter o controlo do governo. Dotado de grande coração e mente liberal, decidiu opor-se a eles. Secretamente formou uma aliança com os fenícios e ganhou o apoio das populações oprimidas de On e Abidos.

Uma noite foi escolhida para a revolta. No dia seguinte, todos os templos estavam nas mãos do povo, e os sacerdotes presos — sem derramamento de sangue. Menés tomou posse das riquezas acumuladas e imediatamente socorreu os mais necessitados. No entanto, sensato como era, sabia que distribuir a riqueza sem exigir nada em troca seria inútil. Assim, decidiu construir uma pirâmide, empregando milhares de pessoas por anos, e pagando-lhes com os recursos confiscados aos sacerdotes.

A pirâmide seria dedicada a Deus (não aos deuses) e marcaria a libertação do povo da opressão sacerdotal. Astrónomos e astrólogos orientaram a construção, com base nos quatro pontos cardeais, e a obra começou. Menés foi proclamado rei, com autoridade absoluta sobre os trabalhos públicos.

A ideia da pirâmide era de origem atlante, transmitida pelos fenícios, que tinham preservado esse conhecimento. A construção demorou trinta e três anos, e quase o mesmo para ser finalizada. Outras pirâmides seriam depois erguidas por outros reis, mas Menés é lembrado como o criador da primeira, embora tenha morrido antes de vê-la concluída. O seu corpo foi cremado e as cinzas depositadas na pirâmide, conforme seu desejo, cumprido por seu filho.

A sua linhagem reinou durante várias gerações até se extinguir, sendo então eleito o sacerdote Ramessés, homem sábio e justo que promoveu a paz e tentou alargar a educação aos pobres. Contudo, encontrou feroz oposição dos sacerdotes e abandonou a iniciativa. Foi

sucedido por dois filhos — Ramsés II e Ramsés III — que se revelaram fracos e facilmente manipulados pelos sacerdotes.

Cheops, por sua vez, foi um homem íntegro e popular. Ao assumir o trono, não permitiu mais abusos dos sacerdotes. Obrigou-os a partilhar novamente as suas riquezas e com esses fundos construiu uma segunda pirâmide, menor, junto da primeira. A de Menés é a maior, em Gizé, e a de Cheops é a segunda em tamanho.

Neste ponto da história do Egipto, os arqueólogos e historiadores já dispõem de material para aprofundar os seus próprios estudos. Cabe-nos apenas acrescentar que, no Delta e na região de Mênfis, os fenícios constituíam a maioria populacional até à fundação de Cartago pelos seus irmãos do ocidente, altura em que muitos emigraram, deixando o controlo do Egipto quase totalmente nas mãos dos arianos, descendentes dos colonos vindos da Índia.

Para quem duvide que o Egipto foi colonizado, ao menos em parte, a partir da Índia, basta observar os seguintes factos: ambos os povos consideravam o touro um animal sagrado; ensinavam a transmigração da alma (metempsicose); veneravam o lírio como flor sagrada; e os hipogeus egípcios são meras imitações das cavernas-templo indianas — substituindo a escultura em relevo por pinturas murais, entre outras semelhanças.

Hélus fundou a bela cidade de Heliópolis, mais tarde chamada Hermópolis, e fez dela a sua capital. Os três reinos colaboraram na construção do grande Templo de Karnak, com a ambição de fazer dele o edifício mais magnífico do mundo.

O leitor poderá perguntar: "O que causou a queda do Egipto?" Respondemos que, quando foi inicialmente colonizado, o país era densamente arborizado, o que proporcionava chuvas abundantes. No entanto, essa madeira foi usada de forma descontrolada, até que o solo ficou completamente desprovido de vegetação — e as chuvas deixaram de cair. A agricultura passou então a depender unicamente das cheias anuais do Nilo para fornecer água às culturas.

Como as depressões naturais do solo não retinham água suficiente, construíram-se diques e reservatórios artificiais, sendo o mais notável o Lago Ptol — mais tarde conhecido como Lago Moeris. Contudo, o maior infortúnio veio da destruição das florestas, que deixou o solo exposto aos ventos. Estes passaram a arrastar as areias do deserto da Líbia, a oeste, e do deserto oriental entre o Nilo e o Mar Vermelho. Lentamente, essas areias foram cobrindo o fértil solo do vale, tornando-o impróprio para o cultivo e forçando os habitantes a recuar.

Houve ainda outra causa. A prática do embalsamamento dos mortos — que não existia durante os primeiros milhares de anos de ocupação — tornou-se universal. Isso privou o solo do material orgânico que deveria ser naturalmente devolvido à terra com o enterro dos corpos, permitindo à natureza reciclar esses elementos na forma de novas plantas e seres

vivos. É certo que o lodo aluvial deixado pelas águas do Nilo compensava essa perda em parte, mas não era suficiente para manter a fertilidade do solo. Assim, a densa população egípcia, à procura de sustento, dispersou-se pela África, Ásia Menor e, em menor escala, pela Europa.

OS HABITANTES DOS LAGOS

Uma dessas comunidades emigrantes, composta por várias centenas de pessoas, incluindo mulheres e crianças, atravessou para a Grécia. Foram recebidos com frieza e decidiram prosseguir para o oeste e norte. Um navio fenício levou-os até à extremidade norte do Mar Adriático. Encontrando a região pouco povoada e sem governo, atravessaram as montanhas e chegaram à atual Suíça, antes do inverno se instalar. Ali, surpreenderam-se ao encontrar pessoas vivendo em cabanas rústicas erguidas sobre estacas, diretamente sobre a água.

Quando os habitantes perceberam que os recém-chegados vinham em paz, acolheram-nos com hospitalidade e distribuíram-nos entre várias aldeias. Os recém-chegados foram úteis ao ensinar os rudimentos da civilização a estes povos ainda na Idade da Pedra, que pouco sabiam sobre cultivo da terra.

Eram arianos, habituados ao cultivo agrícola, e trouxeram consigo dois trabalhadores especializados em metais, introduzindo ferramentas e armas de bronze, bem como práticas agrícolas, quando a estação o permitiu.

A razão pela qual os habitantes originais construíam sobre a água devia-se a ataques frequentes de grupos vindos das montanhas orientais durante o verão. Inicialmente, conseguiram repelir os invasores durante duas ou três temporadas, mas estes regressaram com forças maiores. "Depois de uma batalha difícil," contou um habitante do lago, "tivemos de fugir para refúgios nas montanhas, conhecidos apenas por nós. Quando os invasores destruíram as nossas casas e levaram o nosso gado, decidimos construir sobre a água, como vês agora. Se um inimigo nos atacar, recuamos para as casas sobre a água, retiramos a ponte e estamos a salvo. Sem barcos ou jangadas, eles não podem aproximar-se, e mesmo que consigam, lutam em desvantagem, pois protegidos pelas nossas paliçadas, podemos derrotá-los antes de chegarem aos nossos palanques."

Estes povos pertenciam à raça germânica — de cabelos claros, olhos azuis e pele clara — em forte contraste com os arianos recém-chegados, com os quais se misturaram e a quem devem o seu impulso civilizacional. Alguns ainda viviam em cavernas naquela época, mas, com as novas ferramentas e armas, puderam construir habitações melhores e estabelecer-se nos vales, onde cultivavam a terra.

Após a chegada dos arianos, os seus antigos inimigos tentaram novos ataques, mas foram recebidos com tanta resistência que não voltaram durante muitos anos. Eventualmente, persuadidos pelos arianos, muitos habitantes dessas aldeias lacustres migraram para o vale

do Reno, onde se integraram com os povos ali estabelecidos. Antes de partirem, incendiaram as suas casas sobre a água para que os inimigos, se voltassem, não tivessem nada a destruir. Esses grupos integraram-se no que viria a tornar-se a raça germânica.

Os inimigos que tanto os atormentavam pertenciam a grupos citas, muitos dos quais nómadas e saqueadores, que por vezes chegavam até ao Reno. Contudo, os povos estabelecidos nesse vale eram corajosos e guerreiros, repelindo com sucesso a maioria dos invasores.

Naquela altura, toda a Europa, com exceção da Grécia — que havia sido parcialmente civilizada pelos Atlantes e ainda mais pelos Fenícios — permanecia em estado de barbárie. A Gália e a Bretanha aprenderam um pouco com os Fenícios, que as visitavam para comércio. A atual Áustria era habitada por tribos caucasianas selvagens, com influência dos hunos, que originalmente faziam parte das tribos caucasianas mencionadas nos primórdios desta história.

A atual Rússia do norte estava praticamente desabitada no inverno, mas era rica em caça, sendo frequentada durante o verão por tribos germânicas (a antiga Germânia estendia-se para além do Danúbio), que por vezes se confrontavam com os citas pelo direito de caçar em territórios reivindicados por estes. Mais tarde, quando a nação cita foi desmembrada por sucessivas guerras, uma parte desses povos fixou-se na Rússia e tornaram-se os chamados moscovitas.

Roma, nesta altura, ainda não existia. No entanto, criminosos oriundos da Grécia, que fugiram para as montanhas da Italia, escolheram os pântanos nas proximidades de onde viria a erguer-se Roma como esconderijo, de onde saíam para saquear as comunidades vizinhas. O povo, exasperado com esses ataques frequentes, tentou expulsar os ladrões e, durante algum tempo, teve êxito — mas os saqueadores voltaram em maior número.

Latino, o governante da região, foi solicitado a intervir e enviou uma força militar para expulsá-los. Entretanto, os ladrões tinham recebido reforços de refugiados de Troia, que havia sido destruída pouco tempo antes. Sentindo-se fortes o suficiente, enfrentaram os latinos em combate. Após uma dura batalha, foram derrotados e obrigados a recuar.

Decidiram então negociar com Latino, propondo que lhes fosse permitido fixar-se junto ao rio Tibre, prometendo abandonar a vida de crime e tornar-se cidadãos honestos. O pedido foi aceite, e os recém-chegados começaram a construir casas e a cultivar a terra, criando gado e ovelhas — embora continuassem a roubar, mas apenas a alvos distantes, evitando prejudicar os súbditos de Latino.

Fundaram então uma cidade, que chamaram Alba Longa. Em poucos anos, esta tornou-se um refúgio para criminosos e descontentes da Grécia, Lucânia, Messápia, Sicília e até alguns habitantes do próprio reino de Latino. Um chefe, eleito por voto da maioria, governava, mas tratava-se de um grupo instável, turbulento e resistente à autoridade.

Nesse período, o chefe era Plotino, um antigo funcionário de alto cargo em Lácio, que fugira após ser apanhado a defraudar os cofres públicos. Em Alba Longa, ganhou prestígio pela sua coragem e eloquência, tornando-se líder. Conseguiu impor alguma ordem por um tempo, mas, ao dividir injustamente o saque de uma incursão a Lucânia, enfureceu parte dos seguidores e escapou por pouco a uma tentativa de assassinato.

Pouco depois, o seu sobrinho Rómulo chegou para o visitar e foi convencido a permanecer algum tempo. Rómulo já havia estado na Grécia, onde adquirira conhecimentos e habilidades, destacando-se como guerreiro e líder. Era de estatura nobre, presença marcante e possuía um carisma magnético.

Percebendo a desordem no grupo, decidiu ajudar o tio a restaurar a disciplina. Convocou o povo para uma assembleia ao ar livre e proferiu um discurso eloquente sobre a necessidade de leis comuns e obediência à liderança. Falou das vantagens de uma sociedade ordenada e do valor do trabalho em vez da ociosidade. O discurso foi tão convincente que foi eleito chefe por unanimidade.

Recusou o cargo, sugerindo que mantivessem o tio no comando, mas a multidão insistiu. Rómulo acabou por aceitar, mantendo Plotino como segundo em comando. Em seguida, enviou um convite ao seu irmão Remo para se juntar a ele. Remo, semelhante em caráter e aparência, rapidamente conquistou o grupo, que o elegeu segundo em comando — o que afastou por completo Plotino do poder.

Este fingiu aceitar a situação com agrado, mas interiormente alimentava desejo de vingança. Juntamente com dois cúmplices, planeou eliminar os sobrinhos.

Numa noite em que o Tibre estava em cheia, Rómulo e Remo observavam a corrente, à luz de uma lua cheia parcialmente coberta por nuvens. Estavam sozinhos, protegidos dos olhares pela vegetação. Três figuras emergiram das sombras, aproximaram-se silenciosamente e empurraram os jovens para as águas tumultuosas. Não usaram armas, pois Plotino queria evitar suspeitas, temendo que ferimentos nos corpos os denunciassem.

Depois de cometerem o crime, os conspiradores separaram-se, regressando à cidade por caminhos distintos. Na manhã seguinte, a ausência dos irmãos gerou inquietação. À noite, Plotino espalhou a versão de que escutara os sobrinhos a conspirarem para roubar o tesouro e fugir, mas não lhes dera crédito. O tesouro foi verificado — estava vazio.

Muitos acreditaram na traição dos irmãos, mas a maioria, embora silenciosa, suspeitava de traição. Enquanto procuravam respostas, Plotino e os cúmplices pressionavam a população para eleger um novo chefe — e que fosse ele.

No momento em que a votação seria iniciada, Rómulo e Remo entraram de braço dado no salão, para espanto geral. Perplexos, os três conspiradores tentaram sair discretamente, mas foram detidos a mando de um ancião chamado Quercus ("O Carvalho").

Quercus levantou-se e declarou: "Vi Plotino e os dois homens rondando o edifício do tesouro na noite passada. Acredito que são culpados do roubo."

Rómulo então falou: "Quando eu e o meu irmão fomos lançados ao rio, subi quase de imediato à superfície e vi três homens de pé na margem. Um deles falou, e reconheci a voz de Plotino. As suas palavras foram: 'É o fim deles.' Não gritei, pois sabia que era um ato traiçoeiro e seria inútil pedir ajuda. A corrente era muito forte e afastava-nos da margem. Fui levado até ao meio do rio, onde encontrei o meu irmão. Como ambos éramos bons nadadores, mantivemos a cabeça fora de água, mas só conseguimos alcançar terra firme perto do amanhecer. Exaustos, encontrámos abrigo e alimento numa cabana de um pastor de cabras, onde permanecemos até recuperarmos forças. Depois, seguimos a pé de regresso, como vistes."

Quando Rómulo terminou de falar, um dos homens ajoelhou-se, confessou todo o plano e contou à assembleia que, após empurrarem os jovens para o rio, Plotino conduziu o grupo até ao tesouro, que sabia como abrir; que o saquearam e o enterraram ao pé da Rocha Alta. Pediu então clemência. Plotino e o seu cúmplice mantiveram-se em silêncio.

Acenderam-se tochas e, liderados por Rómulo, a assembleia dirigiu-se ao local indicado, onde desenterraram o tesouro. Rómulo perguntou: "Que se deve fazer com os culpados?" Quercus respondeu: "Lançai-os da rocha." E como se fossem uma só voz, todos os presentes gritaram: "Lançai-os da rocha!" Rómulo deu a ordem e mãos decididas levaram os culpados até ao topo, de onde foram atirados, despedaçando-se ao cair. A partir daí, o local ficou conhecido como a Rocha Tarpeia, célebre na história de Roma como lugar de execução.

Rómulo conseguiu assim controlar os elementos mais turbulentos entre os seus seguidores e, pouco depois, tomou a decisão de fundar uma grande cidade, sendo apoiado por todos os seus companheiros. Obtiveram um arado e Rómulo traçou com um sulco a linha onde seriam erguidas as muralhas da cidade, incluindo Alba Longa no seu interior. Foi proclamado rei e convidou todas as pessoas de bom carácter a virem para Roma, prometendo-lhes cidadania imediata à chegada.

Latino, rei do Lácio, tinha morrido quando isto aconteceu, e o seu genro, um grego, governava em seu lugar; mas o povo estava descontente, pois o seu governo era duro e os impostos opressivos. Depuseram-no e uniram-se a Roma. Rómulo aboliu imediatamente os impostos injustos e ganhou assim a gratidão duradoura do povo.

Com uma política sábia e liberal, Rómulo conquistou a boa vontade dos governos vizinhos e muitos uniram-se a ele. No entanto, eram quase exclusivamente homens, pois poucos que tinham famílias estavam dispostos a trazê-las para o que fora recentemente um refúgio de salteadores. Para arranjar esposas para os seus homens, Rómulo convidou os sabinos e as suas famílias para uma grande festa. No auge da celebração, a um sinal combinado, cada romano agarrou uma jovem sabina e desapareceu com ela.

Os sabinos estavam desarmados, caso contrário teria havido ali mesmo uma batalha; como não podiam lutar, voltaram para casa e começaram os preparativos para atacar a cidade.

Entretanto, os romanos trataram tão bem e com tanta dedicação as suas novas esposas que acabaram por conquistar o seu amor. Quando os dois exércitos se alinharam frente a frente, as mulheres correram entre eles e suplicaram aos seus pais e irmãos que não matassem os seus maridos. Os seus pedidos foram atendidos e firmou-se uma paz duradoura entre romanos e sabinos. Como o leitor encontrará nos registos históricos uma descrição quase fiel de Roma e dos romanos, deixamos aqui o relato.

Os Árabes — A tradição e aquilo que se acredita ser facto histórico dizem que os árabes descendem de Ismael, filho de Abraão e Agar; mas ambos estão errados, pois, como já sugerimos, este povo veio originalmente da Índia, e os nómadas do deserto de hoje, se de sangue puro, são verdadeiros arianos — um facto que os naturalistas podem facilmente comprovar. O próprio Abraão era um ariano de sangue puro, nascido na Caldeia, onde aprendeu a história tradicional da criação e do dilúvio, que transmitiu oralmente, conforme se lembrava, ao seu filho Isaac, e este aos seus filhos, e assim sucessivamente até os israelitas terem uma linguagem escrita, altura em que a história foi registada, recolhida dos anciãos do povo.

É curioso que escritores eruditos nunca tenham encontrado a chave para a origem racial dos judeus, quando o nome "Abramy", originalmente de "Abraão", era precisamente essa chave. *Brahm*, em sânscrito, era e é o nome da própria divindade. *Abrahmy*, no antigo sânscrito, significava "homem de Deus", ou um homem que servia a Deus — um asceta — alguém que renunciava ao mundo e aos seus prazeres e dedicava a sua vida ao serviço divino. Assim se vê que os árabes foram os primeiros habitantes da Arábia, da Ásia Menor e dos vales dos rios Eufrates e Tigre, e que os assírios, bem como outros povos civilizados daquela região, eram uma mistura de arianos e caucasianos, como já referimos.

Os persas eram originalmente arianos puros, mas cedo se misturaram com sangue caucasiano, muito antes mesmo de assumirem o nome de "persas", pois eram então os assírios, e o sangue caucasiano nas suas veias deu-lhes a energia indomável que os levou a grandes feitos.

A este propósito, mencionamos uma tradição comum entre os persas e damos a sua explicação. Zoroastro, ou Zerdusht, é venerado entre eles com o mesmo respeito que Jesus entre os cristãos; mas, segundo a tradição, existiu um primeiro Zoroastro, muitos séculos antes do último. Este primeiro recebeu o *Zend Avesta* diretamente das mãos de Deus, mas, por o povo ser demasiado ignorante para o compreender, escondeu-o numa caverna, dizendo-lhes que, num futuro distante, outro Zoroastro viria, encontraria o livro e revelaria o seu conteúdo.

A explicação é esta: o mestre religioso atlante que estivera no assentamento fenício no Golfo Pérsico chamava-se Zebdusha, nome que acabou por se corromper para Zerdusht — ou, na vossa língua (o inglês), Zoroastro. Este primeiro Zerdusht interessou-se profundamente em ensinar aos persas (então chamados elamitas) a religião dos atlantes e teve bastante êxito. Foi também um dos principais espíritos que inspiraram o segundo Zoroastro quando este escreveu o *Zend Avesta*.

Os Tártaros — Os Tártaros, como já foi mencionado na explicação da sua origem, eram de raça mista — branca e morena — caucasiana e ariana. Durante muitas gerações viveram em paz, pois estavam isolados de outros povos e levavam uma vida pastoril tranquila. No entanto, vindos das tribos do Cáucaso, os nómadas citas encontraram caminho até à Tartária e, apesar de serem repelidos várias vezes, acabaram por conseguir empurrar os pacíficos tártaros até às fronteiras da China. Aí, tiveram de lutar novamente, pois os chineses recusavam-se a acolhê-los.

Expulsos ora numa direção, ora noutra, o seu carácter começou a mudar. A disposição pacífica que antes os definia deu lugar a uma natureza feroz e guerreira. Os jovens passaram a ser treinados para a guerra em vez das ocupações pacíficas de pastorear gado, e começaram a fazer guerra a todos os povos, especialmente aos chineses. Matavam os homens e, se as mulheres fossem bonitas, tomavam-nas como esposas; se fossem feias, tornavam-nas escravas. Destas uniões nasceram os tártaros mongóis, os calmucos e os quirguizes de olhos oblíquos, que alguns naturalistas acreditam representar um tipo distinto.

Levavam morte e destruição por onde passavam e, de povo conquistado, tornaram-se conquistadores. Montados em cavalos velozes, faziam marchas forçadas durante a noite e caíam sobre os citas ou os chineses como um raio vindo dos céus. Atacavam, saqueavam, destruíam e recuavam antes que pudesse ser organizada qualquer resistência. Foram estas investidas súbitas e inesperadas que levaram o governo chinês a empreender a construção da Grande Muralha, na esperança de manter os bárbaros afastados e permitir ao povo viver em paz, isolado do mundo exterior.

Os Chineses — Este povo, que durante tanto tempo se isolou do resto do mundo por se considerar o único civilizado, vendo todos os outros como bárbaros ou demónios, é mais antigo do que qualquer outro na aprendizagem, na manufatura, na agricultura e nos rudimentos das ciências.

Quando os seus portos foram forçados a abrir-se ao comércio com outras nações, já se encontravam na segunda fase da decadência, pois nenhum povo pode reproduzir-se entre si, durante centenas de séculos como eles o fizeram, sem sofrer tanto física como mentalmente. A condição atual do ser humano exige uma mistura de sangue estrangeiro a cada poucas gerações, ou resultará em fraqueza física e mental, pois a indulgência nos apetites e nas paixões leva rapidamente à decadência. Os hábitos luxuosos, mais cedo ou mais tarde, destroem não apenas indivíduos, mas nações inteiras.

Em épocas mais remotas, quando o homem vivia mais próximo da natureza, com uma dieta simples e obrigado a esforçar-se fisicamente para obter os bens essenciais, as suas paixões animais não eram tão cultivadas como agora, e por isso uma raça podia manter-se sem mistura durante longos períodos. A virtude confere saúde e longevidade a quem a pratica; a devassidão envelhece precocemente o homem, e os filhos sofrem pelas faltas dos pais.

Quando os chineses se fixaram na Ásia, receberam apoio do país-mãe (Atlântida) durante vários séculos, mas os piratas malaios, capturando os navios e ferramentas chinesas, aprenderam a construir proas velozes e ficavam à espreita até avistarem embarcações vindas ou indo para Atlântida. Atacavam-nas de surpresa, matavam as tripulações e ficavam com o navio e a carga. Com o tempo tornaram-se tão ousados que chegaram a invadir portos chineses e a roubar navios à vista das cidades. O Japão também sofreu com esses ataques.

A navegação tornou-se tão perigosa que, durante milhares de anos, não se fizeram mais viagens até Atlântida. No entanto, os seus irmãos desse continente nunca os esqueceram e, quando finalmente voltaram a visitar a Ásia, os antigos *Fohatís* recusaram-se a recebê-los, pois tinham esquecido as origens dos seus antepassados e passaram a acreditar que o pai e a mãe da sua raça vinham do Sol.

Mas dissemos que o povo chinês estava na segunda fase da sua decadência. O fim da primeira fase deu-se com a chegada de Kuk-fu-tsé, ou Confúcio. Antes da sua vinda, o povo caía cada vez mais em superstições infantis; a produção, especialmente em porcelana, tornara-se rudimentar comparada com trabalhos anteriores; a ciência degenerava, e o saber seguia o mesmo trilho há séculos, sem qualquer progresso.

Confúcio foi enviado por Deus e esforçou-se por redimir o seu povo, mas os seus esforços apenas retardaram o declínio — não conseguiu infundir a chama do progresso numa nação moribunda. Apenas travou a doença, sem a curar.

Agora a China tem, por um tempo, uma nova oportunidade de vida. Mas, se quiser tornar-se verdadeiramente progressiva e acompanhar as nações que fazem das estrelas degraus para alcançar o conhecimento no espaço, terá de abrir as portas aos estrangeiros, permitir casamentos com mulheres chinesas, e os seus jovens deverão procurar esposas entre outros povos. Os filhos dessas uniões mostrar-se-ão muito superiores àqueles de sangue puramente chinês. Só assim poderá recuperar as energias e prolongar a sua existência; caso contrário, está condenada.

Os Japoneses — Este povo, embora descendente da linhagem chinesa, misturou-se com os malaios que se fixaram inicialmente em Niphon, e ambos beneficiaram dessa união. Os japoneses são mais progressivos, mais aptos na aprendizagem e, no geral, física e mentalmente mais fortes do que os chineses, embora a proporção de sangue estrangeiro

tenha sido inferior a um quarto no início, com um novo reforço genético uns séculos mais tarde.

Várias centenas de famílias tártaras, expulsas para sul do rio Amur pelos citas, construíram jangadas por estarem cercadas e lançaram-se ao mar a partir de um ponto quase em frente às ilhas japonesas do norte, para onde a corrente os levava. Foram levados diretamente para essas ilhas, onde algumas jangadas conseguiram aportar com sucesso, enquanto outras, levadas mais para sul, chegaram sem incidentes a Niphon.

Foram recebidos com hospitalidade pelos japoneses e, com o tempo, integraram-se através de casamentos, pois nessa época este povo não era ainda exclusivo, exceto em relação aos malaios, a quem temiam devido à sua natureza sanguinária, cruel e desonesta.

Os Japoneses beneficiaram bastante do que aprenderam com os atlantes, mas, no campo religioso, haviam regredido consideravelmente até ao período (quase no tempo presente) em que os seus portos foram abertos ao comércio mundial. No entanto, o antigo espírito progressista, infundido pelos atlantes, ainda é visível, e se conseguirem evitar alianças complicadas, como aquelas a que as nações europeias os tentam sujeitar, um futuro próspero e feliz espera-os.

Os malaios pouco haviam mudado a sua condição. Nenhum progresso digno de nota fora alcançado, exceto na construção de embarcações e na navegação. Alargaram as suas incursões ao longo da costa asiática até ao Golfo Pérsico, chegando mesmo a aventurar-se pelo Mar Vermelho, mas os navios fenícios, bem equipados, raramente sofriam perdas com esses ataques. As proas malaias, a menos que escapassem pela sua velocidade superior, eram muitas vezes destruídas e as tripulações mortas ou feitas prisioneiras, sendo depois vendidas como escravos no Egito, onde havia mercado para eles.

Estes piratas do mar frequentemente ultrapassavam o Golfo Pérsico e o Golfo de Aden, costeando a margem oriental de África, onde saqueavam os habitantes negros e chegavam a desembarcar em Madagáscar, estabelecendo contacto com os locais. Ali, por vezes atacavam navios fenícios em trânsito para e das suas colónias no Golfo Pérsico e no Mediterrâneo, embora raramente conseguissem capturá-los. O Canal de Moçambique era assolado por tempestades, e os navios muitas vezes tinham de lançar âncora perto da costa da ilha até a tempestade passar.

Os fenícios abriram comércio com a Índia e, por algum tempo, mantiveram-no com bastante êxito. No entanto, os piratas malaios da península, de Samatra e de Java hostilizavam-nos tanto na Baía de Bengala que se tornara perigoso navegar por ali com menos de três ou quatro navios juntos, o que tornava a empresa pouco rentável. O comércio acabou por ser abandonado por ser demasiado arriscado. Isso deixou os malaios com controlo completo sobre essas águas até ao momento em que as embarcações europeias começaram a penetrar a região e a estabelecer presença em Samatra e Java. Mesmo assim, os piratas continuaram a causar muitos problemas aos navegadores, frequentemente

capturando navios, assassinando as tripulações e, após retirarem tudo o que consideravam valioso, incendiavam ou afundavam as embarcações. Assim foram encontrados então, tal como haviam sido durante milhares de anos.

Os índios das Américas, do Norte e do Sul, mantinham-se como estavam na última referência feita a eles. Aumentaram em número e expandiram-se por territórios mais vastos; ocorreram muitas divisões e novas tribos (de nome) sucederam às antigas. As suas armas e utensílios continuavam a ser de pedra. Haviam descoberto o cobre junto ao Lago Superior, que moldavam em ornamentos entre pedras, e esses adornos tornaram-se úteis, pois podiam trocá-los com os índios do sul por conchas coloridas, utilizadas como moeda sob o nome de wampum.

O cobre, assim, passava de mão em mão até chegar à América Central e à costa do Pacífico. Na América Central, os nativos também encontravam pepitas de ouro, que tratavam da mesma forma, mas esses ornamentos raramente chegavam às tribos do norte. Com estas exceções, os índios pouco ou nada conheciam dos metais; continuavam a usar pedra para ferramentas e armas, cerâmica rudimentar para cozinhar, e casca de árvore como louça — sendo o tronco caído de uma árvore a própria mesa.

Frutos silvestres, caça e peixe continuavam a ser a base da sua alimentação, pois ainda não sabiam cultivar a terra. Na América do Sul, os povos eram menos guerreiros do que os do norte, mas, fora isso, não havia diferenças significativas. No entanto, uma mudança estava prestes a acontecer, e alguns profetas tinham visões vagas sobre isso, embora não suficientemente claras para que eles ou os outros entendessem. Muitos diziam ter visto homens de cor diferente a voar como grandes aves de asas brancas e a pousar junto à costa.

Essas visões tornaram-se mais frequentes com o passar do tempo e o povo começou a mostrar sinais de alarme. Realizavam-se concílios frequentes, onde várias opiniões eram expressas, mas acabavam sempre por concordar que era necessário oferecer sacrifícios ao Grande Espírito, e que os homens-medicina deviam interceder junto dele para afastar o perigo que sentiam estar por vir.

Essas impressões, que tomavam a forma de visões, não eram exclusivas das tribos do norte — eram comuns a quase todas — e quase todas chegaram à mesma conclusão: era necessário sacrificar. Aqueles que tinham prisioneiros de guerra, especialmente na América Central e do Norte, ofereciam sacrifícios humanos, queimando a vítima viva até quase restarem apenas cinzas. Quando não havia prisioneiros, acreditava-se que o urso ou a sua carne eram a oferenda mais aceitável, e eram queimados.

Os índios da América do Sul não ofereciam seres humanos em sacrifício ao Grande Espírito, pois acreditavam que os seus inimigos também eram filhos dele, e que prejudicá-los fora do campo de batalha o desagradaria. Mas alimentos — carne, frutos ou frutos secos — seriam suficientes para aplacar a sua ira, dissipar a expressão severa do seu rosto

e substituí-la por um sorriso. O suficiente é dizer que os sacrifícios foram realizados e o terror da população acalmado.

Atlântida — Os jovens gregos permaneceram sete anos em Atlântida, dedicados ao estudo e prática da arte da escultura, sob a tutela dos melhores mestres. Eram alunos aplicados e honraram os seus professores. Ficaram com eles até serem considerados suficientemente competentes e, depois, regressaram ao seu país natal nos navios da expedição, que faziam viagens em intervalos de três a quatro anos.

Quando regressaram a casa, esses jovens foram recebidos pelos seus familiares e amigos como se tivessem ressuscitado, pois corria o boato de que tinham sido mortos e devorados pelos Ciclopes. Quando contaram com que bondade tinham sido acolhidos, como foram bem tratados e descreveram Atlântida e a sua civilização, deu-se uma grande mudança no sentimento geral — os atlantes passaram a ser vistos mais como deuses do que como homens, o que resultou num tratamento muito melhor para os trabalhadores e num maior respeito pelos mestres.

A partir desse momento, a civilização entre os gregos avançou a passos largos. Surgiu um grande interesse pelas artes e, quando um metalurgista atlante encontrou prata no território grego, os trabalhos para desenvolver as minas começaram de imediato. Muitos homens apresentaram-se para aprender a arte de separar o metal do minério e de o trabalhar. Também foi encontrado platina, então chamada "ouro branco", bem como outros metais, e os atlantes ensinaram aos gregos o seu manuseamento.

No entanto, parecia impossível que os gregos vivessem em paz entre si por muito tempo. Justo quando o progresso civilizacional parecia mais promissor, eclodiram guerras ferozes e sangrentas entre os povos, obrigando os atlantes a refugiarem-se nas suas fortificações. Ainda assim, continuaram o seu trabalho em segurança, mantendo sempre um número completo de estudantes e aprendizes.

Essa guerra fragmentou os helenos e pelágios, cada fragmento formando um povo independente, cada qual desconfiado e ciumento do seu vizinho, com quem se desentendia e guerreava por motivos triviais. Contudo, a civilização progredia lentamente. Muitos gregos dedicavam-se às artes manuais; outros, encantados com o trabalho dos escultores, tornaram-se escultores também, e o gosto por esta bela arte enraizou-se entre o povo. A agricultura também se desenvolvia tanto quanto os tempos conturbados o permitiam. Assim, os atlantes, antes de se retirarem definitivamente para regressar à sua pátria, sentiram-se satisfeitos por não terem trabalhado em vão.

Desde a primeira chegada dos atlantes à Grécia até à sua retirada final passou pouco mais de um século. Durante esse tempo, os mestres e trabalhadores eram substituídos sempre que envelheciam ou se sentiam insatisfeitos. Um dos atlantes, já perto do fim dessa missão, casou-se com uma mulher grega e permaneceu no país. Deste casamento nasceu apenas um filho, que mais tarde foi adorado como um semideus sob o nome de Hércules. Era

um homem de força invulgar, mas os seus doze trabalhos são, na sua maioria, ficções. Mas devemos agora regressar a Atlântida, deixando aos arqueólogos e estudiosos da Antiguidade a tarefa de seguir a história grega até ao período conhecido, a menos que os espíritos desse povo decidam escrever a história completa dos seus primeiros tempos.

Quando a grande sacerdotisa de Atlântida informou os governantes de que, tendo semeado as sementes da civilização na Europa, Ásia e África de modo a que estas germinassem, Deus estava satisfeito com o trabalho realizado, os navios da expedição que se encontravam no país foram equipados e enviados para trazer de volta todos os trabalhadores e mestres que desejassem regressar. Todos voltaram, exceto os que tinham casado com mulheres estrangeiras, e esses eram poucos — um na Grécia e três em Elam, ou Pérsia. Nestes casos, os casamentos tinham acontecido logo após a chegada dos atlantes, e pontualmente outros se seguiram, mas como os líderes atlantes não viam esses casamentos com bons olhos, eram menos frequentes do que poderiam ter sido noutras circunstâncias.

Após o regresso a Atlântida, os navios foram desativados e as tripulações retomaram as suas antigas ocupações de pesca e navegação costeira, enquanto os trabalhadores regressaram aos seus ofícios. Os mestres e oficiais receberam cargos compatíveis com as suas capacidades no governo, e todas as viagens pelo mar cessaram, pois Atlântida tinha dentro de si tudo o que precisava, sendo assim completamente autossuficiente.

A grandiosa civilização do país prosseguiu sem grandes perturbações, exceto por ocasionais distúrbios nas fronteiras, causados por grupos de Fohatís desordeiros, que, sendo naturalmente desonestos, aproveitavam pontos desprotegidos para roubar gado e cereais, que eram demasiado preguiçosos para produzir. Contudo, o braço militar do governo era tão bem comandado e eficiente que esses saqueadores eram sempre severamente punidos, e raramente repetiam os seus ataques.

A maioria dos Fohatís era trabalhadora e honesta, pedindo ajuda apenas quando realmente necessitava — e nunca ficavam sem resposta, recebendo imediatamente os bens essenciais de que precisavam. Muitos deles também participavam regularmente dos encontros anuais dos atlantes no Jardim de Deus, encontros esses que nunca deixaram de se realizar durante os milhares de anos de existência de Atlântida.

Este jardim tornava-se mais belo com o passar do tempo. As águas termais iam constantemente acrescentando à formação de ametista a que antes nos referimos. Quando o homem surgiu pela primeira vez nesse continente, essa formação mineral, semelhante a um altar, tinha pouco mais de um metro e vinte de altura e lembrava mais uma ametista branca do que qualquer outra coisa. Mas, na época a que agora nos referimos, ela estendia-se por vários metros em todas as direções e tinha pelo menos dois metros de altura. A bacia onde as águas brotavam e transbordavam tinha cerca de três metros de diâmetro, e havia quatro saídas de água, quase perfeitamente alinhadas com os pontos cardeais. As águas, ao saírem por essas aberturas, seguiam para os rios em quatro cursos distintos — dois dirigindo-se ao grande rio a norte do jardim e dois ao curso mais pequeno a sul. A

descrição dessa fonte com quatro saídas, transmitida aos povos de Elam, Índia e Egito, deu provavelmente origem à história do Paraíso e dos quatro rios que dele supostamente saíam.

O clima era tão saudável e a temperatura tão constante que as flores estavam sempre em flor, e as árvores, carregadas de frutos durante quase todo o ano. Estavam ali representadas todas as espécies tropicais e várias das zonas temperadas, fazendo deste o mais belo lugar da Terra — um lugar digno de ser morada de anjos, senão mesmo do Deus da Terra, conhecido como o Ser Angélico.

Mas só temos espaço para dizer que paz, prosperidade e felicidade eram o destino do povo desta terra abençoada — uma terra onde a verdadeira religião, livre de fanatismo e hipocrisia, consistia na adoração de um único Deus, o Deus do vasto universo; uma terra onde cada aldeia tinha a sua escola e o seu templo, ajustados em tamanho ao número de fiéis; uma terra onde o estudo das ciências era considerado um ato de adoração ao Criador, pois compreendê-las era conhecer as maravilhas da Sua obra; uma terra onde o vício da embriaguez era desconhecido, apesar da abundância de vinhos finos, porque a temperança em tudo era não só ensinada, mas também praticada. As mulheres eram puras nos costumes, tal como os homens, pois os atlantes viviam sob o sol do seu milénio — como todas as nações estão destinadas a viver um dia.

E assim passaram as eras, sem que qualquer perturbação afetasse a felicidade ou a prosperidade deste povo quase divino. Porém, por um tempo, a grande sacerdotisa, as suas assistentes e outros médiuns começaram a ter visões ténues de uma vasta terra a oriente — uma terra de grandes florestas, extensas planícies e altas montanhas, onde vagueava uma raça de homens ainda bárbara na sua natureza.

Parecia-lhes que uma oportunidade se abriria para visitarem essa terra estranha, mas nenhuma voz inspiradora levou a sacerdotisa a ordenar a preparação de uma expedição. O que viria a acontecer pareceu, à primeira vista, um mero acaso, e deu-se da seguinte forma:

Um navio a caminho das colónias penais em ilhas do norte foi apanhado por uma tempestade quando já avistava o destino, sendo impelido violentamente para leste durante vários dias. Quando o vento acalmou, o céu permaneceu encoberto e a chuva não cessava. Tinham perdido a orientação e, temendo que a água potável se esgotasse, todos os recipientes disponíveis foram usados para recolher a água da chuva. De comida havia suficiente para vários dias, mas o navio perdera quase todos os mastros e continuava à deriva, sem controlo por parte dos marinheiros. Finalmente, avistaram terra ao longe, reacendendo a esperança entre os tripulantes. Improvisaram velas e conseguiram levar o navio até um banco de areia junto à costa, onde se encontrava reunido um grupo de pessoas.

Estas pessoas, de pele vermelha, mostraram-se inicialmente receosas perante os gigantes atlantes, mas rapidamente estabeleceram boas relações e revelaram-se prestáveis. Toda a comunicação teve de ser feita por gestos, pois a língua dos índios era áspera e gutural. Muitos desses nativos usavam adornos rudes feitos de ouro e cobre

nativo, e os atlantes depressa descobriram que esses metais existiam em grande quantidade — o ouro a norte, a poucos dias de marcha, e o cobre muito mais longe, a noroeste.

Assim que possível, o navio foi reparado, alguns desses ornamentos adquiridos, e, depois de estudarem os astros para determinar a rota de regresso, os atlantes partiram para casa, chegando em segurança após uma viagem tranquila de quatro semanas.

O regresso, com os exemplares de ouro e cobre, causou grande alvoroço, pois as minas de Atlântida já não produziam em quantidade suficiente e temia-se o seu esgotamento. Foi então decidida a organização de uma expedição oficial ao novo continente, como lhe chamaram, com o objetivo de explorar os recursos de ouro e cobre.

Preparou-se uma pequena frota, composta por oficiais experientes, mineralogistas, metalurgistas e soldados para proteção. Os marinheiros que haviam descoberto a nova terra foram também levados. Com vento favorável, avistaram terra em pouco mais de duas semanas, embora mais a norte do local anteriormente visitado. Após dois dias de navegação costeira, chegaram à baía do primeiro contacto, onde os nativos os receberam com grande alegria, acendendo grandes fogueiras e dançando à sua volta.

O local de desembarque situava-se na América Central, em frente do que é hoje conhecido como Iucatão. Ali construíram armazéns para provisões e organizaram expedições de reconhecimento. Um grupo partiu para norte à procura de ouro, enquanto outro, mais numeroso, foi enviado a nordeste em busca das minas de cobre. Os índios informaram que a viagem até à região do cobre levaria três luas e que encontrariam muitas tribos guerreiras pelo caminho, razão pela qual o segundo grupo era o mais bem armado.

Como não podemos acompanhar os atlantes em todas as suas explorações, basta dizer que o primeiro grupo acabou por penetrar no território até à Califórnia, encontrando e recolhendo ouro em diversos locais. Nos anos seguintes, outras expedições maiores exploraram essas minas, de onde extraíram grandes quantidades do precioso metal.

O grupo que seguiu para nordeste ultrapassou muitas dificuldades, tendo poucos conflitos com os nativos, que acreditavam que aqueles homens grandes tinham sido enviados pelo Grande Espírito, vindos do Sol. Quase todas as tribos ofereceram guias e indicações para a jornada de tribo em tribo, até que, finalmente, chegaram ao Grande Lago da Tartaruga e às jazidas de cobre.

Pouco tempo foi necessário para recolherem todo o metal que podiam transportar, e, com o inverno a aproximar-se, iniciaram a viagem de regresso. Foram grandemente auxiliados pelos índios, pois os atlantes tinham sido sempre gentis e generosos com esses filhos da floresta.

Durante mais de sessenta anos, Atlântida enviou expedições desse tipo, construindo casas comerciais e residenciais substanciais e estabelecendo um quartel-general no local que hoje se chama Tonalá. Dali partiam as caravanas para as minas de cobre todos os anos, enquanto os que trabalhavam nas minas de ouro eram transportados por mar até à Baía da Califórnia — o que hoje é São Francisco — que, na época (há dezasseis mil anos), tinha uma entrada com cerca de dez milhas de largura e estendia-se até aos contrafortes da Serra Nevada.

Nunca se estabeleceu uma colónia permanente na Califórnia, pois os nativos eram traiçoeiros, os ursos e leões abundantes e o terreno muito acidentado. Os soldados tinham de montar guarda constante durante os trabalhos mineiros, e à noite acendiam grandes fogueiras para manter afastadas as feras. Um ou mais navios permaneciam ancorados o mais próximo possível dos trabalhadores, prontos a embarcá-los no fim da temporada ou caso surgisse qualquer perigo.

Ambos os grupos tinham regressado com o ouro e o cobre extraídos durante a temporada. Um navio fora despachado para Atlântida levando os metais, e todos se preparavam ativamente para a chegada das chuvas, que eram esperadas a qualquer momento. De manhã até ao meio-dia, o céu estava maravilhosamente limpo e o sol brilhava intensamente; mas então, o sol foi envolvido por um halo acobreado que rapidamente se espalhou pelo céu ocidental. O vento cessou e o ar tornou-se opressivamente abafado. As aves voavam velozmente a grandes alturas e, ao regressarem às árvores, pousavam com as asas caídas. Os animais selvagens mostravam-se agitados, e, contrariando os seus hábitos, procuravam tremendo abrigo junto das casas, tanto quanto lhes era permitido aproximar-se.

Os índios também estavam inquietos, embora não conseguissem explicar porquê. Os atlantes sentiam-se nervosos e abatidos, mas atribuíram esse estado ao calor e à opressão da atmosfera. Porém, a meio da tarde, um estrondo de trovão tão poderoso que pareceu abalar a própria terra ecoou do céu ocidental, que rapidamente se cobriu de nuvens densas e negras, iluminadas por relâmpagos e acompanhadas de trovões constantes.

Assim permaneceu até à noite, quando uma violenta sacudida abalou a terra desde os seus alicerces. A partir daí, seguiram-se abalos sucessivos, cada um mais forte do que o anterior, até que o chão oscilava como as ondas do mar, tornando quase impossível às pessoas manterem-se de pé. Os edifícios ruíram, e, no dia seguinte, a floresta densa que se estendia atrás do assentamento estava praticamente tombada. No entanto, endireitando-se pouco depois, as árvores altas pareciam acenar umas às outras durante meia hora seguida, enquanto os macacos não cessavam de guinchar e gritar.

Esses tremores continuaram com intervalos durante três dias, até cessarem. Felizmente, em terra firme não houve grandes perdas humanas, mas cinco dos seis navios ancorados no porto foram destruídos, esmagados até à completa destruição, com os seus tripulantes. O sexto encalhou e quase toda a tripulação perdeu-se, embora o navio ainda

pudesse ser reparado. Os armazéns estavam em ruínas e supunha-se que todo o cereal armazenado estava perdido, pelo que se apressaram a reparar o navio, para que pudesse ser enviado a Atlântida em busca de provisões.

Rapidamente conseguiram pô-lo a flutuar e enviá-lo, enquanto os que ficaram tentaram recuperar algo dos armazéns destruídos. Pouco se salvou, exceto milho — o trigo tinha sido encharcado e não germinava. [O milho era originário de Atlântida, e foi introduzido na América Central por estas expedições, embora só tivesse sido cultivado em pequena escala, para se testar a sua adaptação.] Algumas roupas foram recuperadas, embora danificadas, e as ferramentas sofreram poucos danos, mas todo o resto foi destruído.

Quase sete semanas depois, o navio enviado a Atlântida regressou com a terrível notícia: Atlântida tinha desaparecido. Os oficiais relataram que haviam navegado sobre o que fora o seu território e que apenas conseguiram avistar alguns picos das antigas cadeias montanhosas, mal emergindo acima das águas. Sobre os templos, os palácios, as pirâmides (pois foram eles os primeiros construtores dessas estruturas), as humildes habitações e toda a beleza artística do berço da civilização, agora reinava o mar em toda a sua majestade, sem deixar — tanto quanto sabiam — um único sobrevivente além deles próprios.

Os atlantes ficaram profundamente desanimados, mas Yermah, o chefe da expedição, e Atyarrah, comandante das forças militares — ambos pertencentes à primeira casta e, por isso, impedidos de casar — aconselharam Orondo e os seus companheiros trabalhadores a casarem-se com os índios e a fundarem uma nova Atlântida e uma nova civilização, para substituírem a antiga.

Os Tlaxcaltecas, Toltecas e Astecas, as três tribos com as quais tinham relações próximas, foram consultadas através dos seus chefes e conselhos. Como as respostas foram favoráveis, cada um dos atlantes recebeu uma esposa, sendo as jovens autorizadas a escolher os seus maridos, como era costume em Atlântida.

Durante os três anos que se seguiram a estes casamentos — que se revelaram felizes — os atlantes dedicaram-se a ensinar os seus aliados indígenas a cultivar o milho (maíz), conseguindo também civilizá-los parcialmente. Depois disso, realizaram viagens em busca de ouro para decorar um templo que construíram e dedicaram a Deus. Seguiram-se viagens às minas de cobre, necessárias para fabricar ferramentas e armas, pois sem o cobre não podiam cortar pedra nem preparar madeira para construções.

Após várias gerações, os descendentes dos atlantes — gigantes como os seus pais — migraram com os Toltecas e Tlaxcaltecas (os Astecas mudaram-se mais tarde para o planalto do México) para os vales dos rios Mississippi e Ohio. Povoaram densamente a região e tornaram-se os construtores de montes (*Mound Builders*). Durante centenas, ou mesmo milhares de anos, cultivaram a terra entre esses dois rios, espalhando-se para sul, até aos vales do Cumberland e do Tennessee, e subindo o Ohio quase até às montanhas.

Para além delas não avançaram, pois tribos indígenas hostis bloqueavam a passagem, e estes povos evitavam conflitos, exceto em legítima defesa.

Visitavam as minas de cobre regularmente, a cada estação, para se abastecerem desse metal. No entanto, chegou o momento em que os índios se uniram contra eles e os repeliram com grandes perdas.

A partir daí, foram obrigados a regressar à idade da pedra, embora isso só tenha ocorrido perto do final da sua existência, cerca de dois mil anos atrás. Nessa altura, uma série de violentos terramotos atingiu as regiões dos lagos Superior e Michigan. Os leitos e margens desses lagos foram elevados vários metros (o do Lago Superior mais do que os outros), e as águas foram lançadas com enorme força para sul, inundando toda a região entre os dois rios e arrastando com elas muitos milhares de *Mound Builders* até ao mar, ou espalhando os seus corpos pelo caminho.

Os sobreviventes que escaparam por se encontrarem em terrenos mais elevados defenderam-se dos seus inimigos mortais da melhor forma possível, fortificando-se em complexas obras de terra, engenhosamente construídas. Mas os índios vermelhos foram implacáveis, e os restantes deste poderoso povo, há pouco menos de mil anos, reuniram-se num ponto do rio Mississippi, perto do local onde hoje se encontra a cidade de St. Louis, e, viajando lentamente com as suas esposas e filhos pequenos, regressaram ao México e à América Central. Uma parte deles fixou-se nas regiões dos rios Gila e Colorado, onde ainda hoje podem ser encontrados vestígios da sua presença.

Pouco antes desse povo migrar para norte, duas ou três famílias visitaram a América do Sul, onde foram recebidas como deuses, feitas governantes e deram início à civilização peruana — civilização essa que os bárbaros espanhóis destruíram com crueldade, tal como fizeram no México. Na altura da conquista, os astecas já haviam degenerado da religião pura originalmente ensinada, e tinham passado a fazer sacrifícios humanos ao deus sol, esquecendo que, para os atlantes, o sol era apenas um símbolo — não o próprio Deus. Com este breve esboço dos construtores de montes, deixamos o assunto, pois uma história mais detalhada desse povo fascinante está a ser parcialmente escrita pela mão de um médium facilmente guiado por eles, e, quando houver interesse suficiente por parte de pessoas com recursos, acreditamos que será completada e publicada.

As Ilhas do Mar — Os terramotos que afundaram Atlântida também submergiram grande parte do continente insular a sul da América do Norte, deixando as Caraíbas, as Bahamas e outras ilhas do Mar das Caraíbas praticamente como se encontram hoje. A perda de vidas foi enorme, pois a população tinha crescido muito e, por não serem propensos à guerra, como os seus irmãos vermelhos do norte, nada havia que dizimasse os seus números — exceto doenças, das quais estavam notavelmente livres.

Ceilão, que até então se ligava ao continente em maré baixa, perdeu parte significativa da sua costa norte, e uma considerável porção do sul do Hindustão e da costa oriental

desapareceu sob as águas, alargando assim a Baía de Bengala. Também aqui a perda de vidas foi grande, e cidades com templos, palácios e outros belos edifícios desapareceram para nunca mais emergir — até que, num tempo futuro, uma nova transformação da superfície terrestre os traga de volta. E esse tempo chegará, embora não possamos prever quando.

Mas, como não pode haver afundamento da crosta terrestre sem um correspondente soerguimento para manter o equilíbrio, devemos referir-nos agora aos locais onde isso ocorreu. A Austrália foi a mais afetada. A maior parte do que são hoje as suas zonas minerais foi bastante elevada. Terras que antes eram relativamente planas tornaram-se colinas ou até montanhas, especialmente ao longo da costa oriental. Quase toda a ilha foi elevada, embora algumas áreas tenham sofrido alterações mínimas.

A costa ocidental da América do Norte também mudou consideravelmente, embora menos a sul do Golfo da Califórnia, que anteriormente se estendia até ao que é hoje o Arizona. Essa região foi levantada apenas alguns metros em quase toda a sua extensão, mas em certos pontos surgiram colinas de tamanho considerável. Grande parte da serra conhecida como Contra Costa (a cordilheira costeira) surgiu nessa altura.

A Baía de São Francisco foi reduzida nas suas dimensões pelo levantamento da maior parte do que hoje é o vale de Sacramento e parte do San Joaquim. O local onde hoje se encontra a cidade de São Francisco, bem como as colinas a sul e a leste, encontravam-se, antes dessa convulsão, submersos. A entrada da baía, anteriormente com cerca de dez milhas de largura, ficou reduzida ao que agora se chama Golden Gate. No interior, exceto como mencionado, ocorreram apenas pequenas alterações.

A norte da Califórnia, as mudanças foram pouco significativas, mas o mar interior que cobria partes de Utah e Nevada foi elevado, assim como muitas montanhas dessas regiões. Isso fez com que uma imensa quantidade de água fosse escoada para o rio Colorado e seus afluentes, pois foi por eles que encontrou caminho até ao mar. Foi essa força avassaladora das águas que esculpiu o leito do rio até à profundidade que hoje apresenta, ou quase.

Havia muitas depressões ou bacias das quais a água salgada não podia escapar, exceto por evaporação, o que deixou para trás depósitos de sal marinho. O cloro desse sal, tendo maior afinidade com a atmosfera do que a soda, foi gradualmente absorvido, deixando apenas os depósitos de soda — daí as planícies e formações de soda que hoje se encontram.

Os atlantes que estavam na América Central acreditavam que nenhum ser vivo escapara quando Atlântida desapareceu sob as águas do oceano. Contudo, um navio Fohatí, com a tripulação e o capitão (cuja mulher e filhos estavam a bordo), encontrava-se em alto mar a considerável distância do continente, e escapou à tragédia. Os ventos e correntes levaram-no até às Ilhas Sandwich (atuais Havai), que já haviam sido povoadas por malaios. Por serem gigantes, foram recebidos como seres superiores, e o capitão e a sua família foram elevados à realeza, posição que os seus descendentes mantiveram até tempos recentes — facto que qualquer investigador poderá verificar, pois os reis dessas ilhas sempre foram

gigantes ou homens de estatura extraordinária, e, para preservar a pureza do sangue real, era hábito casarem-se com as próprias irmãs.

Os malaios errantes do mar povoaram todas — ou quase todas — as ilhas do Pacífico, tal como fizeram com as do Oceano Índico. É verdade que o tempo trouxe muitas mudanças, tanto físicas como linguísticas, mas não o suficiente para impedir que um naturalista atento encontre provas suficientes para confirmar esta afirmação.

No que toca à linguagem, as alterações verificadas nos últimos séculos demonstram que uma família — ou várias — isolada da sua origem durante milhares de anos pode desenvolver um idioma completamente diferente daquele que falava ao chegar a uma nova terra. Algumas palavras podem conservar-se ao longo de muitas eras, servindo como chave para desvendar a sua origem, mas as mutações do tempo muitas vezes apagam até essas, cabendo então ao naturalista traçar a origem do povo pela sua aparência física.

A nossa tarefa está agora concluída, no que diz respeito à história. Como nos vimos obrigados, pelos limites deste livro, a concentrar-nos na origem das raças e na introdução da civilização nos diferentes países, não pudemos entrar em detalhe sobre a história de nenhum povo em particular. Esperamos, no entanto, que tenhamos fornecido o suficiente para despertar o espírito de investigação. Podemos prometer que muito mais virá do mundo espiritual, quando houver interesse suficiente para o receber. Dentro de alguns meses, se conseguirmos controlar certos acontecimentos que parecem iminentes, daremos ao mundo um pequeno suplemento, que acreditamos será de interesse para pessoas de espírito aberto.

CONCLUSÃO

Em conclusão, devemos dizer que no mundo espiritual não se mantém qualquer registo cronológico nos moldes humanos — isto é, em anos como vós os contais — e por isso não fornecemos datas exatas, apenas aproximações. Mesmo nessas, optámos sempre pelo número mais baixo de anos transmitido pelos espíritos de quem obtivemos as informações, pois importa esclarecer que tudo o que foi aqui relatado, anterior e posterior ao nosso próprio tempo, foi-nos comunicado por espíritos que foram testemunhas mortais dos períodos em questão.

Muitos destes espíritos divergiram quanto à duração dos períodos. Por exemplo, alguns afirmam que o homem surgiu dez mil anos antes da era glacial, enquanto a estimativa mais baixa que recebemos foi de mil anos — e foi esta que apresentámos. A duração dessa era colocámo-la em mil anos, mas deve entender-se que durante esse tempo não houve melhorias significativas e que a mudança climática e o recuo do gelo foram muito lentos durante mais mil anos.

Quanto ao tempo que passou desde a chegada do homem ao planeta, também houve discrepâncias: a estimativa mais baixa foi de um milhão e quinhentos mil anos, e a mais alta,

cinco milhões. Os atlantes — que desde tempos muito antigos desenvolveram e compreendiam plenamente a ciência matemática — estimavam esse tempo em dois milhões e quase um quarto de milhão de anos. Como o seu ano era composto por doze meses, seis com trinta e um dias e seis com trinta, com um dia subtraído ao mês de inverno a cada quatro anos, essa estimativa parece-nos bastante precisa, senão totalmente correta.

Segundo esse povo, a primeira colónia Fohatí foi estabelecida na China há sessenta e três mil anos; mas foi necessário mais de um milénio para colonizar completamente o país. Também afirmam que a primeira visita à Índia ocorreu há quarenta mil anos e à América há dezasseis mil e duzentos — o que é, sem dúvida, a verdade.

Quanto à semelhança entre as pirâmides da América e de África, que tem sido tema de muita especulação — com arqueólogos e antiquários a defenderem que uma região copiou a outra — respondemos desde já que não houve qualquer contacto entre esses dois continentes nos tempos pré-históricos. Os atlantes foram os originadores da pirâmide. Em Atlântida, torres redondas eram utilizadas como observatórios astronómicos, mas como estavam sujeitas a ruir devido a terramotos, à erosão do tempo ou ao peso dos materiais, passou-se a utilizar a forma piramidal. O topo plano, com uma estrutura leve de madeira para proteger os observadores das intempéries, servia exclusivamente para fins astronómicos.

Quem povoou a Irlanda? Já respondemos parcialmente, mas acrescentamos que os fenícios visitaram essa terra e, levando consigo relatos da sua beleza para a Grécia, levaram a que três pequenas colónias dos pelágios, quando expulsos do Peloponeso, fossem levadas para a Irlanda — que chamaram de Hibernia — e aí se estabeleceram. Os seus descendentes construíram as torres redondas que ainda hoje suscitam tanta especulação.

E, para terminar, afirmamos que a justiça retributiva há de alcançar, com certeza, os opressores desta terra injustiçada — e que a justiça, mais cedo ou mais tarde, será feita.